



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELA DO AMARAL OLIVEIRA GARDIN

**DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS
PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS DA
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DA
UNICENTRO**

Londrina
2023

DANIELA DO AMARAL OLIVEIRA GARDIN

**DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS
PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS DA
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DA
UNICENTRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Departamento de Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

Orientadora: Professora Dr^a. Adriana Rosecler Alcará

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

G219d Gardin, Daniela do Amaral Oliveira.
Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais para idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Unicentro / Daniela do Amaral Oliveira Gardin. - Londrina, 2023.
268 f. : il.

Orientador: Adriana Rosecler Alcará.
Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Competência em Informação - Tese. 2. Dimensões da competência em informação - Tese. 3. Idosos - Tese. 4. Universidade Aberta à Terceira Idade - Tese. I. Alcará, Adriana Rosecler. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

DANIELA DO AMARAL OLIVEIRA GARDIN

**DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS
PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS DA
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DA
UNICENTRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Departamento de Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Rosecler Alcará
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a Dr^a Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. João Arlindo dos Santos Neto
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª Drª Elizete Vieira Vitorino
Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC

Profª Drª Marta Leandro da Mata
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Profª Drª Thais Batista Zaninelli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª. Drª. Ilemar Christina Wey Berti
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª Drª Juliana Cardoso dos Santos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 28 de março de 2023.

À minha avó Ednyr Neves do Amaral, a Vó “Zoca” (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Como diz a canção: “*Gratidão é privilégio de quem vê a vida com o coração... Gratidão, transforma nossos dias cinzas em inspiração, esparge luzes coloridas nessa escuridão*”*.

Sim, foram muitos dias nesse percurso de estudos em função da minha qualificação docente e, em todos eles, várias pessoas foram minha *inspiração nos dias cinzas e espargiram luzes coloridas* em meu trajeto. Houve aquelas que foram meu suporte emocional, minha força, meu apoio; houve outras que torceram e rezaram por mim, houve algumas que foram minha inspiração, houve principalmente as que contribuíram direta e pessoalmente para que este estudo fosse desenvolvido.

Não há como não mencioná-las. Não há como não enaltecê-las. Não há como esquecer-las e não há como agradecer suficientemente por tanto. Ainda assim, tentarei... Agradeço:

À minha família - meu marido Edson, minha irmã Lu, meus pais Vera e João Batista, tias Izabel e Maria Rosa e à minha *Pet Dandara Golden Canis*, por serem determinantes no amparo diário, em todos os contextos que envolveram meu percurso até aqui, vocês foram essenciais, não há como descrever o tamanho do amor que sinto por vocês.

Ao meu ex-chefe, amigo e ex-reitor da Unicentro, professor Aldo Nelson Bona, meu “Chefe Amado”, a primeira pessoa que depositou incondicional confiança em meu potencial de crescimento na vida acadêmica. Seus conselhos e cuidados para comigo foram essenciais para que eu passasse a acreditar em mim mesma.

À minha orientadora querida, professora Adriana Alcará, pela brilhante condução no contexto de ensino, pela compreensão, pelas palavras sempre tão gentis e essencialmente pelas orientações tão perfeitas; foi um trabalho conjunto e sem sua contribuição não teria sido possível.

Ao meu amigo Mauricio Adriano, por ser o ombro certo e o abraço fraterno nos meus momentos de choro e reclamações.

Às minhas amigas Jaqueline Luz, Tuka Gelinski, Eliane Santos e Gisele Bindes, sei que à distância vocês torceram e rezaram muito por mim.

À professora Maria Regina Vargas, coordenadora da Unati, pela recepção tão carinhosa à minha pesquisa, pela disponibilidade e pela liberdade de acesso que tive na Unati para conduzir meu estudo.

Às senhoras Unatianas que foram participantes do grupo de foco e a cada um dos agentes educacionais entrevistados. Quanta gratidão a vocês que são a matéria-prima dessa pesquisa.

* Gratidão - Elinézia Costa Sena (2019) © 2019 Marola Produções Musicais/Universal Music International

À Elisângela Toledo, Adriana Hardt e Vanessa Calaudino por me auxiliarem na realização dos grupos de foco.

Ao Sandro Vanz Santos pelas caronas para e de Londrina.

Aos professores Doutores Elizete Vieira Vitorino, Marta Leandro da Mata, Sueli Bortolin, João Arlindo dos Santos Neto, Juliana Cardoso dos Santos, Thais Batista Zaninelli e Ilemar Christina Lanson Wey Berti pela disponibilidade como membros da Banca de Defesa.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, pelas trocas de conhecimento e de carinho que enaltecerao a caminhada.

Aos professores do PPGCI/UEL, aos amigos da Unicentro, à Unati e à minha "Firma" Unicentro.

Ao meu amigo Raimundo Nonato Junior, por inspirar a primeira ideia de projeto de pesquisa para o futuro Doutorado.

À professora Maria Elisabete Catarino – minha orientadora no Mestrado em Gestão da Informação, por ter me contado acerca da abertura do processo de seleção para o Doutorado em 2018 e me incentivado a me inscrever.

E, por fim, toda a minha devoção e gratidão a Nossa Senhora das Graças, por me amparar com seu manto nos momentos de desalento e não deixar que eu perdesse a f de que seria possível chegar até aqui. Obrigada Mãe querida.

“Saber muito não lhe torna inteligente. A inteligência se traduz na forma que você recolhe, julga, maneja e, sobretudo, onde e como aplica esta informação”.

Carl Sagan

GARDIN, Daniela do Amaral Oliveira. **Dimensões da competência em informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Unicentro**. 2023. 267 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

RESUMO

O estabelecimento da informação e do conhecimento como fatores de desenvolvimento têm transformado os procedimentos de gestão das nações, entre eles os da educação. Nesse cenário, se inserem os pressupostos das diversas ciências, assim como a competência em informação, campo disciplinar da Ciência da Informação, que trata das ações referentes à informação no que tange à sua identificação, localização, seleção, avaliação e uso consciente. Também sendo associada aos conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos pessoais e no aprendizado ao longo da vida. A competência em informação é integrada pelas dimensões técnica, estética, política e ética, as quais, por sua vez, estão relacionadas ao saber fazer e ao uso das tecnologias, à reflexão crítica e à sensibilidade junto à informação e, referem-se, também, à responsabilidade e à interação dela com a coletividade. Sob essa perspectiva, problematizou-se a influência que os pressupostos da competência em informação e suas dimensões promovem no desenvolvimento dos processos educacionais para o aprendizado ao longo da vida, no tocante ao aperfeiçoamento da autonomia, qualidade de vida e exercício da cidadania de idosos, no âmbito de um programa de extensão universitária. Assim, investigou-se de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação encontram-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos na Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). A pesquisa tem natureza básica com abordagem qualitativa, compreendendo-se ainda como exploratória e descritiva. Caracterizou-se como um estudo de caso e foi instrumentalizada a partir das técnicas de levantamento documental, entrevista e grupo focal, realizados no âmbito do projeto pedagógico, com os idosos e os agentes educacionais do programa de extensão da Unati. A técnica da análise de conteúdo foi utilizada para o desenvolvimento da interpretação dos achados científicos. Os resultados demonstraram a manifestação das dimensões da competência em informação sob três vieses específicos. Um projeto pedagógico voltado para o alcance do bem estar, da qualidade de vida e do exercício da cidadania dos idosos. Comportamentos, habilidades e atitudes dos agentes educacionais respaldados a partir de condutas específicas. E a disponibilidade e disposição dos sujeitos aprendizes em se engajarem e se inserirem no universo de aprendizado contínuo e permanente. Dessa forma, na medida em que se manifestam harmônicas com a tríplice atuação das partes nesse processo, as dimensões tornam os unatianos pessoas com competência em informação no âmbito dos desafios impostos pela sociedade da informação e do conhecimento.

Palavras-chave: competência em informação; dimensões da competência em informação; idosos; processos educacionais de idosos; universidade aberta à terceira idade; envelhecimento; Unicentro.

GARDIN, Daniela do Amaral Oliveira. **Dimensions of competence in information in the elderly educational processes of the Open University the third age (Unati) of the Unicentro**. 2023. 267 p. Doctoral thesis (Doctorate in Information Science) – Londrina State University, Londrina, Londrina, 2023.

ABSTRACT

The establishment of information and knowledge as development factors has transformed the management procedures of nations, including education. In this scenario, the assumptions of the various sciences are inserted, as well as information literacy, a disciplinary field of Information Science, which deals with actions related to information in terms of its identification, location, selection, evaluation and conscious use. Also being associated with personal knowledge, skills, attitudes and behaviors and lifelong learning. Information literacy is integrated by the technical, aesthetic, political and ethical dimensions, which, in turn, are related to know-how and the use of technologies, critical reflection and sensitivity to information and also refers to its responsibility and its interaction with the community. From this perspective, the influence that the assumptions of information literacy and its dimensions promote in the development of educational processes for lifelong learning was problematized, with regard to the improvement of autonomy, quality of life and exercise of citizenship of the elderly, under a university extension program. Thus, it was investigated how the technical, aesthetic, political and ethical dimensions of information literacy are reflected in the educational and pedagogical processes developed at the Open University for the Elderly (Unati) of the State University of the Midwest (Unicentro). The research has a basic nature with a qualitative approach, understanding itself as exploratory and descriptive. It was characterized as a case study and was instrumentalized from the techniques of documentary survey, interview and focus group, carried out within the scope of the pedagogical project, with the elderly and educational agents of the Unati extension program. The content analysis technique was used to develop the interpretation of scientific findings. The results demonstrated the manifestation of the dimensions of information literacy under three specific biases. A pedagogical project aimed at achieving well-being, quality of life and the exercise of citizenship for the elderly. Behaviors, skills and attitudes of educational agents supported by specific behaviors. And the availability and willingness of the learning subjects to engage and insert themselves in the universe of continuous and permanent learning. Thus, to the extent that they manifest themselves as harmonious with the triple action of the parties in this process, the dimensions make unatianos people competent in information within the scope of the challenges imposed by the information and knowledge society.

Key Words: information literacy; dimensions of information literacy; elderly people; educational processes; university open to the third age; aging; Unicentro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Dimensões da competência em informação	51
Figura 2 –	Fluxogramas representativos das dimensões da competência em informação	89
Figura 3 –	Crachás de identificação, Lembranças e <i>Coffee-break</i>	96
Figura 4 –	Grupo de foco – 1º dia	96
Figura 5 –	Grupo de foco – 2º dia	97
Figura 6 –	Grupo de Foco – mediação e apresentação do vídeo.....	97
Figura 7 –	Fluxogramas representativos das dimensões da competência em informação	106
Figura 8 –	Presença das dimensões da competência em informação nas atividades da Unati.....	108
Figura 9 –	Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão técnica da ColInfo.....	114
Figura 10 –	Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão estética da ColInfo.....	116
Figura 11 –	Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão ética da ColInfo.....	118
Figura 12 –	Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão política da ColInfo.....	120
Figura 13 –	Presença das dimensões da competência em informação no projeto de criação da Unati	121
Figura 14 –	Extrato de transcrição das entrevistas	123
Figura 15 –	Síntese da exploração material das entrevistas: evidências da dimensão técnica da ColInfo.....	125
Figura 16 –	Síntese da exploração material das entrevistas: evidências da dimensão estética da ColInfo.....	133
Figura 17 –	Síntese da exploração do material das entrevistas: evidências da dimensão ética da ColInfo.....	142
Figura 18 –	Síntese da exploração material das entrevistas: evidências da dimensão política da ColInfo.....	146
Figura 19 –	Presença das dimensões da competência em informação nas entrevistas.....	167

Figura 20 – Extrato da transcrição das entrevistas	168
Figura 21 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências da dimensão técnica da ColInfo	170
Figura 22 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências da dimensão estética da ColInfo	176
Figura 23 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências das dimensões ética e política da ColInfo	180
Figura 24 – Presença das dimensões da competência em informação nos grupos focais	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Relação de publicações sobre ColInfo no contexto idoso	70
Quadro 2	– Procedimentos para alcance dos objetivos	90
Quadro 3	– Material didático cedido como demonstração pelos agentes educacionais	92
Quadro 4	– Duração das entrevistas por área	94
Quadro 5	– Descrição das fases da análise de conteúdo e da triangulação.....	103
Quadro 6	– Formulário de acompanhamento do levantamento/material documental.....	106
Quadro 7	– Objetivos gerais da proposta da Unati/Unicentro	111
Quadro 8	– Objetivos específicos da proposta da Unati/Unicentro	112
Quadro 9	– Exemplo da forma de análise e representação das dimensões da ColInfo nos segmentos de conteúdo do material documental.....	113
Quadro 10	– Segmentos discursivos que manifestam a dimensão técnica – TIC.....	128
Quadro 11	– Segmentos discursivos que manifestam a dimensão técnica – outras formas	130
Quadro 12	– Segmentos discursivos que manifestam a dimensão estética	138
Quadro 13	– Segmentos discursivos que manifestam a dimensão ética	144
Quadro 14	– Segmentos discursivos que manifestam a dimensão política	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL	<i>Association of College & Research Libraries</i>
ALA	<i>American Library Association</i>
CECA	Centro de Educação, Comunicação e Artes
CI	Ciência da Informação
CILIP	<i>The Library and Information Association (UK)</i>
ColInfo	Competência em Informação
BRAJIS	<i>Brazilian Journal of Information Science</i>
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IL	<i>Information literacy</i>
LI	Letramento informacional
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Proec	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
Unati	Universidade Aberta à Terceira Idade
Unicentro	Universidade Estadual do Centro-Oeste
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	21
1.2	HIPÓTESES.....	25
1.3	JUSTIFICATIVA.....	26
1.4	OBJETIVOS	31
1.4.1	Objetivo Geral.....	31
1.4.2.	Objetivos Específicos	31
1.5	ESTRUTURA DA PESQUISA	31
2	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU PARADIGMA SOCIAL NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	33
2.1	O PARADIGMA SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	36
3	A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E SUAS DIMENSÕES: CONTEXTO HISTÓRICO E PRESSUPOSTOS	42
3.1	AS DIMENSÕES TÉCNICA, ESTÉTICA, POLÍTICA E ÉTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	47
4	A INSERÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO: O EXERCÍCIO DOCENTE NO CONTEXTO DO ENSINO DO SUJEITO IDOSO	54
4.1	A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE IDOSOS SOB A PERSPECTIVA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	63
5	O SUJEITO IDOSO E A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE	69
6	O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: A CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA, A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS	82
6.1	CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA	82

6.2	PERCURSO METODOLÓGICO I: A COLETA DE DADOS	84
6.2.1	Coleta de Dados: O <i>Lócus</i>	85
6.2.2	Coleta de Dados: O Público-Alvo	86
6.2.3	Coleta de Dados: As Fontes de Evidência	87
6.2.4	Coleta de Dados: Descrição dos Procedimentos.....	89
6.2.4.1	Material documental	91
6.2.4.2	Entrevistas.....	92
6.2.4.3	Grupo de foco (Grupo Focal ou Grupo de Discussão).....	94
6.3	PERCURSO METODOLÓGICO II: ANÁLISE DE DADOS	98
6.3.1	Análise de Dados: a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e a Triangulação.....	99
7	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	104
7.1	A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – MATERIAL DOCUMENTAL	104
7.2	A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – ENTREVISTAS	122
7.3	A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – GRUPOS DE FOCO	167
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
	REFERÊNCIAS	198
	APÊNDICES.....	220
	Apêndice A – Formulário de acompanhamento do levantamento documental: projeto pedagógico	221
	Apêndice B – Roteiro do grupo de foco	222
	Apêndice C – Entrevista com os agentes educacionais	224
	Apêndice D – Roteiro de entrevista	227
	Apêndice E – Formulário de acompanhamento para análise de dados	229

Apêndice F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Idosos participantes da Unati.....	232
Apêndice G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Coordenação e Agentes Educacionais.....	234
Apêndice H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Agentes Educacionais – Análise documental dos materiais didáticos	236
Apêndice I – Termo de Confidencialidade e Sigilo – Material Didático	238
Apêndice J – Coleta de dados – Entrevista com os agentes educacionais e Coordenação	240
ANEXOS	265
Anexo A – Parecer Cosubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos	266

1 INTRODUÇÃO

A sociedade da informação e do conhecimento introduziu inúmeros novos desafios para a humanidade a partir das suas concepções e perspectivas. A revolução ocorrida após o fim da sociedade industrial, o crescimento exponencial da gama informacional e o estabelecimento da informação e do conhecimento como fatores de desenvolvimento das nações têm transformado cotidianamente as ações e os procedimentos de gestão governamental, da saúde, da administração e da educação em todo o mundo.

Nesse cenário se inserem os pressupostos das diversas ciências como partícipes indispensáveis no entendimento, reflexões e estudos que aprimorem as condições de aprendizado, manutenção e logística da informação e do conhecimento. Essas ciências interagem dialogicamente dentro de múltiplos processos, promovendo a inserção necessária do homem nesse contexto. É nesse sentido que a Ciência da Informação (CI) vem atuar, ou seja, se coloca como protagonista das relações dos sujeitos junto aos novos elementos de evolução da sociedade pós-industrial. Dessa forma, a CI trouxe consigo o saber científico, as abordagens interdisciplinares, transdisciplinares, multidisciplinares e a *práxis* necessária ao trato da informação e do conhecimento em muitas áreas, ocupando-se especificamente dos seus comportamentos e das suas propriedades.

No mesmo direcionamento, também se desenvolve a competência em informação (ColInfo¹), campo disciplinar da CI que trata das ações relacionadas à informação no que tange à sua identificação, localização, seleção, avaliação e uso consciente, além de discutir as práticas em relação ao aprendizado ao longo da vida (*lifelong learnig*). Relacionada ainda aos conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos pessoais no que se refere à informação, a ColInfo também vem cumprir, além do técnico, seu papel social no que tange à construção sensível do conhecimento pelos indivíduos. Belluzzo (2014, p.56) ressalta que “Em decorrência, essa competência passou a ser reconhecida como fator de importância ao contexto da Sociedade da Informação e para a Educação”.

Originada no contexto instrumental da educação de usuários das bibliotecas norte-americanas, nos anos de 1970, a ColInfo atualmente se insere como um

¹ ColInfo é a sigla que se utiliza no Brasil para denominar a Competência em Informação.

dispositivo promotor de autonomia na conjuntura emergencial da era do conhecimento e traz, segundo a *The Library and Information Association – Reino Unido (CILIP)* - (2018), uma concepção mais humanista, embora sem perder sua essência técnica. A CILIP (2018) evidencia que, para além das habilidades de descobrir, acessar, interpretar, analisar, gerenciar, criar, comunicar, armazenar e compartilhar informação, e do julgamento crítico e equilibrado sobre ela, a ColInfo precisa também empoderar os sujeitos enquanto cidadãos para o desenvolvimento de opiniões embasadas e engajadas plenamente com a sociedade. Nesse sentido, a ColInfo é considerada por De Lucca (2019) um movimento científico e social.

A trajetória científica e a expansão da competência em informação aprofundou sua importância como ferramenta mobilizadora da reflexão, da criatividade, do protagonismo, da emancipação, da liberdade, da democracia, da inclusão social, do desenvolvimento econômico, da qualidade de vida, da independência e da felicidade (*AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, ALA, 1989; DUDZIAK, 2008*).

Assim, considera-se que o indivíduo competente em informação é aquele que eficientemente acessa a informação de que necessita fazendo dela um uso eficaz. A ColInfo permite ao sujeito ter a compreensão das suas necessidades informacionais e do papel que elas ocupam em sua trajetória de vida (DE LUCCA, 2015).

Considerado esse contexto, originaram-se questionamentos sobre a influência que os pressupostos da ColInfo vêm promovendo no desenvolvimento dos processos educacionais para o aprendizado ao longo da vida dos sujeitos, no contexto da interação social em que se insere um grupo que, embora ainda bastante discriminado é cada vez mais numeroso, atuante profissional e pessoalmente na sociedade contemporânea: o grupo dos idosos² brasileiros.

É fato que a longevidade tem aumentado no mundo todo, e especialmente em nível nacional, esse dado será concreto em um futuro breve³. Nessa perspectiva

² O Estatuto Nacional do Idoso considera assim todas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003). O documento normatiza deliberações sobre políticas públicas e ações de atendimento aos direitos dos idosos.

³ Segundo informações atualizadas em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018a), no ano de 2060 o “índice de envelhecimento” (relação entre a porcentagem de idosos e de jovens) deverá alcançar 173,47%. Nesse ano um quarto da população (25,5%) deverá ter mais de 65 anos, chegando a 58,2 milhões de idosos, numa população estimada de 228,3 milhões de habitantes brasileiros (IBGE, 2018b). E, a partir de 2047 a população deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional – quando os grupos mais velhos ficam em uma proporção maior comparados aos grupos mais jovens da população. Esse cenário segue sendo influenciado por alguns fatores como a diminuição das taxas de fecundidade, a estabilização do

do sujeito idoso, supõe-se que, envelhecer bem⁴, com qualidade de vida é um desejo de todos.

Para De Lucca (2019), investigar o processo de desenvolvimento da competência em informação dos idosos significa contemplar uma população crescente em termos demográficos e também em condição de vulnerabilidade social⁵. Analisada essa concepção da autora, considera-se que, nesse novo contexto surgem demandas que precisam ser planejadas e instauradas no país, dentro dos próximos anos, para esse grupo. Isto posto, apresenta-se um cenário no qual se visualiza uma camada vulnerável⁶ da população bastante carente em relação às necessárias ações futuras a serem desenvolvidas. Portanto, surgem indagações e questionamentos que precisam ser levantados e discutidos para a apresentação de propostas de intervenções e condutas que proporcionem ao

crescimento populacional projetado para acontecer a partir de 2039 e o aumento da expectativa de vida, que deve chegar aos 81 anos a partir de 2060 (IBGE, 2018a; 2019a).

⁴ Para Carneiro (2018) a tarefa de construção do “envelhecimento positivo” disseminou-se além do discurso profissional e acadêmico, tornando-se um tema de grande relevância nos meios de comunicação. A autora lembra que autores como Featherstone e Hepworth (1995) ressaltam que a exploração da cultura de consumo dos idosos é uma força importante por trás da emergência da noção de terceira idade.

⁵ Vitorino (2018) afirma que o conceito de vulnerabilidade, por si só, e por tratar do ser humano, é complexo. Entretanto, explica que vulnerabilidade se refere à identificação de pessoas ou populações em risco. De forma geral, reconhece-se que o ser humano é um ser vulnerável. “A **vulnerabilidade social** se constitui por pessoas e também por lugares, os quais estão expostos à exclusão social [...]” (VITORINO, 2018, p.75, grifo nosso). Arrematando essa concepção, Righetto (2022) afirma que a **exclusão social**, por sua vez, pode ser entendida como parte das relações sociais do contemporâneo, expressas pela precarização do trabalho, desqualificação social, desagregação identitária e desumanização do outro. O autor clarifica que a terminologia exclusão social foi utilizada por um longo tempo, sendo posteriormente substituída pelo conceito de “vulnerabilidade social”. Ideia que foi gradativamente sendo incorporada às questões sociais, completa o pesquisador. Os indivíduos ou grupos que estão na condição de vulnerabilidade social são aqueles que não têm voz ativa, ou dependem de favores de outros e devem ser protegidos contra o risco, porque eles são alvo fácil de manipulação (VITORINO, 2018). Para Righetto (2022, p.84) “O termo vulnerabilidade, por sua vez, assume várias conotações, entre estas, designando grupos ou indivíduos fragilizados, juridicamente ou politicamente, que necessitam de auxílio e proteção para a garantia de seus direitos como cidadãos”. Convergindo com a exposição inicial de Vitorino (2018), Righetto defende que, ainda que o tema “vulnerabilidade social” venha sendo trabalhado ao longo de anos, ressalta-se que seu conceito está em constante construção, visto sua magnitude e complexidade. Apesar de sua frequente discussão ao longo das últimas décadas, tal expressão não possui um significado único e consolidado na literatura, denotando seu caráter multidimensional e amplo. Portanto, continua o autor, estaria em desenvolvimento, em virtude da necessidade da confluência de esforços interdisciplinares em torno de um problema novo que não pode ser enfrentado isoladamente por cada disciplina.

Por fim, Vitorino (2018) afirma que o termo vulnerabilidade ainda carece de uso em diversas áreas do conhecimento, estando aí a Ciência da Informação como possibilidade à interdisciplinaridade e ao uso em conexão com a competência em informação.

⁶ A partir de ampla bibliografia consultada, Vitorino (2018) afirma que mais e mais indivíduos e grupos estão sendo identificados como vulneráveis. Caracterizam-se como grupos vulneráveis, entre outros, os idosos ou que estejam suscetíveis à violação do seu direito como cidadão. Nesse contexto, os idosos são pertencentes às chamadas “minorias”, e eles, por motivo diverso, têm acesso, participação e/ou oportunidade dificultada ou até mesmo vetada, a bens e serviços disponíveis para a população sofrendo, por conta disso, os efeitos da exclusão.

público idoso um estágio adequado a sua qualidade de vida no futuro.

Sob esses pressupostos, esta pesquisa trata da ColInfo e suas dimensões nos processos educacionais dos idosos participantes⁷ de um programa de extensão universitária executado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), na cidade de Guarapuava, no Estado do Paraná. Denominado Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati), o programa contempla ações de inserção efetiva do idoso na comunidade por intermédio de atividades educacionais, culturais, esportivas e recreativas, as quais têm como foco promover reflexões sobre o envelhecimento nos aspectos biopsicossociais, culturais, filosóficos, políticos, jurídicos, religiosos, econômicos, entre outros (UNICENTRO, 2022). Para a execução dessas atividades envolvem-se profissionais de várias áreas, que atuam como professores, tutores e monitores, assim como participam das ações realizadas, os agentes universitários, estagiários e acadêmicos dos diversos cursos da universidade.

Dessa maneira, buscou-se investigar as habilidades, os comportamentos e as atitudes que os agentes educativos da Unati mobilizam, manifestam e desenvolvem nas atividades dedicadas aos idosos, bem como suas práticas educacionais. Entretanto, nessa conjuntura também se incluíram, além dos educadores, os aprendizes. Esses, embora não fazendo parte do protagonismo do público-alvo pesquisado, foram considerados como parte interessada nesses processos, e, por isso, os idosos de forma complementar também fizeram parte do universo da pesquisa como público investigado.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Consideradas as primeiras particularidades apresentadas e observada a questão de que idosos fazem parte de grupos diferenciados e, por isso, ainda vulneráveis, o atendimento de suas carências deve partir, para além da esfera governamental, também de áreas que contemplem essas necessidades específicas.

Em relação às intervenções governamentais considera-se que as políticas públicas e sociais já precisam e deverão ser pensadas de modo a atendê-los em todas as suas características, no que diz respeito à saúde, necessidades de transporte, moradia, alimentação, lazer, educação, entre outros aspectos.

⁷ “Unatianos”, como se autorreferenciam os participantes da Unati.

Fora da esfera pública busca-se nos campos do saber, nas organizações, nos coletivos e demais órgãos a inter, a multi e a transdisciplinaridade⁸ das ciências, as intervenções necessárias para o alcance das demandas dos idosos. Para Santos Neto *et al* (2017, p.31) “É importante que o conhecimento gerado na interdisciplinaridade seja reconhecido por todas as partes envolvidas, e que essa construção de caráter inovador ou incorporador, seja legítima”. Os autores consideram que, se naturalmente esse conhecimento é reconhecido, ele passa a ser aceito e ‘reproduzido’ e, no futuro, poderá ser aplicado em uma dada realidade. Então, é dentro dessa realidade social iminente que se visualiza a interlocução e aplicação dos pressupostos da ColInfo nos processos educacionais de idosos.

Nessa conjuntura, governos, organizações internacionais e regionais, sociedade civil, setor privado e academia deverão preparar os sujeitos para atuarem nesses novos âmbitos. E é sob esse enfoque que interatuam a CI - notadamente em seu paradigma social, - a ColInfo e suas dimensões técnica, estética, ética e política. Para Vitorino e De Lucca (2020) estando em harmonia, tanto na competência quanto na informação, essas quatro dimensões conferem equilíbrio e tendem a favorecer o desenvolvimento da competência em informação nos sujeitos. As autoras afirmam que a dimensão técnica é aquela que está diretamente vinculada à ação e consiste nas habilidades desenvolvidas para encontrar, avaliar e usar a informação de que se precisa estando associada ao domínio do uso das tecnologias. Já a dimensão estética é aquela relacionada à capacidade sensível dos sujeitos em compreender,

⁸ Vale ressaltar que esses conceitos: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade não são sinônimos. E acrescenta-se que, para Bicalho e Oliveira (2011), os três termos mencionados não tinham, contudo, seus conceitos únicos ou aceitos com tranquilidade pelos estudiosos. As autoras explicam que eles foram assumindo significações diversas ao longo do tempo, mantendo em comum a ideia de que representam movimentos que surgiram em resposta à fragmentação do conhecimento. Para Santos Neto *et al* (2017, p.17-18) “É fundamental a distinção entre os conhecimentos, mas não a dissociação dos mesmos, uma vez que a subjetividade e a objetividade devem conviver, pois, a Ciência não está na certeza, ela é mutável e pode ser refutada”. Nesse sentido, evidencia-se, a importância de se entender e discutir a interdisciplinaridade como um diferencial, uma vez que ela pressupõe troca, cooperação e organização, ou seja, um movimento integrador de saberes e práticas. Para os autores, a interdisciplinaridade busca a integração de distintas disciplinas, subsidiando novas maneiras de se investigar os fenômenos deste mundo. Por fim, Santos *et al* (2017, p.23) defendem que a “Interdisciplinaridade é uma ação de exploração científica que promove a inter-relação de conhecimentos e metodologias oriundos de duas ou mais disciplinas, objetivando construir ‘novo’ conhecimento que responda aos anseios científicos das áreas envolvidas”.

Já a multidisciplinaridade, sinônima de pluridisciplinaridade é considerada por Delattre (2006, p.280) “Uma simples associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar significativamente a sua própria visão das coisas e dos próprios métodos”.

Para Bicalho e Oliveira (2011) a transdisciplinaridade, por sua vez, surge como uma nova forma de promover a integração dos saberes, atingindo níveis mais profundos de interação.

Em suma É do conjunto de disciplinas que compõe a Ciência da Informação que pode ser pensada a interdisciplinaridade, isto é, de que maneira os outros campos contribuem para ela e vice-versa.

relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação, ensejando a criatividade e a sensibilidade nesse contexto. O uso responsável da informação, e que em consequência visa a realização do bem comum, é o que se vincula à dimensão ética. E, por fim, a dimensão política contempla o exercício da cidadania, a participação das pessoas nas decisões e nas transformações referentes à vida social e a capacidade em ver além da superfície do discurso.

Dessa forma, a problematização desta investigação se concentra em alguns questionamentos e direcionam-se na relação educador/idoso/contexto/ações pedagógicas. Assim, se questiona, por exemplo, se o educador precisa mobilizar, na sua *práxis* docente para os idosos, procedimentos de ensino diferenciados daqueles que aplica a outros públicos aprendizes. Quais as habilidades, comportamentos e atitudes esse docente, que atua na educação dos sujeitos da terceira idade⁹, precisa desenvolver para alcançar a plena formação desse grupo. Também surgem indagações acerca dos conteúdos pedagógicos a serem aplicados a esse público envelhescente¹⁰. Se eles necessitam de temas específicos dessa fase etária para alcançarem autossuficiência, a fim de responderem às exigências da sociedade, dentro da condição de idoso. Se sob a conjuntura envelhescente esse sujeito, ao lidar com a informação abundante, tem aprendido a manejá-la de forma a auxiliá-lo em suas ações cotidianas, pessoais, psicológicas, físicas e sociais em prol da sua autonomia. Enfim, quais são as demandas educacionais desse público.

Articulando-se nas discussões elencadas até então, esta pesquisa apresenta as seguintes questões norteadoras: “Como as contribuições das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação (CoInfo) encontram-se refletidas nas atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)?” e “De que forma os processos pedagógicos e as práticas dos agentes de educação da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) promovem as dimensões da

⁹ Baltes e Smith (2006) estabelecem uma diferença importante entre a terceira e a quarta idade, expressões que foram criadas por teóricos franceses para se referirem à velhice inicial e à velhice avançada. Não há unanimidade entre os teóricos em relação ao emprego destas expressões (BOHM, 2016).

¹⁰ A envelhescência é um termo cunhado pelo Sociólogo e Pesquisador da área da Psiquiatria, Professor Manoel Tosta Berlinck. Em artigo publicado originalmente no ano de 1996, pela Editora Escuta - e republicado em 2000, em obra intitulada “Psicopatologia Fundamental”, pela mesma editora, o autor considera a fase envelhescente como “o desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo”. Segundo o Berlinck (2000), a envelhescência é, tal qual na adolescência, um período de transformações que ocorrem no corpo, ainda que a alma mantenha-se jovem, em um evidente descompasso. É o encontro da alma sem idade com o corpo que envelhece.

ColInfo, com vistas ao aperfeiçoamento da autonomia, qualidade de vida e exercício da cidadania dos idosos?”

Considerando-se os aspectos elencados mundialmente acerca da vulnerabilidade dos idosos e a importância da educação nessa conjuntura, ressaltam-se, por exemplo, as discussões da “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, elaborada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro do ano de 2015¹¹. Suas metas incluem os idosos como parte do público que demanda ações de assistência e que devem ser empoderados: “Aqueles cujas necessidades são refletidas na Agenda incluem todas as crianças, jovens, pessoas com deficiência [...], as pessoas que vivem com HIV/AIDS, idosos, povos indígenas, refugiados, pessoas deslocadas internamente e migrantes” (ONU, 2015, p.7). Nesse âmbito, ressalta-se especificamente o objetivo 4 “Educação de Qualidade”, no qual se aborda a meta de garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e promoção de aprendizagem ao longo da vida para todos (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

Outra convocação relevante é a declaração, também da ONU, por intermédio da OMS, em considerar o período de 2021 a 2030 como a “década do envelhecimento saudável”, reconhecendo que o envelhecimento da população afeta várias áreas como “[...] os sistemas de saúde, mas também muitos outros aspectos da sociedade [...]” e que há uma “[...] demanda por bens e serviços, como educação, habitação, cuidados de longa duração, proteção social e informação” para esse público (OPAS, 2020).

As concepções de Vitorino e Piantola (2011) completam essas concepções promovendo discussões acerca das dimensões técnica, política, ética e estética da ColInfo, com foco em aspectos educacionais e filosóficos. A partir do marco teórico de Rios (2010)¹², as autoras descrevem o papel das dimensões na construção da cidadania. “Essas dimensões servem tanto à competência e à informação como à educação [...]” (VITORINO, 2020, p.29). Vitorino (2016, p.421) afirma que estudos bibliográficos levantados sobre a ColInfo indicam

¹¹ Na declaração somam-se os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (17 ODS) e as 169 metas que compreendem as ações da comunidade internacional para os próximos anos.

¹² Nas pesquisas de Rios (2010) sobre a pedagogia e o ato de ensinar, a autora defende a “competência docente”, que se alicerça em quatro dimensões (técnica, política, ética e estética) mediadas pela Filosofia da Educação e pela Didática. A “pedagogia das competências” chama à atenção para a necessidade de se caminhar em direção à construção de um *profissional competente*, reconhecedor das implicações e mobilizador de ações efetivas para sua concretização.

[...] que há um movimento e uma convergência para analisar a competência em informação como uma área multidimensional e, por este motivo, investigações que se realizarem sobre esta temática, precisam considerar a análise dimensional. Conclui-se que o desenvolvimento da competência em informação pode ocorrer por um repertório de conteúdos relacionados e a partir da análise e compreensão das dimensões nela observadas. As reflexões realizadas a partir das dimensões identificadas sugerem possibilidades para o ensino e aprendizagem da informação e para o atendimento a demandas informacionais de grupos distintos, voltados à cidadania e à realidade social.

Para Miranda (2020) há a apropriação do paradigma social da Ciência da Informação nas pesquisas e preocupações da Colnfo. Assim, fundamentam esta investigação, preliminarmente, as correntes científicas defendidas por Elizete Vitorino e Daniela Piantola (2011) ao tratarem da Colnfo e suas dimensões; por Terezinha Azerêdo Rios (2010) no que concerne às práticas docentes; e a questão do paradigma social da informação defendida por Rafael Capurro (2003)¹³. Por essas premissas se considera que a Colnfo se atrela às questões de aprendizagem (moldadas pela informação nas práticas educacionais) e à responsabilidade social, o que permite compreender o seu papel na formação de indivíduos inseridos em um contexto social maior chamado sociedade da informação.

1.2 HIPÓTESES

- a) O desenvolvimento de ações educativas para o público idoso demanda composições pedagógicas diferenciadas considerando que eles possuem características psicológicas, cognitivas, pessoais e físicas específicas de sua condição, nesse sentido a Colnfo e as suas dimensões (técnica, ética,

¹³ Capurro (2003) defende como subcampos de estudo e constituição da CI a existência de três paradigmas: o físico, o cognitivo e o social (ou sociocognitivo). Assim, Capurro ressaltava Frohmann (1995) e revisita a ideia de que no paradigma social está ancorada a perspectiva da construção social dos processos informativos, ou seja, a constituição social das necessidades dos usuários, dos arquivos de conhecimentos e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo. Ou seja, há nesse contexto um usuário da informação vinculado às comunidades que o cercam, influenciado pelo seu fazer como ator social. Dessa forma, Capurro (2003) defende uma integração da perspectiva individualista e isolacionista do paradigma cognitivo dentro de um contexto social no qual diferentes comunidades desenvolvem seus critérios de seleção e relevância. Araújo (2010) explica as concepções de Capurro e esclarece que esses critérios de seleção e relevância acontecem pelos seres humanos em conjunto com outros e não isoladamente, inserindo a dimensão de significação no estudo da informação. Em outra obra, Araújo (2010) exemplifica que o paradigma social vem para problematizar aspectos de como o valor da informação é construído socialmente.

- política e estética) têm potencial de significativa contribuição no planejamento de ações pedagógicas especificamente para o público envelhecido;
- b) O planejamento do projeto político pedagógico da Unati/Unicentro, assim como as práticas docentes que o integram não são contemplados por ações/instrumentos que levem em conta as contribuições específicas da competência em informação e das suas dimensões no aprendizado e no alcance de maior autonomia pessoal dos alunos desses programas de extensão;
- c) A partir das demandas relativas ao paradigma social da informação a competência em informação abriga em seus pressupostos espaço para ampliação de suas dimensões, notadamente às relacionadas ao aprendizado ao longo da vida dos sujeitos vulneráveis.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa se justificou por aspectos de ordem **científica** - com abordagem **exploratória, transdisciplinar e interdisciplinar**; de ordem **profissional e educacional**; e sob a perspectiva **social**.

Em termos de contribuição **científica**, o estudo procurou ampliar e enriquecer o arcabouço de estudos sobre a competência em informação com vistas a contribuir com a sua maturidade. Importante ressaltar que o enriquecimento da produção sobre a Colnfo tem sido fomentado de forma direta desde seu surgimento por intermédio de movimentos declaratórios dos cientistas e pesquisadores - como a Declaração de Maceió¹⁴, o Manifesto de Florianópolis¹⁵ e a Carta de Marília¹⁶, por

¹⁴ Em 2011 a Declaração de Maceió sobre a competência em informação conclamou às bibliotecas, às escolas de formação, às associações profissionais, entre outras instituições, a formação para o desenvolvimento da Colnfo e atendimento às demandas da cidadania. Essa ação deveria ser realizada por intermédio do fomento de melhorias nos níveis educacionais de toda a população, pelo estabelecimento de parcerias estratégicas e de políticas públicas, pelo incremento dos projetos políticos-pedagógicos, pela atualização de acordo com as tendências contemporâneas e pela coordenação e desenvolvimento de ações conjuntas (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011).

¹⁵ No ano de 2013, o Manifesto de Florianópolis estabeleceu responsabilidades e ações a serem assumidas pelos profissionais da informação, pelos órgãos associativos e representativos de classe, pelas instituições públicas e governamentais e pelas instituições privadas. Essas responsabilidades e ações tinham como foco criar discussões sobre o reconhecimento de que a Colnfo já se mostrava como um fator crítico e condicionante ao desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil na contemporaneidade. E que, por essa razão, necessitava reavaliar suas políticas voltadas às populações vulneráveis/minorias principalmente, em relação às questões que envolvem o acesso e

exemplo - bem como pelos programas de pós-graduação, por organizações da sociedade como um todo, por unidades de informação e por organismos internacionais. Assim, se considera que a difusão de estudos acerca da ColInfo articula o desejo de atender às demandas dos manifestos e organizações, bem como dos sujeitos em sua relação direta com a informação, proporcionando a eles benefícios concretos em sua trajetória de vida na sociedade. Dessa forma, esta investigação possui como uma de suas premissas científicas considerar que estudos relativos ao paradigma social da informação, embora significativos na área da CI, compõe uma área ampla e fértil para a exploração de seus inúmeros aspectos, principalmente quando voltados para públicos que anseiam e se beneficiarão dessa produção científica. Por esse motivo, buscou-se tratar de um contexto relevante e de contribuições imediatas dentro das demandas das organizações internacionais e regionais, dos setores público e privado, da sociedade civil e da própria ciência acadêmica. Nesse sentido, para De Lucca e Vitorino (2019) a condução de pesquisas que compreendam grupos vulneráveis é oportuna na medida em que esses são grupos que, por algum motivo, estão predispostos a ter a cidadania comprometida.

Tem-se observado que estudos que contemplam a pedagogia para idosos não são recorrentes na literatura científica. Sobre essa incipiência De Lucca (2019) comenta que, na mesma medida em que não se identificam estudos solidificados sobre a competência em informação do idoso, também não existem princípios ou modelos que orientem o seu desenvolvimento nesse grupo. A cidadania do idoso é um processo que pode ser edificado em conjunto e a contribuição dos pesquisadores da CI é encontrar meios para disponibilizar dados que favoreçam a informação e o conhecimento, a fim de auxiliar esses indivíduos na construção da cidadania (DE LUCCA, 2019).

uso da informação para a construção de conhecimento, identidade e autonomia, a fim de permitir a sua efetiva inclusão social (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013).

¹⁶ A Carta de Marília foi elaborada em 2014, na cidade de mesmo nome no interior do Estado de São Paulo, durante o “III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências”. Nesse evento foi instituída a sigla ColInfo para Competência em Informação no Brasil e algumas de suas propostas, entre outras, relacionaram-se à promoção: de políticas públicas e consolidação da ColInfo, no intuito de minimizar as desigualdades sociais por meio das ferramentas tecnológicas; da aprendizagem de maneira integrada e colaborativa, por intermédio de sistemas, redes e unidades com ênfase aos serviços de informação; da atuação das organizações que perfazem a área da informação para construir conhecimento e conseqüentemente o aprendizado ao longo da vida; e da criação de repositórios regionais e nacionais no Brasil para o compartilhamento de informações (YAFUSHI, 2020).

A justificativa que contemplou a questão **exploratória** uniu-se às questões **transdisciplinares** e **interdisciplinares** intrínsecas da CI e refletiu sobre a necessidade dela - em conjunto com outras áreas de mesma tendência - produzir, ampliar, aperfeiçoar e disseminar ciência no contexto investigativo da competência em informação, promovendo resultados nesses outros âmbitos. Assim, serviu-se da inter e da transdisciplinaridade da CI e refletiu-se sobre sua atuação científica e prática em questões emergenciais nacionais. A ColInfo permeia o centro desta pesquisa, e, por isso, se faz necessário manter em movimento a reflexão e a permuta recíproca entre as teorias. No caso desta pesquisa isso se concretizou a partir da interação advinda das construções conjuntas da Ciência da Informação e da Educação.

O relato anterior e o conhecimento do excepcional crescimento da produção e do uso da informação a partir da metade do século XX fazem constatar que persistem as demandas por atuações profissionais integradas por novas competências para as ações relacionadas a esse insumo e com o seu ciclo de vida. Assim, sob o ponto de vista **profissional** justificou-se este estudo pela exigência constante de melhoramento da qualidade formativa do profissional educador, seja ele um bibliotecário, um professor, ou outros de igual relevância para o permanente aperfeiçoamento da ciência. Essa perspectiva recai também sobre o aspecto profissional da proponente desta pesquisa, em sua condição de docente universitária, e se reforça ao seu anseio de produzir novos conhecimentos científicos em Ciência da Informação e que esses possam ser aplicados nas suas atividades laborais.

A **educação** é um dos mais importantes pilares de sustentação das nações. No Brasil a questão educacional tem percorrido um caminho por vezes árduo e tortuoso. Os números brasileiros¹⁷ sempre estão em ritmo lento de melhoria em relação às demais nações de mesmo porte econômico, geográfico e populacional. Por essa perspectiva, há uma emergência constante gerada pelos grupos sociais envolvidos no cenário educacional.

¹⁷ Segundo informações do IBGE levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), os dados de importância relevante são, por exemplo, os percentuais de pessoas alfabetizadas e os números relativos ao nível de instrução das pessoas com 25 anos de idade ou mais. Nesse quesito o Brasil ainda possui 11,3 milhões de analfabetos e 48,1% da população de 25 anos ou mais se encontra concentrada no nível de instrução até apenas o ensino fundamental (IBGE, 2019b). Esses dados demonstram a dificuldade brasileira em se alcançar os patamares de desempenho ideais e de alta qualidade na área educacional.

Dados estatísticos oriundos do IBGE, bem como de conselhos de classe da área da saúde, organizações de geriatria, gerontologia e das Nações Unidas já demonstram que a população brasileira, em meados do século, vai ser composta em sua maioria por população idosa maior que a população madura e/ou jovem. Desse modo, é importante salientar que o atendimento das demandas sociais depende essencialmente de um conjunto de iniciativas, entre elas as educacionais na busca do desenvolvimento nacional. Justifica-se então, que com os resultados advindos da investigação, possa-se contribuir na manutenção dos avanços que o educador - em seu papel de promotor do conhecimento - proporciona na formação de indivíduos emancipados, autônomos e protagonistas da sua história na sociedade.

Essas abordagens se unem finalmente ao aspecto **social**, quando se reflete sobre os desafios de desenvolvimento nacionais que atualmente se colocam aos usuários da informação, nos mais diferentes âmbitos da sociedade. Assim, a justificativa social origina-se na ideia que de todo educador demanda a integral competência em informação para atuar eficaz e eficientemente nesses âmbitos.

Também se considera que “É a partir da condução de pesquisas nesse viés que podemos contribuir para a consecução da responsabilidade social da competência em informação [...]” (DE LUCCA, 2019, p.244). Dessa forma, esta pesquisa justificou-se também na convergência de estudos entre os pressupostos da ColInfo e as contribuições dela especificamente no âmbito educacional de idosos.

Considerando-se, a emergência dos aspectos sociais que permeiam a questão do envelhecimento no Brasil, bem como a possibilidade de intervenção direta dos constructos que integram o fazer científico da CI e seus campos integrantes - notadamente no contexto do paradigma social dessa área - recorre-se inicialmente ao que está prescrito na Constituição Federal. Isto é, naquilo que a carta magna salienta acerca da garantia dos “direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social” (BRASIL, 1988). Nesse cenário, a CI encontra mais uma vez, no contexto urgente da *práxis* da informação e do conhecimento em seu papel social e fundamental na história da humanidade, lugar privilegiado. Seu papel social é comentado por Nhacuongue e Ferneda (2015), ao citarem o que Gernot Wersig afirma sobre a CI desempenhar um papel social preponderante, não apenas pelo foco na dimensão humana na relação com a tecnologia, como também no processo

de transformação pela informação, isto é, naquilo que Wersig (1993) denomina “informação como conhecimento em ação”.

A partir de todas as justificativas elencadas, defende-se que esta investigação ganha relevância na medida em que se deseja que suas descobertas e resultados venham contribuir de modo pontual e geral para a sociedade. Pontualmente se considera que a evolução de estudos referentes ao comportamento humano no trato informacional, trará para os sujeitos ganhos individuais e coletivos. Enfatizar e implementar a competência em informação na *práxis* pedagógica diária dos educadores de idosos, agregará neste público melhores condições de atuação frente aos desafios que a eles chegam com a idade, bem como aos desafios inerentes ao progresso evolutivo da tecnologia, da informação e do conhecimento na sociedade. Somente com indivíduos mais capacitados e autônomos o protagonismo social será possível e essa é a função que tem a ColInfo como sua principal perspectiva. Em nível geral defende-se que prospectar mais estudos teóricos e empíricos acerca do paradigma social da CI, promoverá e ampliará as condições de aplicação prática dessa Ciência como mecanismo libertador. E embora ainda bastante contemporânea e não arraigada em uma história que remonte séculos passados, a CI já carrega em seu seio a responsabilidade de conduzir os procedimentos junto a um objeto superabundante na sociedade, a informação. Assim, considera-se que a produção de conhecimento científico em torno de um campo tão essencial da CI a fortalecerá como instrumento de construção e manutenção de um mundo com mais equidade, inclusão e justiça social.

Por esse direcionamento se projetam ainda alguns pontos mais cruciais nesse processo de transformação a partir da contribuição desta pesquisa para a CI. Portanto, em um sentido mais pontual, acredita-se cooperar para: a) somar ciência a uma ciência da pós-modernidade com conteúdos demandados pela contemporaneidade; b) fazer eco aos debates e discussões promovidas no âmbito dos diversos campos da CI; c) ampliar as reflexões teóricas e práticas no que se refere aos aspectos cognitivos e sociais vinculados ao protagonismo da CI; d) produzir material científico que vise uma melhor compreensão das problemáticas sociais do mundo humano e; e) colaborar nos processos de melhoria da sociedade e da qualidade de vida do sujeito idoso como usuário da informação.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Investigar de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação encontram-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos no Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar o projeto pedagógico do Programa de Extensão Unati da Unicentro, na perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação;
- b) Diagnosticar as necessidades informacionais dos idosos em relação às atividades da Unati e ao seu dia a dia;
- c) Mapear as atividades didáticas promovidas pelos agentes educacionais da Unati sob a perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação;
- d) Verificar como as ações dos agentes educacionais promovem as dimensões técnica, estética, política e ética da ColInfo nos idosos da Unati.

1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

Esta pesquisa é composta por oito capítulos, mais os itens pré e pós-textuais. A primeira seção é integrada por esta “Introdução” e contém, além de toda a contextualização do tema da pesquisa, cinco subseções que constituem a sua estrutura, sendo elas a descrição do tema, a problematização, as hipóteses, a justificativa, e os objetivos geral e específicos.

A partir da seção 2 encontra-se o “Referencial Teórico” dividido em três capítulos que tratam inicialmente da “**Ciência da Informação e seu paradigma social no contexto da sociedade da informação**”, com o intuito de localizar a competência em informação e sua perspectiva social no contexto da CI.

Em seguida, na seção 3 se apresenta “**A Competência em informação e**

suas dimensões: contexto histórico e pressupostos”, na qual se contextualiza sua origem, disseminação no decorrer dos tempos, suas definições, conceitos e características, bem como se relacionam e se explicam suas dimensões técnica, estética, política e ética.

Na quarta seção do referencial teórico consta **“A inserção da competência em informação na educação: o exercício docente no contexto do ensino do sujeito idoso”** no qual se dedica a explanação acerca do papel da ColInfo no âmbito educacional, buscando-se contextualizá-la diante das demandas pedagógicas destinadas a esse público etário.

“O sujeito idoso e a educação sob a perspectiva da competência em informação nas universidades abertas à terceira idade” é o quinto item do referencial teórico. Nessa seção, o idoso é descrito sob a perspectiva de suas atividades junto à informação e das demandas educacionais para o alcance da sua autonomia e cidadania. A seção explora também o papel das Unatis no âmbito da educação permanente para o público idoso.

“O percurso teórico-metodológico: a categorização da pesquisa, a coleta e a análise dos dados” integra o capítulo 6 e descreve os procedimentos metodológicos. No capítulo 7 estão descritas a apresentação, análise e interpretação dos dados.

No capítulo 8 encontram-se as considerações finais.

Encerram este documento as “Referências”, os “Apêndices”, nos quais se encontram os instrumentos de coleta, a tabulação dos dados coletados e os “Anexos” que, por sua vez, trazem o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU PARADIGMA SOCIAL NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Dentro das perspectivas da sociedade da informação e da sociedade do conhecimento os sujeitos passaram a viver sob as novas demandas que chegam muito materializadas no uso constante das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação, mas que não são exclusivas a essa premissa.

Conforme atestam Nehmy e Paim (2002), embora, as nomenclaturas acerca desses movimentos e das mudanças sociais gerem debates desde seu advento, bem como há diferentes posições em relação à intensidade do fenômeno, o que há de comum é a aceitação de que alguma coisa tenha acontecido ou esteja acontecendo com caráter de mudança social importante, uma *revolução*, cuja data se situa por volta dos anos 1970. Ferreira (2003, p.5) converge com aqueles autores ao considerar que “O advento da sociedade pós-industrial parecia encaixar-se perfeitamente com as explosivas mudanças tecnológicas que impactaram a sociedade no final dos anos 70”.

Já no início dos anos 2000 Nehmy e Paim (2002) defendiam que esse movimento da sociedade podia estar em variados estágios: no encerramento de uma etapa histórica, num período de transição, de emergência de novo sistema social ou de uma revolução tecnológica.

Essa reflexão contribui para caracterizar a sociedade em que vivemos e compreender aspectos relacionados à sua emergência, quer social, cultural, econômica e de busca pela cidadania. Procuramos, assim, compreender esta sociedade e os novos contornos que permeiam a vida social diante das mudanças causadas, sobretudo, em face da revolução tecnológica concentrada na informação e no conhecimento (SILVA; CORREIA; LIMA, 2010, p.217).

Tratando-se então da questão da emergência desse renovado sistema social, Silva, Correia e Lima (2010) ressaltam que a tecnologia da informação tem revolucionado significativamente o modo de viver, pensar, agir e comunicar, alterando radicalmente a estrutura da sociedade baseada nos moldes tradicionais de produção, e essa acelerada mutação exige do indivíduo uma formação constante e continuada de seu estoque de conhecimento, na tentativa de corresponder ao ritmo da mudança. Segundo Ferreira (2003, p.9)

A sociedade da informação gera mudanças no nível mais fundamental da sociedade, iniciando um novo modo de produção e substituindo o trabalho e o capital, as variáveis básicas da sociedade industrial, pela informação e pelo conhecimento. [...] A informação passou a ser um dos requisitos para nossa sobrevivência, possibilitando a interação necessária entre nós e o ambiente em que vivemos.

Dessa forma, altera-se todo um composto de situações e ações referentes ao trato da informação e do conhecimento. O seu estabelecimento demandou da sociedade a aplicação de instrumentos de gestão eficientes e adequados. E, naturalmente, essas movimentações tendem a se originar nos estudos e investigações científicas. Pinheiro e Loureiro (1995) acreditam que o desenvolvimento científico e tecnológico, proveniente dos esforços de guerra dos anos de 1930, impulsionaram o crescimento exponencial da informação. Nesse contexto, a informação e o conhecimento encontraram campo nas Ciências Sociais Aplicadas; sendo que a informação, especificamente, reside como objeto da Ciência da Informação. Desse modo a CI possibilita, por meio de seus instrumentos, novas formas de controle e tratamento da informação e do conhecimento.

Euclides (2007) defende que “enquanto campo científico”, a Ciência da Informação é originada e identificada por meio de dois eventos históricos marcantes: o surgimento da Documentação (final do Século XIX) e a explosão informacional ocorrida após a Segunda Guerra Mundial. Pode-se também dizer que a CI é fruto da evolução científica, e sua principal característica, além do “trato” com as ações que envolvem a informação em si, é a sua interdisciplinaridade e sua ligação com a tecnologia e com o conhecimento.

Sob a mesma concepção, Barreto (1997, p.1) afirma que “a Ciência da Informação teve seu aparecimento e expansão no após guerra, principalmente a partir de 1950, quando pesquisas e documentos mantidos fora do fluxo normal de informação foram liberados para o conhecimento coletivo”. Saracevic (1995) caracteriza triplamente a Ciência da Informação: 1) interdisciplinar por natureza; 2) inexoravelmente conectada à tecnologia da informação; 3) e participante ativa na evolução da sociedade da informação.

E embora ainda se estabeleçam debates quanto a esse aspecto, Silva, Correia e Lima (2010) consideram que a questão da informação parece constituir a

essência da CI, definindo sua atuação na sociedade enquanto uma área do conhecimento que se ocupa como uma ciência interdisciplinar que pode contribuir para o estudo da sociedade da informação, o avanço da informação tecnológica, a análise dos processos informacionais e a busca da socialização da informação.

A definição da Ciência da Informação passa por diversos estudos desde o seu estabelecimento definitivo, mas, segundo Robredo (2003) sua primeira formulação surgiu durante as Conferências do *Geórgia Institute of Technology* (o *Geórgia Tech*), em 1961 e 1962.

Borko (1968, p.1, tradução nossa) define a Ciência da Informação como a “Disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo de informações, e os meios de processamento de informação para melhor acessibilidade e usabilidade”. O autor considera que a CI está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados com a origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. E que sendo uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com áreas como matemática, lógica, linguística, psicologia, informática, pesquisa, artes gráficas, comunicação, biblioteconomia, administração e outras áreas afins, ela tem tanto um componente de ciência pura, que investiga o assunto sem considerar a sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos.

Com o decorrer dos anos e tendência natural aos debates e estudos, pesquisadores e teóricos da área da CI seguem promovendo ampliações e aprofundamento do conceito. Assim, Saracevic (1996) redefine a CI nos termos em que evoluiu e no seu enfoque. Para o pesquisador ela é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. Segundo o autor “No tratamento das questões relacionadas a esses problemas são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais” (SARACEVIC, 1996, p.47).

Mais contemporaneamente Carvalho (2017) define a CI como um campo do conhecimento científico de caráter fundamentalmente social com ênfase de prática humana e tecnológica que estuda a informação em diversos vieses. Essas linhas, segundo o autor, referem-se aos fundamentos históricos e epistemológicos,

processos como produção, organização/representação, mediação, acesso, recuperação, uso e apropriação, gestão, tecnologias, fluxos, política/economia, comunicação científica, memória e aplicação em ambientes de informação nas perspectivas dos sujeitos, visando à produção de novos conhecimentos e estratégias para elucidação/resolução de problemas de informação. Para Araújo (2017) a CI, com seu caráter dinâmico e plural se dedica ao estudo de diferentes realidades empíricas (os fluxos de informação no planeta; os contextos organizacionais; a organização de documentos em bibliotecas, arquivos, bases de dados; a apropriação da informação no cotidiano *etc.*) e, para tanto aciona conceitos e métodos também distintos.

Borko (1968) considera que em sua composição de ciência pura, porém também aplicada, a CI relaciona-se com outras ciências e Capurro (2003) a distingue, a partir de três momentos teóricos, os seus paradigmas físico, cognitivo e social. O paradigma que se relaciona com a ColInfo de forma congruente aos propósitos desta pesquisa é o paradigma social, que será caracterizado na subseção seguinte.

2.1 O PARADIGMA SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Os três paradigmas de Capurro (2003) distinguem os momentos históricos e epistemológicos da CI. Em seus estudos Araújo (2010) realiza uma síntese importante dos entendimentos de Capurro. Assim, para esse autor no paradigma físico a informação é entendida como um objeto, uma entidade física que apresenta a condição de ser transportada, transferida de um ponto para o outro. Ela surge dos estudos de Shannon e Weaver (1964) os quais determinaram a Teoria Matemática da Comunicação. Esse processo envolve a transmissão de uma informação de um emissor a um receptor sem ruídos (aspecto técnico), o que produz significados (aspecto semântico) e efeitos (aspecto pragmático) nesse receptor. “Vê-se que o elemento principal desse tempo da Ciência da Informação é o controle da informação” (BEMBEM; OLIVEIRA; SANTOS, 2015, p.189).

Já no paradigma cognitivo Capurro inspirou-se na filosofia de Popper que considera três os “mundos” da realidade: o físico, o da consciência e o da transformação da consciência a partir do mundo físico, ou seja, o resultado da consciência, o conteúdo intelectual dos livros e documentos, explica Araújo (2010).

O enfoque desse paradigma para Bembem, Oliveira e Santos (2015) é analisar as formas pelas quais os processos informativos transformam ou não os sujeitos e é considerado o segundo tempo da CI. Os autores defendem que esse paradigma “é o tempo da relação informação e conhecimento. Nele a informação tem o objetivo de gerar conhecimento nas realidades dos sujeitos que dela se apropria” (2015, p. 190).

Araújo (2010, p.4) afirma que “O terceiro paradigma, no entender de Capurro, é o social” e nasceu das críticas empreendidas à visão reducionista do paradigma anterior alegadas por Bernd Frohmann (1995). Sob o mesmo julgamento, Silva e Farias (2013) opinam que o paradigma cognitivo não favorecia mais a busca pelas soluções e para os problemas e desafios de cunho social que eram apresentados pela CI, então a solução foi a consolidação do paradigma social. “[...] o paradigma social dá margem para a criação de novas percepções, interpretações e contribuições *ad infinitum*, visando amadurecer os estudos teóricos, epistemológicos e empíricos da CI” (SILVA; FARIAS, 2013, p.53). Para Silva (2014) o paradigma social é o mais próximo do que se pode contemplar como rompimento e pode, no desenrolar da história da CI, ratificar um rompimento geral com os paradigmas anteriores.

Assim, esse paradigma surge, dentre outras correntes, mas, basicamente, da chamada “análise de domínio”¹⁸ e se desenvolve a partir de um conceito central que designa coletivos ou grupos sociais os quais possuem determinadas formas compartilhadas de pensar, de se expressar e de conhecer a realidade: “comunidades discursivas”, explica Araújo (2010; 2017). “Nesse paradigma o entendimento dos campos cognitivos está relacionado com os diferentes grupos sociais e de trabalho [...]” (BEMBEM; OLIVEIRA; SANTOS, 2015, p.191). Medeiros (2012) ratifica essa concepção ao afirmar que o paradigma social, ancorado na perspectiva sóciocognitiva, proporciona, também, a análise do usuário e seus processos cognitivos. O autor explica que nessa premissa ele está apoiado em um sistema no qual o usuário está vinculado às comunidades que o cercam, influenciando no seu fazer como ator social, ou seja, naquele em que ele busca capturar o contexto onde os atores estão inseridos. Para Araújo (2010, p. 5) “os

¹⁸ A Análise de Domínio é o paradigma social-epistemológico cunhado por Hjørland e Albrechtsen em 2002. Nela o conhecimento é o resultado da interação do indivíduo com o meio em que ele está inserido (ALMEIDA *et al*, 2007) e “[...] permite identificar as condições pelas quais o conhecimento científico se constrói e se socializa.” (GUIMARÃES, 2014, p. 15) ou seja, uma “construção social, um “acordo intersubjetivo” (GUIMARÃES, 2014).

seres humanos desenvolvem seus critérios de seleção e relevância das informações socialmente, em conjunto com outros e não isoladamente”. Essa interatividade, para Bembem, Oliveira e Santos (2015) possibilita o acesso em tempo real aos diversos estoques de informação, agora desterritorializados. Aqueles que eram outrora usuários tornam-se sujeitos ativos na construção desse novo contexto, de forma que a inteligência coletiva, mesmo que não planejada, é prática valorizada. Nesse sentido, não há mais distinções entre produtores e consumidores de conteúdos, os papéis são múltiplos, assim como os interesses e identidades dos indivíduos. Assim, o sujeito é elemento central no tempo do conhecimento interativo.

Por essa razão, considera-se o paradigma social como o predominante nesse atual tempo da Ciência da Informação. No referido paradigma o sujeito é entendido a partir dos seus condicionamentos sociais e materiais. Os sujeitos, que não são apenas usuários, mas participantes ativos da construção do conhecimento são centrais para a definição e elaboração de dispositivos que considerem sua visão de mundo nos processos de recuperação da informação (BEMBEM; OLIVEIRA; SANTOS, 2015).

É na perspectiva desse último paradigma, portanto, que se relaciona a competência em informação, na abordagem que envolve os indivíduos em suas interações coletivas e nas quais se desenvolvem processos construtivos de significados. Para Capurro (2003) no paradigma social há “a construção social dos processos informativos, ou seja, a constituição social das ‘necessidades dos usuários’, dos ‘arquivos de conhecimentos’ e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo de imagens” (CAPURRO, 2003, p.14). Araújo (2010) complementa essa constatação de Capurro explicitando que as constantes interações dos seres com outros seres, como produtores de sentido, se articulam em comunidades diversas, de diferentes naturezas e que aí se visualiza o conceito de intersubjetividade desses sujeitos nesses contextos sociais.

No contexto desta pesquisa se visualiza justamente essa interlocução, pois, ao se refletir acerca das necessidades de idosos diante de um cenário de múltiplos desafios impostos pela era informacional, observa-se que eles, a partir de um processo coletivo de busca, seleção, uso e construção coletiva de informações e conhecimentos, têm melhores condições de obter qualidade de vida, de exercitar a sua cidadania, e de aperfeiçoar e manter a sua autonomia e a sua autossuficiência. Esse processo invariavelmente passará por uma mediação. No caso deste estudo

essa ação é realizada pelos docentes e demais agentes educativos que são os sujeitos que transmitirão, além dos seus saberes, as vias de alcance dessa estruturação social.

Araújo (2017) defende que termos como “pragmática”, intersubjetividade” e “sociocultural” são usados para descrever o paradigma social e que elas são empregadas para descrever a “informação” como algo do coletivo aparecendo ligada a expressões como documento, ação, contexto, coletivo, sociedade, histórico. Ainda nesse estudo, o autor considera que a informação existe além da dimensão propriamente operacional e mecânica. Nasce

[...] de um processo no qual as identidades dos sujeitos são construídas, e a cultura é constituída a partir de ações de criação e apropriação dos registros de conhecimentos (documentos) pelos sujeitos agindo de forma reciprocamente referenciada na construção dos saberes. Informação se relaciona, portanto, com conceitos como cultura, memória, apropriação, mediação, documento, saberes (ARAÚJO, 2017, p.29).

Dessa forma, considera-se que não se pode refletir sobre os fenômenos de estudos da CI sem inseri-los em sociedade/contexto social. Nesse sentido é que se defende a relação direta e inseparável do paradigma social e a competência em informação, levando-se em conta que a essência da ColInfo também repousa em boa parte desses termos/âmbitos.

Para Carneiro *et al.* (2018), no que diz respeito ao paradigma social, reconhecem-se nele os processos cotidianos e as práticas histórico-sociais enquanto elementos centrais do processo informativo e, ao tratar a informação como um fenômeno social a concebe numa dimensão subjetiva que abarca desde as necessidades de informação e comportamentos de busca, até as práticas relacionadas ao uso, apropriação e mediação da informação. Ações essas também presentes na ColInfo. Portanto, a competência em informação também se aporta no paradigma social por possibilitar o estudo da informação a partir de seu contexto de produção, uso, apropriação e compartilhamento (CARNEIRO *et al.*, 2018).

Também se considera, como Araújo (2012) já o fez nas suas reflexões sobre estudos de usuários, e os quais coincidem com este tema de estudo que, tanto no paradigma social como na competência em informação se pode vislumbrar a natureza social e coletiva do uso da informação; seu enraizamento num contexto

concreto da experiência; o caráter ativo do usuário em sua relação com a informação; a natureza cognitiva, e o processo de busca e uso da informação, além de outras relações.

Nessa relação proximal ressalta-se o que afirmam Silva, Nunes e Teixeira (2020) ao destacarem que a ColInfo tem papel na formação de indivíduos inseridos em um contexto social maior, chamado Sociedade da Informação, em que a informação molda as práticas educacionais, trabalhistas e culturais cotidianas.

Assim, essas perspectivas reunidas perpassam e alcançam os sujeitos em suas relações, necessidades e práticas com a informação, os estabelecendo como protagonistas nesse processo. Por conseguinte, necessitam desenvolver os modos de atuação nesse cenário. Simeão *et al.* (2019) ressaltam que tem sido cada vez mais necessário que os indivíduos se tornem aptos a identificar, selecionar, avaliar e usar a informação. Os autores destacam que em tempos de uma sociedade propensa a conflitos causados por diferenças, é importante agir de forma reflexiva e ética em um processo de aprendizagem contínua e inclusiva.

Para Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018) o desenvolvimento de competências que permitam o uso consciente, criativo e benéfico da informação tornou-se essencial para a atuação do indivíduo no contexto social contemporâneo. Os pesquisadores consideram que, em paralelo a esse desenvolvimento, os novos paradigmas que configuram a sociedade demandam do indivíduo o estabelecimento de uma nova relação com a informação e com o saber, ou seja, de aprendizado ao longo da vida.

Essa concepção do aprendizado contínuo é um dos principais aspectos que norteiam os desafios colocados aos sujeitos e vem sendo discutidos desde o início do século XXI, sendo explorada durante a realização do encontro de especialistas em competência em informação realizado em Alexandria, no Egito, no ano de 2005. Nesse evento se originou a Proclamação do documento “Os Faróis da Sociedade da Informação” (*INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS*, IFLA, 2005). Nessa declaração ficou demonstrada a importância da vulnerabilidade social, do desenvolvimento socioeconômico e da promoção do bem-estar das pessoas pelo desenvolvimento de políticas, programas e projetos de competência em informação e aprendizado ao longo da vida, requisitos considerados fundamentais ao trabalho e à vida (DUDZIAK, 2008). Naquele documento também ficou destacado que o aprendizado ao longo da vida

[...] capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações. (IFLA, 2005, p.1).

Assim, adentram nesta pesquisa as discussões, definições, desdobramentos, as caracterizações e os aspectos que tratam da Colnfo como parte fundamental da defesa desta investigação.

3 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E SUAS DIMENSÕES: CONTEXTO HISTÓRICO E PRESSUPOSTOS

A competência em informação surgiu primeiramente nos Estados Unidos, na década de 70, quando o bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski se deu conta da emergência de se aprimorar profissionalmente a indústria daquele país e divulgou estudos sobre a *Information Literacy* no *The Information Service Environment Relationship and Priorities* (CORRÊA; CASTRO JUNIOR, 2018; ZURKOWSKI, 1974). No documento Zurkowski (1974) sugeria que a principal prioridade da Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação norte-americana deveria ser direcionada para o estabelecimento de um grande programa nacional para alcançar a alfabetização informacional até o ano de 1984. À época, apontou-se que as pessoas instruídas na aplicação dos recursos informacionais em ambientes de trabalho poderiam ser denominadas competentes em informação, já que elas aprendem técnicas para utilizar uma ampla gama de recursos informacionais visando à resolução de problemas (MATA, 2018). “Entretanto, desde aqueles primeiros momentos, havia autores que compreendiam o conceito de competência informacional além da utilidade laboral” (MELO; ARAÚJO, 2007, p.190). Para Bruce (1999, tradução nossa) a ideia de competência em informação mais amplamente definida é a que a coloca como a capacidade de reconhecer as necessidades de informação e de identificá-la, avaliá-la e usá-la de forma eficaz. A autora ressalta que a ColInfo tem sido por vários anos uma preocupação crescente nos setores da educação, enquanto que nos locais de trabalho, empregadores e gerentes consideram que ela atende mais à necessidade das habilidades em informática e tecnologia da informação.

Segundo Melo e Araújo (2007) na década de 1950 os serviços de educação escolares já concebiam ideias de ColInfo, integrando a biblioteca e o papel do bibliotecário como guia de pesquisa escolar; e, na década de 1970 a educação superior norte-americana adotou a competência em informação como um requerimento para a graduação.

Considerando esse aspecto, a ColInfo nasceu sob uma concepção mais voltada ao escopo da Biblioteconomia. Essa premissa é ratificada por Dudziak (2008) ao afirmar que, como prática, desenvolveu-se inicialmente sob a atividade

bibliotecária, ligada originalmente ao processo de educação de usuários de bibliotecas e à orientação bibliográfica. Vinculava-se também, em sua gênese, sob duas capacidades: de leitura e interpretação da informação para sua utilização prática na solução de problemas, e em especial à capacidade de lidar com volumes complexos de informações geradas por computadores e pela mídia de massa, a qual envolve a alfabetização funcional (CORRÊA; CASTRO JUNIOR, 2018).

As nomenclaturas para a Colnfo são diversas e *Information Literacy* é a expressão precursora. Autores brasileiros têm discutido sua tradução, a qual já foi descrita como “alfabetização informacional”, “habilidades informacionais”, “letramento informacional”, “competência informacional”, “fluência informacional”, entre outras. Entretanto, a tradução reconhecida e utilizada é “competência em informação” devido à recomendação da Unesco (FAZZIONI; VIANNA; VITORINO, 2018; MATA, 2018; SPUDEIT, 2016), sendo esta última a utilizada nesta pesquisa.

As discussões acerca da definição da Colnfo transcorrem desde o fim do século XVIII e adentram o início dos anos 2000, sendo tratadas preliminarmente em solo norte-americano e estendendo-se por várias regiões do mundo. Mata (2018) menciona os estudos de Dudziak (2003) e de Bruce (2000) e que estabeleceram o percurso histórico-conceitual da temática em quatro períodos: os precursores (nos anos 70), os exploradores (nos anos 80), os caminhos para a fundamentação teórica e metodológica (nos anos 90) e a fase de expansão das pesquisas e na prática (nos anos 2000). De forma semelhante, Melo e Araújo (2007, p.194) defendem o desenvolvimento do conceito da Colnfo também em fases:

[...] podemos dizer que tivemos a emergência do conceito no período dos anos 50 a 70; o desenvolvimento de programas nacionais, institucionalização nos anos 80 e 90 e, no final dos anos 90 e início do século XXI, a avaliação dos programas implementados em diferentes países.

Pioneiramente a temática foi prospectada em nível internacional nos anos 1970, principalmente pelos autores Zurkowski (1974), Burchinal (1976), Hamelink (1976), Taylor (1979). Após, teve continuidade com Breivik (1985), Kuhlthau (1987), *American Library Association*, ALA (1989) e Bruce (2000). No contexto brasileiro seus estudos foram feitos por autores como Caregnato (2000), Belluzzo (2001), Dudziak (2001), Campello (2003), Vitorino e Piantola (2009).

Suas definições de forma geral se relacionam aos comportamentos, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes individuais e coletivas voltados ao cenário informacional.

Assim, Zurkowski (1974) defendeu o conceito de que sujeitos competentes em informação eram àquelas pessoas treinadas na aplicação de recursos informacionais para seu trabalho, pois elas aprenderam técnicas e habilidades utilizando uma ampla variedade de instrumentos e também fontes primárias na configuração de soluções de informação para seus problemas.

Nos anos 1980 a *American Library Association (ALA)* apresentou o Relatório Final do Comitê Presidencial de Alfabetização da Informação estabelecendo uma das mais disseminadas definições de ColInfo que considerava que “Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando as informações são necessárias e ter a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente as informações necessárias” (ALA, 1989, sem paginação, tradução nossa).

Segundo Fazzioni, Vianna e Vitorino (2018) nos anos 1990 Carol Kuhlthau (1991), Doyle (1992, 1994), Bruce (1995), Eisenberg e Brown (1992), Langford (1998) entre outros, enfatizaram a ColInfo com ênfase nos processos cognitivos, com perspectivas no ato de aprender e no cotidiano, na formação para a autonomia dos indivíduos e na sua comunicação.

A partir dos anos 2000 a *Association of College and Research Libraries (ACRL)* manteve a definição inicial apenas incluindo os termos responsabilidade, ética e legalidade (ACRL, 1989, 2000).

Em seus abrangentes estudos sobre o tema, Elisabeth Adriana Dudziak definiu a ColInfo como a mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes direcionadas ao processo construtivo de significados a partir da informação, do conhecimento e do aprendizado (DUDZIAK, 2001). A autora defendeu a utilização do termo “competência em informação” para tornar uniforme a expressão em inglês *Information Literacy (IL)* apontando que essa era a mais adequada no Brasil, por englobar todas as demais (*alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação*). Dessa maneira, Dudziak (2003, p.28) conceituou a IL como: “[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”. A pesquisadora relacionou ainda alguns

componentes que sustentam o conceito de Colnfo como o processo investigativo, o aprendizado ativo, o aprendizado independente, o pensamento crítico, entre outros atributos afins (DUDZIAK, 2003). Sob a mesma concepção, Vitorino e Piantola (2019, p.59) salientam que “Na tendência da busca de um termo que se adequasse ao Brasil competência em informação foi, ao que parece, o eleito pela maioria dos estudos” em relação ao termo *Information Literacy*.

E em 2005 um importante marco para o histórico conceitual da Colnfo foi o estabelecido pela Declaração de Alexandria ao defini-la e caracterizá-la. Assim, a competência em informação, segundo o documento:

abrange as competências para reconhecer as necessidades informacionais e localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais; é crucial para a vantagem competitiva dos indivíduos, empresas (especialmente as pequenas e médias), regiões e nações; fornece a chave para o acesso, uso e criação efetivos do conteúdo para dar apoio ao desenvolvimento econômico, à educação, à saúde e aos serviços, e a todos os outros aspectos das sociedades contemporâneas [...]; e vai além das tecnologias atuais para abranger o aprendizado, o pensamento crítico e as habilidades interpretativas cruzando as fronteiras profissionais, além de capacitar indivíduos e comunidades (IFLA, 2005, p.1).

Em outro estudo Dudziak (2008, p.43) salienta que a “[...] competência informacional abrange as competências para reconhecer as necessidades informacionais e localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais”. Para Mata (2018) a competência em informação pode ser conceituada a partir de três vieses durante o interstício de literatura da área: a Colnfo como um conjunto de competências, a Colnfo como um processo de ensino-aprendizagem e a Colnfo como uma área disciplinar.

Conforme se pode observar, a partir do fim da primeira década dos anos 2000 as questões culturais, educacionais, sociais, de avaliação crítica, de autoconsciência e de cidadania passam a reverberar no que concerne à Colnfo (FAZZIONI; VIANNA; VITORINO, 2018). Segundo Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018) a Colnfo ganhou espaço e começou a fazer parte da formação do indivíduo, abrangendo também aspectos sociais e socioeconômicos. Nesse cenário, a participação social está relacionada com a existência de instrumentos que apoiem os direitos dos cidadãos, tendo a competência como papel principal direcionado ao convívio entre os indivíduos.

Já na segunda década dos anos 2000 a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) reformulou e atualizou a definição de competência em informação proposta pela *American Library Association* (ALA), explicando-a como o conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como ela é produzida e valorizada e o seu uso na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016, tradução nossa).

Mata (2018) resume os aspectos inter-relacionados da ColInfo em seus estudos a partir das perspectivas de Dudziak (2003), Bruce (2003) e Vitorino e Piantola (2011). Esses pontos são o acesso a variadas fontes de informação e do seu gerenciamento para recuperação futura por meio das ferramentas de tecnologia da informação e comunicação (TIC), a construção e a mobilidade de conhecimento e a resolução de problemas no âmbito pessoal, profissional e social.

Outras autoras que aprofundaram seus estudos acerca da ColInfo mais contemporaneamente, e que a associam aos aspectos educacionais e sociais, são Elizete Vieira Vitorino e Daniela Piantola. As pesquisadoras afirmam que “[...] é marcante a relação entre educação e competência em informação e, inclusive, fica expressa a oportunidade de desenvolvimento de habilidades voltadas ao humano e ao social” (VITORINO; PIANTOLA, 2019, p.59).

Vitorino e Piantola (2011) são também as responsáveis pelos estudos que estabeleceram as dimensões da competência em informação. A partir de reflexões educacionais e filosóficas as autoras compreendem uma dimensão como “[...] uma face, uma parte de um todo que não se mantém sozinha ou sobrevive sem a outra face ou as outras partes – as outras dimensões”. Consideram, então, que a dimensão “É uma espécie de “retalho” de um *patchwork* complexo e colorido, onde partes se unem para um propósito, uma finalidade: a competência informacional” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.102). Assim, essas autoras (2019, p.19), inspiradas em Rios (2006) sobre a presença de quatro dimensões da competência do educador, atribuíram as dimensões técnica, estética, política e ética, também sob o foco da Filosofia da Educação, mas voltadas para a competência, à informação e ao profissional da informação e “[...] cujas características profissionais muito se assemelham às dos docentes”. Para Vitorino e Piantola (2019, p.173) essas quatro dimensões são “[...] aglutinadoras e necessárias ao desenvolvimento da competência em informação”, ou seja, por intermédio dessas quatro faces a

competência em informação se manifesta e se realiza integralmente. Para Vitorino (2020) as abordagens de Rios sobre as dimensões da competência se fizeram como luzes clarificando a complexidade da informação e da competência e estando em equilíbrio e unidas se pode produzir efeitos benéficos nas pessoas: a cidadania (VITORINO; DE LUCCA, 2020).

A próxima subseção trata de cada uma das dimensões de forma mais particularizada.

3.1 AS DIMENSÕES TÉCNICA, ESTÉTICA, POLÍTICA E ÉTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Conforme já enunciado neste estudo, as dimensões técnica, estética, política e ética alicerçam e integram quatro perspectivas diferenciadas dentro da Colnfo. Foram propostas pela primeira vez em 2009, em publicações de autoria de Christianne Martins Faria e Elizete Vieira Vitorino (Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar), assim como de Elizete Vieira Vitorino e Daniela Piantola (Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados). A partir de 2011, os estudos de Vitorino e Piantola acerca das dimensões se intensificaram.

Atualmente cada uma das dimensões recebe contribuições de forma mais individualizada, porém não isolada das demais, como é o caso de produções bibliográficas. Exemplo contemporâneo é a obra “As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política”, organizado por Vitorino e De Lucca (2020). Nessa obra pesquisadores como Oliveira e Vitorino (2020), Orelo e Vitorino (2020), Pellegrini e Vitorino (2020), De Lucca e Vitorino (2020) exploram de forma bastante aprofundada as dimensões técnica, estética, ética e política, respectivamente. Assim, as dimensões têm integrado estudos em diversos âmbitos, mas, notadamente no desenvolvimento da competência em informação para populações vulnerabilizadas socialmente e para as minorias.

Corrêa e Castro Junior (2018) comentam que a maioria dos modelos e padrões de desenvolvimento da Colnfo possui forte base processual, compreendidos na dimensão técnica e que é por isso necessário que as outras dimensões, de caráter mais social, sejam desenvolvidas. Essas outras dimensões, segundo os autores, são construídas por meio da interação e comunicação nas comunidades dando a elas representações e significados aos conhecimentos coletivamente produzidos. Mata

(2018) resume as quatro dimensões ligadas aos vieses pragmático (técnico), criativo (estético), ao cumprimento de leis visando a vida em sociedade (ético), e à cidadania, aos direitos e aos deveres dos cidadãos (político).

Conforme já mencionado, em suas obras de 2011 e 2019, Vitorino e Piantola discutem profundamente as dimensões da ColInfo. Para essas pesquisadoras a dimensão técnica “[...] refere-se, portanto, a uma atividade eminentemente prática, de caráter objetivo, que se revela na própria ação cotidiana” e é baseada na busca e no uso de informações empíricas, estando, muitas vezes, ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias. “A ênfase sobre a técnica explica-se pelo fato de ela constituir a dimensão mais evidente da competência informacional, na medida em que é o meio de ação do indivíduo no contexto da informação” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.102). Nesse sentido, Vitorino e Piantola (2019) observam que a dimensão técnica não pode se sobressair nem ser subestimada diante às outras dimensões. A dimensão técnica, para Farias e Vitorino (2009), refere-se à competência profissional voltada à realização de um ofício, ao fato de se dominar com propriedade um campo específico de atuação.

No que concerne à educação, isso se relaciona à valorização do domínio dos conteúdos conceituais e da pesquisa, segundo as autoras. Oliveira e Vitorino (2020, p.71) consideram que [...] “a Dimensão Técnica da competência em informação tem como base a habilidade em informação sustentada por valores do indivíduo, como, por exemplo, a decisão para agir na sociedade”. Assim, “é uma dimensão que envolve habilidades necessárias no processo de busca da informação para a resolução de um problema e/ou necessidade informacional.” (OLIVEIRA; VITORINO, 2020, p.72). Para Corrêa e Castro Junior (2018) a dimensão técnica foca o fazer e busca o desenvolvimento de habilidades práticas relacionadas à utilização de sistemas informatizados, da realização de tarefas específicas de forma sequencial, da operação de computadores e outras tecnologias de informação e comunicação.

Conforme Vitorino e Piantola (2019), a dimensão técnica encontra seu equilíbrio na dimensão estética que, por sua vez, não se limita à simples apreensão da realidade exterior ou interior, mas à racionalidade e à força da reflexão na qual é necessário que o assunto que a motiva seja meditado, considerado e examinado em todas as partes e aspectos: sem reflexão, sem escolha, sem comparações, o indivíduo torna-se incapaz de dominar o conteúdo que pretende tratar. Assim, a

dimensão estética encontra o sensível no fazer, no perceber oportunidades de inovação e criação de soluções para os questionamentos que se apresentam na prática profissional. Não estando restritas ao âmbito da arte, a sensibilidade, a criatividade, a intuição, a harmonia e a beleza, segundo Vitorino e Piantola (2011), fazem parte da experiência estética e estão presentes em todos os aspectos da vida humana, constituindo-se como fator fundamental na construção da subjetividade e determinante do próprio caráter do homem.

Dito isso, pode-se afirmar que a própria informação comporta uma dimensão estética, pois transmite-se aos indivíduos tanto a partir de referenciais do mundo exterior, com base em dados empíricos, verificáveis, objetivos, quanto do interior, por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal. Nesse sentido, ao dizermos que existe uma dimensão estética na competência informacional, referimo-nos à experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo. Ao imaginarmos ou criarmos relações mentais em resposta a uma informação, trazemos à consciência algo de nós mesmos, algo do fundo de nossa vida psíquica, imprimindo-lhe características pessoais, não verificáveis nem necessariamente compartilhadas pelos demais indivíduos em sociedade (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.103-104).

Em continuidade, para Farias e Vitorino (2009) a intenção da dimensão estética é fazer menção à presença da sensibilidade e da beleza, sendo que a primeira está relacionada com o potencial criador e com a afetividade dos indivíduos. Assim, a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao mundo da arte. Conforme as autoras (FARIAS; VITORINO, 2009, p.7) “Quando se coloca esse tema em relação à competência, não se trata de uma sensibilidade ou de uma criatividade quaisquer, mas de um movimento na direção da beleza, aqui vista como algo que está próximo do que se necessita para o bem social e coletivo”. Já Corrêa e Castro Junior (2018) comentam que a dimensão estética se associa ao desejo de aprendizado, bem como ao uso da informação de forma livre e criativa. A dimensão estética para Orelo e Vitorino (2020) é analisada à luz da filosofia, e apresenta elementos intrínsecos à alma humana como a sensibilidade, a criatividade, o belo. Está relacionada à construção de novos conhecimentos, por meio das percepções do mundo, no qual se está inserido; considera, ainda, as experiências vividas pelo indivíduo. Para as autoras a sensibilidade, presente na dimensão estética da competência em informação, cumpre, então, a função de enaltecer os aspectos

humanos, a capacidade de se comover e se preocupar com o outro, resultando em um exercício da cidadania e da solidariedade. “Entendemos que estes elementos, o autoconhecimento e a solidariedade, revelam as características estéticas da competência em informação” (ORELO; VITORINO, 2020, p. 142).

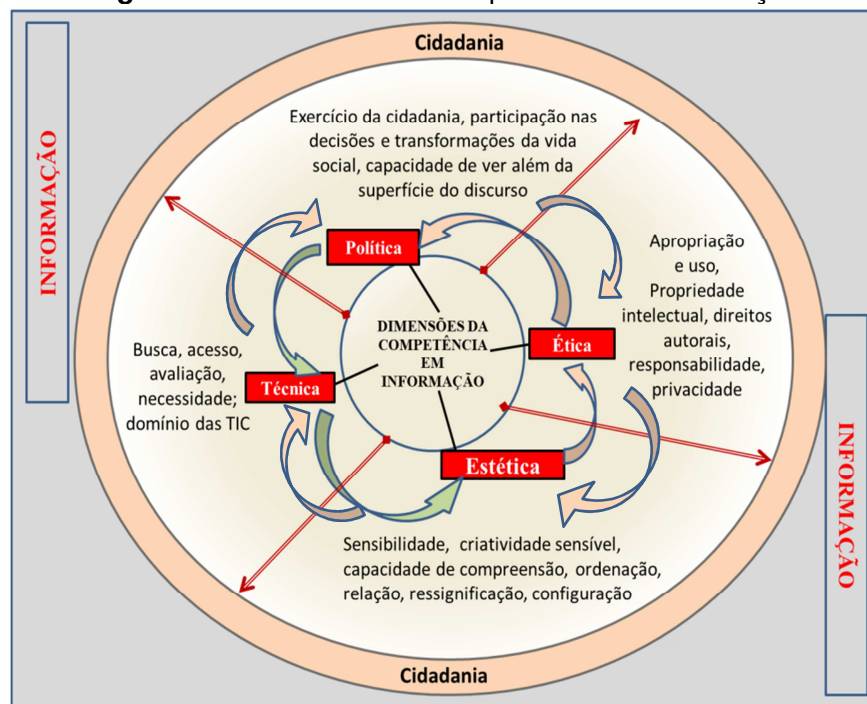
A dimensão que “[...] se relaciona à orientação da ação, baseada nos princípios do respeito e da solidariedade, do convívio e da realização de um bem coletivo” é a dimensão ética, segundo Farias e Vitorino (2009). Para Corrêa e Castro Junior (2019) essa dimensão é aquela que diz respeito ao caráter crítico que deve fazer parte da competência em informação. Sobre ética, Vitorino e Piantola (2011) consideram que ela pressupõe um juízo crítico e se relaciona à noção de autonomia, na medida em que o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências, não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo. Dessa forma, esse caráter crítico atribuído à ética está no cerne da ideia de competência em informação e praticar o comportamento ético em relação à informação significa utilizá-la de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum. Nesse sentido, a dimensão ética refere-se também à apropriação e ao uso da informação, o que inclui questões atuais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória do mundo. Ao relacionar a integração do princípio ético às demais dimensões, Vitorino e Piantola (2019) comentam que o domínio da técnica, por exemplo, demanda escolhas e apresenta exigências de caráter social, as quais terão implicações éticas. “A dimensão ética da competência em informação diz respeito à ação humana, com base em princípios para a orientação da boa conduta dos indivíduos [...]”, asseveram Pellegrini e Vitorino (2020, p. 150). Para as autoras essa dimensão perpassa as demais dimensões por nortear a ação, o fazer profissional e refere-se ao uso ético da informação aos princípios éticos: respeito, justiça, solidariedade, compromisso; e, à reflexão crítica, visando ao bem comum dos indivíduos e à felicidade.

No que “[...] diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício dos direitos e deveres” está a dimensão política (FARIAS; VITORINO, 2009, p.8-9). Essa dimensão, segundo Vitorino e Piantola (2011), tem importância significativa à competência em informação na medida em que contribui para a inserção dos cidadãos nas decisões e nas transformações referentes à vida social, na administração do seu próprio trajeto histórico, mudando a natureza e as relações sociais, ou seja, para o exercício da cidadania, e para a participação do homem em

sociedade (CORRÊA; CASTRO JUNIOR (2018). Segundo De Lucca e Vitorino (2020, p.203) “A dimensão política compreende um homem como um ser social, um ser que participa de um ambiente onde constrói as relações num processo dinâmico de interações. Nesse sentido, as autoras defendem que os aspectos que “emergiram” das reflexões e dão base para a compreensão da dimensão política da competência em informação são: a cidadania, a liberdade e as relações em sociedade.

A figura a seguir apresenta uma síntese dos principais aspectos que norteiam o conjunto de dimensões da Colnfo.

Figura 1 – Dimensões da competência em informação



Fonte: dados da pesquisa (2021)

A figura 1 demonstra que, em um movimento complementar e cíclico as dimensões técnica, estética, política e ética, juntas, possibilitam ao indivíduo alcançar a competência diante das suas necessidades informacionais. A partir do momento em que ele se apropria de informações presentes, por vezes até abundantes (demonstrada pela área na cor cinza) os sujeitos demandam desenvolver e colocar em prática as atitudes, os comportamentos e as habilidades que os conduzam ao ótimo uso e domínio desse insumo para o alcance do exercício da cidadania (demonstrada pelo círculo na cor laranja claro que envolve as dimensões, como um “cinturão”).

As ações que representam as dimensões (demonstradas nos “gomos” da figura 1) atuam em conjunto e em harmonia. A dimensão técnica costuma ser a primeira (não sendo isso uma regra) a ser despertada nesse processo. Ela permite que, por intermédio dos instrumentos tecnológicos, o sujeito busque, acesse e avalie a informação. A ação de avaliar a informação depende e funciona em conjunto com a dimensão estética, pois ela conduz o sujeito, dentro da sua experiência sensível, crítica e criativa, compreendê-la e avaliá-la. Por fim, ressignificá-la no contexto informacional, dando a ela sentido e gerando conhecimento. Em seguida, estando ou não no âmbito coletivo o sujeito tenderá, a partir dessa avaliação feita, pensar eticamente a respeito da sua responsabilidade perante essa informação/conhecimento, permitindo a ele, ainda no contexto social, transformar a sua realidade por intermédio da dimensão política da competência. Em resumo, as dimensões da competência atuando juntas capacitam o indivíduo no cenário informacional, fundamentando sua tomada de decisão desde o conhecimento gerado e oportunizando a ele uma atuação (individual e/ou coletiva) autônoma, protagonista, com qualidade de vida e liberdade.

Assim, analisadas as concepções que norteiam a ColInfo e todas as suas dimensões é pertinente considerar que “[...] a Filosofia, a Sociologia e a Educação são, juntas, áreas que devem ser estudadas em associação à Ciência da Informação para a compreensão adequada da competência em informação” (VITORINO; PIANTOLA, 2019, p. 23). A partir desse princípio considera-se que não são somente os profissionais da CI que apresentam condições de atuar sob as perspectivas da ColInfo, mas sim, todo e qualquer profissional que manuseie informação como geradora de conhecimento.

Segundo Dudziak (2008) o que se observava em 2008, é que do ponto de vista nacional, enquanto prática, a ColInfo precisava ser disseminada primariamente entre os profissionais da informação, para que, a partir disso, pudesse atingir as práticas sociais, educacionais e de trabalho. Desde então, a ColInfo é uma temática que tem mobilizado profissionais os mais variados: bibliotecários, professores, administradores, educadores, pedagogos, jornalistas, políticos, médicos, engenheiros *etc.* e permeia todo e qualquer processo de aprendizado, investigação, criação, resolução de problemas e tomada de decisão (DUDZIAK, 2008).

[...] a competência informacional e o aprendizado ao longo da vida são os faróis da Sociedade da Informação, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade. A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida (IFLA, 2005, p.1).

Nesse sentido, englobam-se as perspectivas que relacionam diretamente a ColInfo à educação e à pedagogia em um percurso que a remete como ferramenta de reflexão, emancipação e autonomia dos indivíduos aprendizes. Essa relação passa a ser tratada mais profundamente no próximo item.

4 A INSERÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO: O EXERCÍCIO DOCENTE NO CONTEXTO DO ENSINO DO SUJEITO IDOSO

Países desenvolvidos têm como um dos maiores sustentáculos a excelência nos seus padrões educacionais. Ao se desvaler uma nação dos níveis altos em seus índices qualitativos da educação, se condena àquele país a todas as diferentes agruras que a ausência do conhecimento pode causar. A educação é propulsora do individual e do coletivo, da criança e do idoso, do bairro ou da grande metrópole.

Freire (1979, 2002) considera que o objetivo geral da educação é educar as pessoas para a vida tornando-as cidadãs conscientes, assim sendo, o ensino e o aprender não é responsabilidade única da escola, mas dos diferentes setores que perpassam a trajetória de vida do indivíduo. Segundo Belluzzo (2004, p.21) “Duas coisas precisam caminhar juntas em relação à educação: melhoria pedagógica e compromisso social”. A autora prossegue afirmando que “A educação só consegue alcançar resultados esperados quanto se preocupa com: a geração de experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidades para saber ‘acessar’ fonte de informação”. Para Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018, p.29) “A educação é uma maneira de emancipação intelectual, pois faz com que o indivíduo desenvolva suas capacidades cognitivas, motoras e emocionais”.

No início do século XXI Takahashi (2000) já apontava que a educação na sociedade da informação significava mais do que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação. Tratava-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que permitissem a atuação efetiva no protagonismo, na produção de bens e serviços, nas tomadas de decisões fundamentadas no conhecimento. O foco centrar-se-ia no “aprender a aprender”, de modo que os cidadãos fossem capazes de lidar eficaz e efetivamente com o conhecimento na contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

No cenário nacional, a educação sempre foi pauta de discussão, porém nunca em sua história alcançou patamares que dessem ao país uma distinta posição, proporcional ao seu porte geográfico, populacional e econômico.

Ponderemos os desafios enfrentados por todas as nações, inclusive o Brasil: a busca por um desenvolvimento pleno; a necessidade de se construir uma sociedade equânime e inclusiva; a priorização do acesso democrático à informação, baseada em uma educação que conduz à formação de indivíduos emancipados; o direito à comunicação e ao exercício integral da cidadania; a busca pelo desenvolvimento sustentável como fator de promoção da qualidade de vida das populações, o avanço econômico e a preservação do meio ambiente (DUDZIAK, 2008, p.42).

Ribeiro e Gasque (2015) afirmam que a educação até se encontra em processo de transformação, mas o ritmo da mudança parece ser mais lento do que as demandas da sociedade, que conectada em rede e potencializada pelas tecnologias da informação e da comunicação, coloca em circulação um volume de informação jamais visto antes na história da humanidade.

Oliveira e Paiva (2017, p.25) afirmam que “O debate sobre a educação no Brasil sempre apresentou grande relevância, dado o papel que ela representa e as esperanças e paixões que desperta quando se discute o futuro nacional”. Para os autores (p. 20) “No decorrer da história, o processo educativo tem sofrido inúmeras transformações, evoluções, crises, reinvenções e discussões”. Segundo os pesquisadores, essas transformações ocorrem frente ao crescimento de novas tecnologias como a internet, e as ferramentas que ela possibilita: enciclopédias *online*, redes sociais, fóruns, ferramentas de compartilhamento de vídeos, imagens e textos, dentre tantas outras que surgem a cada dia. Essas ferramentas trazem mudanças culturais na forma de ler, aprender e ver o mundo. As informações estão disponíveis o tempo todo, em todo lugar e em escala massiva, acessíveis a todos que possam dispor de acesso às diversas mídias existentes. Dessa forma, surgem, na contemporaneidade, diversas iniciativas para a recuperação e adaptação ao processo educacional diante dessa nova realidade, na tentativa de manter e fortalecer esse espaço de formação por excelência.

Sob reflexão similar, Benedito e Castro Filho (2020) afirmam que a contemporaneidade é marcada por transformações e inovações. Consideram esses autores que nas últimas décadas foi possível perceber um *boom* exponencial no desenvolvimento e aperfeiçoamento de produtos tecnológicos e serviços digitais, ofertados e estrategicamente “desenhados” para todos os níveis sociais. Dessa forma, o acesso à internet e a velocidade com que os meios de comunicação atingem seu público-alvo possibilitaram um alcance maior à informação e um

aumento considerável no consumo de conteúdos digitais, principalmente aqueles disseminados no nicho das redes sociais, e tais mudanças geraram profundas transformações no *modus operandi* de fazer educação no país.

Já para Ferreira e Mourão (2020) esse conjunto de mudanças tecnológicas resultou em novas formas de aprendizagem, com recursos inovados com as TIC, as quais incrementam a capacidade de comunicação humana, provocando também uma reorganização dos hábitos de socialização, quer seja para jovens estudantes, quer seja para pessoas mais velhas. As autoras afirmam que esse cenário contribui também para uma revisão nas políticas educacionais e tem reconfigurado e provocado a necessidade de uma reformulação dos pressupostos e modelos mentais voltados aos processos de aprender, agir e atuar profissionalmente.

Ressaltam-se ainda, nessa conjuntura educacional, algumas das demandas propostas pelo 4º ODS da ONU (2015) que tem como alvo: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Esse objetivo dispõe em suas sete metas (e submetas), as quais se relacionam à população adulta, e que demandam, até 2030: - assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade; - aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo; - proporção de jovens e adultos com habilidades em tecnologias de informação e comunicação, por tipo de habilidade; - eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis; - garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática; - garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável; - grau em que a: (i) a educação para a cidadania global e (ii) a educação para o desenvolvimento sustentável são

integradas nas (a) políticas nacionais de educação; (b) currículos escolares; (c) formação de professores; e (d) avaliação de estudantes.

Nessa perspectiva, há uma emergência constante gerada pelos grupos sociais envolvidos nesse cenário. Varela e Barbosa (2012) consideram que cabe à educação responder às demandas da complexa sociedade da informação, dar respostas a um projeto educativo para a comunidade e para a vida cotidiana, a um significado e sentido partilhados, ao fortalecimento do processo ensino-aprendizagem, ao desejo de participação e desenvolvimento do aluno e da comunidade.

Os ambientes de aprendizagem, para além dos investimentos governamentais e de facilidade de acesso e manutenção pedagógica, necessitam passar por ações de promoção e inovação dos processos pedagógicos. Segundo Ribeiro e Gasque (2015) tudo isso implica em mudança de postura no processo de ensino-aprendizagem, o qual envolve atitudes e habilidades sociais amparadas na colaboração e nas habilidades de trabalho em rede. As autoras acreditam que o uso adequado dos recursos e das tecnologias digitais pode possibilitar aumento da confiança, do engajamento e de ideias que motivem alunos e docentes a serem agentes de mudança nesse novo contexto. Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018, p.25) salientam que

[...] a educação precisa proporcionar saberes capazes de promover a evolução do sujeito a fim de que este adquira competências necessárias para seu desenvolvimento tanto cognitivo quanto comportamental no meio em que está inserido, quer seja no âmbito social, profissional ou escolar.

Esse desafio pedagógico demanda instrumentos que auxiliem, contribuam e apoiem os educadores, e dessa forma também venham potencializar e dar suporte às teorias e práticas de ensino. Segundo Farias e Vitorino (2009) a educação tem absorvido, ao longo dos anos - embora com cautela - tendências conceituais, e a noção de competência é uma delas. As autoras lembram que Rios (2006) deixa evidente que o termo “competência” tem sido modificado ao longo do tempo, principalmente quando faz referência à educação.

O termo competência remete às ações voltadas para realizar algo. Ou seja, é a mobilização da capacidade, da habilidade, da atitude, da condição e do conhecimento para se desempenhar alguma atividade (BRASIL, 2002;

PERRENOUD, 2000). Já “A informação constitui-se o componente primordial do conhecimento (RIBEIRO; GASQUE, 2015, p. 204). “Ao se unirem os termos ‘competência’ e ‘informação’, por exemplo, há o surgimento de uma expressão que resguarda uma série de dimensões e perspectivas: competência em informação ou *information literacy* (VITORINO; PIANTOLA, 2019, p. 29-30). Nesse contexto, salienta-se a importância de produzir no indivíduo a condição de torná-lo um aprendiz permanente de processos e essa é uma das ações mobilizadoras relativas às habilidades, comportamentos, atitudes e conhecimentos preconizados pela competência em informação. Em seus estudos sobre a evolução da *Information Literacy* (IL), Dudziak (2003) assegura que foi com a monografia de Carol Kuhlthau, em 1987, que a ColInfo teve suas bases voltadas também para o cenário educacional. A autora a relacionou a dois eixos fundamentais: a sua integração ao currículo e ao amplo acesso aos recursos informacionais, a partir da apropriação das tecnologias de informação, as quais, então, permitiam aos estudantes buscar as informações mais apropriadas ao seu aprendizado. Estando em integração aos currículos, a IL passa a se harmonizar com o universo do aprendiz. Para Belluzzo (2004) a ColInfo foi fruto da associação de dois termos: *information* e *literacy* e representava um neologismo que vinha surgindo cada vez mais na área da Educação e em CI, dependendo, portanto, da sua mediação.

Outra autora que discutiu a competência em informação nos cenários educacionais de forma pioneira foi Bernadete Campello. Em seus estudos a pesquisadora (2003, 2006) defende a ColInfo como parte do letramento, ou seja, estabelece que o desenvolvimento das habilidades informacionais se daria no bojo das suas práticas, constituindo a base de políticas de ação pedagógica, e, que isso teria se dado por ter sido antecedida pela educação e estudos de usuários no contexto bibliotecário. Especificamente aqueles estudos de usuários que buscavam entender o processo de aprendizagem baseada na busca e no uso da informação. Para Campello (2003) a competência em informação teve influência marcante dos aspectos que a associam à teoria construtivista da aprendizagem com ações no âmbito do espaço bibliotecário nas instituições escolares. Os documentos institucionais sobre competência em informação - à época dos anos 1950 nos Estados Unidos - mencionam à exaustão as habilidades que consideram essenciais para se sobreviver na sociedade da informação: habilidade de solucionar problemas, de aprender independentemente, de aprender ao longo de

toda a vida, de aprender a aprender, de questionamento e de pensamento lógico, colocando-as na categoria de habilidades cognitivas de ordem superior ou de pensamento crítico (CAMPELLO, 2003).

“A consistência das teorias pedagógicas no discurso da competência informacional vai ocorrendo à medida que o movimento amadurece” (CAMPELLO, 2003, p.34) e, em anos posteriores Dudziak (2008) define a ColInfo como um modo de aprender e enfatiza a noção de processo cognitivo. Assim, essa autora afirmou que os estudos sobre a área avançaram em direção a um entendimento mais dinâmico e complexo, que a colocam voltada ao pleno desenvolvimento do indivíduo alfabetizado. Nesse mesmo período a pesquisadora comenta, no documento “Os Faróis da Sociedade da Informação”, que foram definidos eixos temáticos para: a) a competência em informação para o desenvolvimento econômico, b) a competência em informação para a saúde e serviços, c) para a governança e cidadania, e d) a competência em informação para o aprendizado e a educação.

Segundo Dudziak, o eixo do aprendizado e educação recomendou a preparação de educadores e o desenvolvimento de profissionais especializados em ColInfo para potencialização do aprendizado por meio de materiais de apoio e modelos. Também propôs que as pesquisas e investigações fossem feitas em cooperação interinstitucional como a Unesco e a IFLA, por exemplo, e fossem encorajadas a longo prazo para a verificação de resultados obtidos de práticas de aprendizado e educação voltadas à competência em informação. Outra sugestão se refere à execução de práticas pedagógicas ativas e voltadas ao aprendizado participativo de grupos específicos (mulheres, grupos especiais, comunidades indígenas, prisioneiros e migrantes) para o cultivo de hábitos como generosidade, responsabilidade social e respeito. Por fim, o eixo para o aprendizado e educação aconselha também que os ambientes educacionais devem ser estimulantes, com infraestrutura para a disseminação da cultura da informação e que a competência em informação deve ser medida educacionalmente por meio do desenvolvimento de padrões de avaliação e crédito voltados a resultados (DUDZIAK, 2008).

Os estudos de Kelley Cristine Dias Gasque (2013) sobre Letramento Informacional (LI)¹⁹ caminham sob o mesmo direcionamento, associando as

¹⁹ Para Gasque (2013), embora existam diferenças entre os conceitos de competência informacional, letramento informacional, habilidades e alfabetização informacional esses conceitos estão inter-relacionados. A autora considera o letramento informacional um processo de aprendizagem a ser

questões da ColInfo às da aprendizagem e da educação. Para a autora, as disciplinas que mais contribuem para o seu desenvolvimento são a educação, a psicologia, o comportamento informacional humano e a metodologia científica. Gasque (2013) afirma que, no Brasil, desde o ano de 2000 quando os estudos na área se iniciaram, até o ano de 2013, já havia ocorrido uma grande expansão, e, entre as pesquisas empreendidas na área de LI, a de “[...] identificar o potencial do processo na aprendizagem [...]” era um fator de interesse das instituições acadêmicas e dos professores, por exemplo. Nesse sentido, sendo o letramento um processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida, ele propicia às pessoas capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável. Gasque (2013) reiterou à época que, no que se referia à implantação dos programas de LI nas instituições educacionais, os temas emergentes eram a formação de professores e bibliotecários, o aprofundamento das questões relacionadas ao ensino-aprendizagem e aos processos psicopedagógicos e didáticos, o desenvolvimento de materiais de ensino e objetos de aprendizagem, dentre outros. A autora finaliza considerando que os indivíduos letrados dominam estratégias de buscas e usos da informação mais eficaz e eficientes, bem como possuem postura mais crítica e reflexiva nas e sobre as atividades de LI. Tais competências podem gerar sentimentos de segurança, otimismo, confiança e contribuir para promoção de atitudes autônomas e proativas (GASQUE, 2013).

Miranda e Alcará (2019, p.15) asseguram que “É fato que as habilidades informacionais para a competência em informação devem ser desenvolvidas em todos os ambientes de inserção e atuação do sujeito, mas é na educação e por meio dela que estas possuem maior potencial de ampliação”. Assim, estando esse indivíduo inserido em um ambiente favorável, no qual há uma preocupação com a educação, o desenvolvimento dessas habilidades torna-se possível e, por meio delas, a competência acontece (ORELO; VITORINO, 2012).

Dessa forma, a ColInfo carrega a perspectiva de uma educação mais autônoma e formativa, na medida em que o indivíduo competente em informação é mais crítico e reflexivo diante do grande arsenal de informações que o rodeia.

Vitorino e Piantola (2009) lembram que a noção de competência em informação, no caso, crítica, encontra um espaço promissor de atuação, pois contribui para a promoção de uma educação emancipatória e libertadora. Para as autoras, essa criticidade em torno da educação para a ColInfo deve ser mais amplamente entendida como uma ‘arte’ que vai desde saber como usar os computadores até a reflexão sobre o contexto e impacto social, cultural e filosófico da informação.

Modernamente, a *The Library and Information Association* do Reino Unido (CILIP) elaborou um documento²⁰ com as novas concepções da competência em informação, e, abordou justamente a inserção da educação no âmbito das discussões da ColInfo. Nele, a CILIP elenca contextos em que a competência em informação pode se manifestar, e apresentou algumas situações em que é possível observar o seu desenvolvimento. Os principais contextos elencados são: rotina do dia a dia, cidadania, educação, trabalho e saúde (CILIP, 2018). Nesse contexto, para a CILIP a ColInfo permite que os sujeitos se envolvam em um aprendizado profundo, percebendo relações entre ideias e formulando questionamentos inovadores do pensamento (“como”, “por que”, “para que”). Estimula a reflexão crítica e a aquisição de conhecimento. Os envolvidos no processo de competência em informação aprendem ativa e criticamente, questionam fonte, grau de autoridade e fidedignidade da informação. Esse comportamento do sujeito competente é essencial não só para resolver problemas mas para a estruturação de questões, situações e soluções inovadoras (CILIP, 2018).

Miranda e Alcará (2019) afirmam que o processo de formação de habilidades para a ColInfo não é necessário apenas no contexto acadêmico. As autoras defendem que o indivíduo que tenha essas habilidades desenvolvidas estará apto para se posicionar como cidadão diante do mundo, buscando e utilizando a informação de forma crítica e consciente, consolidando assim seu papel social.

Essa reflexão se faz necessária considerando que na era da informação esse insumo é um, dentre os principais instrumentos mobilizadores da autonomia, do empoderamento, do protagonismo e do exercício da cidadania para o público idoso. Demo (1995) considera que o processo emancipatório alcançado com a cidadania é permeado por componentes como a educação e a informação e comunicação, entre outros aspectos.

²⁰ *Definition of Information Literacy 2018.*

Lau (2007, p.4) assegura que “O desenvolvimento da competência em informação deve ter um lugar durante toda a vida dos cidadãos e, especialmente, em seu período de educação”. Convergem ainda com essas concepções os pesquisadores Fazzioni, Vianna e Vitorino (2018, p.195), os quais afirmam que: “É plausível dizer que a competência em informação está intimamente ligada à educação. Tanto é que um dos seus significados mais recorrentes é o de aprender a aprender, do aprendizado ao longo da vida”.

Consoante a esse pensamento também se ressalta o que preconizam Orelo e Vitorino (2012, p.47), ao afirmarem que, “A Competência Informacional possui como elemento essencial a *educação para toda a vida*, ou seja, está intimamente vinculada à educação”. As autoras consideram que “O ‘aprender a aprender’ [...] é a essência para o desenvolvimento humano e permite que o cidadão adquira habilidades cognitivas, comece a pensar criticamente, o que, por sua vez, é fundamental para o exercício da cidadania”. Belluzzo, Santos e Almeida Junior (2014) ressaltam que essa construção do conhecimento crítico e reflexivo é viável por meio de ações de interferência mediadas pela competência em informação, as quais propiciam nas pessoas internalizar habilidades proativas para o acesso e uso da informação de forma inteligente na sociedade contemporânea.

Para Dudziak (2005) desenvolver projetos pedagógicos voltados para a competência em informação requer repensar crenças, práticas e então partir para a ação. Em estudo posterior, Dudziak (2008, p.50) ressaltou a abordagem dada pelos especialistas de que a ColInfo era “[...] factível em sociedades mais homogêneas, cujo patamar educacional permite que práticas ligadas à competência informacional possam ser apropriadas pelos docentes e demais profissionais da informação e disseminadas entre os aprendizes e educandos”. A autora ressaltava, ainda, que desde àquele período era necessário que, a partir da apreensão do conceito da ColInfo enquanto prática originariamente pelos profissionais da informação, as suas abordagens passassem então, a atingir as práticas sociais, educacionais e de trabalho.

Para Municio (2003) as novas tendências educacionais mudarão o foco dos saberes, habilidades e atitudes para os componentes cognitivos que apreendem atitudes, valores, hábitos, relações e motivação. Será necessária a modificação de abordagens docentes, reposicionando e ressignificando o seu lugar como educador, o qual passa a ter um papel de orientador da aprendizagem e, não mais, de detentor

dos saberes. Assim, surge ampla discussão a respeito da necessidade de se repensar as práticas educacionais, com propostas pautadas pela aquisição de competências-chave – cognitivas, pessoais e sociais – para atuar na era de informação (DINIZ; GOERGEN, 2019; VEEN; VRAKING, 2009).

Nessa concepção, acredita-se, como Farias e Vitorino (2009) comentam, que a sociedade da informação transformou a atuação de todos os atores sociais nela inseridos, fazendo surgir novas formas de se pensar e de se relacionar com a realidade, levando os profissionais de todas as áreas a refletir sobre suas atribuições, habilidades e responsabilidades.

É a partir dessas discussões e perspectivas - levantadas acerca da aprendizagem ao longo da vida e do aprender a aprender - que se adentra no exercício individual do profissional que tem como responsabilidade atender a essas demandas: o docente - e sua atuação no âmbito do ensino do sujeito idoso.

4.1 A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE IDOSOS SOB A PERSPECTIVA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Já foi mencionado anteriormente que, o público-alvo investigado nesta pesquisa de tese compreende principalmente os agentes educacionais da Unati/Unicentro. Dessa forma, buscou-se refletir acerca das habilidades, dos comportamentos e das atitudes que esses profissionais demandam possuir ou desenvolver, no âmbito da sua formação docente, da pedagogia e notadamente da ColInfo e suas dimensões, para atuar nos processos educacionais desse programa de extensão.

Sob esse enfoque, salienta-se ser necessário antes discutir os aspectos que norteiam a atuação docente frente aos desafios imediatamente comentados na seção anterior, os quais discutiram as demandas das novas tendências educacionais no contexto da sociedade da informação.

Belluzzo (2004) considera que é preciso substituir a pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados por uma pedagogia da pergunta, do melhoramento dessa pergunta e do acesso às informações. A educação ativa e as aprendizagens significativas são a pauta das demandas da nova visão ou paradigma inovador no qual o professor compreenda o contexto em que ensina, a quem ensina

(estudantes), como se ensina e que se reconheça e sinta-se compelido a aprofundar e ampliar suas competências profissionais e pessoais (JUNGES; BEHRENS, 2015).

Considerando o cenário educacional brasileiro, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica definem para os professores, por exemplo, que:

Novos desafios se colocam também para a função docente diante do aumento das informações nas sociedades contemporâneas e da mudança da sua natureza. Mesmo quando experiente, o professor muitas vezes terá que se colocar na situação de aprendiz e buscar junto com os alunos as respostas para as questões suscitadas. Seu papel de orientador da pesquisa e da aprendizagem sobrepõe, assim, o de mero transmissor de conteúdos (BRASIL, 2013, p.111).

Este educador tem então o papel de reinventar a sua atuação frente aos desafios dinâmicos da era da informação. Nos conteúdos e pressupostos para um ensino de qualidade social, dispostos naquelas mesmas Diretrizes, há uma menção sobre a nova demanda educacional nacional:

Uma consequência imediata da sociedade de informação é que a sobrevivência nesse ambiente requer o aprendizado contínuo ao longo de toda a vida. Esse novo modo de ser requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo (BRASIL, 2013, p.165).

Assim, o professor deve proporcionar aos seus educandos uma formação que lhes permita, além da assimilação dos saberes, o desenvolvimento da “[...] capacidade crítica, criativa, transformadora e autônoma” (RODRIGUES, 2003, p.366), bem como formação sólida, ética e solidária, articulada com políticas públicas de inclusão e resgate social (VASCONCELLOS; SORDI, 2016).

Para Gonçalves (2015), o profissional docente do século XXI requer a construção de uma identidade que não seja concebida como imutável, mas sim como capaz de realizar leituras aprofundadas sobre o fenômeno educacional. Também considera que a formação docente deve proporcionar o questionamento acerca de suas próprias práticas, se entendendo como sujeitos capazes de gerar conhecimentos, e de valorizar aqueles saberes desenvolvidos por outros. A mesma concepção é defendida por Ribeiro e Gasque (2015) ao considerarem que ser um aprendiz vitalício e independente são premissas dos princípios da aprendizagem contemporânea e por isso o papel docente, bem como sua formação torna-se

essencial para preparar cidadãos para atuarem de maneira responsável, ética e cidadã na sociedade em rede.

Dessa maneira considera-se que é preciso impulso dos educadores para enfrentamento da nova realidade, assim como o desenvolvimento de novas aptidões para lidar com o público aprendiz. Configura-se a importância da sua capacitação voltada para o desenvolvimento das competências necessárias nesse contexto.

Tratando-se dessa capacitação, ressaltam-se os estudos de Farias e Vitorino (2009) acerca da “pedagogia das competências” defendida por Rios: “A qualidade que se revela no trabalho competente aponta para novas dimensões aí presentes” (RIOS, 2010, p.21). A autora acrescenta que, “Em toda ação docente, encontram-se uma dimensão técnica, uma dimensão política, uma dimensão estética e uma dimensão moral” (RIOS, 2010, p.93).

Essas quatro dimensões, de acordo com o que já foi explicitado, são a essência da investigação de Rios no âmbito da docência e, foram teorizadas para o movimento da competência em informação por Vitorino e Piantola (2009, 2011). Assim, a ColInfo se manifesta e se desenvolve por meio dessas dimensões, as quais, estando presentes e em harmonia tanto na competência, quanto na informação, conferem equilíbrio e tendem a favorecer o seu desenvolvimento (VITORINO; DE LUCCA, 2020), conforme ressaltado anteriormente. Dessa forma, a ação docente é permeada por esse cenário dimensional envolvendo, ao mesmo tempo, os aspectos da pedagogia das competências docentes e da competência em informação.

A ampliação das competências é tema recorrente na área pedagógica. Pimenta (2001, p.12) salienta que “a docência constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social”. À vista disso, considera-se que o mais importante grupo social nesse contexto da pedagogia das competências é o dos agentes educacionais. É sobre esse grupo que recai fundamental parcela de responsabilidade nessas demandas. Aos educadores, professores, agentes de ensino, pedagogos, didatas, mestres e formadores é colocada a responsabilidade de se manterem dinâmicos e perceptivos, perseguidores diários de novas formas de promoverem seus conhecimentos, manterem a sua formação pedagógica ativa e encontrarem meios de despertar o desejo de aprender em todos àqueles que ocupam as cadeiras da escola ou de qualquer outro ambiente de aprendizagem.

Rios (2010) postula que a competência é o *saber fazer bem* o que é necessário e desejável no espaço da profissão docente, e, que isso só terá

significação de verdade se for um trabalho que faz bem do ponto de vista *técnico-estético* e do ponto de vista *ético-político*, a si próprio e aqueles a quem é dirigido. Nesse contexto é que se pode perceber a conexão estreita entre as dimensões técnica, política, ética e estética da atividade docente. Por esse prisma se observa, por exemplo, a dimensão técnica atuar tanto na competência docente quanto na competência em informação ao se vincular à ação e nas habilidades desenvolvidas para encontrar, avaliar e usar a informação de que se precisa por intermédio e domínio das tecnologias. Já a dimensão estética se percebe pela capacidade sensível e criativa de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação. Por consequência, a dimensão ética vai se relacionar ao uso responsável dessa informação. E, por fim, a dimensão política se manifesta na competência docente e na informação ao se contemplar o exercício da cidadania pela participação das pessoas nas decisões e nas transformações referentes à vida social (VITORINO; DE LUCCA, 2020).

Adota-se, dessa maneira, que todas essas colocações posicionam a ColInfo, na perspectiva educacional, como instrumento de construção de conhecimento crítico, reflexivo e de apropriação cultural para todos os públicos, mas tendo especificamente uma força adicional para o desenvolvimento de públicos vulneráveis como o dos idosos.

Gonçalves (2015, p.8) afirma em sua publicação sobre “Aprendizagem e Construção dos Saberes Docentes na prática de educação com Idosos” que

Estudos e pesquisas a respeito da formação docente, sobre os mais variados aspectos, têm assumido grande importância na literatura educacional, especialmente em contextos não formais de educação, como alguns casos de trabalho com idosos. Acredita-se que ensinar não é somente transferir conhecimento, pois o processo de aprendizagem surge, também, da capacidade que o ser humano tem de se desenvolver e compartilhar experiências que por sua vez, se constituem em saberes. No contexto de educação, abordar a formação profissional do docente sugere compreender seu processo de aprendizagem, que implica um exercício contínuo em sua prática profissional.

Segundo Müller (1989), ao professor cabe a preocupação não de fornecer informação propriamente dita, mas orientar pessoas na aquisição de conhecimentos e prepará-las para que possam sozinhas, buscar informações sempre que precisarem. Dessa forma entende-se que, entre todos os demais papéis que lhe são

atribuídos nesse contexto, ao professor cabe “unir os elementos”, em um processo de mediação entre a informação e o sujeito. Para Calheira (2021, p.14) “Essa característica de “unir elementos” faz a mediação ser adotada em várias áreas do conhecimento, como a Religião, a Filosofia, a Psicologia, o Direito, a Educação, entre outras [...]”. As diferentes formas de mediação e os públicos distintos que ela pode alcançar possibilitam o acesso à informação e modificam o contexto social (CALHEIRA, 2021). Nessa perspectiva, defende-se a mediação também no movimento da ColInfo.

Belluzzo (2004) defende que, como o ato de ensinar pressupõe o conhecimento por parte daquele que ensina, isso transforma o acesso e uso da informação uma necessidade intrínseca. Gonçalves (2015, p.16) ressalta que a “A literatura científica indica que ensinar e aprender são processos concomitantes e indissociáveis, pois, ao realizar um, o outro também é realizado”. Assim, “Para que o processo de mediação da informação tenha um resultado efetivo, deve ter o objetivo de apoiar o sujeito para que se aproprie dela” (CALHEIRA, 2021, p.16). Nesse sentido, “Quem ensina tem que gostar de pessoas e deve manter um clima desafiante e motivador, incentivando o aprendiz aqueles para os quais ensina [...]” (GONÇALVES, 2015, p.16). Por esse prisma, os docentes, de algum modo, passam a ser os agentes responsáveis nesses contextos de aprendizagem na terceira idade.

Toda essa conjuntura leva a crer que os docentes, dentro da sua essencial atuação, devem refletir e ser instigados nas questões que associam suas práticas pedagógicas à aplicação da ColInfo e suas dimensões na perspectiva social da Ciência da Informação.

Advoga-se por fim que, em sua atuação docente, os agentes educacionais estão compreendidos entre os principais mediadores no desenvolvimento dessas habilidades junto ao público da Unati. Serão eles que consolidarão naqueles idosos uma cultura de aprendizagem contínua, que lhes proporcione o prazer pelo conhecimento e, conseqüentemente, uma evolução cognitiva e um bem estar social (ORELO; VITORINO, 2012).

Há que se ressaltar que o papel do mediador é o de contribuir para o acesso, o uso e a apropriação da informação, independentemente do método em que ela se apresente. Essa possibilidade de auxiliar o acesso à informação desejada não pode ser neutra, porque as ações

adotadas no processo de mediação, como o ambiente informacional utilizado, os materiais adotados e, até, a interação entre os sujeitos colaboraram com esse processo. A partir dessas interferências realizadas pelo mediador, será possível haver interação, o que conduz à apropriação e ao desenvolvimento cognitivo do sujeito (CALHEIRA, 2021, p.16).

Do mesmo modo, esses educadores, por meio da execução de seu ofício estarão inculcando a construção da cidadania nos idosos aprendizes a partir do acesso material deles à informação, pela interpretação da realidade e pela construção de significados que eles desenvolverão (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Assim, acredita-se também que a interdisciplinaridade, tão intensa nessa conjuntura, pode contribuir para o melhoramento dos indivíduos e da sociedade, num constante ciclo de crescimento e desenvolvimento dos sujeitos. É nesse sentido que essa investigação busca refletir e trazer respostas a mais essa demanda tão desafiadora da convivência humana na atual sociedade.

5 O SUJEITO IDOSO E A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE

Descritos os desafios globais colocados pela sociedade da informação e pela sociedade do conhecimento às nações, torna-se imperativo refletir sobre os aspectos que norteiam a educação para públicos vulneráveis e que ainda não tenham alcançado a equidade socioeconômica, educacional e pessoal necessárias para seu desenvolvimento pleno. É neste espaço de silenciamentos (FREIRE, 2002) que a luta social vai tecendo territorialidades novas, como formas de resistência para ocupação de espaços sociais negados.

Desse modo, as ciências têm papel preponderante nessa conjunção positiva de forças em busca da autonomia dos sujeitos que manuseiam dados informacionais e conhecimento na perspectiva social. Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018, p.25) afirmam que “Todos os cidadãos, inclusive aqueles em situações vulneráveis devem ter acesso a oportunidades para adquirir o aprendizado ao longo da vida e exercer seu papel social”. Nesse contexto de interação social, o acesso à informação funciona como inclusão do sujeito, portanto a compreende como promoção para o acesso e uso da informação (SILVA, 2017b).

Estudos na área da competência em informação de idosos são ainda incipientes, embora algumas produções importantes venham sendo produzidas nos últimos anos, a partir das demandas acadêmicas, também por intermédio do paradigma social da CI e, finalmente, pelas perspectivas que a ColInfo oferece.

Em investigação desenvolvida em meados de 2021 (publicada no ano de 2022)²¹ com o intuito justamente de, prover esta pesquisa com subsídios comprobatórios e, principalmente exploratórios, buscou-se conhecer o cenário de produções científicas e a disseminação de estudos, dos últimos cinco anos, acerca da competência em informação, no contexto do público idoso. Nele, verificou-se que as pesquisas nessa área têm alcançado uma pequena, porém constante visibilidade no panorama científico e que há uma prevalência de estudos que associam a ColInfo

²¹ GARDIN, D. A. O.; ALCARÁ, A. Competência em Informação e os Idosos: discussões científicas de 2016 a 2021. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [S. l.], v. 16, p. e02150, 2022. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02150. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12674>.

à utilização de ferramentas TIC e ao campo da literacia em saúde dos idosos. Para o seu desenvolvimento, o estudo mencionado teve como base metodológica uma consulta às bases de dados do Portal de Periódicos da Capes e do Google Acadêmico a qual resultou no levantamento de 22 trabalhos internacionais e nacionais, analisados sob as perspectivas da quantidade, abordagens, objetivos, palavras-chave, descritores e áreas de discussão, entre outras particularidades. O quadro 1 relaciona resumidamente esses achados.

Quadro 1 – Relação de publicações sobre ColInfo no contexto idoso

Tipo de publicação	Quantidade	Idiomas	Países de origem
Artigos	13	Português, Croata e Inglês	Brasil, Austrália, França, Japão e Croácia
Capítulo de livro	1	Português	Brasil
Dissertações	4	Português	Brasil e Portugal
Teses	4	Português	Brasil e Portugal

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

O resumo apresentado no quadro acima apresenta a tipificação dos trabalhos publicados, bem como suas quantidades dentro do recorte temporal estabelecido. Também busca apresentar os idiomas em que esses estudos foram publicados e seus países de origem.

Em sua maioria, os estudos levantados nessa investigação (pelo menos 15 deles), encontram-se dentro dos limites da CI, enquanto outros tratam a alfabetização, a literacia e/ou o letramento da informação/informacional na educação, na tecnologia e nas mídias. E, é nesse direcionamento que se percebem os temas que incluem o uso das ferramentas TIC pelos idosos. A maioria dos objetivos desses estudos contemplam, ainda, o uso desses instrumentos pelos sujeitos mais velhos, assim como aqueles que tratam das necessidades de informação (NI), entre outras abordagens nessa área. Finalmente, a análise realizada nos dados levantados demonstra que, nos últimos cinco anos, em nível nacional, os estudos que relacionam a ColInfo às demais áreas ficaram distribuídos entre os da tecnologia, mídia, informática e educação. Enquanto que, no exterior, a ColInfo tem mais espaço nos estudos que a relacionam aos aspectos dentro de sua grande área que é a CI, mas também se fazem presentes na Biblioteconomia, na Comunicação e na Sociologia.

No contexto científico nacional uma pesquisadora de destaque é Djuli Machado de Lucca²² que, em sua trajetória de pesquisa, tem incluído o sujeito idoso nas concepções que envolvem a competência em informação e suas dimensões, notadamente a dimensão política. Sua tese de doutorado aponta a proximidade da ColInfo do idoso com a saúde e qualidade de vida, e revela, enquanto elementos da dimensão política da competência em informação: a cidadania, o regime democrático, a busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, o aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, as habilidades sociopolíticas, a responsabilidade social e o pensamento crítico.

Nessa perspectiva, e, trazendo luz para o trajeto deste estudo, há duas vertentes que devem ser prévia e brevemente explicitadas à frente das demais discussões que vem sendo realizadas: Como se define e como se caracteriza um grupo de idosos em sua vulnerabilidade e; em que proporções numéricas se encontra essa massa populacional no âmbito nacional.

Em estudo recente, De Lucca (2019, p.72) considera que “O grupo de idosos é formado por aqueles indivíduos que cursam o período da velhice, e vivenciam os resultados do processo de envelhecimento, processo esse que é natural, involuntário e multidimensional”. A pesquisadora prossegue explicando que “Aos indivíduos que vivenciam o processo de envelhecimento, chamamos de velhos, idosos ou longevos”. Para Marques e Pachane (2010) “Apesar da relação com ‘idade avançada’, categorizar a velhice é uma atividade difícil, pois ela não consiste somente em um estado, mas sim em constante e sempre inacabado processo de subjetivação”. De Lucca (2019) reitera que são diversos os indicadores de envelhecimento, tais como o psicológico, o cronológico, o social *etc.* e que, portanto, é difícil a sua definição por meio de um único marcador. Porém, para a autora, um marcador determina formalmente a chegada à velhice que é comum para todos, ou, pelo menos para esse grupo de pessoas: a classificação etária estipulada por países desenvolvidos e em desenvolvimento. Dessa forma, neste estudo segue-se justamente esse entendimento.

Órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a

²² Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e Doutora em Ciência da Informação (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelecem orientações para a classificação etária do idoso no contexto das nações. Nesse sentido, consensualmente se estabeleceu que em países em desenvolvimento a faixa de idade limítrofe inicia aos 60 anos. Já para países desenvolvidos essa faixa é de 65 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, WHO, 2013). Carneiro (2018) explica que essa classificação foi escolhida levando-se em consideração que, nos países em desenvolvimento, é possível perceber a existência do envelhecimento precoce de sua população devido à baixa condição socioeconômica vivenciada pelas pessoas nesses lugares, se comparada à realidade de países mais ricos. Para essa autora, o envelhecimento é abordado como uma fase da vida das pessoas em que o desgaste físico e mental acarreta consequências diferentes, refletindo no contexto social em que cada indivíduo está inserido. Independentemente desse consenso, o que se ressalta é que os atributos do sujeito idoso demandam ações pessoais e sociais mais adequadas às suas especificidades.

Construir uma ideia sobre a velhice é um processo complexo, visto que como todas as outras categorias etárias, deve-se levar em consideração aspectos sociais e culturais. Desse modo, longe das pré-noções que o termo pode evocar, compreende-se aqui a velhice como uma categoria histórica e socialmente produzida, a qual adquire significados e compreensões distintas, de acordo com cada período histórico (CARNEIRO, 2018, p.18).

Para Silva (2017a), pode-se dizer que a velhice sempre existiu na história da humanidade, o que interferia (e interfere) em seu conceito e compreensão era a cultura, a época e o lugar de onde se falava sobre, isto é, um significante, assim como um sujeito, só tem significado quando inserido em um contexto. A partir desse pressuposto recupera-se a abordagem realizada por essa autora na qual ela faz uma retomada explicativa do contexto antropológico e histórico do sujeito idoso. A pesquisadora afirma que, dependendo do período, do contexto e da cultura, o tratamento para com a população idosa e o conceito de velhice se alterou ao longo dos anos:

No oriente, por exemplo, em especial na China, ser velho há muito tempo significa ser alguém munido de experiência, um referencial na família e sociedade. No ocidente, no entanto, o idoso já ocupou lugar de prestígio social bem como foi caracterizado como alguém dependente, sem expectativas e próximo da morte, sendo invisível

na sociedade. Os projetos de modernidade pautados na centralidade do trabalho e indústria rotularam o idoso – o “ser velho” – como um “peso social”, pois este não contribuía para a economia. Por não representarem um grupo expressivo na população e não terem o poder do consumo, não se discutia sobre idosos, envelhecimento e velhice. Contudo, atualmente o cenário é outro. O envelhecimento tem sido visto sob outra ótica, pois com o aumento expressivo em seu quantitativo, entre outros fatores principalmente no ocidente como, por exemplo, o potencial consumidor dos idosos e a agência dos atores que transformaram os longevos ao longo da história em mais que uma mudança demográfica, a velhice tornou-se uma questão pública e assunto científico, fazendo com que o idoso (re) ocupe um espaço social (SILVA, 2017a, p.39).

Almeida (2017) considera que o aumento no número da parcela idosa da população configura uma nova realidade, o que gera a necessidade de repensar, reelaborar e reestruturar a sociedade a partir da observação e da percepção dessa nova configuração social, da vivência, da inserção e da interação com todos os sujeitos desse novo mundo, com destaque para os idosos, compreendendo novos conceitos e as atuais concepções de velhice, de velho, de idoso e do próprio processo de envelhecimento. Para Ordonez e Cachioni (2009, p.75)

A velhice, aos poucos, passou a ser vista como um momento no qual se pode viver com prazer, satisfação, realização pessoal, de modo mais maduro e também produtivo. Com essa perspectiva, passaram a ser buscadas novas posturas de atendimento e de oferta de serviços e de atividades ao idoso, compatíveis com as novas imagens do envelhecimento.

Convergindo com essa perspectiva, Silva (2017a) considera que, da mesma maneira que a infância foi algo construído socialmente, a velhice também foi modificando o conceito conforme o tempo e os contextos e, apesar do percurso longo, pode-se dizer que um novo conceito de velhice vem se solidificando cada vez mais na sociedade, fato reforçado pelo progresso social, legal e o fenômeno do envelhecimento populacional. A autora destaca que: a) a mudança da composição etária da população mundial; b) o surgimento da Geriatria e da Gerontologia – que constituíram discurso científico do envelhecimento; – e a c) institucionalização da aposentadoria; foram os três fatores que contribuíram para a mudança de paradigma e um novo olhar para a velhice. Dessa forma, o envelhecer não é o final da linha no processo evolutivo do ser humano, mas uma fase da vida, na qual o idoso poderá

desfrutar de novas vivências e experiências, e isso ocorrerá a partir da visão de mundo do indivíduo e da sociedade que está inserido (SILVA, 2017b).

“No Brasil, o resgate do respeito ao idoso e a garantia do (re) posicionamento dele na sociedade acontece por meio do Estatuto do Idoso, criado em 2003. Indiscutivelmente uma conquista recente, do século XXI, mas que é resposta do contexto social vigente” (SILVA, 2017a, p.44). É importante ressaltar que o Estatuto Nacional do Idoso considera assim o indivíduo que tem idade igual ou superior a 60 anos; e se destaca o estabelecido em seu segundo artigo, o qual determina que o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa, assegurando-se a ele, por lei, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003). Caracterizadas as faixas etárias, contextualiza-se a condição desse grupo em termos estatísticos e numéricos.

Um estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) informou que no quarto trimestre de 2019 o número de idosos somou 34 milhões de pessoas, representando 16,2% da população do país. Desse contingente, 22,9% trabalhavam no final de 2019 e em 24,9% dos domicílios brasileiros há pessoas de 60 anos ou mais que contribuem com mais de 50% da renda domiciliar com aposentadorias, pensões, rendimento do trabalho ou de outro tipo (DIEESE, 2020).

Algumas pessoas até podem olhar com otimismo para as estatísticas brasileiras referentes à redução das taxas de natalidade e aumento da expectativa de vida, mas, quando analisadas as implicações deste fato, a preocupação ganha destaque. Estamos discutindo a situação de um país que segue envelhecendo em uma velocidade muito mais rápida do que a agilidade empregada para a criação de políticas públicas e/ou estratégias que dêem conta das demandas advindas de um país de velhos. (BOHM, 2016, p.14).

“A situação da pessoa idosa em nosso país, nas últimas décadas, tem sido algo amplamente discutido e analisado, no âmbito das diferentes ciências humanas, políticas e sociais e, ainda, na mídia e nas políticas governamentais” (ALMEIDA, 2013, p.16). Segundo Carneiro (2018) “Durante a década de 1960, a visibilidade social desses indivíduos aumentou consideravelmente, provocando mudanças nas formas de tratamento da velhice, tanto no campo profissional, como das pessoas de

uma maneira geral”. A autora explica que, ainda por volta da década de 1970, outro fator que cooperou com a mudança de olhar foi o protagonismo de vários grupos da sociedade civil entre eles os idosos, negros e mulheres. Esses movimentos resultaram no empoderamento dessas pessoas, a partir do momento em que elas passaram a lutar por objetivos comuns, protagonizando a cena social e política.

Para Carneiro (2018), a visão sobre velhice e a maneira de vivê-la mudou nos últimos 30 anos. A autora afirma que enquanto personagem marcante no cenário social, a figura do idoso aparece de forma bastante distinta quando comparada a períodos anteriores da história. De acordo com Peixoto (2007), a expressão terceira idade origina-se na iniciativa de considerá-la como sinônimo de “envelhecimento ativo”, de protagonismo social, de independência e realizações.

No que concerne ao idoso, seu protagonismo representa o empoderamento da terceira idade (CARNEIRO, 2018). Neri (2007) complementa que a partir dessa perspectiva, criaram-se novos padrões e expectativas sobre a velhice. Isso representa, segundo Sousa (2009, p.23): “[...] a organização e a participação cada vez mais intensa desse grupo etário na luta por seus direitos e interesses; o fortalecimento dessa parcela da população tanto nas tomadas de decisão, quanto nas razões para essas tomadas”.

“Socialmente, a partir da modernidade, a velhice assume relevância social quando ocorre o adensamento desta faixa etária” (MONTEIRO, 2017, p.57), e, como todo público numeroso e ativo, demandará da sociedade ações e políticas de adaptação e adequação as suas demandas. Segundo Monteiro (2017, p. 59) “Face ao contínuo processo de mudança física, mental, emocional e social, que configuram a produção social da velhice em dado tempo histórico, vimos que há um trabalho educativo a ser feito, que supõe um momento preparativo”. No mesmo direcionamento, Gonçalves (2015) defende a recomendação de ações de satisfação das necessidades desse público como: autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança, saúde preventiva e educação, dando sentido da aprendizagem para essa faixa etária da população.

Pereira (2012) defende a criação da “pedagogia da velhice”; nela é possível pensar a elaboração de políticas de educação pública com foco nesses indivíduos; e, seguidamente tratar-se-á da formação de educadores e de políticas curriculares que incorporem questões relacionadas ao processo de envelhecimento e aos idosos da atualidade. Um projeto com ênfase em uma educação transformadora e

libertadora (FREIRE, 1967). Ainda nesse contexto, Almeida (2017) considera a necessidade de profissionais da educação melhor capacitados e preparados para atuar junto a esse público, alicerçados sobre um currículo apropriado, pensado e focado no idoso.

Para Lins (2016), é necessário que se reconheça o lugar dos idosos nos processos educativos e que se leve em consideração o que prescreve, por exemplo, o Estatuto Nacional do Idoso, incluindo-se nos currículos temas relacionados à velhice e ao processo de envelhecimento. Também é necessário que os profissionais e pesquisadores - professores das faculdades e universidades - formem os demais profissionais para que esses possam trabalhar com e a favor do idoso, e, finalmente, o próprio idoso que em sua maioria não se assume como velho, tenha uma visão positiva da velhice e do envelhecimento. Em direcionamento semelhante, Oliveira (2013, p.81) comenta que “[...] compete à própria pessoa idosa entender a sua inserção e o papel que desempenha nessa sociedade, percebendo suas necessidades, reivindicando o respeito aos seus direitos, a sua cidadania, contribuindo para uma nova visão do idoso e um esboço de outro paradigma de velhice”.

Todo esse arcabouço geraria, segundo Lins (2016), uma educação contributiva para o empoderamento e protagonismo dos velhos, propiciando a eles ferramentas necessárias à sua participação e intervenção nas tomadas de decisões, referentes à sua vida, dentro da sociedade, deixando eles de atuar como sujeitos passivos da ação de outros sobre si e suas necessidades.

Oliveira (2013) apresenta as concepções de uma educação permanente, ou para toda a vida, bem como da gerontologia educacional. Termos esses explicados por Ongaratto (2012). Na educação permanente os educandos são vistos como parceiros de todo o processo educativo. É a oportunidade dos idosos aprenderem novos conhecimentos, se atualizarem e se sentirem parte de um grupo que busca o enfrentamento dos desafios diários. Já a gerontologia educacional envolve seleção e provisão de métodos para melhorar o trabalho dos profissionais e também a aprendizagem dos idosos. É um campo que tenta integrar as instituições e processos de educação com o conhecimento sobre as questões do envelhecimento e é integrada pela a) educação para os idosos; b) educação para a população em geral sobre a velhice e os idosos; e c) formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos.

Em consonância, nas diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente, publicadas pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), em 2007, é destacado que as habilidades em informação são fatores-chave na aprendizagem ao longo da vida e o primeiro passo na consecução das metas educacionais de qualquer aprendiz.

Refletindo-se sobre essa questão, parte-se do pressuposto de que o acesso e uso da informação, seja em ambientes físicos ou digitais, leva à produção de novos significados, sentidos e práticas sociais no tocante à informação (CARNEIRO, 2018). Assim, é imperativa a questão da inserção do idoso, trazendo com esse processo inovadas preocupações para a sociedade. “Observemos que os desafios implicados no processo de envelhecimento populacional trazem implicações para todos nós; [...] É evidente que inúmeras repercussões deste processo afetaram a sociedade como um todo” (MONTEIRO, 2017, p. 65-66).

O exponencial crescimento da informação circulante, promovida pelo advento das TIC é bem assimilado pelas novas gerações - as quais naturalmente têm um relacionamento mais fluido com esses instrumentos. Em contraponto, o acesso e o manuseio facilitado a esse universo informacional ainda é um desafio para a geração mais velha. E, embora atualmente já se possa observar, por exemplo, uma maior inserção (ou manutenção da permanência) dos envelhescentes no mercado de trabalho, em grupos sociais, na escola e nas universidades, e junto ao uso das TIC, esse público, mesmo que ainda não afinado a esse contexto, pode ser integralmente favorecido por meio de sua eficiente utilização e efeitos. Carneiro (2018) afirma que é comum, quando se fala em tecnologias, associar aos jovens o papel de protagonistas no manuseio desses meios e complementa que na sociedade contemporânea, além da utilização intensa que os jovens fazem dessas tecnologias, as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos também estão se comunicando e sendo capazes de utilizar *smartphones* e demais *gadgets* para buscar informações e interagir com outras pessoas.

Assim, considera-se que a ampliação do acesso dos idosos às tecnologias pode trazer benefícios, como maior conhecimento acerca de atividades que melhorem as suas condições de vida em muitas áreas, por exemplo, da saúde, da educação, da acessibilidade, do transporte, da sociabilização, da segurança, entre muitas outras. Para Almeida (2013, p. 40) “[...] o idoso é um portador de direitos que devem ser repetidamente lembrados à sociedade e aos mesmos, para que tenham

conhecimento de caso e possam exigir o que lhe foi assegurado em Lei”. Sobre o acesso do idoso às ferramentas de TIC, o seu Estatuto prescreve que esta deve existir em relação a sua interação com os aparatos tecnológicos, permitindo assim que esse público tenha mais autonomia ao executar tarefas cotidianas. O parágrafo primeiro do artigo 21 estabelece que os cursos especiais para os idosos devem incluir conteúdo referente às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna (BRASIL, 2003). Para Sousa (2009) a existência e as ações desse grupo etário na sociedade caminha na trilha de mudar profundamente o perfil das nossas sociedades.

De acordo com Vigotski (1991), o desenvolvimento de cada indivíduo acontece de forma distinta, dependendo do contexto social e histórico no qual ele se desenvolve. A inclusão digital desse grupo pode configurar-se como uma forma de visibilidade social, contribuindo, também, para o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, permitindo que eles passem a participar com maior efetividade da dinâmica da sociedade contemporânea (PASSERINO; PASQUALOTTI, 2006).

Esse cenário vai ao encontro da nova agenda 2030 da *“Transforming our World”: the 2030 agenda for sustainable development*”, na qual vários países se comprometeram em providenciar uma educação inclusiva e igualitária em todos os níveis educacionais por meio da utilização das tecnologias para se alcançar a sociedade do conhecimento (SUSTAINABLE DEVELOPMENT, 2015, tradução nossa).

De Lucca (2019) defende que há uma demanda em aberto para a criação de princípios ou modelos que orientem o desenvolvimento da competência em informação dos idosos em instituições educacionais e sociais. De Lucca (2015) considera, ainda, que a ColInfo é desenvolvida com mais facilidade no coletivo, por meio da interação social. É sob essa concepção que se percebe a relevância da inserção do idoso em ambientes que proporcionem a esse sujeito a construção de significados e a apreensão de sentidos por intermédio do ato de transmissão do conhecimento (LE COADIC, 1996) e do papel do seu educador nesse contexto.

Desse modo, reitera-se que a ColInfo, aliada à esfera educacional, apresenta-se como espaço de diálogo e de ação em prol dos sujeitos no século XXI e da busca de soluções de problemas advindos com a contemporaneidade.

[...] o desenvolvimento da competência em informação pode auxiliar a preparar esses indivíduos para a autonomia e cidadania, visando o aumento da sua qualidade de vida, além de cooperar com pesquisas sobre o desenvolvimento da ColInfo em contextos digitais (CARNEIRO, 2018, p.14).

Para Gonçalves (2015) o aumento da expectativa de vida e a educação ao longo da vida permitirão mais oportunidades educacionais, desde o aperfeiçoamento de aptidões até a aquisição de novos conhecimentos. Nesse sentido, a autora afirma que a educação tem o potencial de melhorar a qualidade de vida e gerar uma participação mais ativa dos idosos na sociedade. A pesquisadora complementa afirmando que como o número de idosos cresce a cada dia, crescem, também, novas demandas de educação e cuidados para essa população, o que significa que, em um futuro próximo, haverá necessidades que não serão supridas pelos profissionais disponíveis correntemente no mercado.

Otonicar, Silva e Belluzzo (2018, p.29) comentam que “[...] a educação possibilita a consolidação cultural de uma comunidade, o conhecimento sobre a política, contexto, história, entre outros, também fazem parte da formação humana”. Segundo esses pesquisadores “A sociedade não necessita apenas de tecnologia, mas também de pessoas capazes de criticar as informações e construir conhecimento [...]”. Para Ordonez e Cachioni (2011) aprender é um anseio inerente ao ser humano, um processo contínuo e interminável, é algo natural; assim sendo, é uma necessidade. Beauvoir (1990) defende que quanto mais elevado o nível intelectual do indivíduo, mais fraco e lento é o decréscimo de suas faculdades. “Pensar que só porque envelhecemos, perdemos a capacidade de aprender é um erro” (ORDONEZ; CACHIONI, 2011, p.472). Desse modo, prosseguem Ordonez e Cachioni, programas educativos que desenvolvam ao máximo a potencialidade de aprendizado dos seres-humanos, não apenas na sua juventude, mas ao longo da vida, e que ao mesmo tempo estimulem o contato social, são programas bem-vindos. Similarmente Pereira e Neves (2011) consideram que se faz necessário promover um ambiente específico para o público idoso, ambiente este facilitador de ensino-aprendizagem, levando em conta as particularidades de cada indivíduo. Dessa forma, a integração de suas demandas aos espaços favoráveis tem significativa relevância.

Nesse contexto é que se inserem as instituições com condições de prover tanto a estrutura como os educadores demandados naquele cenário. Sob esse

pressuposto e - considerando a noção de que atividades intelectuais, físicas e sociais promovem saúde, bem-estar psicológico e social - Ordonez e Cachioni (2011) afirmam que as universidades têm oferecido programas voltados para a educação permanente de adultos maduros e idosos, normalmente denominados Universidades Aberta à Terceira Idade (Unati).

Para Silva (2017a), essa oferta de escolarização para os idosos, há algum tempo, se concentra em dois tipos de instituições: as de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertadas nas escolas; e as Unatis, as quais são normalmente projetos de extensão voltados para a população idosa que ocorrem nas dependências das universidades. Além do local da oferta ser diferente, as duas propostas se diferem da EJA ao se configurar como educação formal e a Unati como educação não-formal (SILVA, 2017a). Dessa forma, as Unatis surgem como possibilidade de inserção do idoso nesse espaço educacional não-formal, que visa à integração social, à aquisição de conhecimentos, à elevação da autoestima, à valorização pessoal, ao conhecimento dos direitos e deveres e ao exercício pleno da cidadania (OLIVEIRA, 2013). Essas iniciativas, informa Silva (2017a), oferecem cursos de informática, dança, entre outras atividades especificamente voltadas para o idoso que possibilitarão a convivência entre os pares, o lazer e a troca de informações.

A Unati constitui importante instrumento para elevar o acesso à informação e, conseqüentemente, o conhecimento dos idosos, garante Silva (2017b). Para a autora os cursos ofertados promovem a possibilidade de ampliar a sua visão, tendo como resultado a busca por seu lugar na sociedade, conhecerem os seus direitos e a conviverem com as mudanças tecnológicas atuais. Apesar disso, ressaltam Ordonez e Cachioni (2011) que não se trata apenas de proporcionar informações que ajudem os idosos a combater os efeitos do envelhecimento; é vital que sejam oferecidos conhecimentos e atividades que favoreçam a criatividade, expressividade, participação e, principalmente, atividades que incrementem sua qualidade de vida. Silva (2017a) acredita que a frequência dos idosos nesses espaços é o que importa para o fortalecimento deles enquanto sujeitos de direitos e grupo social. Inseridos nesse ambiente educativo, é possível para os educadores desenvolver um trabalho de forma a propiciar uma educação humanizada e socializante aos idosos, sem que estes precisem abrir mão de suas histórias de vida, de suas origens, de seus passados, da experiência e da vivência que já lhes proporcionou muito, de forma a propiciar e garantir,

mesmo que gradativamente, a consolidação de sua autonomia (ALMEIDA, 2017). Sobre a educação não-formal, recorre-se a Gadotti (2005), que explica que essa forma de educação é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

Concluem-se essas discussões trazendo a perspectiva acerca deste “novo idoso” do século XXI. Para Silva (2017a) o fenômeno do envelhecimento populacional é uma realidade atual que influencia em toda a estrutura da sociedade. Segundo a autora, o grupo dos idosos tem se constituído como o mais populoso em diversos países por todo o mundo e, certa parcela dos pertencentes da Terceira Idade tem apresentado um perfil diferenciado ao de como os idosos eram caracterizados antigamente. Silva explica que o idoso do século XXI tem frequentado cada vez mais espaços comuns, além das instituições de ensino, pois apresenta uma postura mais ativa e principalmente uma vontade de aprender. Sob essa conjuntura, Almeida (2017) salienta a necessidade de, juntos, o maior número possível de pessoas, das mais variadas formações, campos e áreas de atuação, caminharem coletivamente, observando, analisando, sentindo, estudando, pesquisando, interdisciplinarmente, e contribuindo para a valorização, o fortalecimento, a melhoria e os avanços da educação de idosos; esse grupo que, em sua maioria, é composto por parcela frágil, suscetível e desprotegida da sociedade.

6 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: A CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA, A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS

Pensar nos procedimentos metodológicos deste trabalho de pesquisa demandou um exercício de reflexão acerca do melhor caminho a ser seguido no processo de investigação como um todo, e diante dos objetivos a serem alcançados. Iniciou-se então esse caminhar metodológico pela argumentação de Pádua (2006, p.32):

Na verdade a questão dos procedimentos é uma questão instrumental, portanto referente à prática do pesquisar, como um conjunto de técnicas que permitem o desenvolvimento desta atividade nos diferentes momentos do seu processo; neste sentido, as técnicas, que nos auxiliam e possibilitam elaborar um conhecimento sobre a realidade, não podem se caracterizar como instrumentos meramente formais, mecânicos, descolados de um referencial teórico que as contextualize numa totalidade mais ampla.

Marconi e Lakatos (2009, p.157) entendem pesquisa como “[...] um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Assim, o estudo teve como objetivo “Investigar de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação encontram-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos no Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)”.

6.1 CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA

Defende-se inicialmente a natureza deste estudo como básica. Para Ander-Egg (1978) a pesquisa básica é aquela que busca a ampliação dos conhecimentos teóricos sem a preocupação de utilizá-los na prática; é formalizada por generalizações, princípios e leis e tem como meta o conhecimento pelo conhecimento.

Quanto ao método de abordagem da investigação considera-se que ela se tratou de um estudo qualitativo. As pesquisas qualitativas, para Flick (2009), são de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. O autor ressalta que os aspectos essenciais desse expediente de

investigação consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. Para Leite (2008) os estudos qualitativos são representados por trabalhos que não necessitam de ferramentas estatísticas e decorrem de pesquisas teóricas, exploratórias documentais e outras de caráter lógico ou histórico. Sua aplicabilidade cabe em situações em que se necessita realizar classificações comparativas e que se pretende identificar proporção, grau, ou intensidade de um determinado fenômeno. A pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos com consideração de contexto (LEITE, 2008).

Assim, sob a concepção qualitativa do contexto investigado, salienta-se que o estudo tem como objetivo e tipo ser exploratório e descritivo. Os estudos descritivos, segundo Leite (2008, p.52) são aqueles “[...] que se usa para descrever e explicar determinados fenômenos socioeconômicos, político-administrativos, contábeis e psicossociais, matemático-estatísticos e técnico-linguísticos”. Já a pesquisa exploratória, também para Leite (2008, p.54)

[...] é a que explora algo novo, que frequentemente não é considerado ainda ciência, mas que serve de base à ciência. Baseia-se mais no empirismo. [...] é utilizada quando se tem poucos estudos e conhecimentos científicos sobre o tema. A pesquisa exploratória tem grande valor, pois serve de base a outros tipos de pesquisas, quando do tema possui bibliografia escassa. Aqui está seu fundamento científico.

Dessa maneira, considera-se que este estudo é exploratório porque investiga uma vertente da aplicação da ColInfo e suas dimensões ainda não pesquisada diretamente no campo acadêmico, ou seja, a sua presença, manifestação no ensino de idosos. E, é descritiva por se considerar que o estudo explica, por intermédio dos procedimentos metodológicos, os fenômenos sociais que ocorrem no contexto educacional dos sujeitos da pesquisa.

Para o desenvolvimento instrumental da pesquisa foram selecionados os procedimentos metodológicos que permitiram atingir aos objetivos geral e específicos, promovendo a sua fundamentação, bem como sua trajetória. Assim, a investigação foi conduzida por meio de um Estudo de Caso que se utilizou de três fontes de evidências: o Levantamento Documental, a Entrevista e os Grupos de Foco.

Yin (2010) considera o uso do estudo de caso como um dos empreendimentos mais desafiadores das ciências sociais e menciona que este método complementa os pontos fortes e as limitações dos outros tipos de pesquisa. Para o autor, a escolha desta abordagem permite explicar alguma circunstância presente (por exemplo, “como” ou “por que” algum fenômeno social funciona) e também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e “profunda” de algum fenômeno social.

[...] o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados. Naturalmente o estudo de caso é um método de pesquisa comum na psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, assistência social, administração, **educação**, enfermagem e planejamento comunitário. [...] surge do desejo de entender os fenômenos sociais complexos. Em resumo, o método do estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos [...] (YIN, 2010, p.24, grifo nosso).

6.2 PERCURSO METODOLÓGICO I: A COLETA DE DADOS

O momento da coleta de dados é, ao mesmo tempo, de grande profundidade, expectativa e responsabilidade. Sua realização envolve não mais somente a dedicação e trabalho do pesquisador, mas um conjunto de circunstâncias e pessoas envolvidas no contexto pesquisado. E, por esse motivo, gera preocupações, inquietações e apreensões de todos os tipos. Nesse sentido que o seu planejamento requer minuciosa e antecipada atenção e cuidado.

Importante ressaltar que segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 18) “A coleta de dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas [...]”. Para as autoras essa é uma fase cansativa e que toma quase sempre mais tempo do que se espera, exigindo-se do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do zeloso registro dos dados e de um bom preparo. “O rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p.19).

Esta investigação teve como objetivo geral “Investigar de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação

encontram-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos no Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)”.

Nesse sentido se apresentam, a partir da próxima subseção, as etapas integrantes da coleta de dados, iniciando-se pela descrição do *lócus* e do público-alvo. Na sequência se apresentam as fontes de evidências e, por último, a descrição do procedimentos de coleta e análise dos dados.

6.2.1 Coleta de Dados: O *Lócus*

A pesquisa teve como *lócus* a Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) - Programa de Extensão executado pela Pró-Reitoria da Extensão e Cultura (Proec) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), no município de Guarapuava, no Paraná. Caracterizado como uma iniciativa de Educação Informal, o Programa constitui-se em um espaço de interação das pessoas da Terceira Idade no âmbito universitário entre professores, pesquisadores, funcionários e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento humano, oferecendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atende anualmente cerca de 100 pessoas e tem como foco promover a inserção efetiva do idoso na comunidade universitária e na comunidade em geral. As atividades desenvolvidas são de cunho acadêmico-extensionista com reflexões sobre o envelhecimento nos aspectos biopsicossociais, culturais, filosóficos, políticos, jurídicos, religiosos, econômicos, entre outros. Em sua programação semanal busca-se um equilíbrio entre atividades cognitivas e físicas como: dança, *tai-chi*, hidroterapia, canto, alongamento, fortalecimento, jogos esportivos e de tabuleiro, nutrição, informática, espanhol, inglês, cinema, psicologia (UNICENTRO, 2022). “Vale salientar, ainda, que a ação extensionista visa cumprir o seu papel de aproximar os conhecimentos produzidos nos bancos da universidade daqueles que dela precisam, ou seja, da sociedade” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011).

A Unati iniciou suas atividades no ano de 2000. Suas primeiras atividades tinham como duração o período de três semestres para cada turma e foram integradas por módulos interdisciplinares com palestras sobre o envelhecimento e primeiros socorros para a Terceira Idade, Festa Julina, Jantar Dançante, Curso de língua estrangeira, Fotografia, Excursão turística e cultural, Oficinas Literárias de artesanato, atividades culturais, recreativas e esportivas e Comemoração ao Dia do

Idoso. Tinha como objetivos gerais entre outros: participação de idosos em atividades educativas, socioculturais, organizativas e de ação comunitária; reinserção social do idoso; valorização humana e social da Terceira Idade (UNICENTRO, 2000).

Essa configuração de atividades converge com o que acreditam Sanches e Rio (2010), quando esses autores afirmam que a informação tem influência decisiva no desenvolvimento de sujeitos atuantes na sociedade, e que por isso se faz necessária a reflexão a respeito da compreensão conceitual do seu termo e de sua operacionalização nas relações que lhe são próprias. Assim, a informação que se constitui como tal e é assimilada, aumenta qualitativamente o cabedal informacional do indivíduo, levando-o a formulação de conhecimento.

6.2.2 Coleta de Dados: O Público-Alvo

Conforme já mencionado em momento anterior, para além dos próprios idosos que da Unati participam, considerou-se mais pontualmente sobre a atuação dos docentes que para esse público ministram oficinas, atividades e aulas. Assim, procurou-se refletir sobre a premissa que já vinha sendo defendida por diversos pesquisadores e estudiosos, ou seja, de que a convergência da ColInfo e suas dimensões com a área educacional já é uma realidade. Entretanto, para esse estudo interrogou-se especificamente se a aplicação das dimensões da competência em informação, quais sejam: a técnica, a política, a ética e a estética - defendidas por Rios (2010) e Vitorino e Piantola (2011) - nas práticas docentes, trariam mais luz ao ensino do público que já ultrapassou seis décadas de vida, contribuindo para o seu aprendizado ao longo da vida.

Quando das decisões acerca do público-alvo foram definidas, determinou-se que este seria integrado pelos educadores que atuam na Unati. E, quando considerado esse público, integrariam-se aí a coordenação e os docentes fixos do programa, bem como aqueles temporários ou definidos por diferentes disciplinas. Também seriam inseridos nesse contexto os eventuais palestrantes, oficineiros, agentes universitários e acadêmicos que estivessem executando alguma atividade de estágio curricular supervisionado em atividades-meio ou fim junto aos idosos da Unati no ano letivo da realização da coleta. Esses educadores, genericamente caracterizados como agentes educacionais, foram os sujeitos entrevistados na recolha de dados.

Também fizeram parte, de forma complementar, para o momento da coleta de dados os idosos matriculados no programa. Esses foram os participantes do grupo de foco que teve como objetivo levantar as concepções e posições discursivas em relação às necessidades informacionais e expectativas desse público sob a perspectiva das dimensões da ColInfo.

6.2.3 Coleta de Dados: As Fontes de Evidência

A primeira fonte de evidência se deu a partir do levantamento documental o qual é explicado por Pádua (2006) como aquele realizado a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados). A autora justifica que esse procedimento é um tipo de levantamento que tem sido largamente utilizado nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. Em continuidade, Documento é definido também por Pádua (2006, p.69) como “[...] toda base de conhecimento fixado materialmente e suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova”.

Segundo Yin (2010, p. 133) “Uma das fontes mais importantes de informação para o estudo de caso é a entrevista”, que neste estudo foi a segunda fonte de evidência utilizada. O autor define as entrevistas como conversas guiadas, não como investigações estruturadas. Nelas o pesquisador deve seguir sua própria linha de investigação, segundo seu protocolo do estudo de caso, formulando questões verdadeiras (conversacionais), de maneira imparcial, para que também sirvam às necessidades de sua linha de pesquisa. Leite (2008) define a entrevista como uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistador, a captação imediata e corrente da informação desejada. Outros aspectos da entrevista comentados pelo autor referem-se a este método oferecer também maior oportunidade para avaliar atitudes naquilo que é dito e como é dito, por meio de registros das reações do entrevistado. Por fim, Leite (2008) defende que a entrevista oferece maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formulando-as de maneira diferente, especificar algum significado, como garantia de ser compreendido.

A terceira fonte de evidência foi aplicada por meio do procedimento de grupo de foco (ou grupo focal ou grupo de discussão). Nos estudos de Di Chiara (2005) e

Gatti (2005) elas caracterizam essa técnica como a reunião de um conjunto de pessoas selecionadas para discussões e comentários sobre um tema (objeto da pesquisa) a partir das experiências pessoais dos participantes, sempre mediados por um facilitador. Para Di Chiara (2005) essa é uma das técnicas de investigação apropriadas para entender o ser humano em todas as suas dimensões, e, segundo Gatti (2005) é um bom instrumento de levantamento de dados para investigações em ciências sociais e humanas. Outros aspectos importantes podem ser destacados acerca do grupo de foco conforme Gatti (2005). Essa técnica permite ao pesquisador levantar uma boa quantidade de informação em um período mais curto e o que deve prevalecer em sua execução é a interação e não em perguntas e respostas entre moderador e membros do grupo. “Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam” (GATTI, 2005, p.9). Sob a mesma perspectiva Di Chiara (2005, p.105) considera que

O uso dessa técnica revela o que o grupo pensa e sente em relação a um assunto específico, mas sua grande vantagem é possibilitar a descoberta do porquê, das razões que levam os membros do grupo a defenderem determinadas posições em relação ao assunto investigado.

Para a autora “A dinâmica do grupo de foco possibilita uma sinergia entre os participantes de modo a oferecer aos pesquisadores detalhes que não seriam facilmente obtidos mediante o uso de outras técnicas” (DI CHIARA, 2005, p. 105). A pesquisadora defende ainda que a técnica se distingue de outras, como o questionário e a entrevista individual, ao oferecer aos indivíduos oportunidade de construir suas opiniões sobre o tema estudado na interação com outras pessoas. Do mesmo modo Gatti (2005, p.11) considera que

o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender as práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Para Flick (2009) a utilização da técnica de discussões em grupo, além da

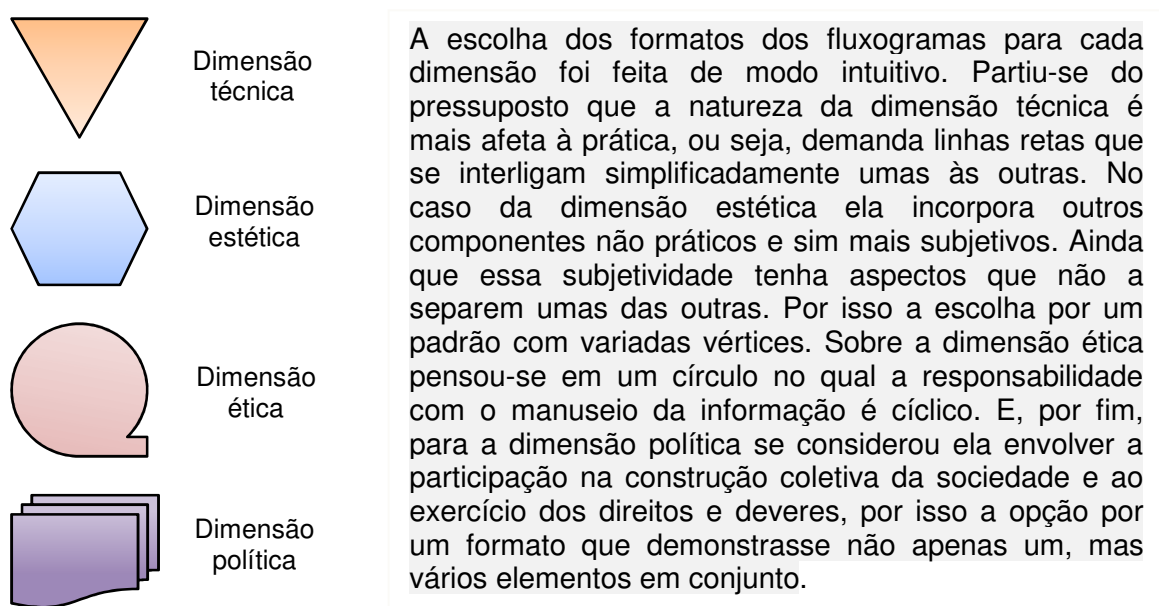
economia de tempo e de dinheiro, faz com que os elementos participantes dessas discussões se destaquem. Suas opiniões são produzidas, manifestadas e trocadas na vida cotidiana. Segundo o autor, a discussão em grupo estimula um debate e utiliza a dinâmica nele desenvolvida como fontes centrais de conhecimento. Também se faz importante mencionar Gatti (2005) ao afirmar que os grupos focais podem ser úteis em análises por triangulação.

6.2.4 Coleta de Dados: Descrição dos Procedimentos

Conforme já mencionado, as fontes de evidência definidas para a coleta foram: o material documental, a entrevista e o grupo de foco. Para registro dos dados levantados em todos esses instrumentos foram desenvolvidos roteiros de trabalho e/ou formulários (Apêndices “A” a “E”) que permitiram realizar um acompanhamento de cada etapa por objetivo a ser alcançado.

Considerando o aspecto multidimensional da CoInfo e dos fundamentos da investigação, optou-se pela implementação de um esquema fluxogrâmico para representar as dimensões no âmbito da coleta. Assim, elaborou-se a representação gráfica e ilustrativa de cada dimensão a qual ficou determinada conforme o descrito a seguir.

Figura 2 – Fluxogramas representativos das dimensões da competência em informação



Fonte: Desenvolvido pela autora conforme os dados da pesquisa (2022)

O quadro 2 apresenta a descrição da utilização de cada fonte de evidência para cada objetivo e resume os procedimentos que foram realizados.

Quadro 2 – Procedimentos para alcance dos objetivos

Objetivos	Fonte de Evidência	Procedimentos	Instrumento de desenvolvimento e controle
Analisar o projeto pedagógico do Programa de Extensão Unati da Unicentro, na perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação	Levantamento documental	Analisar o projeto político pedagógico da Unati (Protocolo nº 5727/2000- Unicentro, de 28 de julho de 2000. Apreciação projeto: Curso Universidade Aberta a Terceira Idade UNATI), seus objetivos, as finalidades e os princípios para a aplicação das atividades propostas sob a perspectiva das dimensões técnica, estética, política e ética da Colnfo.	Formulário de Acompanhamento do Levantamento Documental: Projeto pedagógico (Apêndice “A”)
Diagnosticar as necessidades informacionais dos idosos em relação às atividades da Unati e seu dia a dia	Grupo de foco	Por intermédio das interações realizadas a partir das experiências pessoais dos idosos - no papel de aprendizes participantes e discentes – levantou as concepções e posições discursivas em relação as suas necessidades informacionais e expectativas sob a perspectiva das dimensões da Colnfo.	Roteiro do Grupo de Foco (Apêndice “B”)
Mapear as atividades didáticas promovidas pelos agentes educacionais em sua atuação na Unati na perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação	Entrevista Levantamento documental	As entrevistas tiveram como foco conhecer a atuação da coordenação e desses agentes no que diz respeito às habilidades, comportamentos e atitudes demonstrados didaticamente à frente das perspectivas e necessidades informacionais dos idosos diante das suas demandas. Entrevistada a coordenação e todos dos educadores da Unati que atuavam no semestre letivo simultâneo ao período da coleta de dados. Total de 10 pessoas.	Roteiro da Entrevista com agentes educacionais e Roteiro de entrevista com coordenação do programa de extensão; Formulário de acompanhamento do levantamento documental: projeto pedagógico (APÊNDICES “A”, “C” e “D”)

Verificar como as ações dos agentes educacionais promovem as dimensões técnica, estética, política e ética da ColInfo nos idosos Unati	Entrevista Levantamento documental	Adicionou dados e complementou as descobertas	Roteiro da Entrevista; Formulário de acompanhamento do levantamento documental: projeto pedagógico
Todos os objetivos	Análise de Conteúdo e Triangulação de Dados	Realizados todos os procedimentos da AC somado à triangulação, incluído o aporte teórico pesquisado anteriormente e novo aporte para o momento da interpretação dos resultados.	Formulário de acompanhamento para análise de dados - agentes educacionais e idosos (APÊNDICE “E”)

Fonte: dados da pesquisa (2023)

A etapa de coleta dos dados foi dividida em três fases distintas: a coleta do material documental, a coleta dos dados das entrevistas com a coordenação da Unati e com os seus agentes educacionais e a coleta dos dados com os grupos de foco realizados com os idosos. Essas três fases da coleta se realizaram nos meses de julho a setembro de 2022.

6.2.4.1 Material documental

O levantamento documental teve como material norteador da análise o Protocolo nº 5727/2000-Unicentro, de 28 de julho de 2000, o qual normatizou a criação do programa quando este ainda era um projeto de extensão temporário “Curso Universidade Aberta a Terceira Idade UNATI”. Nesse documento constam as informações que regulamentam as atividades desde sua criação. A utilização dessa fonte de evidência possibilitou a inserção e o conhecimento mais aprofundado do programa pela pesquisadora, o que contribuiu para a segurança na realização das demais etapas de coleta de dados.

Para registro dos dados do material documental foi utilizado o instrumento denominado de “Formulário de Acompanhamento do Levantamento documental: Projeto pedagógico” (Apêndice A).

O Protocolo nº 5727/2000-Unicentro, de 28 de julho de 2000 descreve e constitui o Curso Universidade Aberta a Terceira Idade UNATI, seus objetivos, suas finalidades e os princípios para a aplicação das atividades propostas. Esse item,

conforme descrito inicialmente, teve sua análise realizada sob a perspectiva das dimensões técnica, estética, política e ética da CoInfo.

Vale ressaltar que este documento, por se tratar de um projeto de extensão de universidade pública, fica disponível para acesso da comunidade a qualquer tempo. Nesse sentido, buscou-se sua versão digital na plataforma chamada Sistema de Gestão Universitária (SGUWeb) da Universidade Estadual do Centro-Oeste, por meio de *link* de consulta²³ e então foi realizado seu *download* para consulta e análise.

Além desse documento, durante as entrevistas foi sendo solicitado a cada entrevistado se esses poderiam disponibilizar materiais documentais utilizados nas atividades junto aos idosos ou materiais que, eventualmente, compusessem, de alguma forma, as práticas didáticas ou educacionais de cada agente na integralização das atividades de forma geral. Nesse sentido, uma agente educacional entrevistada não se opôs em ceder um exemplo de conteúdo trabalhado na aula de idiomas.

Para além disso, dois outros agentes educacionais cederam os projetos de extensão que embasam as suas atividades de informática e pilates na Unati. Assim, compuseram a coleta de dados também os documentos descritos no quadro 3.

Quadro 3 – Material didático cedido como demonstração pelos agentes educacionais

<i>Gente hoy</i>	Folha de exercícios de espanhol
Inclusão Digital para Terceira Idade – Etapa IV	Projeto de extensão
Prática do Método Pilates aos Unatianos	Projeto de extensão

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A análise documental foi realizada no mês de agosto de 2022.

6.2.4.2 Entrevistas

Inserida fisicamente no ambiente da pesquisa, a outra etapa de coleta foi a entrevista com os agentes educacionais e com a coordenação da Unati. Instrumento considerado de excelência da investigação social (MARCONI; LAKATOS, 2011), essa ferramenta de coleta teve como objetivo principal obter as informações exatas,

²³ <https://sgu.unicentro.br/pcprocessos/protocolo-tramite>

precisas e formalmente descritas pelos educadores em relação aos seus métodos de trabalho, no que concerne aos seus comportamentos, habilidades, atitudes voltados ao ensino dos idosos, na perspectiva das dimensões da ColInfo. Para sua realização seguiu-se o "Roteiro de Entrevista" (com os agentes educacionais e com a coordenação, Apêndices C e D) o qual se configurou com questionamentos semiestruturados e, de acordo com a autorização dos participantes, foram gravados. Foi realizada apenas uma entrevista com a coordenadora do programa e uma com cada educador que possuía atividades em funcionamento no semestre letivo em que ocorreu a coleta. Os agentes educacionais categorizaram-se entre docentes de atividades cognitivas e físicas e se subcategorizaram nas áreas do aprendizado de idiomas, das ferramentas de tecnologia, de atividades culturais, de atividades recreativas, de atividades esportivas e de atividades de interação social (um educador de cada uma).

De posse dos roteiros de entrevista com os agentes educacionais, bem como com o roteiro de entrevista com a coordenação, as interlocuções foram agendadas com os agentes em contato realizado por intermédio do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones "WhatsApp". Essas foram agendadas e realizadas presencialmente, bem como remotamente durante os meses de julho e agosto do ano de 2022. Foram nove entrevistas com os agentes educacionais atuantes no semestre em curso, de disciplinas de idiomas (inglês, espanhol), de atividades físicas (pilates, hidroginástica), disciplinas de conteúdos artísticos e culturais (canto, dança), e de tecnologia (informática), bem como uma entrevista com a coordenadora da Unati. Essas interlocuções somaram 5 horas e 55 minutos de gravações. As entrevistas foram integradas por questionamentos divididos em quatro seções, as quais buscavam saber o perfil do entrevistado (5 perguntas), seu contato com o projeto pedagógico da Unati bem como suas estratégias como educador junto aos unatianos (3 perguntas), suas práticas relacionadas à busca, seleção e uso das fontes de informação e demais recursos informacionais (7 perguntas) e, por fim, suas práticas de ensino, pedagógicas ou de trabalho (5 perguntas).

No que se refere à entrevista com a coordenação da Unati os questionamentos foram similares à realizada junto aos demais agentes, inclusive com a mesma separação das seções, entretanto a diferença básica concentrou-se

na questão da aplicação das perguntas em relação ao projeto da Unati como um todo. O quadro 4 descreve de forma mais específica as entrevistas realizadas.

Quadro 4 – Duração das entrevistas por área

Entrevistado	Área da disciplina	Duração
1	Atividade física	21min.14seg.
2		35min.18seg.
3	Tecnologia	22min.48seg.
4		28min.28seg.
5	Idiomas	25min.57seg.
6		26min.51seg.
7	Cultural	28min.55seg.
8		40min.42seg.
9		48min.09seg.
10	Coordenação	54min.31seg.

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A transcrição das entrevistas foi realizada durante o mês de setembro de 2022 e foi desenvolvida integral e literalmente mediante a utilização de três ferramentas. O aplicativo de gravações “Gravador”, o “VLC Media Player” e o editor de planilhas “Microsoft Excel” da Microsoft.

6.2.4.3 Grupo de foco (Grupo Focal ou Grupo de Discussão)

O levantamento das impressões pessoais acerca das atividades de ensino na Unati e notadamente das necessidades informacionais do público-alvo foi realizado por intermédio de dois grupos de foco. O intuito inicial era de se ter a participação de até sete unatianos que já tivessem frequentado pelo menos dois semestres letivos integrais de atividades no programa. Essa atividade teve como objetivo levantar as questões, discussões e promover um debate sobre o tema do aprendizado no âmbito das necessidades informacionais desses sujeitos com vistas a sua autonomia e ao exercício da cidadania a partir de suas experiências pessoais no programa e junto aos educadores. A mediação ficou por conta da pesquisadora com apoio de duas observadoras. O local escolhido para a realização do grupo de foco foi o Câmpus sede da Unicentro e, coincidentemente também sede principal das atividades da Unati, considerando facilitar a mobilidade e a ambientação dos participantes. Assim, buscou-se com essa atividade entender as opiniões expressas

em relação ao tema desta investigação científica. Para registro dessa atividade foi utilizado o “Roteiro do Grupo de Foco (Apêndice B).

Dessa forma, foi então planejada a logística para a realização dos dois grupos focais previstos no cronograma do estudo. Assim, no início do mês de agosto de 2022 foram desenvolvidas as primeiras ações de organização desses grupos.

Inicialmente foi decidido, em reunião com a coordenação da Unati, que essa sugerisse o nome de alguns unatianos para participação no grupo de foco, desde que atendido o requisito deles serem frequentadores de pelo menos dois semestres letivos integrais de atividades no programa de extensão. Após essa sugestão, decidiu-se pela criação de um grupo no aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones “WhatsApp”, onde foram adicionados os 14 unatianos sugeridos pela coordenação, chamado “Unati – grupo focal”.

Nesse íterim foi produzido um vídeo de quatro minutos no qual a pesquisadora se apresentava aos integrantes, explicava brevemente o motivo do contato, o tema da pesquisa de tese de doutorado e os convidava para participação no grupo focal a ser realizado em duas datas sugeridas, as quais eram 10 e 11 de agosto de 2022. As respostas pelo aplicativo foram bastante positivas e a adesão ao grupo ficou dentro da esperada.

A partir disso, iniciou-se a produção de material audiovisual a ser apresentado em cada dia da realização dos grupos e que tivesse o intuito de compor a introdução discussional aos temas a serem debatidos com os unatianos. Dessa forma, buscou-se pesquisar na Internet por materiais, também audiovisuais, que tratassem da inserção do idoso no contexto do atual momento contemporâneo no Brasil e que explorassem temas como, primeiro, a saúde física, mental e afetiva do idoso no mercado de trabalho, depois em sua relação com o uso das TIC e, por fim, em sua interação social, cultural e familiar, considerando o tema central desta pesquisa, ou seja, as dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação, além das suas necessidades de informação.

Assim, foi produzido um segundo vídeo, este com 15 minutos de duração, no qual se apresentava um resumo da série produzida pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC) intitulado “Novos Idosos”²⁴.

²⁴ Novos idosos. Meio Dia Paraná. Curitiba, PR: [2022]. 1 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10540343/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

Na sequência, foram executadas as demais ações logísticas para realização dos grupos focais, como o agendamento do local de realização - o qual ficou determinado que seria na própria universidade sede da Unati, para facilitar a mobilidade dos idosos – a reserva do material audiovisual a ser utilizado (data-show, laptop *etc*), realização de reuniões de organização com a dupla de observadoras do grupo (via aplicativo de mensagens). E, ainda para a logística do grupo focal, foram organizados e produzidos crachás de identificação dos idosos, da mediadora e da dupla de observadoras, planejamento do *coffee-break* e preparação de lembranças do evento conforme as imagens/fotos (figura 3):

Figura 3 – Crachás de identificação, Lembranças e *Coffee-break*



Fonte: autoria própria (2022)

Os grupos focais foram então realizados nas datas previstas e somaram cerca de três horas cada um (incluindo nesse cômputo a organização prévia da sala – 1h, a discussão dos temas em si e o *coffee-break* – 2h). Os dois grupos somaram a participação de 11 unatianas dos 14 idosos convidados (figuras 4 e 5). No dia da realização 2 integrantes justificaram ausência por terem positivado para Covid-19 e 1 não justificou a ausência.

Figura 4 – Grupo de foco – 1º dia



Fonte: autoria própria (2022)

Figura 5 – Grupo de Foco – 2º dia



Fonte: autoria própria (2022)

As discussões em cada dia foram introduzidas pela mediadora/pesquisadora, que mais uma vez realizou uma breve explanação sobre a pesquisa, objetivo do grupo de foco e apresentação do vídeo sobre os “Novos Idosos” (Figura 6). A partir dessa introdução, foi lançado mão do Roteiro do Grupo de Foco (Apêndice B) e iniciadas as discussões acerca das questões, experiências e construção da realidade daqueles idosos em relação ao aprendizado na terceira idade. Também foram discutidas suas relações com a informação e com as necessidades informacionais, de maneira informal e livre.

Figura 6 – Grupo de Foco – mediação e apresentação do vídeo



Fonte: autoria própria (2022)

A transcrição das falas do grupo de foco foi realizada na segunda quinzena do mês de setembro de 2022.

Com relação aos dados preliminares acerca do perfil dos participantes dos grupos de foco, buscou-se levantar primeiramente as suas faixas etárias, o tempo de participação nas atividades na Unati, sua relação com a informação, bem como entender as impressões iniciais acerca das suas necessidades informacionais.

Dessa forma, as faixas etárias iniciaram em 55 anos até 87 anos de idade. O tempo de participação na Unati variou de 22 anos, portanto desde o início das atividades do projeto de extensão, até pouco mais de 6 meses.

Sobre sua relação com a informação e com as necessidades de informação as unatianas, em sua maioria, comentaram que a informação é uma ferramenta de inclusão e que atualmente, notadamente em um cenário recente de Pandemia de Coronavírus²⁵, ter acesso à informação foi essencial. Tanto para se manterem atualizadas, e, principalmente para a manutenção do contato com a família.

No decorrer do grupo de foco foram debatidas também questões sobre a importância da autonomia, o exercício da cidadania, a reflexão sobre informações assimiladas e sobre o seu compartilhamento. Esses momentos são melhor descritos e discutidos na seção 7 desta pesquisa, a qual reúne a análise de conteúdo em cada uma das fases de pré-análise, exploração do material, tratamento, inferência e a interpretação dos resultados dos grupos de foco.

6.3 PERCURSO METODOLÓGICO II: ANÁLISE DE DADOS

A seleção da técnica para análise e interpretação dos dados é outro ponto de preocupação para um pesquisador. Compreender, analisar, sintetizar e descrever pesquisas qualitativas a partir de uma ferramenta de investigação segura e adequada é uma etapa essencial. No caso deste estudo considerou-se que a análise dos dados coletados em seu estatuto social requereu muito cuidado diante da subjetividade que envolvia os discursos originados das entrevistas e dos grupos

²⁵ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas (OPAS, 2020).

focais, bem como dos conteúdos dos documentos. Por apresentarem características polissêmicas os conteúdos deveriam passar por uma técnica de análise que permitisse esgotar todas as possibilidades de interpretação, bem como deveriam ser resgatadas todas as mensagens e conhecimentos neles descritos. Nesse sentido, julgou-se que os dados podiam apresentar, além daquilo que era objetivo - no qual estava o conhecimento claramente evidenciado - também os materiais do campo simbólico - no qual se encontrava aquele conhecimento que, por intermédio da interpretação - apresentaria o que ia além do que estava evidente.

Para esse fim as pesquisas da área das ciências sociais (bem como das humanas) têm como ferramenta útil a análise de conteúdo (AC). Nesta investigação, considerando os instrumentos de coleta, a AC de Bardin (2016) pareceu ser coerente e adequada para aplicação no estudo, além dela ser ideal para as pesquisas qualitativas.

6.3.1 Análise de dados: a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e a Triangulação

Conforme descrito anteriormente, a análise de conteúdo é uma metodologia de tratamento de dados que visa interpretar um material qualitativo, desde que esteja assegurada uma descrição objetiva e sistemática dos dados que foram coletados.

Bardin (2016, p.34-35) considera que “desde que se começou a lidar com comunicações que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parece útil o recurso da análise de conteúdo” que tem como objetivo a “superação da incerteza” e o “enriquecimento” da leitura, reduzindo, por assim dizer, um conteúdo em partes menores que possam ser mensuradas, codificadas e enfim analisadas e interpretadas.

Para este estudo optou-se, diante de todas as suas peculiaridades, características e natureza, notadamente as técnicas de desenvolvimento da AC apresentadas por Laurence Bardin (2016), que a define como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48).

A autora organiza a técnica em torno de três polos cronológicos: a) a pré-análise do material; b) a exploração; e c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Para Bardin (2016) a pré-análise corresponde ao período de intuições que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizadas as ideias iniciais das mensagens, de maneira a conduzir um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas num plano de análise. Para a autora é nessa etapa da AC que se encontra a organização e tem como pontos a: a) leitura flutuante; b) escolha dos documentos; c) formulação dos objetivos; d) referenciação dos índices e elaboração dos indicadores; e) preparação do material.

A exploração do material, segundo polo das técnicas da AC de Bardin (2016), é a aplicação sistemática das decisões tomadas e se integra por operações de codificação, decomposição ou enumeração e categorização em função de regras previamente formuladas.

Por fim, afirma Bardin (2016, p. 131), na fase de tratamento dos resultados, a terceira, “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos”. Segundo essa autora esses resultados “[...] põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2016, p.131). Esses resultados significativos e fieis, por intermédio das inferências, levam às interpretações que podem servir de base a outras orientações para uma nova análise ou à utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos (Bardin, 2016).

A AC então requer que se sigam as suas etapas e seus critérios e características para que se consiga realizá-la de forma satisfatória e adequada, de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa metodologia envolve a subjetividade e o olhar do pesquisador em diferentes momentos. Esse olhar é diferenciado e demanda o amadurecimento do cientista em torno do conhecimento que ele constrói. São necessárias dedicação e disciplina, bem como imaginação, intuição, criatividade, sem nunca se distanciar da ética e do rigor da pesquisa.

Nesse sentido, com o intuito de explicar as fases da AC do material coletado para construção deste estudo, explica-se a seguir, resumidamente, os procedimentos adotados.

Para as três fontes de evidência definidas (o material documental, as entrevistas e os grupos de foco), desenvolveram-se quadros integrados por áreas coloridas descritivas das etapas da AC com as: unidades de contexto (UCs),

unidades de registro (URs), categorias de análise (CAs) e categorias de contexto (CCs). Na área UC tiveram espaço os recortes unitários de fragmentos das mensagens retiradas das fontes de evidências (trechos textuais do projeto pedagógico, trechos relevantes das entrevistas e trechos discursivos dos grupos de foco). Na área UR constaram as expressões que espelham as UCs e, aquelas, classificadas e agregadas deram origem às CAs e ao estabelecimento final das CCs. As CCs, portanto, foram os últimos itens da categorização e têm contagem numérica bastante reduzida em relação ao número de recortes de UCs, até porque as resumem. No caso deste estudo as CCs resultaram em quatro conjuntos para cada fonte de evidência. Essa descrição fica melhor evidenciada nas figuras 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 21, 22, e 23.

Explicadas e definidas por Bardin (2016) as URs e as UCs são integrantes da codificação e são escolhidas em pertinência às características do material e face aos objetivos da análise. Segundo a autora, a unidade de registro corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base e pode ter natureza e dimensões variáveis visando a categorização e a contagem. Já a unidade de contexto codifica a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) ocorrem para compreender a significação exata da unidade de registro. Assim, as URs são, de forma simples, as palavras ou palavras-temas que explicam a categoria de análise e as UCs são os trechos ou fragmentos que comportam as URs.

A codificação e a categorização do material se fazem basicamente em função de regras previamente formuladas. Bardin (2016) considera que tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão. A autora esclarece que a organização da codificação compreende o recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação (escolha das categorias).

Já a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos (BARDIN, 2016). A autora explica que se reúne um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.

Vale salientar, antes da descrição da análise individual de cada fonte de evidência, que as UCs analisadas (tanto para o material documental, como para as entrevistas e os grupos de foco) foram selecionadas e extraídas em fragmentos textuais/discursivos de tamanhos diversos, tabulados (em planilhas do “Microsoft Excel” da Microsoft) em fase anterior à da pré-análise. Esses trechos foram transferidos, em sua maioria *ipsis litteris*, para as figuras que estão dispostas no decorrer das subseções da análise e, conforme o contexto que evidenciam, algumas se repetem literalmente, porém se diferem ou se dividem/multiplicam sob a concepção da dimensão da ColInfo que apresentam em seu escopo. Dessa forma, alguns trechos das coletas discursivas aparecem descritos em uma, duas, três ou até mesmo nas quatro dimensões da competência em informação.

Também fazendo parte da AC e, a partir dessas diferentes fontes de evidências, teve lugar a triangulação dos dados. Para Flick (2009) a triangulação se faz efetiva a partir da combinação de perspectivas e de métodos de pesquisa adequados, que sejam apropriados para levar em conta o máximo possível de aspectos distintos de um mesmo problema. Tuzzo e Braga (2016) verificam a triangulação como validação, e como forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo, também de descoberta de paradoxos e contradições, ou como técnica de desenvolvimento, no sentido de utilizar sequencialmente os métodos para que o recurso ao método inicial informe a utilização do segundo método e assim por diante. Para os autores a triangulação parece ser uma abordagem que se sustenta e faz sentido à medida que oferece ao pesquisador olhares múltiplos e diferentes do mesmo lugar de fala.

É importante salientar que esses procedimentos metodológicos foram estabelecidos para buscar o atingimento de todos os objetivos e foram analisados com o devido rigor científico demandado.

Assim, considerando a problematização e o objetivo geral da pesquisa esclarece-se que os achados da pesquisa remeteram-se naturalmente aos grandes grupos de contribuições que as dimensões da competência em informação reproduziram nos processos educacionais realizados na Unati, repercutindo no exercício da cidadania e na qualidade de vida dos idosos que lá participam.

Todos esses procedimentos tiveram asseguradas as suas fases, considerando que os cuidados éticos foram seguidos. O projeto inicial, como demanda o rigor científico, teve aprovado sua tramitação no Comitê de Ética em

Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em atendimento a todas as regras estabelecidas pela instituição, sob CAAE 57460322.3.0000.5231. Além disso, para a coleta de dados ser realizada com segurança todos os participantes foram informados quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices F e G).

Dessa forma, no quadro 5 seguem dispostos, sintetizadamente, a descrição das fases da AC e da triangulação dos dados.

Quadro 5 – Descrição das fases da análise de conteúdo e da triangulação

Fase da análise de conteúdo	Instrumento ou ação instrumental	Desenvolvimento dos resultados
Pré-análise (organização)	Leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação dos objetivos, referenciação dos índices e formulação dos indicadores, preparação do material	Planilhas de dados tabulados (Conteúdo do Material documental, Conteúdo das entrevistas e Conteúdo dos Grupos focais)
Exploração	Codificação, Categorização e Enumeração: unidades de contexto (UCs), unidades de registro (URs), categorias de análise (CAs) e categorias de contexto (CCs)	Figuras 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23 e 24
Tratamento dos resultados, inferências e interpretação	Resultados + Triangulação	Discussões com autores

Fonte: (BARDIN, 1977; Dados da Pesquisa, 2023)

Os dados originados a partir das três fases da análise de conteúdo foram dispostos em formato de interpretação e inferências que seguem na sequência. Esta última, segundo Bardin (1977) é um tipo de interpretação controlada. A técnica da AC de Bardin permitiu, em última instância, desenvolver a interpretação dos resultados somada à triangulação final de dados.

A partir da próxima seção estão descritas todas essas fases aplicadas aos dados apurados, incluindo-se o desenvolvimento de cada uma delas, divididas pelos materiais coletados: o material documental, as entrevistas, e os conteúdos do grupo de foco. E, na sequência, tem lugar interpretação dos resultados.

7 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Findadas as etapas de descrição dos procedimentos de coleta e de análise de conteúdo dos dados levantados, formalmente se dá início à apresentação da interpretação deles com o intuito precípuo e geral de “Investigar de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação encontram-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos no Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)”.

Nesse percurso, informa-se que, a partir desta seção, as próximas subseções estão divididas em três blocos de apresentação: iniciando-se com a pré-análise de cada fonte de evidência para, na sequência, demonstrar-se exploração do material de cada uma e sua devida interpretação. Todas essas subseções seguem precedidas por uma breve introdução na qual se descreve a fonte de evidência e como ela foi analisada.

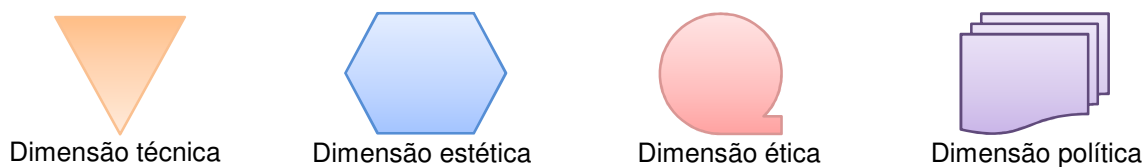
7.1 A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS - MATERIAL DOCUMENTAL

A análise e a interpretação do material documental permitiu definir o *corpus* para atendimento do objetivo específico inicial deste estudo. Assim, os dados coletados nessa fase buscaram “analisar o projeto pedagógico do Programa de Extensão Unati da Unicentro, na perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação”. Nesse sentido, concluiu-se com segurança que, para realização dessa meta, a análise individual do projeto de criação da Unati, precedentemente, já atenderia o propósito de variadas formas.

No Protocolo nº 5727/2000-Unicentro consta a proposta de execução da Unati e em seu conteúdo se analisaram os aspectos que traziam à tona aquelas dimensões a partir da sua proposta original e das suas bases de criação e desenvolvimento. O projeto inicial foi protocolado no mês de julho do ano 2000 com aprovação pelos colegiados superiores da Unicentro no mês de novembro do mesmo ano, já convalidando as primeiras atividades realizadas nesse ínterim. Ressalte-se que a proposta trazia os seguintes objetivos geral e específicos para o projeto - Objetivos gerais: a) permitir a pessoas adultas e/ou idosas o acesso à universidade para, na perspectiva da educação continuada, participarem de





atividades educativas, socioculturais, organizativas e de ação comunitária; b) estimular a reinserção social do idoso, de modo a valorizar sua contribuição na sociedade como elemento gerador de equilíbrio social; c) desenvolver um trabalho interdisciplinar voltado ao processo de valorização humana e social da Terceira Idade; d) analisar a problemática do idoso a partir de enfoques: biopsicológicos, filosóficos, políticos, jurídicos, religiosos, econômicos, socioculturais e outros. E como objetivos específicos: a) oportunizar a ampliação do papel social da universidade, tornando-se a mesma elo entre o idoso e as instituições e os serviços a ele voltados; b) trazer à comunidade acadêmica jovem a experiência do idoso como forma de enriquecimento e valorização da vida; c) propiciar aos docentes da Unicentro o desenvolvimento de estudos e pesquisa voltados à terceira idade. Suas atividades foram propostas para serem executadas em três fases, em 210 horas-aula (UNICENTRO, 2000).

Como primeiro procedimento da AC apresentou-se o formulário de acompanhamento do levantamento/material documental (Apêndice A) estabelecido e cumprido como uma das fontes de evidência concebido no projeto desta pesquisa de tese de doutorado. Nele foram dispostas as 28 atividades do conteúdo programático/organização curricular que compuseram a proposta primeira da Unati e, nelas foram demarcadas as dimensões da CoInfo seguindo a perspectiva da representação e do significado que elas contemplam em sua descrição, no âmbito das necessidades informacionais dos idosos. É relevante ressaltar que algumas dessas atividades facilmente se enquadraram em todas as dimensões, entretanto, para esta análise inicial buscou-se destacar aquelas que mais ficaram evidenciadas em cada ação pedagógica, conforme a proposta da Unati. Isto é, embora a maioria contemple mais o caráter social (pela própria natureza coletiva da Unati), várias estão concentradas caracteristicamente como atividades de aprendizado direto, configurando-se assim bastante pragmáticas. Outra classificação realizada foi a que se relaciona à promoção da autonomia, da qualidade de vida e do exercício da cidadania dos idosos a partir da sua participação nessas atividades. Dessa forma, utilizando-se os fluxogramas representativos foram distribuídas as demarcações no quadro 6 a seguir. Antes, porém, apresentam-se novamente os fluxogramas representativos à título de retomada contextual.

Figura 7 – Fluxogramas representativos das dimensões da competência em informação

Fonte: Desenvolvido pela autora conforme os dados da pesquisa (2022)

Quadro 6 – Formulário de acompanhamento do levantamento/material documental

Atividades pedagógicas/ Processos da Colinfo	Autonomia	Qualidade de Vida	Exercício da Cidadania				
Palestras ²⁶	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
I Festa Julina da Unicentro para a terceira idade		✓			✓		✓
Primeiros Socorros para a terceira idade	✓	✓		✓	✓	✓	✓
Jantar Dançante		✓			✓		✓
Curso básico de Espanhol para a terceira idade	✓	✓	✓	✓	✓		✓
Comemoração ao dia do idoso: excursão à Vila Velha	✓	✓	✓		✓	✓	✓
Curso: “Olhando o mundo por meio da fotografia”		✓	✓	✓	✓	✓	✓
Estágio de atividades de inserção comunitária	✓	✓	✓		✓	✓	✓
Dinâmica em Grupo	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Filosofia na terceira idade: “As perguntas do dia-a-dia [...]”	✓	✓	✓		✓	✓	✓

²⁶ “Envelhecendo com saúde”, “O envelhecer”, “Sentido da vida”, “Autoconhecimento”, “Autoestima”, “Relacionamento interpessoal”, “Servir”, Histórias de Guarapuava”, “Qualidade de vida na terceira idade”, “Benefícios da fisioterapia na terceira idade”, “Andropausa e menopausa”, “Amor, vida e aprendizado”, “O cotidiano da mulher madura”. “Longevidade e qualidade de vida”, “Reflexão sobre envelhecimento”, “Motivação”, “Melhor vida na Vida melhor”, “Entusiasmo – combustível necessário na melhor idade”, “A memória dos objetos na História da vida”, “Terceira idade e plenitude de vida”, “Vários olhares sobre o Caminho de Santiago”, “O Zen na arte”, “Nunca abandones um sonho”, “História, ética e cidadania”, “Administração ambiental”, Fisiologia do envelhecimento”, “Dentição na terceira idade”, Educação nutricional”, “Terceira idade e experiência”, “Qualidade de vida: stress, doenças relacionadas”, “Tradição gaúcha: ontem e hoje”, “Demências”, Terceira idade no mundo”, “O ser humano diante da morte”, “Explicação Rádio universitária”, Saúde e meditação”, “A sociedade sob a ótica da sociologia”, “O mundo das livrarias”,

Baile dos Calouros Unati		✓			✓	✓	✓
Cuidados e profilaxia dentária		✓		✓			
Excursão a Curitiba: Pontos turísticos		✓	✓		✓	✓	✓
Projeto Cora Coralina: a leitura na terceira idade	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Jogar, criar e brincar na idade da experiência	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Dança, Ginástica, Relaxamento	✓	✓		✓			
Técnica vocal e canto		✓		✓	✓		
Informática básica	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Iniciação à gravura		✓		✓	✓		
Oficina de Assistência ao Idoso	✓	✓	✓	✓		✓	✓
Exercícios laborais	✓	✓		✓			
Alfabetização digital para adultos	✓	✓	✓	✓			
Hidroginástica	✓	✓		✓			
Otimização da vida	✓	✓		✓			
Exercícios na terceira idade	✓	✓		✓			
Evento: Delícias de tortas		✓		✓	✓	✓	✓
Fotografia: teoria e prática		✓	✓	✓	✓	✓	✓
Oficina de música		✓		✓	✓	✓	✓

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Observa-se que, das 28 atividades propostas (considerando a palestra um tipo de atividade única) 17 ofereciam como possibilidade promover a autonomia dos participantes; 14 viabilizaram desenvolver o exercício da cidadania e todas elas a de viabilizar qualidade de vida aos idosos.

Com relação à promoção das dimensões da ColInfo na estrutura programática da Unati, a maioria, 21 delas, manifestaram-se na dimensão técnica e, na estética, em 20 dessas atividades. Já a dimensão ética ficou destacada em 16 das ações pedagógicas realizadas e, por fim, em 19 delas se verificou a dimensão ética de forma mais evidente.

Assim, procurando-se representar o quantitativo numérico de vezes em que as dimensões da ColInfo estiveram presentes nas atividades da Unati, apresenta-se de forma ilustrativa esse levantamento na figura 8:

Figura 8 – Presença das dimensões da competência em informação nas atividades da Unati



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

As primeiras análises do material documental bem como da descrição textual das atividades permitem tecer algumas interpretações específicas. Previamente é necessário ressaltar a educação como elemento essencial no contexto da promoção de autonomia, qualidade de vida e exercício da cidadania dos sujeitos. No caso do público envolvido neste estudo chama-se a atenção para o que diz Carvalho (2016) ao afirmar que a educação favorece e possibilita ao homem os meios para desenvolver suas potencialidades, ampliar conhecimentos e promover melhor direcionamento à vida. Fatores esses que podem auxiliar o idoso na solução de preocupações comuns dessa faixa etária. Dessa forma, o objetivo da educação para o idoso deve ser o de ajudá-lo a colocar os conhecimentos a serviço de sua construção enquanto sujeitos e, para isso, deve existir um recriar didático-pedagógico constante com vistas a provocar uma ressignificação na sua vida (LIMA, 2003). No mesmo direcionamento Marques e Pachane (2010) entendem que a

educação é tanto um direito do idoso como um espaço privilegiado para a conscientização e um dos pilares para a construção de sua cidadania.

Nesse sentido, refletir na possibilidade de educação para idosos é pensar em ferramentas para uma velhice saudável, com qualidade de vida ativa e participativa (CARVALHO, 2019).

É justamente dentro desse contexto que se encontram as universidades abertas a terceira idade (Unatis), programas ou projetos de extensão reconhecidos por muitos pesquisadores como um espaço de educação ativa. Para Cachioni *et al.* (2015) essas iniciativas estão inseridas no conceito de educação permanente no qual o aprendizado é a base do programa. Segundo os autores esse aprendizado ocorre ao longo de toda vida, ou seja, de maneira constante, cumulativa e interativa. Torres explica o aprendizado ao longo da vida como o desenvolvimento pessoal ao longo dos ciclos de vida, a aquisição de competências laborais, o manejo de tecnologias, a aprendizagem de línguas e de relações multiculturais, a socialização política e a participação cidadã (TORRES, 2003). Assim, a educação ao longo da vida refere-se às oportunidades educacionais e de aprendizado para adultos em geral (NÓBREGA, 2019), e, no caso deste estudo, aos idosos.

Para Mennocchi (2009) as Unatis podem efetivamente se constituir em espaços de lazer e de educação, nos quais seja possível refletir a respeito da velhice, de suas configurações sociais e ressignificar uma vida toda exaurida pelo trabalho. Representando, sem dúvida, uma contribuição à autonomia da pessoa idosa e um instrumento promotor de mudança cultural e da concepção social da velhice sobre as possibilidades de desenvolvimento nessa fase da vida.

Para alcançar a efetividade, Ordonez e Cachioni (2011) recomendam que essas iniciativas educativas de idosos organizem e promovam programas que respondam de forma eficiente às expectativas destes estudantes que aderem às Unatis. Esses autores asseveram que não se trata apenas de proporcionar informações que lhes ajudem a combater os efeitos do envelhecimento; é vital que sejam oferecidos conhecimentos e atividades que favoreçam a criatividade, expressividade, participação e, principalmente, que incrementem a qualidade de vida dos idosos. Lacerda (2004) considera que além da aprendizagem que proporcionam, as Unatis reconstroem a concepção de velhice, fortalecem as relações sociais, contribuem na manutenção da funcionalidade e autonomia da pessoa idosa, elevando sua autoestima – condições estas associadas ao conceito de velhice bem-

sucedida e ao envelhecimento ativo. Segundo as Nações Unidas (2002) o envelhecimento ativo tem por base o desenvolvimento de políticas públicas que beneficiem o bem-estar, a inclusão, o empoderamento e a participação dos mais velhos. Ele foi instituído pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como os processos de otimização de oportunidades de saúde, participação, segurança e educação, tendo como objetivo o aprimoramento da vida ativa à medida que as pessoas envelhecem e essa perspectiva está relacionada aos conceitos de independência, autonomia, expectativa de vida saudável e qualidade de vida (WHO, 2005). No paradigma do envelhecimento ativo a educação assume relevância, e é nas Unatis que a valorização do idoso está no centro do processo educativo (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017).

A extensão voltada à terceira idade, nas universidades, apresenta um propósito bem definido: o empoderamento e a melhoria da qualidade de vida. Assim, as ações extensionistas buscam ressignificar os sentidos dados à própria existência, bem como ampliar as relações sociais dos sujeitos, seja no grupo em que estão inseridos seja em outros grupos sociais (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015, p.35).

Nóbrega (2019) afirma que o desenvolvimento de contatos, de relações sociais e a habilidade de conviver com outras pessoas é o foco da dimensão socioeducativa. Os aspectos principais desse tipo de aprendizagem envolvem o compartilhamento, a troca de ideias e o desenvolvimento de atividades de forma conjunta. A aquisição de novos conhecimentos por meio de cursos, palestras, viagens, grupos de leitura e visitas a museus são algumas das atividades que podem ser elaboradas para o desenvolvimento da competência em informação do idoso.

Essa diversidade de atividades e, conseqüentemente, os resultados que promovem no educando, em relação ao manuseio da informação e do conhecimento originados nesses processos educacionais, reveste-se de uma multiplicidade dimensional. Essa perspectiva converge com o pensamento de Vitorino (2020) ao defender que a abordagem educacional e filosófica da ColInfo caracteriza-se pela metacompetência e sob quatro dimensões: técnica, estética, ética e política. A autora defende que a análise dimensional da competência em informação pode contribuir para diversos “cruzamentos” com outros assuntos que guardam características e elementos constituintes distintos, mas que ainda assim se

complementam quanto à informação. Nesse sentido, importa relacionar a aprendizagem do sujeito idoso pelo viés da multidimensionalidade descrita em cada atividade diferente proposta no documento de criação e proposição da Unati.

Vitorino (2020) recupera os estudos da *Australian and New Zealand Institute for Information Literacy* (ANZIIL) e pelo *Council of Australian University Librarians* (CAUL) (AUSTRALIAN..., 2004) para explicar que a estrutura da análise dimensional incorpora padrões e resultados de aprendizagem que consistem nas características, atributos, processos, conhecimentos, habilidades, atitudes, crenças e aspirações associados com o indivíduo competente em informação. Assim, as dimensões são baseadas em habilidades genéricas, habilidades de informação e valores e crenças, que serão afetadas de acordo com contextos específicos. Trazendo para a realidade do aprendiz do idoso na Unati destaca-se, pelo que defende a autora, que as habilidades genéricas incluem a resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe, comunicação e pensamento crítico. Já as habilidades de informação incluem a busca, o uso e a fluência em TIC. E os valores e as crenças incluem o uso da informação de forma sensata e ética, a responsabilidade social e a participação na comunidade. Dessa maneira afirma-se, pela análise de conteúdo, que as atividades que se realizam na Unati constituem-se dessas dimensões e elas “se ‘combinam’ no processo de desenvolvimento da competência em informação” (VITORINO, 2020, p. 40) por intermédio das necessidades informacionais que repercutem.

Focando-se preliminarmente nos objetivos gerais do documento de criação e execução da Unati observa-se essa multidimensionalidade já nos seus objetivos gerais mencionados no início desta seção e descritos no quadro 7:

Quadro 7 – Objetivos gerais da proposta da Unati/Unicentro

a) permitir a pessoas adultas e/ou idosas o acesso à universidade para, na perspectiva da educação continuada, participarem de atividades educativas, socioculturais, organizativas e de ação comunitária;	b) estimular a reinserção social do idoso, de modo a valorizar sua contribuição na sociedade como elemento gerador de equilíbrio social;	c) desenvolver um trabalho interdisciplinar voltado ao processo de valorização humana e social da Terceira Idade;	d) analisar a problemática do idoso a partir de enfoques: biopsicológicos, filosóficos, políticos, jurídicos, religiosos, econômicos, socioculturais e outros
--	--	---	---

Fonte: UNICENTRO (2000)

Os objetivos gerais da Unati focam na educação continuada, na reinserção social, na valorização humana do idoso por intermédio de atividades notadamente socioculturais coletivas. Já os objetivos específicos voltam-se para os demais entes envolvidos nesse processo, quais sejam, a universidade e sua comunidade e os agentes educacionais, como pode ser visualizado no quadro 8.

Quadro 8 – Objetivos específicos da proposta da Unati/Unicentro

a) oportunizar a ampliação do papel social da universidade, tornando-se a mesma elo entre o idoso e as instituições e os serviços a ele voltados;	b) trazer à comunidade acadêmica jovem a experiência do idoso como forma de enriquecimento e valorização da vida;	c) propiciar aos docentes da Unicentro o desenvolvimento de estudos e pesquisa voltados à terceira idade.
---	---	---

Fonte: UNICENTRO (2000)





Pensando-se nesses entes envolvidos no processo da ColInfo e suas variadas dimensões no ensino da comunidade idosa, recorre-se mais uma vez a Vitorino (2020) a qual ressalta que a competência do indivíduo pode representar diferentes níveis de desempenho, tanto no âmbito individual como profissional e durante a realização de atividades diversas ou em suas interações sociais. Dessa forma, observa-se aqui a relação interdisciplinar que também prevalece nos processos da ColInfo. A influência das ações da comunidade universitária, bem como dos diversos agentes educacionais interagindo nesse universo.

Concluída a apresentação e análise dos resultados obtidos das ações didáticas iniciais do documento criador da Unati, buscou-se então fazer a exploração do **material textual** propriamente dito do projeto pedagógico em sua: apresentação, descrição, justificativa e objetivos (geral e específicos). Essa etapa foi realizada a partir da codificação, categorização e contagem de índices (ou enumeração). Para esse fim, foram realizados o recorte das unidades de contexto e de registro; a classificação categorial de análise e de contexto; e, a enumeração (a presença e a frequência) das dimensões da ColInfo nas unidades de contexto. Os fluxogramas representativos das dimensões foram utilizados mais uma vez para o momento da enumeração.

Com relação à enumeração/frequência das unidades de contexto do material documental explica-se que, optou-se por aplicar como regra de enumeração (o modo de contagem), o cômputo das vezes em que **cada dimensão estava representada**

em cada trecho discursivo²⁷. Dessa forma, no decorrer da seleção dos segmentos de conteúdo foram se destacando neles as dimensões da Colnfo que se revelavam naqueles trechos. Para esse procedimento, mais uma vez, foi utilizado o fluxograma representativo das dimensões da competência em informação. Como no exemplo a seguir:

Quadro 9 – Exemplo da forma de análise e representação das dimensões da Colnfo nos segmentos de conteúdo do material documental

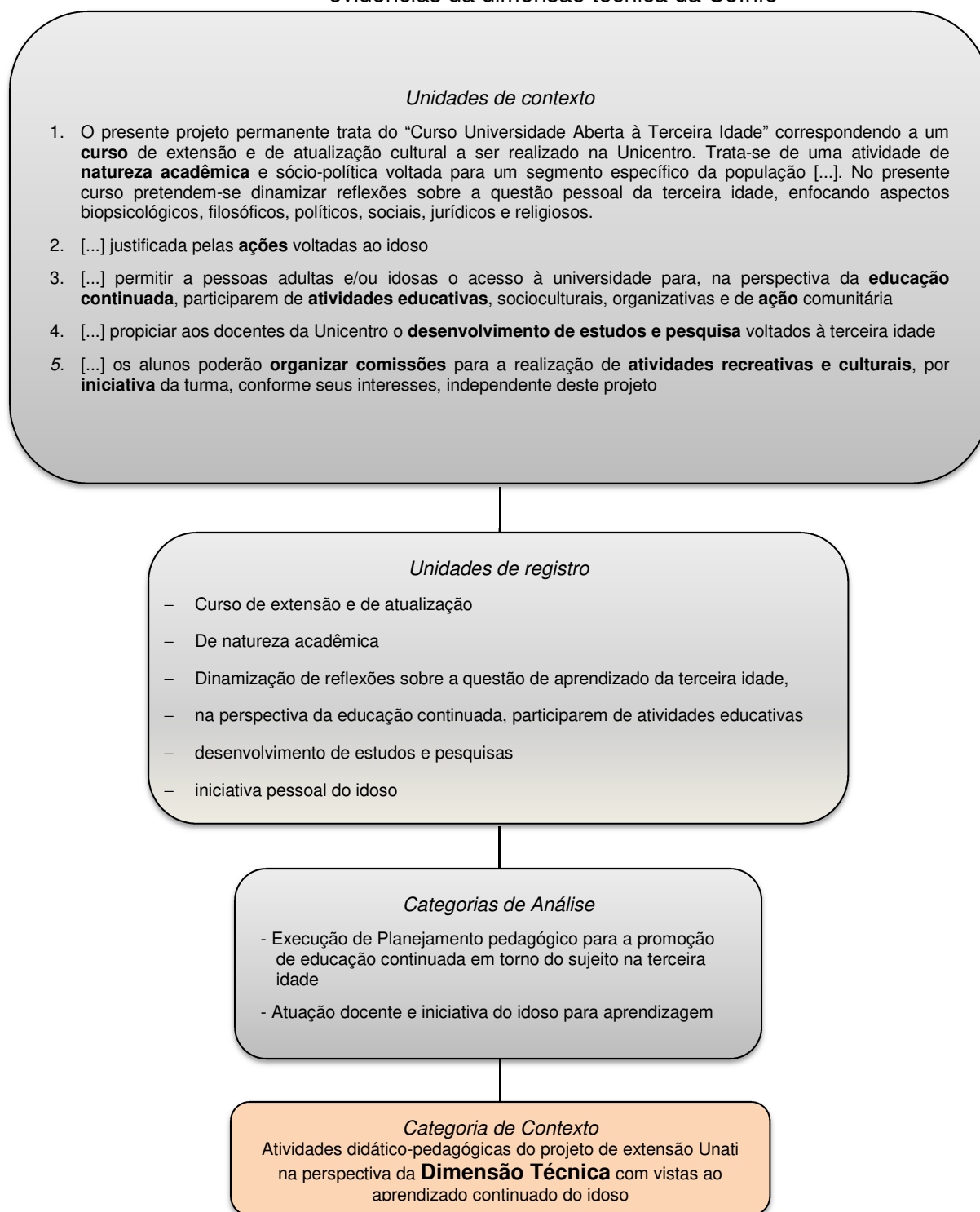
Segmento de conteúdo (unidade de registro)	Dimensão da Colnfo
<i>“Propiciar aos docentes da Unicentro o desenvolvimento de estudos e pesquisa voltados à terceira idade”</i>	 (técnica)
<i>“Reintegração do idoso na sociedade”</i>	 (política)
<i>“Dinamizar reflexões sobre a questão pessoal da terceira idade”</i>	 (estética)
<i>“Problemas brasileiros que envolvem desde a exploração do trabalho do idoso até a sua total marginalização”</i>	 (ética)

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A partir da leitura aprofundada e criteriosa do *corpus* de análise e, de acordo com os objetivos deste estudo - os quais se assentam preliminar e fundamentalmente nas dimensões técnica, ética, estética e política da competência em informação envolvidas nas ações pedagógicas realizadas na Unati - a etapa de codificação e categorização foi construída baseada em um cenário quádruplo de categorias de contexto. Observou-se que, dentro das URs muitas das dimensões da Colnfo se manifestam repetidamente em algumas ações, o que demonstra que elas trazem em seu contexto uma ou até mesmo as quatro dimensões da Colnfo em sua natureza. Dessa forma, os resultados dos dados estão dispostos nas figuras 9, 10, 11 e 12.

²⁷ Importante ressaltar que esse procedimento foi também utilizado para realização da contagem dos índices nos segmentos de conteúdo das entrevistas e dos grupos de foco.

Figura 9 – Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão técnica da ColInfo



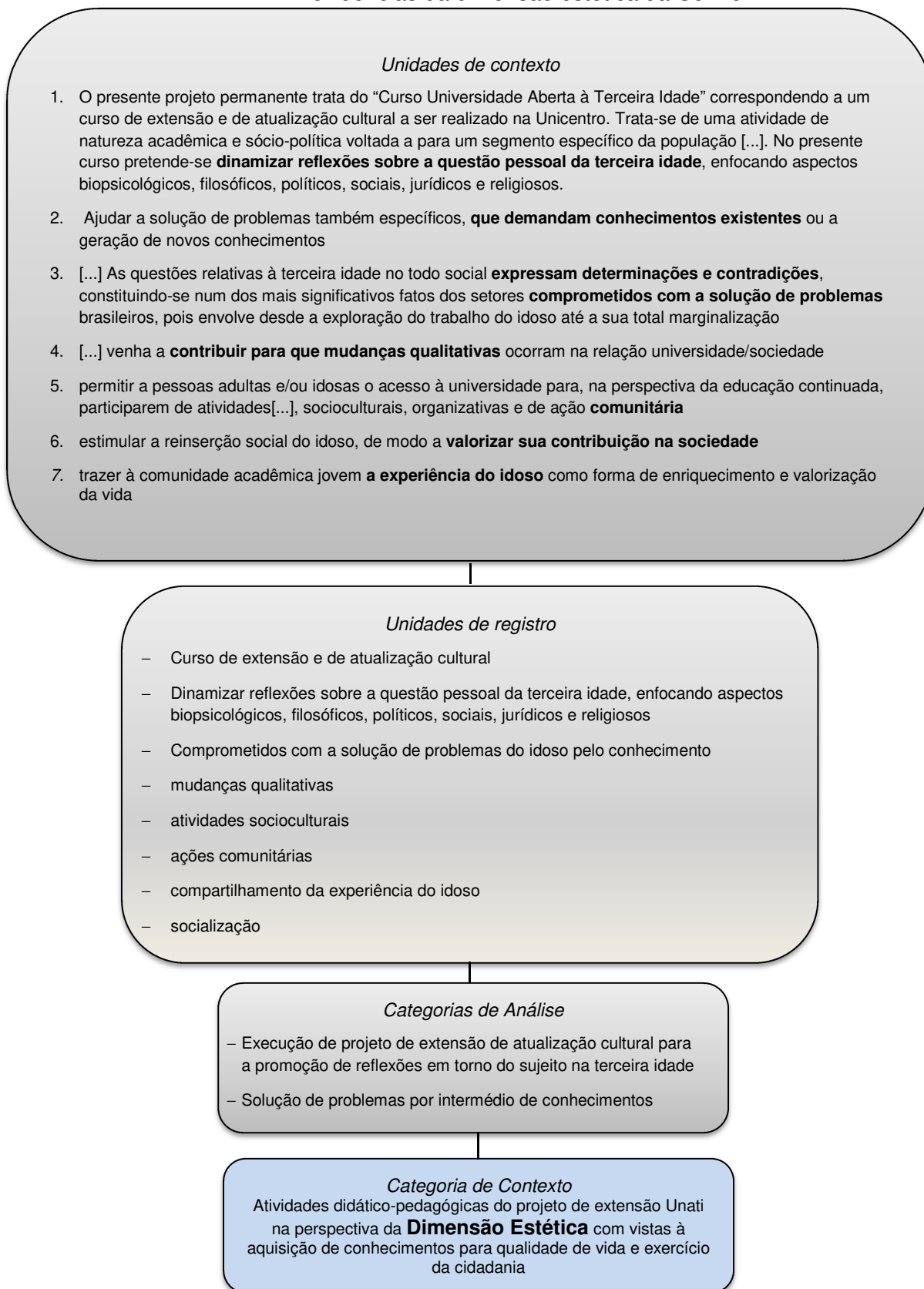
Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Nessa estrutura, as UCs em destaque e as URs permitem inferir que as ações descritas no projeto de criação da Unati tem características técnicas do fazer pedagógico propriamente dito, como se vê em algumas das expressões temáticas como: **curso, atualização, natureza acadêmica, aprendizado, educação**

continuada, atividades educativas, estudos e pesquisas. Saliente-se que essas não são as únicas mensagens do texto que demonstram essa circunstância, entretanto, são algumas que remontam a ação de **encontrar, avaliar e usar** a informação para o aprendiz.

Para Vitorino e Piantola (2019, p.99) – que tratam em sua obra da dimensão técnica exercida pelos profissionais de informação, mas que no caso deste estudo se encaixam aos objetivos da Unati - “a técnica tem um peso significativo na prática” e “a técnica é o processamento técnico em si”. Assim, salienta-se que para a execução das atividades didático-pedagógicas com vistas ao aprendiz contínuo do idoso demandam-se atividades essencialmente baseadas na **ação**. Essa ideia converge com o que dizem as mesmas autoras lembrando Rios (2006), ao ressaltarem que a técnica deve ter sentido como suporte que é da competência, e que isso diz respeito à capacidade de lidar com os conteúdos – conceitos, comportamentos e atitudes – e à habilidade de reconstruí-los, ou seja, também a essa dimensão está associada à noção de transformação (científicas, técnicas, no âmbito do trabalho e até ideológicas). Segundo as autoras a dimensão técnica, aliada às TIC, conecta pessoas aos recursos globais de informação e às ideias e obras de criação intelectual que elas procuram, tornando disponíveis a riqueza da expressão humana e a diversidade cultural em todos os meios de comunicação. Trazendo para a realidade dos processos educacionais da Unati, a dimensão técnica da CoInfo permite a transformação, por intermédio de diversas ferramentas de ensino, da informação em conhecimento, pelos unatianos.

Figura 10 – Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão estética da ColInfo

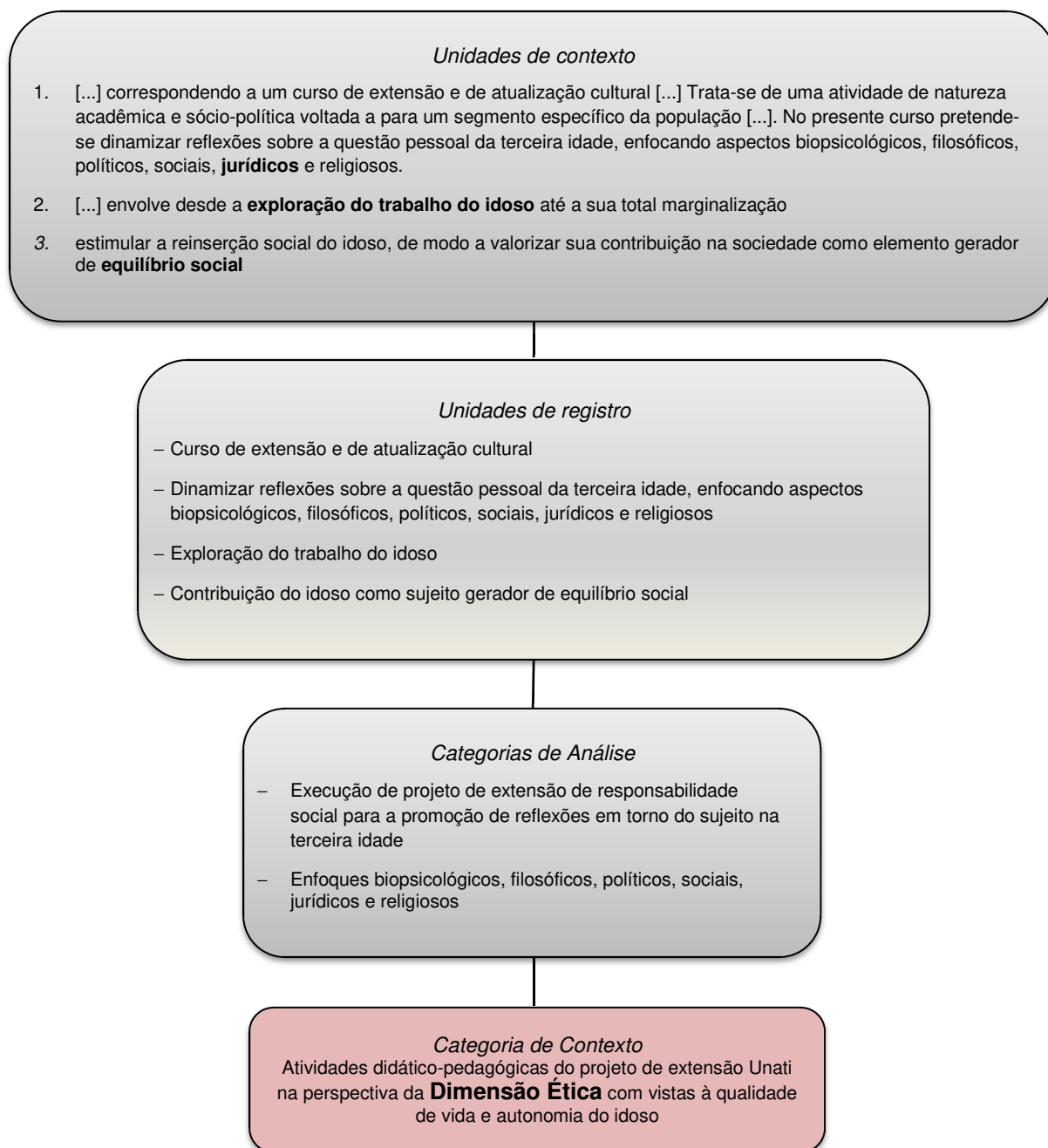


Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Com respeito à segunda categoria de contexto levantada, na figura 10, observam-se as expressões textuais nas URs: **compartilhamento da experiência do idoso, socialização, dinamização das reflexões filosóficas, atualização cultural**, entre outras. Tais ações dispostas, ao considerar aspectos relacionados à **reflexão, à experiência, à capacidade de ressignificação da informação** ensejam a dimensão estética da ColInfo.

Essa perspectiva vai ao encontro do que afirmam Vitorino e Piantola (2019, p.107) sobre essa dimensão: “A experiência estética está presente em todos os aspectos da vida humana [...]” e “como tal tem papel preponderante na ordem da coletividade e em seu comprometimento com o bem-estar social”. Para as autoras a estética se constitui em um movimento em direção à ordenação sensível do todo social. Assim, ao se imaginarem ou criarem imagens mentais em resposta a uma informação, os envolvidos no processo educacional na Unati trazem à consciência algo deles mesmos imprimindo a elas características pessoais, não verificáveis ou compartilhadas por outros (VITORINO; PIANTOLA, 2019). Dessa maneira, ao se dinamizar reflexões sobre a questão pessoal da terceira idade (Figura 10), por exemplo, os sujeitos não se limitam à simples apreensão da realidade exterior e interior, mas à racionalidade e à força da reflexão, significando que o assunto será, conforme defendem Vitorino e Piantola (2019), longamente meditado, considerado em todas as suas partes e examinado na totalidade de aspectos: sem reflexão, sem escolha, sem comparações - afirmam as autoras - o indivíduo torna-se incapaz de dominar o conteúdo que pretende tratar.

Figura 11 – Síntese da exploração do material documental: evidências da dimensão ética da ColInfo



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Fragmentos textuais representados em algumas das URs dispostas na figura 11 como: **exploração do trabalho do idoso, contribuição do idoso como sujeito gerador do equilíbrio social, reflexões acerca de aspectos jurídicos e sociais**, entre outras, ensejam questões de valores e de atitude crítica. Observa-se ainda, nesse contexto a busca pela realização do **bem comum**, característica da dimensão ética da ColInfo. Segundo Vitorino e Piantola (2020, p.122):

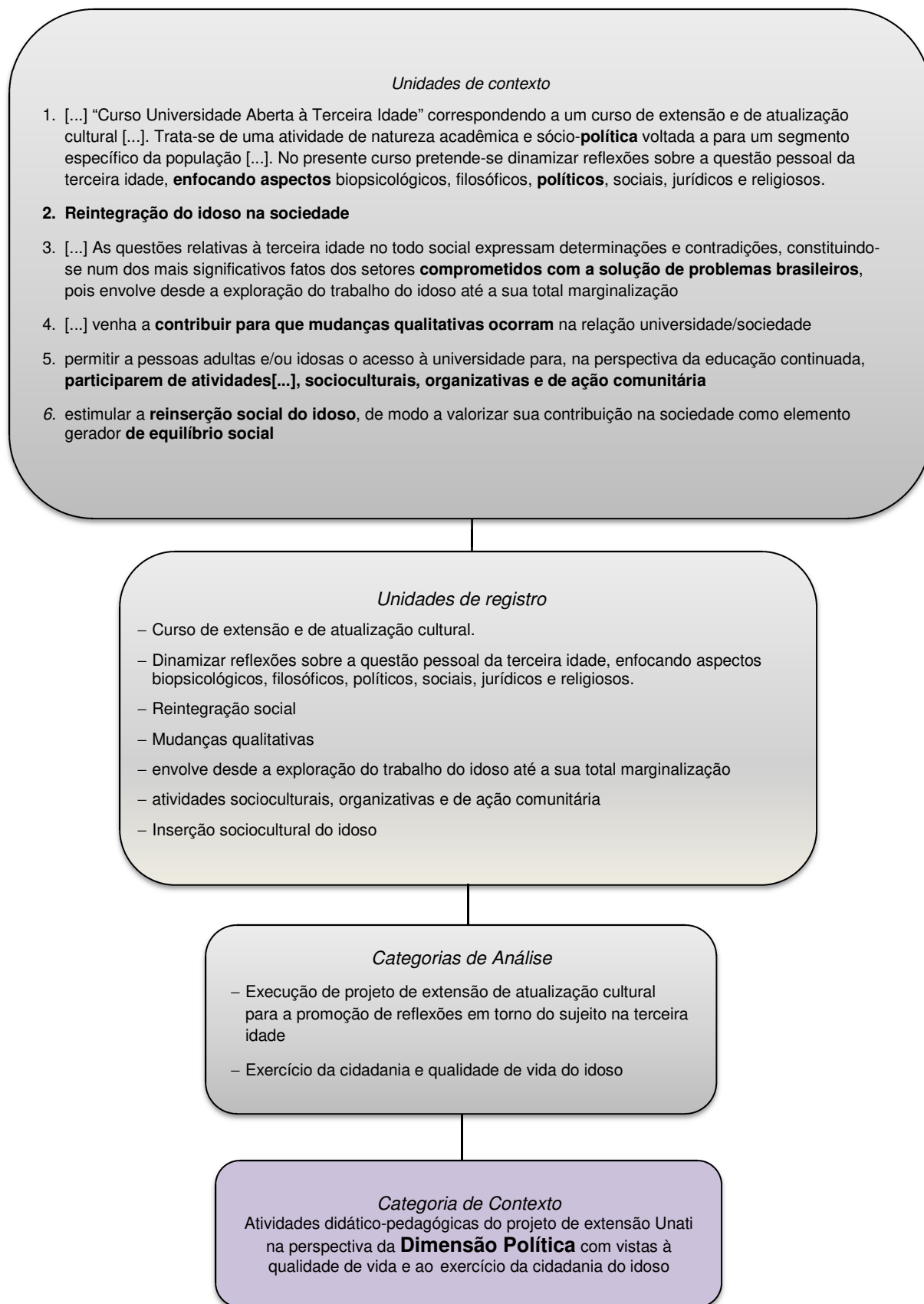
O caráter crítico atribuído à ética está no cerne da ideia de competência em informação, já que, nessa condição, o indivíduo é capaz de tomar uma posição diante de determinadas situações – o que requer, na maioria das vezes, um julgamento de valor.

A partir do descrito por Vitorino e Piantola (2020) acerca da dimensão ética da ColInfo, defende-se que, do desenvolvimento das atividades de acesso ao conhecimento na Unati resulta uma forte demanda por **responsabilidade, atitude crítica, julgamento de valores, bom senso, correção e supervisão** adequadas, diante do universo informacional que a atividade educacional do sujeito idoso enseja. Nesse sentido, acredita-se que na execução de qualquer ação pedagógica, a dimensão ética da informação deve prevalecer dentro dos padrões esperados. Assim, ao se imaginar, como apresentado no documento de criação da Unati, que vão se tratar aspectos que envolvem desde a **exploração do trabalho do idoso até a sua total marginalização** espera-se a prevalência dos preceitos éticos que

[...] – se praticados em atitudes – requerem força de vontade, inspiração, exercício, conselho, supervisão, aperfeiçoamento, ajuda do grupo, da comunidade, dos mestres, além de disciplina, autocontrole, exame de consciência, paixão, senso da honra e outros mais (VITORINO; PIANTOLA, 2020, p. 123)

Por fim, relembra-se que Vitorino e Piantola (2019) defendem que as demais dimensões da ColInfo – técnica, estética, política – encerram um princípio ético. O domínio da técnica, por exemplo, demanda escolhas e apresenta exigências de caráter social, as quais terão implicações éticas. E assim sucessivamente.

Figura 12 – Síntese da exploração do material documental:
evidências da dimensão política da ColInfo



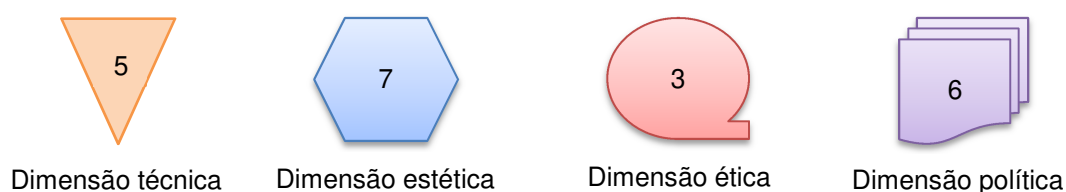
Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Na quarta parte de categorias de contexto manifestadas pelas URs levantadas, observam-se as expressões textuais: **dinamização de reflexões sob aspectos políticos, reintegração social, atividades de ação comunitária, inserção sociocultural do idoso**. Essas ações relacionam-se ao exercício da cidadania e à participação das pessoas nas decisões e nas transformações referentes à vida social e à promoção da capacidade para os idosos verem além da superfície dos discursos.

A consideração de Jacobs (2008) é recuperada por Vitorino e Piantola (2019) e assevera que, por se situar dentro de um contexto sociopolítico, a competência em informação não poderia ser direcionada de outra forma que não politicamente. Dessa maneira, a dimensão política da ColInfo não poderia estar menos presente nas atividades educacionais da Unati que as demais dimensões, pois ela está implícita em todas as atividades que envolvem o âmbito social e permite aos envolvidos atuarem ativamente dentro desses contextos. Para as autoras acima, a política possibilita ao indivíduo buscar seus objetivos, baseia-se na pluralidade dos homens, trata da convivência entre diferentes, está centrada em torno da liberdade, em um espaço que só pode ser produzido por muitos, em que cada qual se move entre iguais.

Assim, ao se finalizar a enumeração do material documental obteve-se a quantidade de ações por dimensão:

Figura 13 – Presença das dimensões da competência em informação no projeto de criação da Unati



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A frequência numérica revelada demonstrou, na prática, mais do que quantitativamente, mas qualitativamente, uma harmonia bastante favorável de ocorrências das dimensões da ColInfo no que se refere às ações frente à proposta educativa dos idosos. Essa manifestação converge positivamente em benefícios que podem ser praticados em sua totalidade pelos unatianos ao se tornarem

competentes em informação. Por serem indissociáveis, essas quatro dimensões presentes e em harmonia, tanto na competência, quanto na informação, necessitam mesmo ser desenvolvidas simultaneamente e permitem clarificar aspectos complexos delas e uni-las, de tal modo, que produzam efeitos nas pessoas como: a cidadania (ORELO, VITORINO, 2020; VITORINO; 2020; VITORINO, DE LUCCA; 2020).

A seção seguinte adentra na análise e interpretação da segunda fonte de evidência utilizada na coleta de dados: as entrevistas com os agentes educacionais e com a coordenação da Unati.

7.2 A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – ENTREVISTAS

As entrevistas tiveram como foco atender aos objetivos “c” e “d” deste estudo: “mapear as atividades didáticas promovidas pelos agentes educacionais em sua atuação na Unati na perspectiva da aplicação das dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação” e “verificar como as ações dos agentes educacionais promovem as dimensões técnica, estética, política e ética da ColInfo nos idosos da Unati”.

Conforme já mencionado, as entrevistas foram realizadas com os nove agentes educacionais, bem como com a coordenadora da Unati, somando 5 horas e 55 minutos de gravações. A utilização do editor de planilhas Microsoft Excel facilitou o manuseio, visualização e leitura do material, bem como a seleção das unidades de registro e de contexto, ações essas integrantes da análise de conteúdo.

Os dados levantados acerca do perfil dos entrevistados revelaram que as idades dos agentes educacionais da Unati variam de 19 a 80 anos. Desses, apenas um ainda está cursando o ensino superior, todos os demais têm, desde o ensino médio completo passando por formações em nível de especialização, mestrado e doutorado. As suas áreas de formação concentram-se nas Letras (Inglês, Espanhol), Informática, Administração, Regência e Canto Coral, Educação Física, Pedagogia, Fisioterapia e Ciência da Computação. Quanto ao tempo de atuação na Unati como agente educacional e coordenação os tempos totais variam de 2 meses a 14 anos.

Todos os agentes educacionais confirmaram sua constante capacitação pedagógica por intermédio, de forma geral, de: cursos de pós-graduação em nível

de especialização, mestrado e doutorado; participação em grupos de pesquisa, eventos acadêmicos e congressos; leitura de artigos, livros e revistas científicas; pesquisa em sites da internet por novos materiais didáticos; frequência em cursos de aperfeiçoamento *online* e presenciais e formação específica nas áreas que atuam; orientação discente; buscas em redes sociais que tratam das suas áreas de formação, bem como relacionadas à terceira idade e intercâmbio e reuniões com grupos de outras universidades que atuam nas Unatis.

Sobre a pré-análise do material coletado nas entrevistas, explica-se que primeiramente foi realizada a leitura flutuante de todo material. No caso desta pesquisa não foi descartada nenhuma entrevista após a leitura, considerando que não se trabalhou com uma amostra, mas sim com a totalidade do material. Nessa atividade, estabeleceu-se o contato com os discursos, com o objetivo de torná-los operacionais e sistematizados. Também nessa fase foi demarcado o universo/*corpus* do material que posteriormente viria a ser submetido aos processos analíticos. Nesse *corpus* foram seguidas as regras de Bardin (2016) considera essenciais para uma pré-análise ideal do material: regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A figura 14 é um extrato da forma de transcrição das entrevistas na ferramenta de edição de planilhas Microsoft Excel.

Figura 14 – Extrato da transcrição das entrevistas

	A	B	C	D	
	São incorporados conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e				
	Tabulação dos dados - Entrevista com Coordenação da Unati				
	4. Práticas de ensino/pedagógicas/trabalhos				
	Em suas atividades de coordenação junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?	Descreva e detalhe a metodologia e/ou didática usada por você na sua atuação de coordenação relacionada às atividades ministradas aos unatianos.	São incorporados conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora se considerem relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram planejados para as atividades?		
4	MRV	40'27" Todos os espaços que usamos são compartilhados. Câmpus Santa Cruz, Sala da Coordenação, Jardim de Inverno para as atividades coletivas, Duas salas de aula com acessibilidade, Laboratório de Informática, Sala de Espelhos para atividades físicas, Sala de Canto, ACRE, Piscina, Sala de Ginástica, Câmpus Cedeteg, Clínica de Fisioterapia, Clínica-Escola de Nutrição, Ginásio de Esportes, Ambulatório do departamento de medicina, Cozinha-Escola do curso de Nutrição, o espaço da equoterapia.	47'00" Uma visão com a amplitude que o Curso de Pedagogia dá é bastante importante para a coordenação. Não que necessariamente seja um pedagogo de formação, mas que seja um profissional que tenha essa visão pedagógica. Que visualize o idoso não só no aspecto físico - porque se associa muito o envelhecimento à doenças, e, a gerontologia veio para superar isso, que somos muito mais que corpos envelhecidos e doentes. Então essa visão do homem <i>bilabera</i> é muito relevante. Importante não se acomodar com o que tem, ou considerar que eu tenho um horário de atividades estabelecido e pronto. Não. O importante é a gente poder absover tudo que chega e que venha a crescer à pessoa idosa.	43'25" Sim, porque quando você faz o projeto você não consegue visualizar tudo o que vai acontecer no futuro. Então, nessa busca de intercâmbio nos proporcionamos viagens aos unatianos que possibilitam um enriquecimento muito grande de tudo isso que a gente trabalha. Por exemplo, nós temos contato com uma empresa que promove um festival de idosos e no primeiro semestre é geralmente em Balneário Camboriú e no segundo semestre se realiza em algum outro país da América do Sul ou até mesmo em outro local do Brasil. Nesse sentido já tivemos oportunidade de conhecer grupos da América do Sul inteira e este ano até um grupo do México esteve presente. Por exemplo, neste ano devido ter sido logo após o relaxamento das regras da Pandemia não foi tão amplo, mas já tivemos grupos maravilhosos que vieram do Paraguai e que por intermédio do Folclore ensinavam sua cultura, da Argentina, do Uruguai, do Chile, oportunidades bastante grandes de enriquecimento. Outros passeios que fazíamos e que não temos feito devido à Pandemia eram as visitas à museus da região. Essas visitas eram antecedidas, por exemplo, de aulas dos professores da Unicentro que nos ensinavam a função de um museu. Então ao chegar lá nós já tínhamos o olhar educado para observar o museu com a sua real importância. Fizemos também Cruzeiros e outras viagens internacionais. Já estivemos em visita à Universidades da Argentina, do Paraguai e essas viagens são sempre precedidas de um estudo daquela localidade. Não para direcionar o olhar mas que a viagem possa ser aproveitada da melhor maneira possível. Nesse sentido que a gente busca essa incorporação nas disciplinas. E eventualmente acontece, como já mencionado dos professores dos departamentos voltarem de suas qualificações e capacidades e nos procurarem cheios de novidades e então a gente inclui no projeto essas oportunidades.	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Observa-se que as transcrições apresentam-se organizadas na planilha por quatro abas que descrevem as áreas de questionamentos tratadas nas entrevistas. No topo de cada coluna têm lugar as perguntas, dentro daquelas áreas das abas, e, na linha horizontal da planilha seguem as respostas do entrevistado, o qual tem apenas suas iniciais apresentadas mantendo seu anonimato. No início de cada pergunta ficou identificado o minuto e o segundo em que se iniciou a resposta do questionado.

Na fase de exploração material das entrevistas – codificação e categorização – ocorreu o tratamento do *corpus* das entrevistas demarcado na pré-análise. Análogo à AC do levantamento documental, nessa etapa se fez basicamente a codificação e a categorização do material em função de regras previamente formuladas. Dessa forma, considerando a organização realizada, ocorreu a desmontagem do texto/conteúdo discursivo em categorias de análise. Foi uma etapa de levantamento de outras informações, agora com base em critérios qualitativos e também quantitativos. As técnicas de codificação e categorização (de contexto e de análise) foram empregadas para que se passasse de um texto não estruturado para as respostas das perguntas-problema da pesquisa. Este foi o momento de se partir do conteúdo manifesto e literal das entrevistas para seus significados latentes.

A fim de se manter a coerência da AC, no caso das entrevistas também se seguiu a padronização de tratamento dos dados considerando, originariamente, os objetivos a serem atendidos neste estudo. Por esse motivo, buscou-se em princípio, analisar a manifestação ou ausência das dimensões da CoInfo nas ações pedagógicas praticadas pelos agentes educacionais da Unati, bem como pela coordenação do programa. E, posteriormente, foram analisados e interpretados alguns trechos específicos dos discursos coletados à luz da teoria científica de autores como Vitorino e Piantola (2011), Oliveira e Vitorino (2020) e Nóbrega (2019), entre outros.

Sobre a estruturação da análise cumpre ressaltar que, do mesmo modo que na análise do material documental, os resultados seguem dispostos nas figuras a seguir:

Figura 15 – Síntese da exploração material das entrevistas:
evidências da dimensão técnica da ColInfo

Unidades de contexto

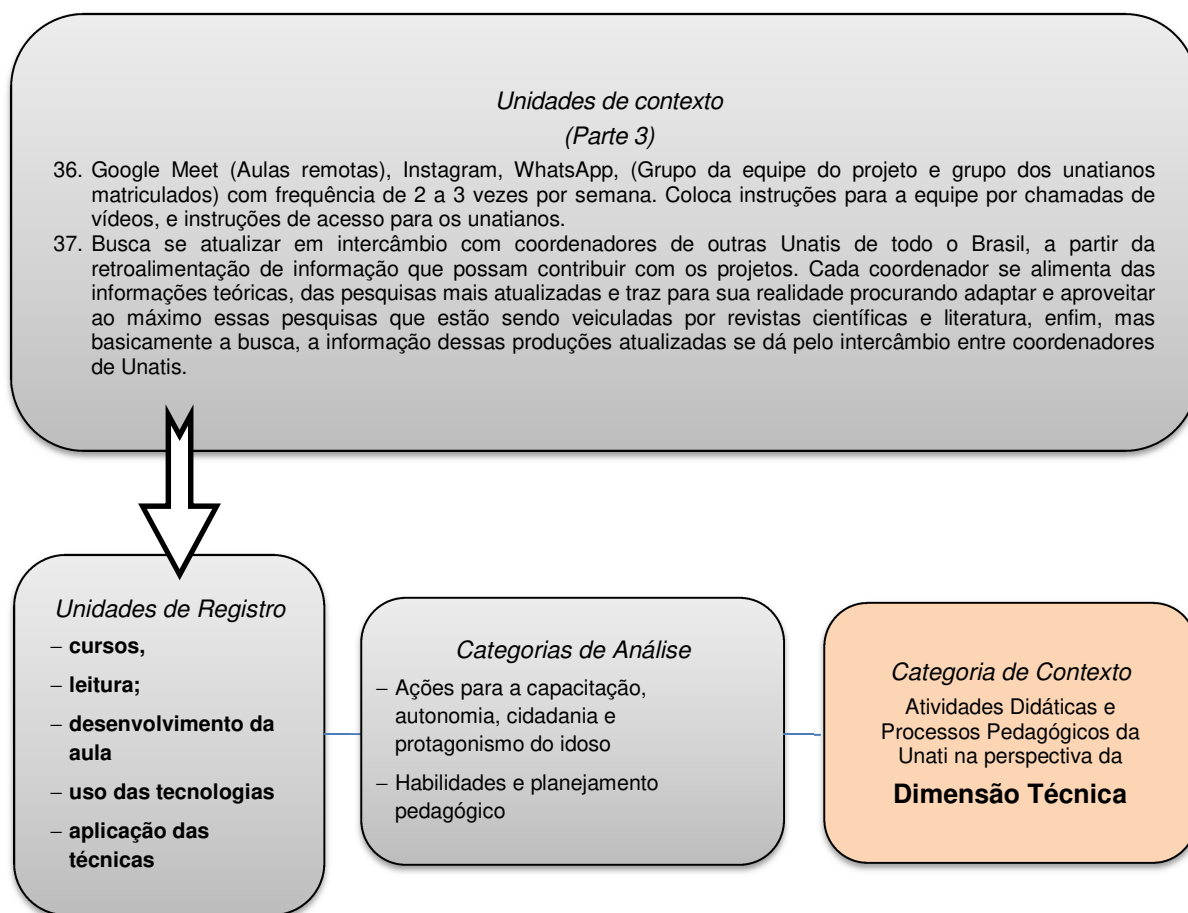
(Parte 1)

1. Através da Internet, Cursos online e cursos presenciais, leitura de artigos.
2. elaborei um programa de aulas com eles.
3. ... eu tenho que montar uma aula que eu consiga atender a todos. [...] às vezes eu planejo uma coisa, mas eu chego no momento e eu percebo que não dá certo, então eu tenho que adaptar.
4. eu sempre estou me atualizando por meio de artigos [...]
5. vez ou outra eu sigo, principalmente no Instagram, eu sigo umas plataformas de hidroginástica e natação [...]
6. eu monto a aula, levando em consideração que todo mundo consiga fazer aquele exercício
7. [...] a gente tenta trabalhar muita coisa ali que eles precisam no dia a dia: mobilidade, flexibilidade, coordenação motora.
8. A gente está em constante processo de atualização. Existem cursos de formação específico desta área [...].
9. [...] a gente prepara as coreografias e é nesse sentido que eu mando o material para elas. Eu coloco o passo, como que ele funciona e como faz isso dentro da música, [...] muitas vezes eu fico fora do palco dando umas dicas, porque muitas vezes elas esquecem, elas se distraem, se dispersam também. Então eu acabo fazendo isso.
10. (Busco) cursos de formação próprios [...] e vou atrás sobre atualização sobre a dança, tanto na parte prática quanto teoria da dança; outras academias e outros lugares que trabalham com a melhor idade. Porque aqui eu trabalho com mulheres adultas, e aí eu avanço as adaptações para mulheres na terceira idade. Então o que eu busco essa adaptação para que fizesse melhor pra elas. [...] artigos que falem da terceira idade e da dança na terceira idade, o que eu devo levar pra elas Em cima desses elementos que eu vinha construindo com a "Maria", em pesquisas, é que a gente chegou nisso, de dar pra elas isso.
11. (Utilizo) Vídeos do You Tube. [...] Sou uma pessoa que acredita que... apesar de ter muito da tecnologia que pode proporcionar, eu sou muito da escrita, eu sou tátil, então eu tenho que ter alguma coisa na minha mão. As minhas aulas eu planejo também... o que eu vou dar essa semana. Como que vou fazer elas chegarem a concluir aquela coreografia. Os passos isolados em cada aula. Dentro de cada aula eu coloco questões como, o que a gente está trabalhando: localização espacial, coordenação motora, equilíbrio... então essas coisas que são importantes pra elas. Eu coloco exercícios que trabalham isso mas elas acham que estão dançando. Porque eu também sou da Educação Física, então eu coloco algumas coisas também nesse sentido. [...] E eu escrevo isso. Então eu tenho o caderninho.
12. [...] então eu vou planejando e substituindo passos e movimentações que sejam mais confortáveis para elas. [...] eu incluo isso dentro da minha elaboração. Eu tenho uma aula de 60 minutos então dentro desses 60 minutos tem que trabalhar com tudo isso.
13. Agora eu vi que eu tenho bastante habilidade. [...]. O que eu já entendi também, é que a repetição, pra eles, tem que ser constante [...].
14. Eu sigo participando de eventos acadêmicos. Também vejo sites e materiais atualizados acerca da língua espanhola, acerca de novos materiais didáticos e atividades variadas que nós podemos encontrar porque a cada ano tem coisas novas surgindo. Então eu sempre faço pesquisas, mesmo tendo material de base. Toda semana quando eu vou trabalhar algo eu vou ler, eu vou ver se tem alguma notícia que tem algo que eu possa acrescentar.
15. Então muitas das vezes nós não temos muito material didático voltado para o público idoso, não se encontra um livro. Nós fazemos adaptação de material.
16. Além do material de base, nós temos alguns sites específicos de língua espanhola e que são voltados para isso, como o ProfedeEle [...] eu sempre estou lendo vídeos do YouTube. Bem ou mal é uma ferramenta excelente que nós encontramos muita coisa[...] nós trabalhamos sobre redes sociais, [...] eu tenho uma gama de materiais impressos e livros em pdf.
17. Uma professora "R" da língua alemã, ela tem uma facilidade muito grande com tecnologia e com essas plataformas, então nós discutimos bastante na hora de selecionar as plataformas e como nós faríamos coisas.
18. Sim, nós precisamos adaptar o material, se nós formos usar o material... O tamanho da fonte, porque a fonte pequena eles não vão enxergar.
19. este ano ainda tivemos aula online. Então era um espaço diferenciado né, enfim... via meet novamente, porque era a plataforma que eles estavam empregando.

Unidades de contexto

(Parte 2)

20. Eu sempre estou estudando. [...] É algo contínuo. [...] fiz vários estágios em escolas de inglês também. E, claro, o Mestrado e o Doutorado, então é algo contínuo, estou sempre me especializando, sempre buscando aperfeiçoar, porque a gente sempre tem o que aprender.
21. Na Internet, eu sempre busco na internet. Eu tenho uma inscrição em um site muito interessante que se chama "A Língua House" e ele tem todo tipo de lições que você imaginar então eu pego a base ali e adapto para os meus alunos.
22. Sempre, sempre, eu utilizo o data-show com eles. Porque eles têm dificuldade de visão, então eu levo as lições, as perguntas, as atividades produzidas no computador.
23. Às vezes eu peguei um plano de aula lá desses sites que eu gosto e percebi que talvez aquilo não vai se encaixar muito, eu adapto, eu mudo. Tem a questão do zoom também, a questão do volume mais alto nos áudios, ou às vezes de deixar o áudio, os áudios de listening, de atividade de escuta deixar mais devagar, diminuir ali a velocidade. Trazer imagens, muitas imagens pra mostrar pra eles, pra eles verem, vídeos, eles gostam muito de vídeos também.
24. Eu sempre fiz cursos. Duas Especializações: Educação Musical; e Didática e Metodologia. Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia e Arte. Cursos de Canto e de música erudita.
25. Sim, o tempo todo o celular, porque eu dou muita aula online. Tem algumas que já estão com dificuldade de locomoção, então eu tenho muita aula híbrida. [...]
26. Acredito que devido a nossa própria área, a computação, a gente tem que estar sempre se atualizando, seja buscando livros, artigos, cursos online, participação em Grupo de Pesquisa, estamos sempre orientando alunos, produção e publicação de materiais, é meio que constante a gente estar buscando atualização.
27. com a pandemia, em virtude de eles não conseguirem estar mais em laboratório mudou-se o enfoque mais para as TIC, ou seja, então passou-se a trabalhar via meet, um uso mais diretamente de celular e não de computador, porque nem todos tem computador em casa também. Então nós identificamos que as necessidades deles mudaram também.
28. Com base nas necessidades deles e também com pesquisas na Internet.
29. Busca em materiais que são divulgados que são para a Terceira idade, em formas também que facilitem o acesso da informação para eles. Questões de acessibilidade que são bem importantes, enfim, sempre buscando produzir um material mais atrativo que os incentive e facilite também o acesso por parte deles com relação à informação. Laptop, sites específicos, celulares etc.
30. Então acredito que essa busca seja constante, a medida que novos aplicativos vão surgindo. Enfim a interação com as próprias redes sociais.
31. Sim, a própria busca. O ensinar eles a fazer a busca na internet, [...].
32. É, veja, como eu comentei, pela própria busca da informação ali, mesmo que digamos indiretamente, porque às vezes a gente tá tão focado também em repassar o conteúdo de tecnologia, mas que indiretamente, vamos supor: "a semana do folclore: quando ela vai acontecer... então vamos pesquisar lá na internet, o que que vai ter nesse FDS na cidade".
33. Como eles têm muita dificuldade com aplicativos básicos, dos quais fazem uso, eu sempre busco ver com eles quais são esses aplicativos que eles precisam, ou quais é a necessidade deles, [...] busco sempre entender como funciona aquele aplicativo da melhor forma, tento usar ele, ver o que eu posso ensinar pra eles, da melhor forma, da forma mais fácil, tento mais na prática, eu vejo o que eles precisam, por exemplo: o aplicativo de banco. Eu baixo o aplicativo de banco, vejo como funciona, procuro no site as informações do aplicativo, mais dessa forma.
34. Sim, uso com bastante frequência, mais os do dia a dia mesmo: celular, a câmera, o WhatsApp, os aplicativos, mais aqueles de necessidades deles e eu sempre busco uma semana antes, um dia antes, por exemplo, se eu vou dar aulas na segunda-feira no meio da semana eu já vou olhando, vou tentando aprender as coisas que eu ainda não sei sobre tal aplicativo, um dia antes vou tentando recapitular pra ver se eu não esqueço, pra ficar tudo na cabeça.
35. A partir de leitura de artigos, busca de sites... Porque, como é uma atividade muito dinâmica e a minha especialização é em gerontologia então em relação ao cuidado com o idoso é uma atualização constante. Mas em relação à prática que eu tenho que administrar com eles é busca em rede social, Instagram, sempre tem empresas que está liberando e-books pra gente acompanhar novas práticas. [...] Então, é atualização de rede social, Instagram, os sites das próprias empresas que fazem a venda de equipamentos, tem muitos Studios que tem os seus Instagrams que postam como uma conta comercial, a gente acaba entrando pra ver a demonstração dos equipamentos e dos exercícios, como um chamariz pra venda mesmo. Então a gente vai vasculhando e procurando a melhor forma.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

No cenário das URs levantadas nos dados das entrevistas surgiram expressões como: **cursos, leitura, aplicação das técnicas, uso das tecnologias,** entre outras, as quais manifestam diretamente a dimensão técnica da competência em informação no agir cotidiano dos agentes educacionais da Unati.

É importante reiterar alguns aspectos que caracterizam a dimensão técnica. Segundo Vitorino e Piantola (2011) esta dimensão apresenta como evidências: o meio de ação no contexto da informação; as habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que se precisa; e que ela está ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.

Essas manifestações da dimensão técnica da ColInfo, notadamente em relação ao uso das TIC, podem ser observadas com mais propriedade nos segmentos discursivos dos agentes educacionais entrevistados, a seguir, no quadro 10.

Quadro 10 – Segmentos discursivos que manifestam a dimensão técnica - TIC

Agente educacional	Segmento discursivo
Agente educacional 2	<p><i>E também sempre trago jogos, jogos de memória coisas assim realmente pra ajudar a desenvolver e praticar a memória deles então é sempre a Internet a minha fonte.</i></p> <p><i>No próprio computador dou um aquele zoom bem grande, eu ajudo, vou fazendo com eles. E os jogos que eu faço com eles, eu tenho vários sites que têm esses jogos que eu gosto de fazer com eles e coloco, projeto no quadro pra eles. Sempre uso as tecnologias, a frequência é diária. Inclusive na preparação</i></p>
Agente educacional 3	<p><i>Menina, eu quase fico louca porque aqui a tecnologia, nessas duas salas não pega. [...] Eu uso os computadores para montar os conteúdos eu utilizo para passar as letras pra eles. Na pandemia era tudo online. Agora a gente baixa a música no computador e entrega impresso.</i></p>
Agente educacional 4	<p><i>O You Tube. O ProfedeEle é uma ferramenta completamente que tem a ver com isso. Nós usamos quase sempre. Obviamente que em sala de aula eu faço uma adaptação para o impresso e para que eu possa fazer um link com o Data-Show porque aqui na universidade a internet é ruim e nem sempre nós vamos conseguimos fazer que o idoso acesse desde o seu celular, então nós fazemos fazer essas adaptações para o material que é possível. Tem muito infográfico bacana, muito campo semântico, muita coisa legal nesse sentido. E durante a pandemia nós usamos bastante ferramentas, porque nós estávamos no meet então havia essa possibilidade, bem mais facilitada, de fazê-los acessar. De demonstrar porque eles têm ainda alguma atividade com o celular. Precisa ser algo muito restrito; um link, para ele clicar apenas no link. Então em sala de aula eu consigo fazer essa gestão um pouco melhor e muitas vezes facilitar o acesso dele a essas ferramentas. Mas eu uso muita coisa, tudo que tem a ver com vídeos, com músicas e com essas outras plataformas. Com atividades interativas também que ele possa ter essa resposta no mesmo momento que ele está fazendo. E aí, é claro, a gente considera tanto as barreiras para eles acessarem, o celular a letra é pequena, então eles cansam muito fazendo atividades com o celular</i></p> <p><i>Uma professora da Promul, a professora “R” da língua alemã, ela tem uma facilidade muito grande com tecnologia e com essas plataformas, então nós discutimos bastante na hora de selecionar as plataformas e como nós faríamos coisas, tudo que que a gente poderia utilizar nesse momento, então nós temos esse momento tanto interno como com a comunidade do Brasil inteiro.</i></p>
Agente educacional 6	<p><i>Eles mesmos nos solicitavam a criação do meet, o uso das mídias sociais, uso maior da internet, do próprio celular, aí nós fomos incluindo também questões de segurança, que achamos muito importante, fazer o acesso por duas etapas no whats, por exemplo. Com relação ao recebimento e repasse de informações, fake news, vários assuntos, acesso a aplicativos, aplicativos de banco principalmente, então procuramos dar uma atenção maior no sentido também da segurança à informação por parte deles, o acesso e a segurança em informação.</i></p> <p><i>Sim, a própria busca. O ensinar eles a fazer a busca na internet, pode estar relacionado à algum desses assuntos assim, que de certa forma é o objetivo né [...] Então a gente percebe assim que muitos não sabiam por exemplo, enviar uma mensagem no “Whats”, incluir uma imagem, fazer um áudio enfim, [...]. Até teve um aluno do projeto que comentou que ele ensinou a unatiana ela chamar um ‘Uber’, porque ela pediu, ela falou “eu quero aprender para eu poder ir embora da universidade ao final do curso”. E aí ao final da aula ela mesma fez sozinha a solicitação e deu certo. Então assim, para o próprio aluno que ministrou essa aula foi muito gratificante ele viu a utilidade daquilo que ela estava repassando. A importância, isso é muito gratificante, tanto pra pessoa que aprende, mas pro aluno que ensinou é uma recompensa enorme.</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A dimensão técnica da ColInfo “tem como base a habilidade em informação sustentada por valores do indivíduo, como, por exemplo, a decisão para agir na sociedade” (OLIVEIRA; VITORINO, 2020, p.71). Dessa maneira, percebe-se uma ambientação favorável à utilização das TIC pelos agentes educacionais, em parte no sentido de otimizar os procedimentos didáticos e pedagógicos, bem como para o uso em função da atualização e formação docente. Soares e Nascimento (2015) consideram que as tecnologias têm provocado mudanças em nosso contexto social e nas atribuições e características necessárias à instituições, estudantes e professores, entre outros profissionais. Nóbrega (2019) lembra que a influência das TIC na sociedade é indiscutível, pois elas possibilitam avanços significativos em muitos aspectos, principalmente, no que se refere à comunicação. Contudo, a autora salienta que a falta de formação, conhecimento e acesso às ferramentas básicas, ocasionam a não exploração das potencialidades desses recursos. “Assim como qualquer outra atividade pedagógica, as iniciativas de inclusão digital precisam estar não só adaptadas ao contexto temporal e social, mas também ao público ao qual ele se destina” (CAMARGO, 2018, p.8).

No caso dos agentes educacionais da Unati entrevistados, essas dificuldades de utilização não foram percebidas ou já foram superadas, diante das respostas apresentadas. Dos dez agentes educacionais entrevistados, nove utilizam ferramentas TIC cotidianamente, para a sua atualização profissional e/ou para o preparo das atividades, bem como para a aplicação e execução das atividades. Para Nóbrega (2019) as possibilidades de inovação a partir do uso das TIC são muito vastas e remetem a muitas questões. No caso do ensino na Unati, as práticas vão ao encontro do que a autora defende, ao afirmar que é importante buscar soluções que possibilitam o envelhecimento dos indivíduos de maneira saudável, sem que eles percam a conexão com a sociedade que os cerca. Para Nóbrega (2019) a área do conhecimento, isto é, a da educação, é uma das mais afetadas pela evolução das TIC, necessitando cada vez mais a atualização e o aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos e as devidas readequações nos processos de ensino e aprendizagem.

Quanto ao ensino dos idosos especificamente, cabe ao professor criar, estimular e instigar a curiosidade, para que identifiquem sua dificuldade e a partir disso ele – o professor – interfira indicando como, e de que forma devem buscar a informação (SILVA, 2017b). Esse processo configura explicitamente o papel mediador do professor. Segundo Calheira (2021), para que o sujeito possa se apropriar de uma informação, a mediação deve ser feita de maneira estruturada e

organizada e isso requer um ambiente adequado. Nessa perspectiva, continua o autor, pode-se perceber a abrangência do termo, que abarca diferentes circunstâncias, o que significa que pode ser executado de várias maneiras. Para Calheira, ao interferir com atividades individuais ou coletivas, o mediador acaba por auxiliar o sujeito a se apropriar da informação e possibilita a eles uma mudança interna e social que é explícita em suas ações. Essa postura ficou bastante evidenciada na fala do agente educacional 6, por exemplo. Para Vitorino, Righetto e Packer (2019, p.2) “Promover a inclusão dos idosos perante as tecnologias pode ser uma forma oportuna para a participação ativa, cidadã e democrática na contemporaneidade, além da efetivação do papel social da Ciência da Informação”.

Entretanto, Silva (2017b) ressalta que é necessário um cuidado por parte do docente em fornecer fontes idôneas aos alunos do curso. A autora também considera que o exercício prático é a principal ferramenta para a aprendizagem, ou seja, o professor os ensina a pesquisar praticando, obtendo assim êxito no momento que se percebe que os idosos conseguem identificar a partir de então, onde pesquisar, como pesquisar e de que forma pesquisar, segundo as suas necessidades informacionais.

Segundo Oliveira e Vitorino (2020, p.72) a técnica “É uma dimensão que envolve habilidades necessárias no processo de busca da informação para a resolução de um problema e/ou necessidade informacional”. Dessa forma, ao buscar reconhecer as necessidades informacionais dos unatianos, bem como as suas próprias nos processos de ensino, os agentes educacionais da Unati estão desenvolvendo essas habilidades. Para Gonçalves (2015), nestes contextos veem-se muitos desafios para os docentes, e parece ser necessário que o ambiente educativo precise se diversificar e a educação tenha que abandonar os sistemas formais para favorecer uma educação voltada à aprendizagem ao longo da vida de todos. Os segmentos discursivos apresentados na sequência repercutem essas atitudes e comportamentos sobre os processos informacionais demandados para o ensino dos idosos.

Quadro 11 – Segmentos discursivos que manifestam a dimensão técnica – outras formas

Agente educacional	<i>Segmento discursivo</i>
Agente educacional 2	<i>Aí vem essa questão de levantar dados primeiro, de saber o que eles querem aprender e o que lhes interessa.</i>
	<i>A minha metodologia é sempre começar com o vocabulário, introdução do vocabulário e do tema. Então contextualizar tudo, depois eu trago algum gênero textual</i>

Agente educacional 5	<i>[...] Eu não conheço cada pessoa especificamente, então eu tenho que montar uma aula que eu consiga atender a todos, mesmo não sabendo das limitações de cada um. Então isso é bem desafiador [...]. Cada aula é uma surpresa. Vai muito da adaptação, às vezes eu planejo uma coisa, mas eu chego no momento e eu percebo que não dá certo, então eu tenho que adaptar.</i>
Agente educacional 6	<i>É claro que a gente tem que procurar passar a informação da melhor forma. Então acredito que essa busca seja constante, [...] Qual a melhor forma de ensinar para facilitar que eles aprendam de uma forma natural, isso é bem importante, para que aquilo se torne parte do dia a dia deles, [...], ou mesmo nas redes sociais [...]. A questão da didática, a questão da paciência, a questão de saber transmitir o conhecimento, ouvir para poder buscar novas informações, é um trabalho muito em conjunto eu vejo assim. Os unatianos reportam as dificuldades, o que eles têm interesse e tal e aí os alunos ministrantes interagem nesse sentido, de tentar ajudá-los da melhor forma.</i>
Agente educacional 8	<i>Pra gente poder acompanhar isso e ter esse respaldo científico registrado de quanto a gente está fazendo e está no caminho certo e o que a gente pode melhorar. Daqui a dois meses a gente vai aplicar de novo. E para os do 'meet', ambientados com essa tecnologia, a gente manda questionários sobre incontinência urinária, sobre o isolamento social na pandemia, sobre o sedentarismo e a prática de exercício para saber como que eles estavam acompanhando e o que eles estavam fazendo para melhorar o condicionamento no período do isolamento. A gente está sempre movimentando eles e tentando "linkar" para poder ter respostas.</i>
Agente educacional 9	<i>Essa foi uma dificuldade um pouquinho antes, hoje já não, hoje eu já chego lá e repito, e repito de novo. Pra terceira idade o repetir tem que ser constante, porque parece que não fixa, como fixa quando é mais novo. As coreografias tem que ser repetidas, tem que colocar metodologias, regras: "agora são só quatro pra cá" e "vamos fazer todas só quatro pra cá", isso eu não diria que é uma dificuldade, mas são coisas que eu tive que fazer adaptações. Uma particularidade.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Os processos de buscar entender as aspirações dos educandos, bem como reconhecer nesse público suas dificuldades ou maneiras peculiares de aprender e prosperar em seus objetivos contém um traço empático do agente educacional, mas, muito mais que esse traço, esse comportamento demonstra a habilidade técnica do educador em “estudar” seu aluno, em localizar e aplicar os componentes informacionais que o habilitam ao exercício docente. “Entende-se que, quando o docente reflete sobre sua prática, torna sua ação um instrumento de aperfeiçoamento contínuo de seu trabalho” (GONÇALVES, 2015, p.19). Para Oliveira e Vitorino (2020, p.72):

Estudar a técnica traz uma aproximação entre “o agir” e “o fazer”: a dimensão prática do ser humano. Na primeira concepção, “o agir”, está a elevação da consciência (reflexão) do ser humano para a ação. A segunda, “o fazer”, indica um processo de manifestação e aplicação do conhecimento para atingir um objetivo de produção (como fazer algo), também mediante uma ação.

Vitorino e Piantola (2011) consideram que o termo técnica pode ser definido como uma habilidade ou forma requerida para a realização de determinada ação ou para a execução de um ofício. Assim, ao estabelecer critérios bem definidos, considerando a condição dos idosos e buscando alternativas que somem e agreguem ao seu aprendizado - como colocar-se no lugar dele diante de uma atividade; repetir diversas vezes os tópicos a serem ensinados; retomar conteúdos de uma aula para a outra, buscando atender as suas aspirações; conhecendo seu grupo de alunos; planejando atividades que todos possam realizar; estabelecendo critérios de trabalho flexíveis; e, somando isso ao seus comportamentos em relação ao agir pedagógico - os agentes educacionais da Unati estão atuando em consonância com aquelas perspectivas defendidas pelos autores que tratam da dimensão técnica da ColInfo.

Segundo a literatura pesquisada por Vitorino e Piantola (2011) existem dois aspectos relacionados à dimensão técnica que devem ser considerados. O primeiro ressalta que a maioria das definições de competência em informação fundamentam-se na dimensão técnica porque tendem a relacioná-la à aquisição das habilidades e dos instrumentos para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita. O segundo é que isso ocorre porque ela constitui a dimensão mais evidente da ColInfo, na medida em que é o meio de ação do indivíduo no contexto da informação. Entretanto, as mesmas autoras lembram que em uma análise mais detalhada essas ações não devem existir por si mesmas, mas sim derivar de determinadas motivações e contextos particulares, gerando uma série de consequências éticas e sociopolíticas. Nesse sentido, entendem que a natureza da relação do homem com a técnica impõe uma reflexão mais profunda sobre seu sentido, já que a ação técnica (seja no âmbito da informação, seja no das novas tecnologias) tem origem e importantes implicações nos contextos humano e cultural. No mesmo sentido, Simione (2014), salienta que a inovação técnica é muito mais rápida que inovação cultural ou social, mas são estas últimas as que modificam o estatuto geral da sociedade. Por isso, a ColInfo necessita dessas habilidades técnicas, mas necessita das dimensões estética, ética e política para concretizar-se nos contextos pessoal e coletivo da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Na sequência, observa-se síntese da exploração material das entrevistas nas quais estão presentes as evidências da dimensão estética da ColInfo.

Figura 16 – Síntese da exploração material das entrevistas:
evidências da dimensão estética da ColInfo

Unidades de contexto

(Parte 1)

1. [...] elaborei um programa de aulas com eles.
2. Eu não conheço cada pessoa especificamente, então eu tenho que montar uma aula que eu consiga atender a todos, mesmo não sabendo das limitações de cada um. Então isso é bem desafiador. Cada aula é uma surpresa. Vai muito da adaptação
3. [...] pra ter essa segurança de trabalhar com a terceira idade.
4. sempre quando eu tenho alguma outra atividade que eu acho interessante eu trago pra tentar aplicar com meus alunos.
5. E eu percebo muito a evolução deles de uma aula pra outra [...]. Então têm essas pequenas evoluções assim no desenvolvimento deles que eu acho isso bem bacana.
6. Trabalho com os alunos com a experiência que eu tenho da dança em si e vou adaptando para a terceira idade, para a melhor idade.
7. As meninas da terceira idade não precisam ficar tecnicamente sofrendo com a técnica, porque elas querem só dançar. Então o que a gente adotou pra trabalhar com elas? Que a dança pra elas tem que ser prazerosa, tem que ser divertida, proporcionar o bem estar físico, [...] Então o que a gente dá pra elas? A condição e o prazer da dança. E de repente subir ao palco e fazer um show.
8. [...] Penso também no bem estar emocional delas, sabe. [...] Então eu acho que dentro da aula de dança pra elas tem que ter tudo isso, esse espaço. Eu tenho a preocupação da questão física e da dança, mas também tem que dar pra elas a oportunidade de descanso e a oportunidade da conversa. Tipo, um lazerzinho ali no meio da aula. [...] E no final um relaxamento porque elas vão embora feliz. Então eu tenho que trabalhar com todos esses elementos.
9. [...] entre elas tem que coordenar, porque uma quer corrigir a outra, mesmo sem ela saber ela quer ensinar a outra, sabe. Então tem que administrar isso [...] eu não diria que é uma dificuldade, mas são coisas que eu tive que fazer adaptações. Uma particularidade.
10. Eu falo que qualquer uma pode dançar. Não interessa a terceira idade, a gente trabalha muito essa questão da possibilidade de você dançar, independente se você é grande, pequena, velha, nova, gorda, magra, alta, baixa, tanto faz, a dança abraça todo mundo, então em muitos momentos eu comento isso. Também administro essa questão que uma deve ajudar a outra, e não criticar se uma errou tanto faz, o objetivo não é criticar, porque errar todas nós erramos, então tem que trabalhar isso entre elas. Outra questão também é que esse grupo tem muita diferença social. [...] Isso eu sempre deixo bem aberto dentro do grupo e sempre repito: que ninguém é obrigado naquele grupo a comprar nada e nem a fazer nada, né. Que o objetivo do grupo não é esse, mas que a gente tenha as apresentações, e quem quiser dançar a gente vai dar um jeito, tanto de comprar figurino, emprestar, providenciar, coisa e tal [...]Eu tenho que pensar no grupo[...]Então ali tem que trabalhar tudo isso.
11. Toda semana quando eu vou trabalhar algo eu vou ler, eu vou ver se tem alguma notícia que tem algo que eu possa acrescentar para melhorar. Se em um ano alguma coisa não foi tão boa eu tento para o próximo ano buscar outras alternativas.
12. Nós sempre ouvimos músicas que eles gostam muito. Atividades de áudio, com imagens, para que estimule alguma discussão e novamente a gente volta para as funções.
13. Em maio nós estivemos em um evento de linguística falando sobre a experiência na Unati... [...] nós vamos a eventos discutir a educação nesse âmbito, como nós podemos melhorar e ouvir a experiência de outras pessoas o que elas estão também fazendo...
14. Quando nós trabalhamos com jogos, tipo jogo da memória, ou qualquer tipo de jogo, precisa ter uma sensibilidade diferenciada com eles. O tempo de atividade também, precisamos entender que o tempo deles não é o mesmo de outro aluno, que eles têm uma necessidade maior de desenvolver. Mesmo dentro desse grupo... é muito heterogêneo, [...] Então há essa adaptação do material. [...] E algumas vezes é necessário saltar atividades porque eles vão ter uma dificuldade e às vezes aquela atividade não vai trazer... não vai render e da prá substituir por outra e aí a gente acaba fazendo essa substituição [...]
15. Sim, dentro do Promul nós sempre conversamos entre nós acerca desse desenvolvimento, acerca do que cada um de nós tem feito. Nós não conversamos tanto dentro da Unati porque eles abrigam muito a parte de atividades físicas. E o Promul, como ele tem uma gestão própria, nós sempre trocamos essas informações entre nós. O que nós estamos fazendo. O que está acontecendo, tudo mais. Fica mais facilitado porque o ensino de línguas ele compartilha, mesmo que seja francês, inglês, nós fazemos isso, fazemos esse balanço sempre entre nós.

Unidades de contexto

(Parte 2)

16. acabei adaptando um pouco para as **necessidades deles**, porque, esse ensino da língua na Unati é para as **necessidades dos alunos, eles têm os interesses deles específicos, o que eles querem aprender**, não é um curso comum, regular. Então eu fui seguindo essas **necessidades** que foram aparecendo, mas eu realmente não recebi nenhum projeto [...]
17. Primeiramente muita conversa, eles gostam muito de conversar e contar sobre as experiências deles e eu também conto as minhas. [...] São essas estratégias, com esses alunos é algo bem pessoal, então primeiro lugar é o relacionamento pessoal mesmo, é conhecê-los.
18. E também claro a vivência e a experiência.
19. Sempre essas questões mais pessoais, conhecendo quem é meu grupo de alunos.
20. Por isso eu sei que o assunto que eles vão querer tem que ser muito bem pensado, [...] Aí vem essa questão de levantar dados primeiro, de saber o que eles querem aprender e o que lhes interessa.
21. Porque eles são bem incisivos no que eles querem aprender e eu falo assim: "ok, na próxima aula eu vou trazer", trago e a gente ensina e fica tranquilo nesse sentido, sabe.
22. Depois fazer atividades, a princípio mais gerais sobre o texto (o texto pode ser qq coisa, um diálogo, um vídeo, um artigo) então a gente vai buscar nas atividades informações mais gerais e depois as mais específicas. [...] Então eu preciso fazer algo que dê certo pra todos.
23. Eu vou oferecendo aquilo que eu fiz o treinamento de quando eu era professora na escola. [...] E então eu obedeco aquele processo todo de começar trabalhando o corpo, a voz, a respiração, a afinação. E o repertório vem dos momentos cívicos, religiosos e que consiste o ano escolar de uma maneira geral. Mas também as estações do ano, dia das mães, páscoa, dia dos pais, dia do avô e da avó, dia dos namorados (porque algumas são viúvas ou descasaram e querem casar outra vez), entrada da primavera, inverno, outono, a chegada do Natal, assim que a gente trabalha. Ou então alguns anos eu trabalho, eu alterno, um ano assim dessa forma que expliquei pra você e no outro ano eu pego compositores brasileiros, e vou fazendo, os mais antigos: Noel Rosa, Antonio Calado, Chiquinha Gonzaga, Lupicínio Rodrigues, e vou chegando até pegar, Milton, Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque. [...] são canções religiosas, muitos hinos evangélicos, ou canções católicas para aqueles que são católicos, tem canções românticas muito bonitas referentes a Maria e a Jesus, em Festa Junina, essas coisas todas, é nisso aí que a gente vai desenvolvendo e elas adoram e tem também as coreografias junto, principalmente as canções folclóricas do Brasil, porque a gente pega muito Norte e Nordeste e o Norte, Nordeste é muito rico. O Pará só o estado do Pará tem 30 ritmos diferentes um do outro. Depois os negros, misturaram os índios. Ali no Nordeste tem um pouco do francês e do holandês. Lá no Maranhão tem um pouco da influência do francês e do português, então vem por aí e vem descendo assim. Tem muita música caipira em SP e em MG, a música de raiz. O gaúcho que é muito bonito a música de raiz.
24. Tem essas coisas que a gente tem que estar sempre cuidando e tal.
25. Eu escolho pela época do ano, ou pela festa próxima seja ela cívica ou religiosa, o que estiver próxima. Eu escolho também ensinar entregando a letra pra eles aprenderem ou exercitar a memória. Eu vou cantando, cantando, repetindo até elas decorarem. Ou às vezes até a gente escreve um refrão no quadro para elas copiarem e exercitar a mão. Ficar em pé e fazer o ritmo com a mão, com o pé e com o corpo e isso tudo a gente faz para ajudá-las, mas o exercício da memória é muito importante. Elas aprenderem a cantar e elas decoram.
26. Olha, o idoso, ou qualquer ser humano ao se ouvir cantando já eleva muito a autoestima. O cantar é uma terapia, de um modo geral. [...] Aumenta muito a sua capacidade respiratória, aumenta muito a capacidade de entendimento, cresce bastante o desenvolvimento, a atenção auditiva e a percepção auditiva. E no social, cada canção folclórica, de cada região faz com que todo mundo lembre de alguma coisa, de onde viveu. Então eu peço sempre "canta uma do seu estado" e além delas cantarem elas se lembram de alguma história referente àquela música. [...] Então é muito interessante essas coisas assim. Tem uma do RS que conta história. Tem uma de Mallet que conta dos Ucrânicos, dos poloneses, das palavras, da língua. Durante a aula a gente vai falando a parte cultural, a gente fala muito. E elas são professoras, tem um a médica, tem enfermeiras tem advogada, tem vendedoras e elas vão falando todas as suas experiências coisas que viram e que aprenderam.
27. nós duas fazemos aqui, de incorporar questões sociais, culturais. Eu falo muito quando a gente está fazendo sobre música de compositores, eu procuro sempre falar sobre a vida deles, sobre a vida dos grandes mestres da música, do classicismo e do romantismo, ou sobre os atuais da música popular brasileira, os que estavam muito trabalhando na época da ditadura e que foram cerceados. A Jovem Guarda, o movimento da Bossa Nova. Tudo isso a gente procura falar com eles, vai falando sobre a região. Quando eu era jovem eu participei de um coral durante 10 anos e viajei muito, fui à Europa duas vezes participando de concursos de corais internacionais. A gente foi premiado e gravamos um disco na Bélgica então eu falo muito dessa experiência toda de cantar lá.

Unidades de contexto

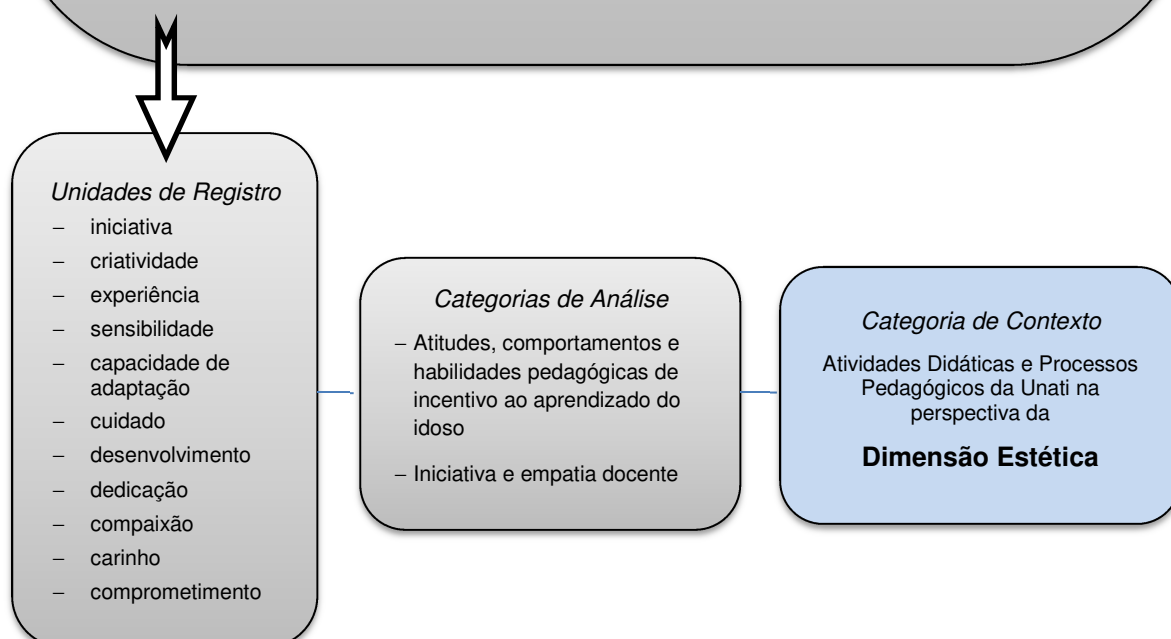
(Parte 3)

28. Sempre feito questionamentos a eles com relação as suas necessidades e como é que a gente pode se adequar a elas. Inclusive o próprio material foi refeito para se tornar mais intuitivo, mais gráfico, mais dinâmico, para incentivá-los a buscarem a informação e terem essa informação que eles precisam, além do horário das aulas.
29. Com base nas necessidades deles.
30. na maioria das vezes, um determinado assunto ele precisa ser trabalhado novamente, numa próxima aula, fazer uma revisão do que foi visto, para daí incluir uma nova funcionalidade. Então é um trabalho mais passo a passo mesmo do que passar tanta informação de uma vez só, porque aí entende-se que pode ser algo a dificultar o aprendizado deles.... então é melhor ir por partes, trabalhando bem cada conteúdo que seja realmente útil, para que aí a gente possa ir avançando na medida que forem evoluindo, na medida que forem trabalhando mais e conseguirem fazer aquela atividade sozinhos.
31. A partir das aulas expositivas, de demonstração, e aí dar todo um apoio individual para que eles possam realizar aquela atividade, não só uma vez, mas várias vezes, para que isso facilite o aprendizado deles. Buscando recursos de facilitem essa interação.
32. Também como eu já comentei, a gente percebe a necessidade da repetição, do fazer novamente, porque também se a gente for parar pra pensar, idealmente seria termos aulas todos os dias né, eles têm aulas 2 vezes por semana, então assim, às vezes o intervalo entre uma aula e outra o unatiano pode acabar esquecendo. Então a importância de se fazer uma revisão do que foi visto pra ver se houve realmente o entendimento, se tem alguma dúvida, pra que daí possa seja dada a continuidade pra que eles possam reforçar bem o conteúdo que foi visto. Então essa parte aí é bem importante.
33. - naquela aula que eu dava, antes de eu terminar, para a próxima aula eu dizia: "vocês vão escolher a música que vocês querem, o repertório que vocês gostam". Porque daí eles fazem com prazer, eles vibram, eles cantam, eles dançam e nem parece que são da terceira idade. Então eu sempre deixei assim à vontade. [...] essa parte do repertório eu deixava por eles. Porque daí eles se sentiam, sei lá... mais ... felizes. Numa animação que eu queria que você visse. E quando eles escolhiam, mas olhe, que felicidade, você precisava de ver, daí eles cantavam e dançavam e se mexiam, era uma alegria só.
34. Eu não sou do improviso, não, sempre tinha um planejamento, eu quero fazer isso e isso. Mesmo na aula de técnica quanto na aula de piano. Afinal, no meu trabalho. Eu sou muito organizada porque eu acho que a desorganização é uma bagunça que chega na hora a gente se perde. Eu sou muito organizada, até demais.
35. então a gente fica meio livre para ensinar da forma como a gente quiser e o que a gente quiser sobre a área da informática. [...] A gente normalmente pergunta quais são as necessidades deles. Se eles precisam algo relacionado à banco... [...] E a gente atende do que eles precisam, o que eles têm curiosidade de aprender.
36. Então, como é uma aula presencial, eu sempre tento fazer de uma forma mais dinâmica, [...]. Eu tento sempre colocar uma situação do dia a dia, [...]. Então eu tento sempre fazer uma didática assim, algo do dia a dia para eles entenderem melhor e então tentar fazer repetidas vezes, por exemplo, eu faço uma vez junto com eles, para ver se eles entendem e tudo mais. Depois deixo eles fazerem sozinhos mas auxiliando ao lado, caso eles esqueçam alguma coisa. Depois de uma semana ou duas eu volto pro mesmo tema, pra ver se eles aprenderam, como está a situação, mais ou menos dessa forma.
37. Então, como eu falei eu tento sempre ver se tem um caminho melhor, um caminho mais prático. Por exemplo, o WhatsApp, ele tem várias formas de enviar um vídeo para uma pessoa no WhatsApp, tanto direto da sua galeria ou direto da conversa. Então eu sempre tento pegar a forma mais prática e a mais fácil que seja para eles entenderem.
38. Eu tento sempre buscar o caminho, vamos dizer assim, mais curto e mais fácil, porém eu tento sempre mostrar todos porque a dificuldade de um pode ser a facilidade do outro, então, cada um tem a sua necessidade.
39. [...] Por exemplo, citando exemplos do dia a dia, assim eles podem memorizar um pouco mais fácil. Dando exemplos meus mesmo que eu uso, pra quê eu uso, como eu uso, pra quê que eu posso usar, tentando sempre dar um exemplo pra ficar mais fácil de eles compreenderem.
40. Eu sempre tento, por exemplo, se eu ensino algo esta semana, eu espero passar na outra ou na próxima e vejo se eles entenderam, se eles conseguiram fazer em casa, se eles lembram algum processo e tudo mais. É mais ou menos dessa forma. Se caso eles não lembrem ou esqueceram a gente trabalha de novo o mesmo tema, a gente volta no que eles precisam, no que eles tentaram aprender e não conseguiram, a gente volta e tenta de novo, mais dessa forma. [...] Ou quando a gente volta para a próxima aula eles comentam com a gente: "ah consegui fazer isso que você me ensinou", "ah, tal coisa da semana passada eu tentei fazer em casa e consegui", então a gente avalia dessa forma.

Unidades de contexto

(Parte 4)

41. Na verdade o primeiro foco que a gente pensa quando vai trabalhar com o idoso é o nível de entendimento deles. Então eu tenho que buscar uma coisa que seja fácil, que seja clara, que seja simples, eu não posso complicar. Eu não posso "pesar" para eles. Pra nós isso é uma coisa que a gente tem que pensar muito, eu tenho que na verdade simplificar tudo, pra daí ir subindo e aumentando sabe. Cada um tem o seu nível de dificuldade. [...] Então assim, na Unati eu tenho que simplificar para poder equalizar para todo mundo, por mais que os exercícios sejam individuais e exista um protocolo, eu não posso fazer a mesma coisa para todo mundo, mas eu tenho que fazer mais ou menos uniforme, porque eu não posso fazer alguma coisa muito difícil. Eu tenho que pensar nas individualidades de cada um. Então essa é a principal barreira: é pensar nas individualidades e daí tentar, a partir disso, uniformizar um dia de atividades.
42. Na verdade eu tento adaptar para as necessidades que eles têm nas outras atividades. Por exemplo, eles têm o grupo de dança, aí o que eu dizia, vamos fazer esse tipo de exercício que este vai te ajudar na dança. Tentava *linkar* para eles poderem valorizar as atividades, sabe. Mais ou menos assim. Tentar *linkar* vamos melhorar isso porque vai melhorar a postura no alongamento. Tentar mostrar o benefício daquela prática relacionada às outras atividades que eles fazem, por mais que algumas delas sejam mais teóricas.
43. são poucas as referências no ensino pra pessoa idosa, então os professores que trabalham conosco, via de regra, vão adaptando o que existe para a população mais jovem e adequando à pessoa idosa. Quando necessário buscam apoio aqui e a gente fornece alguma literatura. Até a legislação, até o Estatuto da Pessoa Idosa é usado como subsídio, mas como adequação, não existe nada pronto.
44. Nós temos várias oportunidades de atividade artística, por intermédio do canto, das artes plásticas, dança, a própria yoga. Então nesse aspecto são desenvolvidas as questões da sensibilidade. Também se trabalham as diferenças [...] Uma parceria com o SOS, de vez em quando vamos lá fazer um domingo festivo. Arrecadação de tampinhas e lacres plásticas, embalagens de remédio, então essa solidariedade é incentivada também. [...] Quando eu comecei aqui sentia que a Unati era uma "ilha", então ao presidir o conselho com a função também de integrar os demais 20 tantos grupos de pessoas idosas. Fizemos uma busca ativa para conhecer os coordenadores desses grupos e trazê-los para a Unati. Promoção de atividades como Olimpíadas. Então o desenvolvimento de daqueles conceitos passa por essas ações todas. E às vezes um unatiano participa de um ou mais grupos no município e ele vai vendo as diferentes realidades e traz isso para a reflexão também aqui da Unati.
45. Então essa visão do homem bilateral é muito relevante. Importante não se acomodar com o que tem, ou considerar que eu tenho um horário de atividades estabelecido e pronto. Não. O importante é a gente poder absorver tudo que chega e que venha a crescer à pessoa idosa.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Para Lima (2000), citado por Gonçalves (2015), trabalhar com o idoso demanda que o docente tenha competência em relação ao assunto, que demonstre empatia, que acredite na possibilidade de a educação ser transformadora, que garanta a participação do idoso nas aulas e atividades e que possibilite que ele construa seus conhecimentos e identifique suas habilidades, além de estar aberto à mudança: troca de saberes entre docente e idoso.

Essa espécie de conduta baseada nos sentimentos e na subjetividade é comentada por Vitorino e Piantola (2011, p.103), as quais consideram que “É por meio da sensibilidade e da criatividade demandadas pela arte que o homem sempre buscou atingir ideais de harmonia e beleza essenciais ao bem viver”. Para as autoras, a arte ordena e expressa simbolicamente uma dimensão da vida, relativa aos sentimentos e às percepções pessoais, que não podem ser explicitamente formuladas pelos produtos da razão. Expressões como: **criatividade, experiência, sensibilidade, capacidade de adaptação, carinho e comprometimento** foram algumas, das observadas na exploração material realizada por intermédio dos procedimentos metodológicos da AC e, ao se analisarem as UCs das entrevistas que se desenrolaram em URs, percebe-se que os fragmentos de conteúdo das UCs são inteiramente relacionadas à dimensão estética da ColInfo.

Sensibilidade, criatividade, intuição, harmonia e beleza, contudo, não são elementos restritos ao âmbito da arte. A experiência estética está presente em todos os aspectos da vida humana, constituindo-se como fator fundamental na construção da subjetividade e determinante do próprio caráter do homem (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Orelo e Vitorino (2020) convergem com Belluzzo (2015) e defendem que a competência em informação está relacionada não somente às habilidades de usar as TIC para encontrar, acessar e usar a informação, mas, fundamentalmente, está ligada ao aprendizado e à capacidade de criação de significados e de geração de conhecimentos, pela informação acessada. Nesse sentido, ao se distanciar o olhar da ColInfo somente sob o ponto de vista da utilização das ferramentas tecnológicas, se aproxima da competência no sentido mais subjetivo do trato informacional.

Assim, esta investigação buscou também, nas entrevistas, explorar essa subjetividade nas ações pedagógicas dos agentes educacionais que atuam na Unati. Do mesmo modo que para a interpretação dos dados relacionados à dimensão técnica da competência em informação, a seguir estão dispostos alguns outros

segmentos discursivos que apresentam em seu escopo a dimensão estética da ColInfo. Esses trechos demonstram a subjetividade nos procedimentos pedagógicos relacionados ao ensino de idosos na Unati.

Quadro 12 – Segmentos discursivos que manifestam a dimensão estética.

Agente educacional	Segmento discursivo
Agente educacional 1	<p><i>Eu sempre tento tratar da forma mais paciente possível, porque é algo delicado, e muitos deles demoram um pouco pra entender ou demoram um pouco pra raciocinar então eu sempre tento fazer da forma mais calma, mais devagar possível, na maior paciência.</i></p> <p><i>Tem o exemplo da câmera. Assim que terminou a aula a aluna saiu no corredor e começou tirar fotos, gravou um vídeo, então a gente observa mais esses detalhes, assim quando a gente sai de uma aula. Ou quando a gente volta para a próxima aula eles comentam com a gente: "ah consegui fazer isso que você me ensinou", "ah, tal coisa da semana passada eu tentei fazer em casa e consegui", então a gente avalia dessa forma.</i></p>
Agente educacional 2	<p><i>Então eu acho que a conversa, essa interação mais pessoal é muito importante com esses alunos. Porque eles têm muita vivência, eles têm um motivo para estar ali querendo aprender outra língua. [...] Então a estratégia número um é a conversa, é o conhecer o aluno como pessoa.</i></p> <p><i>Então eu planejo e faço as aulas de acordo com aquilo que eles me pedem. E eles têm gostado muito, tem sido bem legal, eles têm aprendido a construir diálogos e tudo mais. São essas estratégias, com esses alunos é algo bem pessoal, então primeiro lugar é o relacionamento pessoal mesmo, é conhecê-los.</i></p> <p><i>pra ajudar a desenvolver e praticar a memória deles [...]. E também claro a vivência e a experiência.</i></p> <p><i>eles têm níveis de proficiência bem diferentes, então alguns vão conseguir seguir, por exemplo, um texto longo sem problemas, outros não. Então eu preciso fazer algo que dê certo pra todos.</i></p>
Agente educacional 3	<p><i>Por exemplo teve uma música do Villa-Lobos: "Quando eu era pequenino, que diabinho, mais travesso eu era então. Quando as moças me beijavam eu lhes dava, eu lhes dava um beliscão". É uma música folclórica, certo? Então teve uma senhora, católica, que não quis falar "diabinho" e tem uma pastora que disse que "não tem nada a ver porque isso tá dentro do contexto folclórico". A católica não quis falar. Eu tive que mudar! Tem essas coisas que a gente tem que estar sempre cuidando e tal.</i></p>
Agente educacional 4	<p><i>O idoso sabe aprender, talvez ele tenha um ritmo diferente mas todo ser humano sabe aprender, independente da fase da vida que esteja. Então nós fazemos dessa forma, seguindo um pouco da estrutura que nós temos aqui... porém como toda adaptação para o público idoso.</i></p> <p><i>Então ele precisa tirar algum proveito daquela aula mesmo que ele tenha faltado um mês antes. Assim vai sempre ter algo que estimule naquele momento. Eles são muito interativos entre si, então atividades em grupo, mesmo considerando a Covid. Agora já numa a situação um pouco melhor nós fazemos bastante atividades em grupo. E nós procuramos sempre ter estímulos mentais, porque eles estão numa fase que eles esquecem de tudo muito rápido. Eles precisam de uma atenção inclusive motora grande. Virar uma folha nem sempre é fácil pra eles. Então eu sempre tento colocar algo que estimule o motor. Pegar coisas, fazer coisas, tentar colar... por exemplo "ah nós vamos estudar a sala de aula", que ele pegue o nome e cole no local com aquele nome, porque é importante para ele fazer isso. E também, não ter uma preocupação tão grande em terminar um material, porque às vezes fazer pequenas progressões, deixar que ele fale sobre a vida dele, que ele faça links de experiência é muito bom.</i></p>
Agente educacional 5	<p><i>Então, é bem difícil porque é difícil agradar a todos. Eles são bem resistentes então eu tento pensar assim que eu nunca vou conseguir agradar todo mundo. Nunca todos vão estar satisfeitos com aquele formato de aula, com aquele exercício. Então eu tento pensar na maioria, o que está sendo bem aceito pela maioria, é mais dessa</i></p>

	<i>forma.</i>
Agente educacional 6	<i>Então, assim, apesar da gente não encontrar, de certa forma, dificuldades, mas a gente entende que é um processo que exige bastante dedicação, bastante entendimento de qual a melhor forma de passar essa informação pra eles.</i>
	<i>[...] nós já tivemos alunos que passaram praticamente a graduação toda sendo instrutores da Unati e eles sempre reportam o quão gratificante é pra eles e o quanto eles aprendem.</i>
Agente educacional 8	<i>Na verdade o primeiro foco que a gente pensa quando vai trabalhar com o idoso é o nível de entendimento deles. [...] Por exemplo, eu tenho um senhor que ele tem um pouco de dificuldade auditiva então eu tenho que pensar no tipo de comando que eu tenho que dar para ele que seja simples, que seja claro, que seja em um bom tom. Eu tenho uma paciente que tem uma cirurgia de joelho, então quando eu vou pensar no exercício eu tenho que pensar que eu não posso colocá-la em quatro apoios, de gato, ajoelhado, etc. [...] Porque o objetivo é buscar a capacidade funcional e essa capacidade funcional às vezes ela não quer dizer que seja fazer com que o idoso carregue uma caixa de refrigerante, por exemplo. Eu preciso que ele tenha uma capacidade funcional para fazer com qualidade as principais atividades de vida diária dele. Que ele tenha habilidade de tirar uma roupa com facilidade, que tenha capacidade de amarrar um sapato com facilidade, que ele desenvolva o menor grau de dependência de outra pessoa, esse é o nosso foco aqui.</i>
Agente educacional 9	<i>O que a gente proporciona pra elas é isso. Não importa se o passo está tecnicamente correto, se elas estão com o alinhamento de palco uma do ladinho da outra que precisa estar, sabe... então não importa essas coisas, o que importa é o bem estar delas fazendo atividade física e a possibilidade delas subirem em um palco e fazer um show. [...] Eu coloco o passo, como que ele funciona e como faz isso dentro da música. [...] Ju não gosto de dançar junto com elas, porque eu acho que tira o brilho delas, então eu sempre falo: 'não, vocês dançam sozinhas' e muitas vezes eu fico fora do palco dando umas dicas, porque muitas vezes elas esquecem, elas se distraem, se dispersam também. Então eu acabo fazendo isso. E elas sempre fizeram um show, sempre fizeram uma dança bem bonita.</i>
	<i>Penso também no bem estar emocional delas, sabe. Durante a aula tem o espaço que elas vão tomar água, que elas descansam e nesse descanso elas podem tagarelar à vontade, porque elas adoram uma conversa. Então eu acho que dentro da aula de dança pra elas tem que ter tudo isso, esse espaço. Eu tenho a preocupação da questão física e da dança, mas também tem que dar pra elas a oportunidade de descanso e a oportunidade da conversa. Tipo, um lazerzinho ali no meio da aula. Então eu incluo isso dentro da minha elaboração. Eu tenho uma aula de 60 minutos então dentro desses 60 minutos tem que trabalhar com tudo isso. E no final um relaxamento porque elas vão embora feliz. Então eu tenho que trabalhar com todos esses elementos.</i>
	<i>Eu não gosto de dançar junto com elas, porque eu acho que tira o brilho delas, então eu sempre falo: 'não, vocês dançam sozinhas' e muitas vezes eu fico fora do palco dando umas dicas, porque muitas vezes elas esquecem, elas se distraem, se dispersam também. Então eu acabo fazendo isso.</i>
Agente educacional 10	<i>Nas músicas eu dava liberdade para o aluno. Na parte teórica eu estabelecia o que seguir. Mas na parte das músicas, mesmo no piano... Então eu dava a liberdade para o aluno escolher. Então eu dava a liberdade para o aluno escolher... Eu dava a técnica, exigia bastante, mas quando chegava na música a gente sugeria alguma música mas eu dava a liberdade pra eles e todos mundo trazia uma música diferente... Não adiantava eu pegar uma música mais contemporânea que eles não aceitavam, eles queriam do tempo deles. Alguma coisa com a vida deles, mais romântica, mais da memória de vida deles. Teve uma vez que eles se apresentaram e saíram muito bem. Por quê? Porque eles estavam fazendo uma coisa e uma música que eles gostavam, essa parte do repertório eu deixava por eles. Porque daí eles se sentiam, sei lá... mais ... felizes. Numa animação que eu queria que você visse. E quando eles escolhiam, mas olhe, que felicidade, você precisava de ver, daí eles cantavam e dançavam e se mexiam, era uma alegria só.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Ao serem observados, esses segmentos demonstram, como afirmam Vitorino e Piantola (2011), que a educação para a ColInfo fundamenta-se na criatividade e estimula a verdadeira reflexão e a ação sobre a realidade. Gonçalves (2015) ressalta que o docente necessita de um método para o seu trabalho que lhe dê a clareza necessária para condução de sua ação pedagógica, o que é possível por meio de uma boa base teórica. Entretanto, replica a autora, há que se ter a devida flexibilidade para alcançar os objetivos, criando sempre novos caminhos ao longo do percurso. Ao se debruçarem dedicadamente em procedimentos que facilitem e favoreçam a educação dos idosos, os agentes educacionais da Unati, segundo àquelas autoras, respondem assim à vocação, enquanto seres que são autênticos quando engajados em questionamentos e na transformação criativa. Para Dudziak (2011, p.177) “O trabalho de mediação pedagógica tem como meta desencadear o desenvolvimento do sentimento de competência do aprendiz e, nesse sentido, trabalha a questão da autonomia, o fazer autônomo”.

Nos trechos discursivos destacam-se sentimentos, comportamentos, atitudes e habilidades que denotam liberdade de ação, dinamicidade, compreensão, bondade, flexibilidade, empatia, paciência, delicadeza, solidariedade, adaptabilidade, resiliência, cuidado, senso de coletividade, motivação, responsabilidade, carisma, altruísmo, imaginação e experiência, entre outras ações, as quais ressignificam o uso da informação em detrimento ao ensino “engessado” em padrões tradicionais. E sim, somando esforços a partir da criatividade, da sensibilidade, da curiosidade e da harmonia: “Esses elementos estão presentes da Dimensão Estética” (ORELO; VITORINO, 2020, p.128) e se constituem em um movimento em direção à ordenação sensível do todo social (VITORINO; PIANTOLA, 2019). A dimensão estética da ColInfo

[...] diz respeito ao equilíbrio necessário entre o domínio das habilidades para o uso dos recursos informacionais, a ética no uso das informações, o entendimento político e social da informação e a sensibilidade, a criatividade e a solidariedade no uso das informações e na geração de novos saberes (ORELO; VITORINO, 2020, p.128-129).

Vitorino e Piantola (2011) afirmam que a própria informação comporta uma dimensão estética, pois se transmite aos indivíduos tanto a partir de referenciais do mundo exterior, com base em dados empíricos, verificáveis objetivos, quanto do interior, por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal.

Assim, ao dizerem que existe uma dimensão estética na competência em informação, referem-se à experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo. Isso fica evidente quando se observa, nas falas dos agentes educacionais, esse senso do conjunto, uma preocupação implícita e explícita com relação ao coletivo e ao bem estar dos unatianos.

Percebe-se, no tocante ao comportamento desses agentes educacionais, uma dose de motivação pessoal em construir coletivamente com os educandos os conteúdos e as atividades. Para Vitorino e Piantola (2011) essa motivação constitui-se precisamente a partir do sentimento, da percepção estética do indivíduo diante da informação. As pesquisadoras comentam que é necessário que o assunto que motiva a estética seja longamente meditado, considerado em todas as suas partes e examinado em todos os aspectos: sem reflexão, sem escolha, sem comparações, o indivíduo torna-se incapaz de dominar o conteúdo que pretende tratar.

Por fim, recupera-se o que afirmam Orelo e Vitorino (2020) ao mencionarem que a estética, sob a perspectiva filosófica, se relaciona com o conhecimento sensitivo, aquele que chega pelas sensações e está relacionada à construção de novos conhecimentos, por meio da sensibilidade. E que, além da criatividade e das percepções do mundo, no qual há a inserção dos indivíduos, a estética considera, ainda, as experiências vividas por ele. Assim, a sensibilidade, presente na dimensão estética da competência em informação, cumpre, então, a função de enaltecer os aspectos humanos, a capacidade de se comover e se preocupar com o outro, resultando em um exercício da cidadania e da solidariedade. Esse comportamento é nitidamente observado ao se examinarem as declarações dos agentes sobre a atividade educacional junto aos idosos.

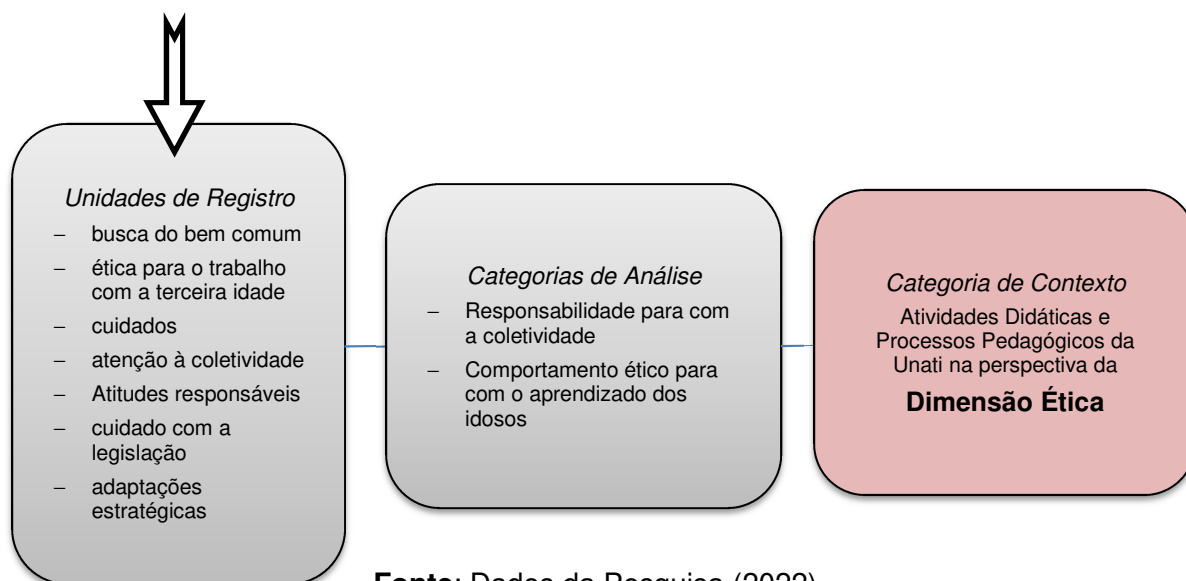
Outra questão a ser considerada nesse universo de habilidades, comportamentos e atitudes frente à informação é a responsabilidade. Essa é uma das questões relativas à dimensão ética da ColInfo. A dimensão ética está “[...] imersa nas demais dimensões, pois cada uma delas carrega por si só um princípio ético” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.105).

As questões que tratam da dimensão ética da informação passam a ser tratadas a partir da análise material dos dados da entrevista apresentado na figura 17.

Figura 17 – Síntese da exploração material das entrevistas:
evidências da dimensão ética da ColInfo

Unidades de contexto

1. [...] elaborei um programa de aulas com eles.
2. É bem complicado assim, porque a gente trabalha com o coletivo.
3. [...] pra ter essa segurança de trabalhar com a terceira idade.
4. eu monto a aula, levando em consideração que todo mundo consiga fazer aquele exercício, ou todos os exercícios, sem promover nenhum problema; principalmente um problema de saúde, ou acabar prejudicando, por vezes algum problema que eles já têm com exercício, uma lesão, qualquer problema dessa forma assim, se for pensar. Tem que tomar esse cuidado. Então eu faço o exercício antes pra eu sentir o que eu tô trabalhando, o que está acontecendo no meu corpo, para depois eu passar pra eles.
5. [...] vou adaptando para a terceira idade.
6. [...] a gente cuida, cuidados também com algumas lesões no corporal que elas já vêm artrite, artrose, coluna, essas coisas assim.
7. Eu coloco exercícios que trabalham isso mas elas acham que estão dançando. Porque eu também sou da Educação Física, então eu coloco algumas coisas também nesse sentido. Então elas desenvolvem equilíbrio, coordenação, postura, questões espaciais e aí eu coloco isso dentro da dança.
8. Primeiro penso nessa condição de idosa. Por exemplo, quando eu vou elaborar uma coreografia: isso aqui pode gerar tontura, isso aqui vai gerar desequilíbrio pra ela, então eu vou planejando e substituindo passos e movimentações que sejam mais confortáveis para elas. "Ah isso aqui vai afetar o joelho, não pode ter saltos". Pra umas vai bem tranquilo, porque o grupo lá, tem meninas com muita condição física e tem meninas com menos condição física e alguns problemas de saúde. Então o grupo é um só e tem que fazer alguma coisa que todas consigam executar [...]
9. nós trabalhamos sobre redes sociais, procurar exemplos reais do que estava acontecendo, tomando cuidado com a reprodução e tudo mais, né.
10. entra um pouco na questão da legalidade do material.
11. e quando entra temas polêmicos também, pela idade do público, um pouco de inflexibilidade então isso também...
12. Procura ver fontes confiáveis, outras universidades, nós temos várias Unatis aí pelo estado [...].
13. [...] eu sempre comentei com os alunos, coloca a fonte e vamos procurar disponibilizar para que outros tenham acesso também , *porque às vezes é produzido nas IES um material bem relevante, mas nem sempre está disponível para que todos possam referenciar e fazer uso desse material. Isso é importante para que todos tenham essa cultura que até então a gente inicialmente não encontrava tão facilmente, agora é um pouco melhor.*
14. Nós temos acadêmicos trabalhando como professores. [...] As avaliações acabam sendo autoavaliações. Os idosos são convidados a apreciarem o seu próprio desenvolvimento. Isso não exclui que o professor faça essa avaliação também (do processo). A avaliação do processo, porque senão não aconteceria o ensino/aprendizagem. Mas a busca é incentivar a autoavaliação.
15. Quando se percebe algum desvirtuamento do ensino para pessoa idosa, então há interferência da coordenação. Houve um tempo nas disciplinas de línguas que eram feitas avaliações orais e isso causava constrangimento para a pessoa idosa, então foi sugerido que a avaliação não fosse feita dessa forma. Um exemplo concreto foram as aulas de informática, que eram trabalhadas no laboratório de informática com orientação de usar o computador, formatação de texto, elaboração de tabelas, mas percebemos que os idosos usam preponderantemente o celular, as redes sociais, então sugerimos que o programa de ensino de informática fosse voltado ao uso do celular e à segurança na navegação nas redes. Então, nesse sentido que a coordenação sente as necessidades dos unatianos nas conversas, em sondagens e aí propõe aos professores algum conteúdo que seja necessário.
16. são poucas as referências no ensino pra pessoa idosa, [...] Até a legislação, até o Estatuto da Pessoa Idosa é usado como subsídio, mas como adequação, não existe nada pronto.
17. Mas o que tem acontecido hoje com esse horário preenchido que nós temos é a oferta de oficinas, de projetos. Por exemplo, o curso de nutrição que foi o parceiro nosso durante muitos anos [...] Temos também recentemente a parceria do curso de medicina, no qual eles ofereceram acompanhamento médico aos idosos. A clínica de nutrição também, a clínica de fisioterapia sempre muito parceira com atividades constantes. A educação física que vai retornar com os esportes. Como se dá essas escolhas? Nós não queremos perder nada porque tudo é importante. Dessa forma, tudo que não está dentro do cronograma que foi organizado no início do ano nós vamos colocando como projetos eventuais ao longo do ano.



Na terceira categoria de contexto levantada, a dimensão ética, restaram evidenciadas nas URs originadas das UCs, expressões textuais como: **busca do bem comum, ética para o trabalho com a terceira idade, atitudes responsáveis, cuidado com a legislação**, entre outras.

Para Pellegrini e Vitorino (2020) a dimensão ética da competência em informação constitui-se, entre outros aspectos, da interligação dos seguintes elementos: a) uso ético e legal da informação, o qual envolve as questões relacionadas à propriedade intelectual, como *copyright*, direito autoral e plágio; e os b) princípios éticos de respeito, justiça, solidariedade e compromisso. Dessa maneira a dimensão ética é perpassada pela atitude crítica diante de um fato, pelo olhar claro e atento.

A incorporação dos princípios éticos é necessária em todas as fases do processo de produção do conhecimento (PELLEGRINI; VITORINO, 2020). E esta atitude crítica para a dimensão ética, segundo Vitorino e Piantola (2019), é favorecida por uma variedade de ações como, entre outras, saber ouvir, valorar a profissão, ter bom senso, desenvolver-se pessoalmente, saber dialogar, ser exigente e flexível. Nesse sentido, para Pellegrini e Vitorino (2020) a ética, ao estar presente em toda ação do indivíduo, no âmbito pessoal e profissional, considera as implicações das ações na coletividade. Seu objetivo é a realização de boas atitudes.

Ações como essas ressaltadas pelas pesquisadoras podem ser identificadas nas passagens discursivas retiradas dos dados coletados das entrevistas, conforme demonstradas a seguir.

Quadro 13 – Segmentos discursivos que manifestam a dimensão ética.

Agente educacional	Segmento discursivo
Agente educacional 4	<i>Porque muitos livros não aceitam a reprodução, porém, o público idoso não vai comprar o livro, tem muita gente que não pode e fazer cópias também nem sempre é o melhor caminho. Então sempre busco uma forma que seja mais tranquila.</i>
Agente educacional 5	<i>Primeiro eu penso que estou trabalhando com um público que tem muita limitação.</i>
Agente educacional 6	<i>[...] que eles possam buscar informações principalmente relevantes para a vida deles como saúde, parte financeira, ou mesmo nas redes sociais, para se sentirem mais próximos da família que às vezes está distante.</i>
	<i>[...] então sempre buscando sempre fontes confiáveis que a gente possa se basear. Ou mesmo fontes de publicação confiáveis.</i>
	<i>Por exemplo, o próprio material que a gente produziu, eu sempre comentei com os alunos, coloca a fonte e vamos procurar disponibilizar para que outros tenham acesso também [...]</i>
Agente educacional 7	<i>Por exemplo, quando eu vou elaborar uma coreografia: isso aqui pode gerar tontura, isso aqui vai gerar desequilíbrio pra ela, então eu vou planejando e substituindo passos e movimentações que sejam mais confortáveis para elas.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Nesse contexto é possível observar que os agentes educacionais incluem os cuidados com os direitos autorais e com as fontes pesquisadas e disseminadas acerca das informações dos conteúdos, a atenção para os assuntos discutidos no decorrer das atividades, bem como a atuação responsável, cautelosa e zelosa em relação à saúde física e emocional dos unatianos. Essas condições convergem com o que Pellegrini e Vitorino (2020), citando também Rios (2011), alegam sobre a dimensão ética da competência em informação dizer respeito à ação humana, com base em princípios para a orientação da boa conduta dos indivíduos, e que ela está presente na competência profissional, em qualquer que seja o espaço de atuação dos indivíduos. As autoras ressaltam que na configuração atual da sociedade, essa dimensão é uma necessidade à vida acadêmica, profissional e pessoal dos indivíduos. Lembram que a quantidade de dados gerados, manipulados, armazenados e distribuídos pelas tecnologias trazem à tona problemáticas que exigem o uso adequado desses dados para que se convertam em informação. Essas problemáticas referem-se a questões de plágio, de direito autorais, de liberdade de expressão, de acesso livre ao conhecimento, de censura, dentre outras. Para as pesquisadoras, não saber lidar com a informação pode

trazer implicações legais para os indivíduos, além de causar outro fenômeno chamado desinformação²⁸.

Dessa forma acredita-se que, ao estar atento e responsável, bem como diligente perante suas ações, atitudes e comportamentos em relação ao que é ofertado como conhecimento (VITORINO; PIANTOLA, 2011), o agente educacional da Unati está praticando o comportamento ético em relação à informação, sob a perspectiva da realização do bem comum. Nessa conjuntura, o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações, após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas, principalmente, no coletivo, exigindo a formulação de princípios que resguardam a individualidade e sua integridade no coletivo, assegurando que em sua ação individual ele não provoque danos ao seu semelhante (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Por fim, Vitorino e Piantola (2011, p.106; 2020) defendem a ideia de que o princípio ético encontra-se encerrado nas demais dimensões – tanto na técnica, na estética, quanto na política. “O domínio da técnica, por exemplo, demanda escolhas e apresenta exigências de caráter social, as quais terão implicações éticas, enquanto a busca estética pela harmonia e pelo bem viver tem na ética seu fundamento apriorístico”. Para as autoras (2011, p.108), a dimensão política está ligada à ética em seu caráter subjetivo, e afirmam que, “Sendo ética, a atividade política tem uma função pedagógica, a de transformação dos homens em cidadãos”. Essa última dimensão, aliás, tem apresentado os desdobramentos advindos da coleta de dados das entrevistas discutidos a partir da descrição da figura 18.

²⁸ Para Heller, Jacobi e Borges (2020) os formatos de desinformação convergem com outro fenômeno contemporâneo: a pós-verdade. Os autores consideram que o conceito de desinformação deixou de representar apenas a falta de informação como era considerada nos anos 2000, e, nos últimos 20 anos passou a ser reconhecida e agregada como informação distorcida propositalmente ou imprecisa, aquela que é compartilhada sem validação ou qualquer tipo de senso crítico e, mais recentemente, aquela que apela às crenças pessoais a despeito de ser verdade ou não.

Figura 18 – Síntese da exploração material das entrevistas:
evidências da dimensão política da ColInfo

Unidades de contexto

(Parte 1)

1. [...] elaborei um programa de aulas com eles.
2. [...] então eu tenho que montar uma aula que eu consiga atender a todos, mesmo não sabendo das limitações de cada um.
3. [...] para ter essa segurança de trabalhar com a terceira idade.
4. é bem difícil porque é difícil agradar a todos. Eles são bem resistentes então eu tento pensar assim que eu nunca vou conseguir agradar todo mundo. Nunca todos vão estar satisfeitos com aquele formato de aula, com aquele exercício. Então eu tento pensar na maioria, o que está sendo bem aceito pela maioria, é mais dessa forma.
5. A questão, por exemplo, da inclusão... Eu tento montar algumas atividades que todos consigam participar. Às vezes por intermédio até de uma brincadeira, que todos consigam desenvolver a atividade. [...]
6. Então o que a gente dá para elas? A condição e o prazer da dança. E de repente subir ao palco e fazer um show. [...]E elas sempre fizeram um show, sempre fizeram uma dança bem bonita.
7. [...] Penso também no bem estar emocional delas, sabe. Durante a aula tem o espaço que elas vão tomar água, que elas descansam e nesse descanso elas podem tagarelar à vontade, porque elas adoram uma conversa. Então eu acho que dentro da aula de dança pra elas tem que ter tudo isso, esse espaço. Eu tenho a preocupação da questão física e da dança, mas também tem que dar pra elas a oportunidade de descanso e a oportunidade da conversa. Tipo, um lazerzinho ali no meio da aula. Então eu incluo isso dentro da minha elaboração. Eu tenho uma aula de 60 minutos então dentro desses 60 minutos tem que trabalhar com tudo isso. E no final um relaxamento porque elas vão embora feliz. Então eu tenho que trabalhar com todos esses elementos.
8. Eu falo que qualquer uma pode dançar. Não interessa a terceira idade, a gente trabalha muito essa questão da possibilidade de você dançar, independente se você é grande, pequena, velha, nova, gorda, magra, alta, baixa, tanto faz, a dança abraça todo mundo, então em muitos momentos eu comento isso. Também administro essa questão que uma deve ajudar a outra, e não criticar se uma errou tanto faz, o objetivo não é criticar, porque errar todas nós erramos, então tem que trabalhar isso entre elas. Outra questão também é que esse grupo tem muita diferença social. Tem meninas que têm bastante poder aquisitivo outras nem tanto poder aquisitivo e estão ali porque querem mais a questão da socialização [...] Então ali tem que trabalhar tudo isso.
9. Então sempre nós temos por objetivo a questão da comunicatividade, mas a função, como que ele pode empregar isso na vida dele.
10. Aí nós entramos em vocabulário, discutimos um pouco da situação do trabalhador na Espanha, o trabalhador aqui na América hispânica, o trabalhador no Brasil, então já traz essa reflexão. A reflexão acerca de como eles eram no trabalho, acerca das leis trabalhistas, quando nós fomos desenvolver anúncios de emprego, então pensando no limite do quanto se espera hoje do trabalhador [...] Então eles fizeram um currículo, um desenvolvimento e também pensaram a função das outras profissões, a importância dessas profissões pra sociedade e o papel de um estrangeiro em um país tentando buscar uma profissão. E a do machismo, fizemos toda essa exploração do tema.
11. Nós estávamos com um projeto de usar o cinema, no começo da pandemia para falar sobre "cinema e velhice", nós provavelmente vamos retomar esse projeto.
12. Bom, nós usamos a abordagem comunicativa para o ensino de línguas e eu uso a abordagem por função, então pensando nas práticas sociais que eles podem desenvolver a partir do que eles estão aprendendo em sala de aula. Então nós sempre colocamos língua, sociedade e cultura *fazendo esse* enlace tendo como norte a abordagem comunicativa, textos variados, esses textos eles nunca são adaptados, eles são sempre textos autênticos [...]
13. No geral o nosso material já é transdisciplinar, ele já vai ter dentro das práticas sociais e culturais várias temáticas que não necessariamente estariam numa aula clássica, então nós falamos sobre meio-ambiente, vida saudável, relação com a sociedade e tudo mais. E muitas vezes algo acontece no meio do ano, surge alguma coisa em algum país e sim nós sempre trazemos tanto na Unati quanto nas nossas práticas cotidianas o que está acontecendo no mundo. Por exemplo, pandemia, pandemia nunca foi um tema, mas nós precisamos falar sobre a pandemia, sobre a nossa mudança de rotina, falar mais sobre a nossa casa, sobre essas coisas, então sempre é incorporado.

Unidades de contexto

(Parte 2)

14. Então eles chegaram à conclusão, a minha turminha que eu tenho, de que eles queriam gostariam de um inglês "prático", para vida. Eles gostariam de saber porque eles gostam muito de viajar, eles sempre viajaram e agora eles continuam viajando. Então eles querem saber como pedir uma comida, como saber o vocabulário do aeroporto, como fazer o check in no hotel, esse tipo de coisa. Então eu planejo e faço as aulas de acordo com aquilo que eles me pedem.
15. Sim, com certeza, sem a menor sombra de dúvida, vamos dar um exemplo simples - os adolescentes adoram *K-Pop*, para os idosos isso não vai fazer o menor sentido, eles não querem saber, não vai agregar e não ter sentido nenhum para vida deles. Por isso eu sei que o assunto que eles vão querer tem que ser muito bem pensado, tem que ser algo que agregue na vida deles, que vá fazer sentido, senão eles não vão aprender. Aí vem essa questão de levantar dados primeiro, de saber o que eles querem aprender e o que lhes interessa.
16. [...] no final, a aplicação dessa gramática em alguma situação real.
17. Eu incluo, como eu falei mais a questão da vivência, do social e do cultural da língua. [...] Então, sempre tá intercalado ali com o ensino da língua, da gramática, o ensino da cultura, essas questões sociais. Basicamente isso, não tem nada assim que eu "forço" a inserção, mesmo porque, como eu falei tem coisas que ele não se interessam, coisas que não fazem sentido pra eles.
18. E o repertório vem dos momentos cívicos, religiosos [...]. Mas também as estações do ano, dia das mães, páscoa, dia dos pais, dia do avô e da avó, dia dos namorados (porque algumas são viúvas ou descasaram e querem casar outra vez), entrada da primavera, inverno, outono, a chegada do Natal, [...] Mas são canções religiosas, muitos hinos evangélicos, ou canções católicas para aqueles que são católicos, tem canções românticas muito bonitas referentes a Maria e a Jesus, em Festa Junina, essas coisas todas, é nisso aí que a gente vai desenvolvendo e elas adoram e tem também as coreografias junto, principalmente as canções folclóricas do Brasil, porque a gente pega muito Norte e Nordeste e o Norte, Nordeste é muito rico. O Pará só o estado do Pará tem 30 ritmos diferentes um do outro. Depois os negros, misturaram os índios. Ali no Nordeste tem um pouco do francês e do holandês. Lá no Maranhão tem um pouco da influência do francês e do português, então vem por aí e vem descendo assim. Tem muita música caipira em SP e em MG, a música de raiz. O gaúcho que é muito bonito a música de raiz.
19. Você sabe que eles têm uma certa resistência [...]. Então quando a gente pega os hinos assim... a igreja católica [...] busca muito o social e a música evangélica busca mais a adoração. Então, na idade que elas estão entre os 70 e os 80 anos elas estão muito críticas. Então com relação a essa parte social elas criticam muito porque elas veem essa necessidade. E depois dos 80 elas começam a buscar a adoração de novo. Elas criticam muito. Elas fazem comparações.
20. Eu escolho pela época do ano, ou pela festa próxima seja ela cívica ou religiosa, o que estiver próxima. [...] Ou às vezes até a gente escreve um refrão no quadro para elas copiarem e exercitar a mão. Ficar em pé e fazer o ritmo com a mão, com o pé e com o corpo e isso tudo a gente faz para ajudá-las, mas o exercício da memória é muito importante. Elas aprenderem a cantar e elas decoram.
21. Olha, o idoso, ou qualquer ser humano ao se ouvir cantando já eleva muito a autoestima. O cantar é uma terapia, de um modo geral. [...] aumenta muito a capacidade de entendimento, cresce bastante o desenvolvimento, a atenção auditiva e a percepção auditiva. E no social, cada canção folclórica, de cada região faz com que todo mundo lembre de alguma coisa, de onde viveu. Então eu peço sempre "canta uma do seu estado" e além delas cantarem elas se lembram de alguma história referente àquela música. [...] Então é muito interessante essas coisas assim. Tem uma do RS que conta história. Tem uma de Mallet que conta dos Ucrrianos, dos poloneses, das palavras, da língua. Durante a aula a gente vai falando a parte cultural, a gente fala muito. E elas são professoras, tem um a médica, tem enfermeiras tem advogada, tem vendedoras e elas vão falando todas as suas experiências coisas que viram e que aprenderam.
22. nós duas fazemos aqui, de incorporar questões sociais, culturais. Eu falo muito quando a gente está fazendo sobre música de compositores, eu procuro sempre falar sobre a vida deles, sobre a vida dos grandes mestres da música, do classicismo e do romantismo, ou sobre os atuais da música popular brasileira, os que estavam muito trabalhando na época da ditadura e que foram cerceados.
23. [...] que de certa forma é o objetivo né, que a gente os torne protagonistas, empoderados, que eles se sintam inclusos na sociedade.
24. É veja, como eu comentei, pela própria busca da informação ali, mesmo que digamos indiretamente, porque às vezes a gente tá tão focado também em repassar o conteúdo de tecnologia, mas que indiretamente, vamos supor: "a semana do folclore: quando ela vai acontecer... então vamos pesquisar lá na internet, o que que vai ter nesse FDS na cidade". Você acaba trabalhando mesmo que indiretamente às vezes algum conteúdo que, pode até partir deles o interesse, o que querem saber como um entretenimento e tal, e aí acaba fazendo buscas de informações naquele sentido.

Unidades de contexto

(Parte 3)

25. Porque o objetivo é buscar a capacidade funcional e essa capacidade funcional às vezes ela não quer dizer que seja fazer com que o idoso carregue uma caixa de refrigerante, por exemplo. Eu preciso que ele tenha uma capacidade funcional para fazer com qualidade as principais atividades de vida diária dele. Que ele tenha habilidade de tirar uma roupa com facilidade, que tenha capacidade de amarrar um sapato com facilidade, que ele desenvolva o menor grau de dependência de outra pessoa, esse é o nosso foco aqui.
26. Na verdade eu tento adaptar para as necessidades que eles têm nas outras atividades. Por exemplo, eles têm o grupo de dança, aí o que eu dizia, vamos fazer esse tipo de exercício que este vai te ajudar na dança. Tentava linkar para eles poderem valorizar as atividades, sabe. Mais ou menos assim. Tentar linkar vamos melhorar isso porque vai melhorar a postura no alongamento. Tentar mostrar o benefício daquela prática relacionada às outras atividades que eles fazem, por mais que algumas delas sejam mais teóricas. Então a ideia é "vamos fortalecer esse joelho para poder subir melhor no ônibus para a viagem da Unati".
27. É uma fidelização absurda. Eu acredito que eles mesmo chegam e contam o bem-estar por terem feito e contam muitas vezes o que eles conseguiram fazer e não conseguiam, a partir dessa rotina de exercícios. [...] Essa qualidade de vida é o que eles passam para mim e é o que a gente consegue ter como resposta e ter como benefício do que a gente tá levando pra eles.
28. A Unati foi pensada em dois objetivos fundamentais: - A socialização da pessoa idosa; e busca da melhoria da qualidade de vida (Objetivos principais).
29. A coordenação pode sugerir metodologias dentro das necessidades, entretanto, a busca de conteúdos cada professor tem liberdade de trabalhar. Quando se percebe algum desvirtuamento do ensino pra pessoa idosa, então há interferência da coordenação. [...] percebemos que os idosos usam preponderantemente o celular, as redes sociais, então sugerimos que o programa de ensino de informática fosse voltado ao uso do celular e à segurança na navegação nas redes. Então, nesse sentido que a coordenação sente as necessidades dos unatianos nas conversas, em sondagens e aí propõe aos professores algum conteúdo que seja necessário.



Unidades de Registro

- interação com o coletivo
- trabalho em conjunto
- qualidade de vida
- relacionamento social
- condição
- socialização
- autonomia
- independência
- bem estar emocional
- incorporação de contextos sociais
- atendimento de expectativas

Categorias de Análise

- Incorporação de discussões para a construção coletiva do conhecimento
- Adaptações para o exercício autônomo do idoso em sociedade

Categoria de Contexto

Atividades Didáticas e Processos Pedagógicos da Unati na perspectiva da

Dimensão Política

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Na categoria de contexto dos dados da entrevista que teve a dimensão política como destaque, as URs que surgiram na análise das UCs foram, entre outras: **interação com o coletivo, autonomia, incorporação de contextos sociais, trabalho em conjunto e qualidade de vida**. Essas construções textuais

remontam as transformações referentes à vida social, configuração essa presente nessa dimensão da ColInfo.

Vitorino e Piantola (2011) comentam que a dimensão política tem mostrado importância significativa à ColInfo e que ela tem levado os governos de diversos países a empreender esforços no sentido de incentivar programas voltados à competência em informação de seus cidadãos, visando à sua participação nas decisões e nas transformações referentes à vida social, ou seja, ao exercício de sua cidadania. Nesse contexto, as autoras salientam as características mais importantes no que se refere à dimensão política da competência em informação: exercício da cidadania, participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à vida social, capacidade de ver além da superfície do discurso, e, que a informação, nessa dimensão, é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Várias dessas características estão implícitas e também explícitas nos segmentos discursivos retirados dos dados das entrevistas e apresentados no quadro 14, a seguir.

Quadro 14 – Segmentos discursivos que manifestam a dimensão política

Agente educacional	Segmento discursivo
<p>Agente educacional 1</p>	<p><i>Por exemplo, em relação ao social, eu acho que a gente pode citar o Facebook, o WhatsApp, que é o que eles tentam sempre se comunicar, tanto com os filhos, parentes ou com a gente mesmo, com o grupo que a gente tem da Unati. Tanto é que quando a gente vai ter aula a gente avisa o horário, a sala que a gente vai estar. Eles entendem melhor, já têm uma relação mais fácil. No Facebook onde eles podem conversar entre eles, postarem coisas que eles gostam. Eu acho que pode se encaixar também. A gente tentou trabalhar também a questão do 'Uber', do '99' pra mobilidade deles. Tanto é que uma aluna, quando a gente ensinou, ela fez questão de tentar pegar o 'Uber' no dia e isso foi muito legal porque foi a maior felicidade pra ela e a gente ficou muito feliz que ela conseguiu pedir o 'Uber' ela foi feliz pra casa então isso pra gente é muito legal. E os aplicativos de banco que facilita pra eles, eles não precisam sair de casa para pagar uma conta, a questão de segurança deles também, porque eles ficam meio receosos pela questão de golpe ou algo do tipo, que é um ponto bem delicado também mas a gente tenta sempre trabalhar ali com eles. Eles nos falam que muita coisa são os filhos ou os netos deles que fazem pra eles. E eles acabam não aprendendo e eles têm a curiosidade de aprender pra muitas vezes terem essa liberdade, então é muito legal ver isso.</i></p>
<p>Agente educacional 2</p>	<p><i>Inclusive tem um aluno que a esposa que está com demência e ele pediu para trazê-la às aulas e ele a trouxe e ela tá indo super bem, tá conseguindo lembrar palavras em inglês, tá conseguindo lembrar de coisas que ela fez então, então tem sido uma experiência bem legal essa questão pessoal, bem diferente de tudo que eu já tinha feito antes. Porque eu sempre trabalhei com jovens e crianças sabe,</i></p>

	<p><i>então tem sido bem enriquecedor.</i></p>
	<p><i>[...] cidadania, por exemplo, é importante que eles saibam se comunicar em um contexto estrangeiro, que eles saibam conseguir todas as coisas que eles precisam então a gente sempre trabalha isso, eu faço muitos diálogos. Acho que um exemplo de atividade é a criação de diálogos, quase toda aula a gente cria um diálogo em duplas, ou trios, pra ter essa interação mesmo. Diálogos sobre transporte, ou no aeroporto, no restaurante, no hotel. A gente cria o diálogo para que ele consiga realmente desenvolver todos esses pontos, é um exemplo de atividade. Mas muitos outros, leitura crítica, sobre algum assunto que eles precisem emitir opinião já aconteceu também. Durante os vídeos, a gente mostra coisas que no exterior são diferentes então a gente debate sobre essas diferenças, sobre o porquê será que lá é dessa forma e aqui é de outra. Sempre acontece.</i></p>
<p>Agente educacional 3</p>	<p><i>Então, na idade que elas estão entre os 70 e os 80 anos elas estão muito críticas. [...] Elas criticam muito. Elas fazem comparações.</i></p>
<p>Agente educacional 4</p>	<p><i>Eles são um público muito comunicativo, então as propostas de atividades são sempre muito bem recebidas. Nós trabalhamos com um material de base e a partir desse material eu agrego coisas. Nós sempre ouvimos músicas que eles gostam muito. Atividades de áudio, com imagens, para que estimule alguma discussão [...] Então sempre nós temos por objetivo a questão da comunicatividade, mas a função, como que ele pode empregar isso na vida dele. [...] nós fazemos bastante atividades em grupo.</i></p> <p><i>Vou dar um exemplo: faz umas duas semanas nós estávamos trabalhando com profissões e atuação. Então eles primeiro trouxeram toda a experiência de vida deles, eles são todos aposentados. [...] nós fomos desenvolvendo isso primeiro: o que eles exerciam na vida deles? Pra fazer essa recuperação. Aí nós entramos em vocabulário, discutimos um pouco da situação do trabalhador na Espanha, o trabalhador aqui na América hispânica, o trabalhador no Brasil, então já traz essa reflexão. A reflexão acerca de como eles eram no trabalho, acerca das leis trabalhistas, quando nós fomos desenvolver anúncios de emprego, então pensando no limite do quanto se espera hoje do trabalhador [...] Então eles fizeram um currículo, um desenvolvimento e também pensaram a função das outras profissões, a importância dessas profissões pra sociedade e o papel de um estrangeiro em um país tentando buscar uma profissão. E a do machismo, fizemos toda essa exploração do tema.</i></p> <p><i>[...] então nós falamos sobre meio-ambiente, vida saudável, relação com a sociedade e tudo mais. E muitas vezes algo acontece no meio do ano, surge alguma coisa em algum país e sim nós sempre trazemos tanto na Unati quanto nas nossas práticas cotidianas o que está acontecendo no mundo. Por exemplo, pandemia, pandemia nunca foi um tema, mas nós precisamos falar sobre a pandemia, sobre a nossa mudança de rotina, falar mais sobre a nossa casa, sobre essas coisas, então sempre é incorporado.</i></p>
<p>Agente educacional 5</p>	<p><i>Essa questão da socialização também é bem interessante assim, porque eu faço bastante atividade em dupla e aí eles conversam. Eu entendo que, além de eles estarem ali fazendo a atividade, o exercício, eles também estão fazendo socialização, porque eles conversam, eles estão trocando informação, eles fazem os grupinhos dentro da piscina, então é meio que por aí... Sobre se ajudar um ao outro.</i></p> <p><i>E eu percebo muito a evolução deles de uma aula para outra do mesmo exercício, por exemplo, exercício que às vezes na primeira aula tem um pouco de dificuldade,</i></p>

	<i>na outra aula mais ou menos e na terceira aula já tá fazendo bem tranquilo. Então eu acho isso muito bacana, porque a gente tenta trabalhar muita coisa ali que eles precisam no dia a dia: mobilidade, flexibilidade, coordenação motora. Então, quando eu vejo, por exemplo, que eles estão fazendo algo pro lado errado, daí na outra aula já fazem pro lado certo. Então têm essas pequenas evoluções assim no desenvolvimento deles que eu acho isso bem bacana.</i>
Agente educacional 8	<i>Então assim, na Unati eu tenho que simplificar para poder equalizar para todo mundo, por mais que os exercícios sejam individuais e exista um protocolo, eu não posso fazer a mesma coisa para todo mundo, mas eu tenho que fazer mais ou menos uniforme, porque eu não posso fazer alguma coisa muito difícil. Eu tenho que pensar nas individualidades de cada um. Então essa é a principal barreira: é pensar nas individualidades e daí tentar, a partir disso, uniformizar um dia de atividades. Porque o objetivo é buscar a capacidade funcional e essa capacidade funcional às vezes ela não quer dizer que seja fazer com que o idoso carregue uma caixa de refrigerante, por exemplo. Eu preciso que ele tenha uma capacidade funcional para fazer com qualidade as principais atividades de vida diária dele. Que ele tenha habilidade de tirar uma roupa com facilidade, que tenha capacidade de amarrar um sapato com facilidade, que ele desenvolva o menor grau de dependência de outra pessoa, esse é o nosso foco aqui.</i>
	<i>O empoderamento é incrível. Eu acho assim que o que gerou de empoderamento aqui é muito legal, porque o que eu vejo, principalmente com as mulheres: elas sobem num aparelho, quando fazem alguma coisa mais complexa a primeira coisa que elas pedem é "você pode fazer uma foto para eu mandar para a minha família, para o meu namorado". Sabe então, é uma coisa que "eu consigo, eu tô aqui, veja como é, como é bom. Faz um vídeo para mostrar o que eu estou fazendo atividade". Então, é pra mostrar a condição deles, que eles são capazes e isso é bem legal. A satisfação pessoal que eu acho que é bem importante e que gera pra eles, pela condição de conseguir mesmo, de fazer e de estar. O convívio social é muito importante também, eu sinto, porque elas estão num grupo, elas se combinam, elas conversam entre elas, uma pega carona a outra leva, a outra dá a receita do chá. O bom humor, geração de gratidão. Fora os benefícios físicos. Também o respeito pelo limite, pelo outro, um pouco de ironia, descontração, brincadeiras um com o outro.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Sob a perspectiva política, De Lucca e Vitorino (2020) consideram que um sujeito competente em informação é capaz de: reconhecer a importância da informação para orientação de conduta na trajetória de vida e as necessidades de informação em situações práticas do dia a dia; procurar a interação social com pessoas da rede de convívio para solucionar essas necessidades; conquistar a liberdade e autonomia por meio de decisões baseadas na informação adquirida; compartilhar informações e experiências com pessoas da rede de convívio, além de ajudar o próximo em diferentes contextos e, assim, enriquecer sua bagagem de conhecimentos e incorporar novas experiências de vida; utilizar a informação para sensibilizar-se de seus deveres e direitos na sociedade e lutar pela construção da cidadania em conjunto, no momento em que participa da esfera social.

Observando-se as afirmações e declarações dos agentes educacionais relacionadas ao ensino e aprendizagem dos unatianos percebem-se algumas evidências as quais se ligam intimamente ao aspecto político da ColInfo. A atuação dos educadores demonstra um engajamento informacional bastante direcionado à conquista e manutenção da autonomia pelos idosos, da sua liberdade, do exercício da cidadania e notadamente da socialização e da transformação das suas vidas e realidades sociais. Essa concepção converge com a afirmação de De Lucca e Vitorino (2020), na qual as autoras entendem que a dimensão política compreende o ser humano como um ser social, um ser que participa de um ambiente onde constrói as relações num processo dinâmico de interações. E que, nesse sentido, a cidadania, a liberdade e as relações em sociedade são as manifestações que dão base para a compreensão dessa dimensão da ColInfo nos sujeitos.

Ao se preocuparem, responsabilizarem-se e comprometerem-se em trazer aos seus educandos conteúdos e atividades que facilitem e otimizem o seu dia a dia nas questões afetivas, sociais e sócio-culturais, que lhes permitam comunicar-se livremente em outros idiomas, que lhes proporcionem autonomia física e emocional, que eles exercitem o lazer, o bem estar, a qualidade de vida e a felicidade, os agentes educacionais promovem nos idosos a capacidade de atuarem de forma participativa no contexto democrático contemporâneo (DE LUCCA; VITORINO, 2020). “Nessa perspectiva, a competência em informação exerce seu papel, pois o indivíduo se apodera da informação para estar ciente dos direitos e deveres, e participar das decisões relativas à vida em sociedade”, defendem De Lucca e Vitorino (2020, p.230). Para essas autoras, tornando-se competentes em informação - sob a perspectiva política - os idosos adquirem a compreensão dos seus direitos e deveres e são estimulados ao comportamento reflexivo para que desenvolvam uma consciência crítica que lhes será útil para questionar o que se está posto.

Por fim, salienta-se que toda a incorporação das dimensões da ColInfo no âmbito da atuação dos agentes educacionais da Unati convergem com a afirmação de Gonçalves (2015), acerca da reflexão sobre docência para idosos. A autora afirma que, quando o docente reflete sobre sua prática, torna sua ação um instrumento de aperfeiçoamento contínuo de seu trabalho. Gonçalves continua sua análise recuperando o que diz também Tardif (2013), sobre a necessidade de o educador especificar os saberes que eles construíram ao longo de sua prática,

reconhecendo a capacidade de transformar suas ações em conhecimentos, competências, habilidades e atitudes para bem desempenhar seu papel profissional. Gonçalves (2015) conclui que o papel e o peso dos saberes docentes estão fortemente ligados a sua identidade e às experiências adquiridas em família, dentro da sala de aula com os alunos e a outros que constituem seu trabalho.

Na sequência, dá-se destaque especial para os segmentos discursivos da entrevista realizada com a coordenação da Unati. Por se tratar de uma relação longínqua, de mais de dez anos, percebe-se nitidamente um olhar bastante profundo, analítico, coerente, empático e dedicado na construção do programa pedagógico, sempre buscando atingir os objetivos precípuos do programa de extensão e, nessa dinâmica observa-se o alcance de mais do que os benefícios iniciais propostos. É possível perceber uma trajetória bastante alicerçada em seus objetivos fundamentais, mas que, com o passar do tempo ganhou contornos multidisciplinares, inter e transdisciplinares ainda mais efetivos e frequentes.

A Unati foi pensada em dois objetivos fundamentais: - A socialização da pessoa idosa; e busca da melhoria da qualidade de vida (Objetivos principais). Desses surgem os objetivos específicos ao longo do tempo. Considerando a universidade ser pública e abrigar uma multiplicidade de áreas do conhecimento mas com recursos muito escassos, então a primeira busca é dentro da própria universidade o que nós temos de pessoal que possam vir trabalhar buscando atingir aqueles objetivos. [...] A partir da experiência pedagógica da coordenadora ... foi buscada ampliação do número de atividades e de características buscando um equilíbrio entre atividades físicas e teóricas. Essa peregrinação pelos diversos departamentos oportunizou uma certa estrutura. Atualmente a Unati é buscada por esses departamentos, os quais oferecem pesquisas, atividades. [...] Desse modo se busca manter aquele equilíbrio entre atividades físicas e teóricas. Um exemplo é o ensino das línguas estrangeiras modernas que são realizados em parceria [...]. Outra iniciativa é a parceria com outros departamentos [...] para as aulas de informática, educação física, fisioterapia, canto e coral. Originando dessa forma um leque de atividades a partir dessas parcerias com os diversos departamentos da universidade. Há também atividades nas quais não se tem os profissionais da própria universidade (entrevista – coordenação da Unati).

Para Cachioni (2002) a interdisciplinaridade, no contexto educacional, aparece como um princípio de reorganização das estruturas pedagógicas e exige a interação entre as disciplinas, no que tange à comunicação das ideias e à integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade

do saber. Segundo Severino (1989), a visão interdisciplinar de educação na universidade é a busca da substituição de uma ciência fragmentada por uma ciência unificada, com repercussões no ensino, na pesquisa e na extensão.

Esse posicionamento e informação acerca da participação das várias áreas da academia é reportado por Freire (2018), que destaca as contribuições de algumas áreas do conhecimento, as quais indicam possibilidades de colaboração interdisciplinar para atualização e conhecimento dos idosos (os quais a autora chama de “longevos” em sua pesquisa). Nesse sentido, a educação contribui para o fenômeno do envelhecimento com uma nova percepção interdisciplinar. A autora acredita que a permuta entre um conhecimento fracionado por um conhecimento único, influencia no ensino, na pesquisa e na extensão direcionados para a população idosa. Assim, a educação continuada para este público contribui ao possibilitar novos contextos e locais de aprendizagem, com finalidades, conteúdos e metodologias diferenciadas, dando atenção às suas necessidades. Complementando a questão, Cachioni (2002) defende que o enfoque interdisciplinar possibilita a identificação entre o vivido e o estudado e é o meio privilegiado de promover formação profissional, já que permite a abertura a novos campos do conhecimento e a novas descobertas.

Conforme visto na seção que tratou da análise e da interpretação do projeto pedagógico da Unati, comprovou-se que a natureza das suas atividades educacionais já é revestida de uma variedade equilibrada de faces da competência em informação. No contexto da entrevista realizada junto à coordenação, entretanto, em alguns momentos é possível notar direcionamentos mais alinhados e nítidos em relação a determinadas dimensões.

No questionamento feito durante a coleta, acerca das “estratégias utilizadas pela coordenação para o ensino e interação junto aos idosos”, a resposta demonstrou que se percebe subjetivamente a incorporação da dimensão estética da ColInfo no relacionamento professor/idoso. Isso se fez manifesto considerando a presença da experiência dos idosos no contexto pedagógico.

Busca pela metodologia bastante interativa, considerando-se que a pessoa idosa tem uma experiência muito grande. Então essa troca sempre acaba acontecendo. Nós temos acadêmicos trabalhando como professores. Nesse caso eles dizem que acabam aprendendo mais do que ensinam. Então a metodologia é muito interativa. As avaliações acabam sendo autoavaliações. Os idosos são convidados

a apreciarem o seu próprio desenvolvimento. Isso não exclui que o professor faça essa avaliação também (do processo). A avaliação do processo, porque senão não aconteceria o ensino/aprendizagem. Mas a busca é incentivar a autoavaliação (entrevista – coordenação da Unati).

O segmento discursivo alinha-se com Ferrigno (2003), citado por Mennocchi (2009), a qual disserta que nos programas direcionados a pessoas idosas, há uma rica troca intelectual e afetiva entre alunos e professores, comumente pertencentes a uma geração mais jovem, e uma transformação dos mesmos a partir de influências recíprocas. Do mesmo modo, para Vitorino e Piantola (2019) a educação para o desenvolvimento da ColInfo implica uma concepção das aprendizagens relacionadas a percursos de vida, além de uma experiência e postura intelectual e emocional dos atores sociais.

“O conhecimento só pode ser construído se a informação que recebemos tiver valor e significado no contexto do repertório de vivências e conhecimentos que carregamos, permitindo nova interpretação da realidade” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.104). Para Vitorino e Piantola (2019) o diálogo e a troca de experiências favorecem a atitude crítica e, nesse sentido, ao serem despertados nesse processo mútuo, tanto os idosos como os agentes educacionais tiram proveito desse recurso.

Sobre esse processo recupera-se o que diz Rios (2006) ao afirmar que é preciso trabalhar com a perspectiva coletiva presente na noção de competência: a competência se amplia na construção coletiva, na partilha de experiências, de reflexões. Então, para Vitorino e Piantola (2011), na medida em que toda ação traz em seu bojo um conteúdo pessoal, uma maneira específica de expressão, é possível identificar aí uma dimensão estética.

Complementando essa questão da troca de experiências, Cachioni (2002) defende que a educação dirigida aos idosos deve considerá-los como donos de uma história pessoal e de uma bagagem de conhecimentos constituída ao longo da vida, a qual não deve ser preterida em favor de conteúdos formatados pela universidade, mas aproveitada e potencializada por ela. A nenhum sujeito da educação se aplica tão bem quanto aos idosos, a noção de que o ser humano é agente do seu próprio crescimento e da transformação da realidade (CACHIONI, 2002).

A coordenação pode sugerir metodologias dentro das necessidades, entretanto, a busca de conteúdos cada professor tem liberdade de trabalhar. Quando se percebe algum desvirtuamento do ensino para

pessoa idosa, então há interferência da coordenação. Houve um tempo nas disciplinas de línguas que eram feitas avaliações orais e isso causava constrangimento para a pessoa idosa, então foi sugerido que a avaliação não fosse feita dessa forma. Um exemplo concreto foram as aulas de informática, que eram trabalhadas no laboratório de informática com orientação de usar o computador, formatação de texto, elaboração de tabelas, mas percebemos que os idosos usam preponderantemente o celular, as redes sociais, então sugerimos que o programa de ensino de informática fosse voltado ao uso do celular e à segurança na navegação nas redes. Então, nesse sentido que a coordenação sente as necessidades dos unatianos nas conversas, em sondagens e aí propõe aos professores algum conteúdo que seja necessário (entrevista – coordenação da Unati).

O segmento discursivo anterior aponta - pelo acesso e interação informacional junto aos agentes educacionais acerca dos conteúdos que afetam e interessam aos idosos, assim como às suas necessidades informacionais - que a coordenação age no sentido de resguardar os unatianos, a sua integridade emocional e psicológica, e que se preocupa acerca da segurança dos dados dos educandos. Conforme já explorado anteriormente, essa atitude denota responsabilidade e essa é uma das características percebidas na dimensão ética da ColInfo. Nesse sentido, segundo Vitorino e Piantola (2011) o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências no âmbito coletivo. Para as autoras, a ética pressupõe um juízo crítico do indivíduo, o qual é efetivamente competente em informação quando é capaz de tomar posição, assumir essa postura crítica diante de determinadas informações, requerendo para isso um julgamento de valor. No mesmo sentido Freire (2018) defende que o processo de aprendizagem do longo prazo deve ser planejado, com inferências pedagógicas que considerem o ritmo, interesses e necessidades deles.

O seguinte discurso trata da relevância das ferramentas TIC no contexto da educação dos unatianos, bem como a importância de se reconhecerem as necessidades informacionais desse público em um momento de grande aflição mundial, a Pandemia pelo Coronavírus²⁹.

²⁹ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas (OPAS, 2020).

Nós sempre buscamos essa atualização dos conhecimentos. Com a chegada da Pandemia isso se fez imperativo. Professores e coordenação buscaram se atualizar e aperfeiçoar o uso das ferramentas TIC para que as atividades da Unati não sofressem interrupção. Segundo a avaliação da Coordenação essa iniciativa foi um sucesso muito grande. Nesse sentido o Programa teve, nesse período pandêmico sempre em média 30 a 40 unatianos participando regularmente durante todo o período de isolamento social. E todas as atividades que antes eram presenciais (com exceção da hidroginástica) foram desenvolvidas de forma remota. Esse número foi praticamente metade do número de unatianos matriculados. Então isso proporcionou romper o isolamento social que era necessário naquele momento. Não houve nenhum idoso contaminado por Coronavírus nesse período, pois as informações eram fornecidas à tempo e à hora, como o calendário de vacinas, por exemplo. Dessa forma eles eram informados diariamente os locais e horários de vacinação. E o uso das ferramentas foi essencial para que sobrevivêssemos com uma boa qualidade de vida naquele período. O critério considerado para essa avaliação é o fato de que, os idosos que não tiveram acesso a essas tecnologias sofreram consequências emocionais do isolamento. Esse mal estar emocional e afetivo também causou consequências físicas. Dos exemplos que chegaram até à coordenação, além dos desconhecidos, foi de um casal, por exemplo, que foi mantido pela família sob cuidados excessivos, tiveram um decréscimo fisiológico muito grande. Hoje esses idosos estão passando por atividades físicas bastante constantes para tentar a recuperação. Pois a pessoa idosa já tem uma perda maior de massa magra e a falta de exercícios regulares fez com que esse casal especificamente tivesse até a mobilidade comprometida por causa da falta de exercícios e pela não habilidade para interagir com as ferramentas. Nesse sentido as ferramentas foram essenciais, não só para manter a atividade intelectual mas para a física também. Assim, o uso dessas ferramentas possibilitaram a oferta das atividades de Pilates por exemplo, três vezes por semana, nas quais os idosos eram convidados a participar, assim como a aula de dança, e a maioria absoluta participava. Desse modo o que foi possível ofertar de atividade física, além das atividades intelectuais foi feito. "Viva a tecnologia" (entrevista – coordenação da Unati).

Essa fala, bastante contundente e objetiva da coordenação, comprova a presença marcante da dimensão técnica da ColInfo no contexto da aplicação das ferramentas TIC nas atividades da Unati e que, em grande parcela, trouxeram resultados benéficos para os idosos em um momento de imperiosa dificuldade no Mundo: a Pandemia pelo Coronavírus. A dimensão técnica mais notadamente, mas também as demais dimensões se fazem presentes.

Nesse contexto, a atitude docente, bem como a dos unatianos para o uso das ferramentas TIC foi essencial, porque proporcionou a continuidade das atividades em um momento de interrupção de diversas atividades econômicas, culturais, profissionais e educacionais, em grande parte do planeta, devido ao isolamento social. Assim, a dimensão técnica prevaleceu sob a perspectiva das habilidades.

Para Takahashi (2000) é preciso considerar a informação como um recurso indispensável aos indivíduos. O autor considera que educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir no desenvolvimento de uma competência suficientemente ampla que lhes permita ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões alicerçadas no conhecimento, bem como aplicar as novas mídias em usos simples e mais complexos. O autor defende a necessidade de inclusão digital como imprescindível para a capacitação dos cidadãos, a favor não só de seus interesses individuais, mas também, em prol das necessidades e anseios comunitários com responsabilidade, exercendo desta forma seu senso de cidadania.

É nesse contexto que o uso das TIC durante o isolamento social possibilitou aos idosos acessarem com eficiência e eficácia as informações. Para isso utilizaram-se da habilidade para “[...] construir e implementar efetivamente estratégias de busca (ACRL, 2000, p.9, tradução nossa), recuperar informações *online* e físicas. Isto é, as ferramentas TIC se fizeram presentes no cotidiano dos unatianos durante aquele período de afastamento presencial das aulas, promovendo a eles: a atualização de informações acerca de ações que protegessem a sua saúde física e emocional e o auxílio nos processos de tomada de decisão no momento pandêmico.

Nós tivemos dificuldades sim. Então, como eu disse eu acho que nós tivemos ali 30, 40% dos unatianos que tiveram coragem, primeiro, de romper essa barreira do uso das ferramentas e outros simplesmente que disseram "não sei, não tenho acesso". Porque o acesso à Internet, a uma rede de boa qualidade também faz toda a diferença. Então alguns unatianos usavam o celular apenas como telefone e alguns adquiriram smartphones, outros usaram tablets, notebooks e outros não quiseram se aventurar ou não tinham condições ou uma rede de internet boa. Então pra nós foi difícil também. Encontrar uma plataforma que fosse fácil de ser trabalhada pela maioria dos professores, que oportunizasse registros, porque algumas atividades ficavam gravadas para que a gente pudesse acessar posteriormente. Nós fizemos festas, nós participamos de festivais, então tudo isso era realizado em plataformas diferentes.

Nós começamos pelo Skype pra você ter uma ideia (entrevista – coordenação da Unati).

O fragmento discursivo anterior replica ao dito por Camargo (2018). O autor ressalta que o processo de migração digital para essa faixa da população é cercado de dificuldades, naturalmente pelo tempo de vivência desses idosos ter ocorrido sem o uso de artefatos tecnológicos. “Muitos deles temem a utilização da tecnologia ou se afastam pela ideia de complexidade, desmotivando e desestimulando-os ainda mais” (p. 28).

Petersen, Kalempa e Pykosz (2013) afirmam que se faz necessária a busca por soluções que permitam um envelhecimento saudável e em que o sujeito idoso não perca a conexão com o mundo que o cerca, que é basicamente digital. Para Nóbrega (2019) as tecnologias são elementos contribuintes para esse processo, uma vez que estão em constante avanço, em consonância com as alterações fisiológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos e, possibilitam a comunicação, a busca por informações e conhecimento de forma contínua. Entretanto, Camargo (2018) lembra que assim como qualquer outra atividade pedagógica, as iniciativas de inclusão digital precisam estar não só adaptadas ao contexto temporal e social, mas também ao público ao qual ele se destina. Dessa forma, é importante compreender a atuação do professor no comportamento informacional do idoso, principalmente se sua metodologia de ensino alcança resultados satisfatórios, já que este atua diretamente no processo de ensino de auxílio ao idoso na busca por informações (SILVA, 2017b). Portanto, observou-se que o professor possui papel fundamental para inclusão informacional e digital dos unatianos por intermédio das suas metodologias de ensino, orientando-os na busca pelas informações para suprir as necessidades desse público.

Nesse sentido, adentra-se na questão do intercâmbio de informações entre os educadores e coordenadores das iniciativas institucionais como a Unati/Unicentro.

Essa busca se dá de multiformas e multimeios. Nós nos socorremos também como coordenadores por intermédio das tecnologias. A partir do contato com um grupo de coordenadores de Unatis do Brasil todo, que se chama Abrunati, com reuniões eventuais e regulares para compartilhar informações a partir de congressos, eventos, publicações, então há uma troca sendo feita. Nesse sentido a coordenação se alimenta de dados e informações atualizadas também de um grupo, que se chama "cidade amiga do idoso", que

reúne instituições de vários níveis estaduais, municipais e federais. A partir dessas informações há uma adaptação para a nossa realidade (entrevista – coordenação da Unati).

A partir dos anos 1990, conforme afirma Cachioni (1998), o movimento internacional de Universidades da Terceira Idade expandiu-se por todo o mundo, refletindo as perspectivas francesa e inglesa e sofrendo modificações e adaptações locais, conforme as necessidades sociais em cada contexto e dependendo do perfil educacional e econômico das diferentes populações idosas em cada país. Mendes *et al.* (2005) comentam que a preocupação com esse novo perfil populacional gera inúmeras discussões e a realização de diversos estudos com o objetivo de fornecerem dados que subsidiem o desenvolvimento de políticas e programas adequados para essa parcela da população. Para Oliveira, Scortegagna e Silva (2017), esse debate sobre as questões de envelhecimento, em especial para o entendimento sobre os impactos que acarretam este novo perfil demográfico na sociedade, torna-se imprescindível para mudança do plano teórico e das ideias para o prático, com ações efetivas para atender as necessidades dos sujeitos idosos. Do mesmo modo, Carvalho (2019) defende que é preciso que todas as instituições de ensino rompam com seus muros, e diminuam a distância existente entre a sociedade, oportunizando conhecimentos atraentes e interessantes à comunidade dos velhos. E isto deverá ser feito com uma educação adequada, dentro das condições socioeconômicas e culturais, com seguridade social, para a manutenção de uma vida digna e produtiva na terceira idade. Pensando na realidade da Unati, depois de feitos os questionamentos para esta investigação, percebe-se, pelo trecho oralizado na entrevista que, nos tempos atuais a interação interinstitucional é uma atividade bastante concreta, assim como a realização do intercâmbio de informações e de adaptações conforme a realidade regional. Esse processo todo, segundo a coordenação é mediado pelas ferramentas TIC, o que evidencia mais uma vez a dimensão técnica da ColInfo. Para Vitorino e Piantola (2019) aliada às TIC essa dimensão conecta pessoas aos recursos globais de informação e às ideias e obras de criação intelectual que elas procuram, tornando disponíveis a riqueza da expressão humana e a diversidade cultural em todos os meios de comunicação. Acerca desse comportamento de busca da informação, pondera Choo (2006, p. 99), que este “[...] é o processo humano e social por meio do qual a informação se torna útil para um indivíduo ou grupo”. Ou seja, o comportamento

informacional dependerá do contexto social e econômico que o indivíduo está inserido, gerando necessidades de busca e uso da informação de maneiras diversas (SILVA, 2017b) e esse comportamento será impactado pelas habilidades da competência em informação.

Então no aspecto cognitivo nós ainda temos dificuldades de buscar. Então a gente vai buscar na psicologia, alguma coisa que está acontecendo, mas na área do ensino mesmo, há pouca disponibilidade de material. [...] A formação de professores não se preocupa de forma alguma. Eu trabalhei muito tempo com a educação de jovens e adultos e infelizmente as licenciaturas praticamente ignoram que existe um segmento na população brasileira que não frequenta a escola na idade regular e que precisa de metodologias específicas para acompanhar a escolaridade, para concluir a necessária escolaridade. Se não se preocupa nem com o jovem adulto, imagina a pessoa idosa! É como se o idoso não precisasse mais aprender nada. Nós estamos indo na contramão da própria história da criação das Unatis, porque elas nasceram na Europa, nos países mais desenvolvidos com esta preocupação: a pessoa aposentou-se, mas ainda tem energia para aprender uma outra profissão. Então esse seria o sonho. E eu me sinto às vezes meio “quixotesca” aqui dentro da Unati, recheando os horários de atividades cognitivas com essa expectativa. Nós estamos dentro de uma universidade onde se produz conhecimento e nós convidamos a comunidade para vir aqui dentro para aprender alguma coisa também. Nós vamos aprender com os idosos que vem, mas nós temos obrigação moral e social de mudar o “status quo” dele né, senão nós não temos função de escola. Mas é uma luta bastante grande. Até porque a pessoa idosa pensa: “ah eu já aprendi tudo, não preciso aprender mais nada, eu quero para minha saúde, o corpinho”.. Tanto que a procura pelas atividades físicas é muito maior que pelas atividades teóricas. Foi um dos entraves para o uso do ensino online, “ah não, não quero saber, o meu telefone é para falar com meus netos, trocar figurinha e pronto”. São angústias... uma das minhas frustrações aqui na Unati é não conseguir empolgar a pessoa idosa com a aventura do conhecimento, que é tudo de bom né? (entrevista – coordenação da Unati).

Para Gonçalves (2015, p.99) “O meio e os espaços acadêmicos exigem dos docentes uma aprendizagem contínua, o que implica o desenvolvimento dos conhecimentos em contextos de partilha de informação”. O significativo relato acima permite pontuá-lo totalmente relacionado às quatro dimensões da competência em informação, explicadas por Vitorino e Piantola (2011, 2020), no âmbito do ensino dos idosos da Unati. Percebe-se nitidamente, por exemplo, o comportamento de busca, localização e mediação das informações nas/das outras áreas à procura do amparo pedagógico e formativo para as atividades: *Então a gente vai buscar na psicologia,*

alguma coisa que tá acontecendo, mas na área do ensino mesmo, há pouca disponibilidade de material. Em seguida, visualizam-se as questões estéticas advindas da experiência interior, individual e única da equipe de coordenação ao lidar sobre os conteúdos de informação e agir sobre elas no âmbito coletivo, expressando também a capacidade de compreensão, relacionamento, ordenação, configuração e ressignificação das informações em prol da geração de conteúdos educativos aos idosos: *Eu trabalhei muito tempo com a educação de jovens e adultos e infelizmente as licenciaturas praticamente ignoram que existe um segmento na população brasileira que não frequenta a escola na idade regular e que precisa de metodologias específicas para acompanhar a escolaridade, para concluir a necessária escolaridade. Se não se preocupa nem com o jovem adulto, imagina a pessoa idosa! É como se o idoso não precisasse mais aprender nada. Nós estamos indo na contramão da própria história da criação das Unatis, porque elas nasceram na Europa, nos países mais desenvolvidos com esta preocupação: a pessoa aposentou-se, mas ainda tem energia para aprender uma outra profissão. Então esse seria o sonho. E eu me sinto às vezes meio “quixotesca” aqui dentro da Unati, recheando os horários de atividades cognitivas com essa expectativa.* Até mesmo a sensibilidade e a criatividade são perceptíveis no trecho discursivo. Ainda sob o embasamento de Vitorino e Piantola (2011; 2020), pode-se afirmar que a dimensão ética se faz presente ao se perceber, na fala da coordenação, o uso responsável da informação visando o bem comum dos unatianos, bem como a preservação do conhecimento advindo deles e para eles: *Nós vamos aprender com os idosos que vêm, mas nós temos obrigação moral e social de mudar o “status quo” deles né, senão nós não temos função de escola.* E, por fim, a consideração do contexto específico dos idosos diante das necessidades de informação e conhecimento deles em benefício da sua capacidade de exercer a cidadania e promover a sua participação nas questões referentes à transformação da realidade e da sua vida social: *E eu me sinto às vezes meio “quixotesca” aqui dentro da Unati, recheando os horários de atividades cognitivas com essa expectativa. Nós estamos dentro de uma universidade onde se produz conhecimento e nós convidamos a comunidade para vir aqui dentro para aprender alguma coisa também. Mas é uma luta bastante grande.* Essa última questão também exprime a capacidade de visualizar além da superfície do discurso informacional ao se verificar que o idoso pode mais do que acredita.

Todo este percurso sobre a fala da coordenação denota a interação das dimensões como no *patchwork* explicitado por Vitorino e Piantola (2011) e Vitorino (2020), no qual as partes se unem para um propósito, uma finalidade: a competência em informação. Dividindo-se o segmento discursivo em pequenas declarações pôde-se observar a composição de todas as dimensões da ColInfo, em um único argumento ou frase. “Essas quatro dimensões da competência em informação, em equilíbrio, permitem clarificar aspectos complexos da informação e da competência e uni-las, de tal modo, que se pode produzir efeitos benéficos nas pessoas: a cidadania” (VITORINO; DE LUCCA, 2020, p.8).

Para Marques e Pachane (2010), a inserção da educação no cerne das ações para desenvolvimento da cidadania dos idosos, vai requerer uma série de rupturas. Os autores defendem que a primeira delas tem a ver com a própria representação social que se constrói do pedagogo. Esse pensamento converge com o que Cachioni (2002) postula para a educação da pessoa idosa. A autora declara que educar o idoso para conhecer e acreditar em suas reais capacidades, desenvolver seus talentos, ensiná-lo a colocar o conhecimento a serviço de sua construção como sujeito, criar oportunidades para que ele aprenda a enfrentar obstáculos e preconceitos sociais, são ações que significam contribuir para promover a sua qualidade de vida e para o aprimoramento de sua cidadania.

Nesse sentido, observa-se uma postura bastante similar da construção dessas ações pela Unati. Os próximos dois trechos coletados na entrevista com a coordenação denotam esse comportamento em relação à necessidade de se incutir no idoso educando alguns importantes preceitos em favor do exercício da sua cidadania por intermédio da ColInfo.

Quando se faz essa busca de adequação dos conteúdos à pessoa idosa, esses conceitos devem aparecer. Por exemplo, quando se fala em cidadania, direitos do idoso: há um incentivo bastante grande para que os unatianos estejam acompanhando as atividades do Conselho Municipal dos direitos da pessoa idosa. Nesta busca você já insere o unatiano nesse universo de busca e defesa desses direitos, de políticas públicas que atendam a essas necessidades, sobretudo dessa população mais fragilizada. Então existe essa instigação para que eles não deixem isso esquecido porque, como nós falamos antes existe uma acomodação também por uma parcela grande dos idosos. A gente sabe que cada população deve batalhar por aquilo que acredita. Nós temos várias oportunidades de atividade artística, por intermédio do canto, das artes plásticas, dança, a própria yoga. Então nesse aspecto são desenvolvidas as questões da sensibilidade. Também se trabalham as diferenças,

nem toda pessoa idosa tem acesso à Unati, por quê? Eventualmente tem um que não pode pagar a mensalidade, vamos excluir? Vamos pagar uma bolsa-estudo para ele, que já aconteceu. Uma parceria com o SOS, de vez em quando vamos lá fazer um domingo festivo. Arrecadação de tampinhas e lacres plásticas, embalagens de remédio, então essa solidariedade é incentivada também. Ainda por meio das conferências, do plano municipal de políticas para a pessoa idosa, a criação da rede municipal de apoio e assistência à pessoa idosa. Várias políticas públicas que foram instituídas no município desde que nós nos entendemos como Unati. Há mais de 10 anos no Conselho da pessoa idosa. A Unati participou na elaboração do estatutos do Conselho, constituição do fundo municipal dos direitos do idoso que são arrecadados recursos para esse conselho. Quando eu comecei aqui sentia que a Unati era uma ‘ilha’, então ao presidir o conselho com a função também de integrar os demais 20 tantos grupos de pessoas idosas. Fizemos uma busca ativa para conhecer os coordenadores desses grupos e trazê-los para a Unati. Promoção de atividades como Olimpíadas. Então o desenvolvimento daqueles conceitos passa por essas ações todas. E às vezes um unatiano participa de um ou mais grupos no município e ele vai vendo as diferentes realidades e traz isso para a reflexão também aqui da Unati (entrevista – coordenação da Unati).

Nesse cenário instigante em que se tenta proporcionar pedagogicamente nos idosos, por intermédio da informação e do conhecimento, o reconhecimento de suas capacidades em transformar suas realidades individual e coletiva, a coordenação por intermédio de sua própria competência em informação vai fundamentando o caminho que tende a promovê-la também nos unatianos. O segmento discursivo anterior converge nesse sentido. Para Vitorino e Piantola (2011) o acesso à informação e ao conhecimento é tido como componente fundamental para o exercício da cidadania no contexto democrático, mas ela não se constrói apenas com base no seu acesso material da informação, mas da capacidade de compreensão e interpretação da realidade e de construção de significados pelos indivíduos.

[...] nessa busca de intercâmbio nós proporcionamos viagens aos unatianos que possibilitam um enriquecimento muito grande de tudo isso que a gente trabalha. [...] já tivemos oportunidade de conhecer grupos da América do Sul inteira e este ano até um grupo do México esteve presente. Por exemplo, [...] por intermédio do Folclore ensinavam sua cultura, da Argentina, do Uruguai, do Chile, oportunidades bastante grandes de enriquecimento. [...] visitas à museus da região. Essas visitas eram antecedidas, por exemplo, de aulas dos professores da Unicentro que nos ensinavam a função de um museu. Então ao chegar lá nós já tínhamos o olhar educado para observar o museu com a sua real importância. Fizemos também Cruzeiros e outras viagens internacionais. Já estivemos em visita à Universidades da Argentina, do Paraguai e essas viagens

são sempre precedidas de um estudo daquela localidade. Não para direcionar o olhar mas que a viagem possa ser aproveitada da melhor maneira possível. Nesse sentido que a gente busca essa incorporação nas disciplinas. E eventualmente acontece, como já mencionado, dos professores dos departamentos voltarem de suas qualificações e capacitações e nos procurarem cheios de novidades e então a gente inclui no projeto essas oportunidades (entrevista – coordenação da Unati).

Segundo Oliveira, Scortegagna e Silva (2017) a cultura pode ser interpretada como construção da cidadania, fortalecendo a autonomia e a emancipação dos indivíduos e a arte é uma expressão cultural que possibilita o desenvolvimento da percepção, da sensibilidade, da crítica e da criatividade. Assim, para essas autoras a cultura e a arte promovem nos idosos a valorização pessoal, o reconhecimento e desenvolvimento das potencialidades que ainda estão adormecidas, fazendo cada um perceber-se a si mesmo e as relações com os outros ao seu entorno. Nesse contexto, a educação continuada e não formal possibilita ampliar o leque de acesso a atividades, incluindo nesse âmbito o acesso à informação e ao conhecimento por intermédio também da educação cultural. Para Dudziak (2011) a cultura modela a estrutura cognitiva humana sendo capaz de alterar e modificar a estrutura cognitiva como um todo e não apenas pontos focais e limitados. Com isso, segundo a autora, deve-se acreditar no potencial não-manifesto, na aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo pela interação sociocultural. Assim, ao participarem da educação continuada, os idosos desenvolvem a interação social, estimulam um sentimento de valorização, de autonomia e se percebem de maneira positiva, tornam-se mais fortes, viajam mais e conhecem novas culturas (MORAGAS, 1991).

A análise que se faz diante de todos os trechos discursivos apresentados é de que o agente educacional da Unati apresenta como pressuposto, para além de sua atuação dentro daquilo que se espera de um educador, um comportamento autocrítico, dedicado, altruísta, compreensivo, empático, humano, enfim, de acolhimento. Esse direcionamento coincide com o que Gonçalves (2015) infere sobre a atuação pedagógica para idosos. A pesquisadora afirma que atuar na educação desse público exige que o docente trilhe um caminho repleto de esperanças, conquistas, respeito, desafios e muito trabalho. O relacionamento entre docente e aluno precisa ser capaz de provocar mudanças e transformações, tanto no comportamento como na busca de saberes de ambos, encerra a autora.

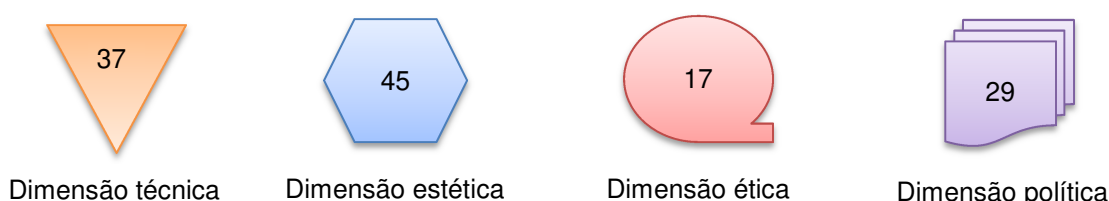
Para Dudziak (2011), a reflexão sobre as práticas educacionais formam a base do pensamento e da ação que transgride o padrão, o lugar comum e vai em busca da inovação, pela permanente capacidade de avaliação das estruturas sociais e educacionais consolidadas.

Em conclusão, após análise do conjunto de entrevistas, bem como da literatura triangulada para tal, ressalta-se mais uma vez Gonçalves (2015), a qual afirma que, em contextos educativos vinculados a programas de extensão universitária para adultos mais velhos, deve-se ter cuidado com o desenvolvimento dos programas educacionais, pois a ideia é contemplar profissionalismo e competências técnicas no trabalho com essa população. Para a autora, isso deve ser realizado a partir de instrumentais que beneficiem a autonomia, a independência, a dignidade e respeito às trajetórias de vida dos idosos. Dentro desse propósito, nas declarações dos agentes educacionais e da coordenação, percebeu-se, muito nitidamente, a ancoragem do conjunto harmônico das quatro dimensões da ColInfo no projeto educativo da Unati como um todo. Para Vitorino e Piantola (2020, p.159), “A criação de princípios para o desenvolvimento da competência em informação se caracteriza por um olhar para a necessidade da educação inicial e continuada de adultos”. Confirmando essa premissa, Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018) completam afirmando que a inter-relação entre a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento de competência em informação parte das ações comportamentais advindas tanto de professores quanto aprendizes no âmbito da educação. Segundo as autoras, nesse processo leva-se em conta a premissa de que, ao mesmo tempo em que se ensina, também se aprende com o outro, pois, na medida em que há troca de conhecimento entre ambos, o ser humano se torna capaz de refletir acerca do que ouve, formulando novos conhecimentos a serem compartilhados *in continuum* em sociedade. Nesse sentido, as falas da coordenação expressaram nitidamente a ativação de habilidades, comportamentos e atitudes que promovem a qualidade de vida, a autonomia e o exercício da cidadania por intermédio dos processos informacionais nos idosos, mas, bem antes, partem de processos informacionais originados na concepção da Unati como instrumento pedagógico e, por extensão da ColInfo internalizada na atuação da coordenação e dos agentes educacionais.

Finalizadas todas as interpretações acerca da análise de conteúdo das entrevistas realizadas junto aos agentes educacionais e à coordenação da Unati, foi

possível também realizar a apuração da frequência das unidades de contexto dos dados das entrevistas. Dessa maneira, o processo seguiu a padronização feita para a enumeração do material documental, ou seja, foram-se destacando nos segmentos discursivos das unidades de contexto as dimensões da ColInfo que se evidenciavam nos trechos selecionados. Dessa forma, a frequência/enumeração de presença das dimensões nas entrevistas com os agentes educacionais e com a coordenação da Unati apresentaram-se da seguinte forma:

Figura 19 – Presença das dimensões da competência em informação nas entrevistas



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Mais uma vez a contagem numérica da presença das dimensões da ColInfo na trajetória das entrevistas evidenciou harmonia e um certo equilíbrio, o que enseja positivamente o desenvolvimento a promoção da competência em informação em todos os sujeitos envolvidos no contexto educacional do programa de extensão Unati/Unicentro.

7.3 A PRÉ-ANÁLISE, A ANÁLISE E A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – GRUPOS DE FOCO

A análise de conteúdo dos grupos de foco foi estruturada da mesma maneira àquela realizada para as entrevistas; até por se tratarem de estruturas discursivas também voltadas ao manuseio da informação no contexto da vida pessoal, social e afetiva dos idosos, bem como de suas necessidades de informação, segundo sua visão. Do mesmo modo, os dados foram dispostos em ferramenta de edição de planilhas eletrônicas para facilitação da manutenção e disposição dos dados para a análise.

Ressalte-se que a realização dos grupos focais teve como intuito atender ao objetivo específico “b” desta pesquisa, qual seja: “diagnosticar as necessidades informacionais dos idosos em relação às atividades da Unati e ao seu dia a dia”.

Na figura 20 encontra-se apresentado um extrato da transcrição das manifestações feitas durante o grupo focal.

Figura 20 – Extrato da transcrição das entrevistas

	Que tipo de informação você acha importante ter acesso? Qual o valor dessas informações na nossa vida?	Quais meios ou instrumentos vocês utilizam para buscar informações?	Para q
Participante 1	00:06:43 min - Eu acho que, pra mim, a informação é importantíssima, agora, eu sou muito, assim, de ler muitos livros. E eu acho que por aí eu já aprendi muita coisa e eu gosto de ler. [...] De celular eu não ligo [...] Não gosto de celular, eu uso porque é preciso.		
Participante 2	00:05:18 min - Eu acho que todas, porque informação é inclusão. Se você não tem informação, você é excluído de tudo, né? Pra mim, particularmente, a informação em relação aos meus familiares, é fundamental. Eu tenho familiares que moram longe, esse tipo de informação é primordial. [...] Eu gosto de informação sobre política, eu gosto de informação sobre vida social das pessoas [...] a informação, a busca de conhecimento [...] Isso que está acontecendo no mundo, é muito importante, é fundamental. Então, eu [...] gosto de todo tipo de informação. Eu gosto de documentário da televisão, do celular, gosto de vídeo, gosto de curiosidade. Então, pra mim, a informação é tudo, sabe? [...] Hoje a tecnológica, pra mim, é quase que vital. 00:13:16 min - E culturalmente a pessoa de idade [...] infelizmente é vista com bastante preconceito [...] você tendo acesso à informação via tecnologia, você quase que chega a se igualar [...] pra você pensar tudo que você tem de conhecimento, pela sua vivência, pela sua experiência, pelos anos trabalhados e pelos anos de vida, né? Associado ao que você tem condição de adquirir no dia a dia, né, pelas tecnologias, pelas redes sociais ou pelo que for, te deixa quase que no nível dos mais jovens.	Tô namorando uma Alexa; Cinema, andô fô de cinema	
	00:04:30 min - O relacionamento, né? [...] Hoje nós somos dependentes do celular, acho que todas aqui são dependentes, então é a dificuldade pra eu usar, mas não sei nos usar desses de celular, pra tudo. Pra falar com a filha, [...] pra ver suas coisas, marcar horários e bater papo, [...] pagar conta, tudo é o celular na nossa vida [...] 00:13:01 min - [...] hoje em dia é tudo muito rápido e tudo em cima da informática, se a gente não entra nessa onda, a gente ia ficar desatualizado [...]	A UNATI:	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

As transcrições dos discursos dos participantes do grupo de foco também apresentam-se organizadas por quatro abas que descrevem as áreas de debate tratadas nos grupos focais. No topo de cada coluna tem lugar as argumentações dentro das células da planilha, e, na linha horizontal seguem os comentários dos participantes do grupo de foco, o qual tem apenas uma descrição alfanumérica aleatória, mantendo seu anonimato.

Essas argumentações se referiram, em princípio, às necessidades informacionais dos idosos, formas de acesso, importância e demais concepções sobre o trato com a informação. Na sequência, foram solicitados relatos e opiniões dos participantes acerca de autonomia e do exercício da cidadania. Por fim, os idosos puderam relatar suas impressões acerca do aprendizado e do conhecimento em suas vidas.

No início de cada pergunta ficou identificado o minuto e o segundo em que se iniciou a fala do unatiano.

Para a pré-análise dos dados do grupo de foco foi realizada a leitura flutuante com o intuito de restabelecer o contato e as circunstâncias da coleta,

deixando-se imergir novamente no cenário discursivo físico vivido anteriormente. A partir das retomadas buscou-se a seleção dos trechos relevantes, partindo-se para exploração do material.

Com a análise dos dados dos grupos de foco o ciclo dos objetivos específicos se completa, porém não se encerra.

Mais uma vez, a exploração do material após a leitura encaminhou-se para a etapa da codificação e categorização. Nessa etapa também se procurou analisar, além da questão básica das necessidades informacionais dos idosos, também a manifestação ou ausência das dimensões da ColInfo nos trechos discursivos dos participantes da Unati.

Antecedendo a toda análise, mas já fazendo parte dela, nesta etapa de discussão acerca dos dados dos grupos de foco, é importante salientar, mais uma vez, conforme já explicitado no referencial teórico que, dentre os objetivos da Agenda 2030 está a promoção do “aprendizado ao longo da vida para todos” (ONU, 2015). Nesse sentido, a ColInfo detém em seus pressupostos uma estreita relação. Os idosos são, nesse contexto, o público diretamente interessado e envolvido. Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004) defendem o “aprender a aprender” e o “aprendizado ao longo da vida” como condições indispensáveis de um sujeito competente em informação, o que, em consequência, está inegavelmente ligado à capacidade de criar significado a partir da informação. Também os autores Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018) relembram que Dudziak (2003) defende que o processo investigativo, o aprendizado ativo, o aprendizado independente, o pensamento crítico, o aprender a aprender e o aprender ao longo da vida são os componentes que sustentam a ColInfo e que esses itens permitem que as pessoas tenham uma postura proativa para identificar e sanar suas necessidades informacionais; sejam críticas e reflexivas para avaliar se as informações recuperadas são condizentes aos seus interesses informacionais.

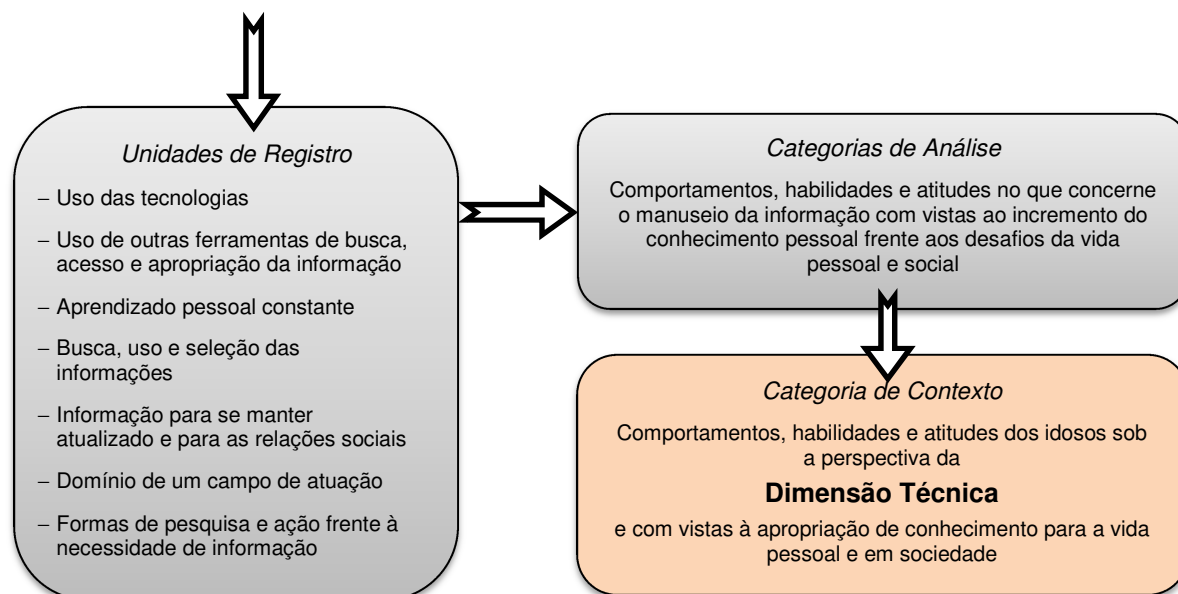
Os dados do grupo de foco demonstraram essas posturas, comportamentos e habilidades dos unatianos a partir de seus depoimentos os quais seguem dispostos a seguir nas figuras 21, 22 e 23 e demais trechos discursivos no decorrer desta seção.

Figura 21 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências da dimensão técnica da ColInfo

Unidades de contexto

(Parte 1)

1. O relacionamento, né? [...] hoje nós somos dependentes do celular, acho que todas aqui são dependentes, embora a dificuldade pra usar, mas nós somos dependentes de celular, pra tudo. Pra falar com a filha, [...] pra ver suas coisas, marcar horários e bater papo, [...] pagar conta, tudo é o celular na nossa vida [...].
2. pra mim, a informação é importantíssima... agora, eu sou muito, assim, de ler muitos livros. E eu acho que por aí eu já aprendi muita coisa e eu gosto de ler
3. [...] a televisão também é bom, só que você tem que selecionar o que você vai assistir [...] e no rádio também você tem informações, só que você tem que selecionar.
4. Eu acho que todas, porque informação é inclusão. Se você não tem informação, você é excluído de tudo, né? Pra mim, particularmente, a informação em relação aos meus familiares, é fundamental. Eu tenho familiares que moram longe, esse tipo de informação é primordial. [...] eu gosto de informação sobre política, eu gosto de informação sobre vida social das pessoas [...] a informação, a busca de conhecimento [...] do que que está acontecendo no mundo, é muito importante, é fundamental. Então, eu [...] gosto de todo tipo de informação. Eu gosto de documentário da televisão, do celular, gosto de vídeo, gosto de curiosidade. Então, pra mim, a informação é tudo, sabe? [...] e hoje a tecnologia, pra mim, é quase que vital.
5. E culturalmente a pessoa de idade [...] infelizmente é vista com bastante preconceito [...] você tendo acesso à informação via tecnologia, você quase que chega a se igualar [...] se você pensar tudo que você tem de conhecimento, pela tua vivência, pela tua experiência, pelos anos trabalhados e pelos anos de vida, né? Associado ao que você tem condição de adquirir no dia a dia, né, pelas tecnologias, pelas redes sociais ou pelo que for, te deixa quase que no nível dos mais jovens.
6. [...] hoje em dia é tudo muito rápido e tudo em cima da informática, se a gente não entra nessa onda, a gente ia ficar desatualizado [...]
7. Tô namorando uma Alexa
8. [...] na pandemia, o pilates eu fazia *online*. Então nos primeiros dias eu fazia no celular e é ruim, porque é pequeno, daí a minha filha disse “mas mãe, faz na tv... é só ali, clicar no teu celular, daí aparece ali na tv”. Aí eu disse “meu, Deus, eu nem sabia” [...] Então são coisas que [...] se a gente não busca a informação, a gente se torna um pouco dependente dos mais jovens, que tem mais facilidade [...]
9. Eu tenho [...] um *site* que eu abro para ver [...].
10. E hoje tá tão fácil, né, porque pela rede social não custa repassar. É muito fácil repassar.
11. Eu já uso bastante a internet, né? A pandemia pra mim não foi problema, porque [...] na UNATI tinha diversos programas disponíveis, é, eu gosto da tv também, não tanto como antes, eu diminuí bastante televisão, principalmente as novelas, eu não assisto mais [...] vejo alguns jornais, mas eu gosto do contraponto da internet, porque ali você também tem outro tipo de discurso; outras pessoas falando e a gente tem acesso não somente informações do Brasil, como fora, então acho importante a gente ter esse outro tipo de informações pra gente não ficar só numa via, só acreditando naquilo que o jornal nacional diz pra gente. Então eu uso bastante.
12. [...] quando veio a pandemia, a associação fechou, não podia aglomerar ninguém, os meus meninos me proibiram de sair [...], aí eu fiquei dentro de casa. [...] e disse [[para si mesma]]: “sabe de uma coisa? Eu vou aprender a mexer na internet”. Aí eu comecei a fazer curso. Eu fiz dois cursos de espanhol, assisti quatrocentos e trinta filme em espanhol, sem legenda e sem tradução, aí, eu tenho três cadernos, eu assistia e cada palavra, eu anotava, voltava o filme ia anotando as palavras, depois eu ia no tradutor, traduzia tudinho. Sabe?
13. Eu gosto de informação na área da saúde, hoje tem muitas doenças que estão vindo aí e que a gente tem que se precaver, e se você não estiver bem informada [...] se você não estiver vendo um bom jornal [...] você fica desatualizada.
14. Viajar
15. Eu venho (para a UNATI), já participei de uma modalidade hoje de manhã, hoje a tarde já tô participando da segunda



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A primeira análise que se pode realizar - a partir da síntese da exploração material dos grupos de foco, e em consequência, das URs - permitiu verificar as condutas acerca da função e das necessidades de informação pelos idosos e a sua familiaridade junto ao uso das ferramentas TIC. Antes, é relevante ressaltar que a dimensão técnica é aquela que envolve habilidades necessárias no processo de busca da informação para a resolução de um problema e/ou necessidade informacional (OLIVEIRA; VITORINO, 2020). Nessa conjuntura, identificou-se o constante uso das tecnologias e demais ferramentas de acesso à informação com vistas à manutenção dos relacionamentos sociais, para o aprendizado constante, para manter o domínio sobre um campo específico de conhecimento/atuação e para sanar as necessidades de informação. Estabel, Luce e Santini (2020) salientam que a população idosa, com idade igual ou superior a sessenta anos, a qual teve de se moldar por meio da evolução de várias mídias de comunicação (rádio, televisão e, agora, o computador ou o telefone celular com acesso à internet), se encontra agora inserida no contexto das constantes mudanças tecnológicas. Nesse sentido, já em seu início, as transcrições discursivas demonstram essa adaptação pelos unatianos. As declarações trazem à tona impressões verbais como: **Eu fazia aula no celular, hoje em dia é tudo muito rápido, tudo em cima da informática, essa informação eu preciso passar no grupo, eu tenho um site que abro [...]**, entre outras.

Para atendimento a esses aspectos, os idosos demonstraram estar mais aptos e acessíveis, por exemplo, à ideia da utilização das ferramentas TIC. Essa prática dos unatianos se aproxima do que Vitorino e Piantola (2011) afirmam com relação à

ênfase sobre a técnica explicar-se pelo fato de ela constituir a dimensão mais evidente da competência, na medida em que é o meio de ação do indivíduo no contexto da informação. Entretanto, uma análise mais detalhada revela que essas ações derivam de determinadas motivações e contextos particulares, gerando uma série de consequências éticas e sociopolíticas. Isso foi o que se pode notar a partir da análise sobre alguns trechos discursivos obtidos na coleta dos dados do grupo de foco.

Para manter o anonimato os participantes são chamados de participantes do grupo de foco (PGFs), acrescido de um número sequencial.

O relacionamento, né? [...] hoje nós somos dependentes do celular, acho que todas aqui são dependentes, embora a dificuldade pra usar, mas nós somos dependentes de celular, pra tudo. Pra falar com a filha, [...] pra ver suas coisas, marcar horários e bater papo, [...] pagar conta, tudo é o celular na nossa vida [...] (PGF3).

[...] hoje em dia é tudo muito rápido e tudo em cima da informática, se a gente não entra nessa onda, a gente ia ficar desatualizado [...] (PGF3).

Eu já uso bastante a internet, né? A pandemia pra mim não foi problema, porque [...] na UNATI tinha diversos programas disponíveis, é, eu gosto da TV também, não tanto como antes, eu diminui bastante televisão, principalmente as novelas, eu não assisto mais [...] vejo alguns jornais, mas eu gosto do contraponto da internet, porque ali você também tem outro tipo de discurso; outras pessoas falando e a gente tem acesso não somente informações do Brasil, como fora, então acho importante a gente ter esse outro tipo de informações pra gente não ficar só numa via, só acreditando naquilo que o jornal nacional diz pra gente. Então eu uso bastante. Eu também gosto do contato com pessoas, então, mesmo com toda dificuldade, eu sempre procurei manter as amizades (PGF 9).

As falas coletadas demonstram que os idosos, embora ainda tenham bastante receio, e, por vezes, não gostarem, têm optado em se apropriar das informações por intermédio das tecnologias, deixando de lado outros tipos de meios e ferramentas. Esses comportamentos advêm da necessidade em se inserirem digitalmente, a fim de conseguirem, tecnicamente, utilizar os recursos para conservarem seus contatos familiares, afetivos, bem como manterem-se ativos no cotidiano social: [...] *nós somos dependentes de celular, pra tudo. Pra falar com a filha, [...] pra ver suas coisas, marcar horários e bater papo, [...] pagar conta, tudo é o celular na nossa vida.* Essa fala coincide com a visão de Nóbrega (2019) ao repercutir que a

necessidade de lidar com a internet na terceira idade vem tornando-se uma forma de socialização com o mundo contemporâneo, o que favorece as relações familiares, sociais, comerciais, entre outras. Para a autora, as TIC promovem maior independência, troca de experiências, além de melhorar a autoestima do idoso, tendo em vista que ele se sentirá mais capaz a partir de seu uso. Para Vitorino, Righetto e Packer (2019) as TIC desempenham um papel importante na comunicação social. Os autores comentam que, por intermédio dessas ferramentas a comunicação pode fluir sem barreiras “físicas” aparentes, assim, o uso recorrente dos dispositivos móveis possibilita o acesso das pessoas à informação e ao conhecimento, sem restrição de tempo e espaço, permitindo novas formas de comunicação.

Entre as ferramentas que sobressaíram como fontes de busca de informação citadas pelas participantes do grupo de foco apareceram a Alexa³⁰ (ferramenta TIC), o celular, a TV, os livros, o cinema, a rádio, a própria Unati, a novela, as viagens e os *sites* de busca. Nóbrega (2019) ressalta que no atual contexto social se presencia a constante evolução das TIC e a alteração dos modos de buscar, compartilhar, acessar e usar as informações. Para a autora, as novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento que possibilitam maior integração social em cenários eletrônicos e digitais.

Tô namorando uma Alexa (PGF 2).

Nesse contexto, chama à atenção a menção da Alexa como uma moderna ferramenta TIC de acesso à informação. Para Nóbrega (2019) a internet das coisas poderá ser de fundamental importância para proporcionar uma melhor inclusão digital através da qualidade de vida aplicada às melhorias associadas aos avanços tecnológicos para a terceira idade. Essa familiaridade, segundo a autora, converge com a ideia de entender as TIC como uma importante aliada na inclusão de idosos, a partir do princípio de que esse ambiente proporciona sua maior interatividade com as novas tecnologias e o insere na rede, tornando-o mais envolvido com a

³⁰ A Amazon Alexa, também conhecida como Alexa, é uma assistente virtual desenvolvida pela Amazon e introduzida em 2014 com a Echo, sua primeira caixa de som inteligente. Ela é capaz de interagir com voz, reproduzir música, fazer listas de afazeres, definir alarmes, transmitir podcasts, reproduzir audiolivros e fornecer informações sobre o tempo, trânsito, esportes e outras informações em tempo real, como notícias, além de controlar sistemas e aparelhos inteligentes e conectados.[2] O software também está disponível para aparelhos celulares e computadores.

sociedade moderna. Em pensamento similar, Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018, p. 32) afirmam que “A mudança trazida com a inserção social das TIC faz com que os indivíduos se atualizem e busquem aprendizagem no que tange a sua utilização”. O acesso em tempo real ou remoto às informações contribui para o suprimento das necessidades de informação dos grupos sociais – incluindo os idosos, e, neste cenário, por exemplo, destaca-se o fenômeno das tecnologias móveis: *tablets*, *smartphones* etc. as quais possibilitam a utilização de aplicativos (VITORINO; RIGHETTO; PACKER, 2019).

[...] só que assim [...] falando em meios de comunicação, eu me sinto um pouco dependente dos filhos, netos, porque a gente não sabe tudo [...] no celular [...] até na tv. Mas eu tenho muitas coisas, por exemplo, na pandemia, o pilates eu fazia online. Então nos primeiros dias eu fazia no celular e é ruim, porque é pequeno, daí a minha filha disse “mas mãe, faz na tv... é só ali, clicar no teu celular, daí aparece ali na tv”. Aí eu disse “meu, Deus, eu nem sabia”[...] Então são coisas que [...] se a gente não busca a informação, a gente se torna um pouco dependente dos mais jovens, que tem mais facilidade [...] (PGF4).

Segundo Ferreira *et al.* (2008), o convívio dos idosos com a tecnologia os leva a desfrutarem os benefícios da vida moderna, entretanto pela insegurança, por vezes eles não têm a oportunidade de se ambientar. Ou ainda, persistem outras dificuldades. Nóbrega (2019) considera que em geral, há entre os idosos medos e resistências ao que é novo mas, possivelmente, quando estiverem familiarizados com essas tecnologias, a insegurança tenderá a diminuir, sendo assim, a terceira idade também é convidada a fazer uso das ferramentas TIC, as quais proporcionarão a eles inclusão digital. Para Camargo (2018) as diversas tecnologias emergentes podem oferecer dificuldades que advém de uma ampla gama de variáveis, envolvendo tanto os próprios sujeitos, o seu contexto vida, como também, as próprias tecnologias e dispositivos em si. O autor sugere que hoje se tem o mundo na ponta do dedo em um dispositivo que toca música, acessa a internet, funciona como GPS, além de conter funções que passam despercebidas até para os usuários mais avançados. Toda essa pluralidade tecnológica ubíqua tende a confundir os usuários menos experientes, em especial os idosos. A fala da PGF4 reflete incontestemente essa condição.

Para Vitorino, Righetto e Packer (2019) a ausência do conjunto de atitudes e habilidades digitais pode ter um efeito profundo na qualidade de vida das pessoas e

no aprendizado ao longo da vida, surge daí a premência da competência em informação e sua força motriz do *lifelong learning* para dispor aos grupos socialmente vulneráveis uma real e efetiva inclusão social/digital. Os autores conjecturam que, numa via otimista, as tecnologias, em conjunto com a competência em informação são capazes de promover o aumento da autoestima de grupos, comunidades e pessoas, incluindo a redução na situação de vulnerabilidade social e a promoção de insumos à luz das necessidades de informação cotidianas. Por fim, os pesquisadores consideram que a importância da inclusão desse grupo social em tal contexto possivelmente viabilizará novas e prósperas relações sociais, assim como a qualidade de vida.

Entretanto, há, nesse cenário, os idosos que além de sentirem dificuldades, não gostam das ferramentas TIC.

[...] De celular eu não ligo [...] não gosto de celular, eu uso porque é preciso (PGF1).

Então, eu não sou muito assim, muito de internet. Tanto que... aula online eu não faço [...] na época da pandemia, eu nunca parei [...] E eu troquei tudo pela caminhada. [...] eu me comunico mais na tv do que no celular, eu não sou muito de celular. Lógico, eu converso, eu faço pesquisa quando é preciso [...] mas eu prefiro o “Tête-à-tête”, sabe? (PGF 10).

Para Carneiro (2018) ainda que, por vezes, os idosos apresentem certo receio e resistência ao novo, vale destacar que, em muitos outros momentos, há um sentimento de motivação e interesse pelo aprendizado, sempre com vistas à conquista de independência em tarefas associadas à tecnologia. Segundo Martins (2017) a aceitação dos avanços das tecnologias têm constituído um desafio aos idosos. O autor considera que estes dispositivos, que se denominam de “novas tecnologias”, acarretam algumas dificuldades de adaptação, sobretudo para a população mais idosa. Dessa forma, alguns não conseguem acompanhar esses avanços e encontram não só barreiras físicas e cognitivas para a utilização da tecnologia, mas também, emocionais, para essa não aceitação.

Posto isso, as tecnologias por si só não representam a possibilidade de inclusão dos idosos nos processos de competência em informação. É essencial ressaltar que, de fato, eles necessitam dessas habilidades técnicas, mas necessitam das dimensões estética, ética e política para concretizar-se nos contextos pessoal e

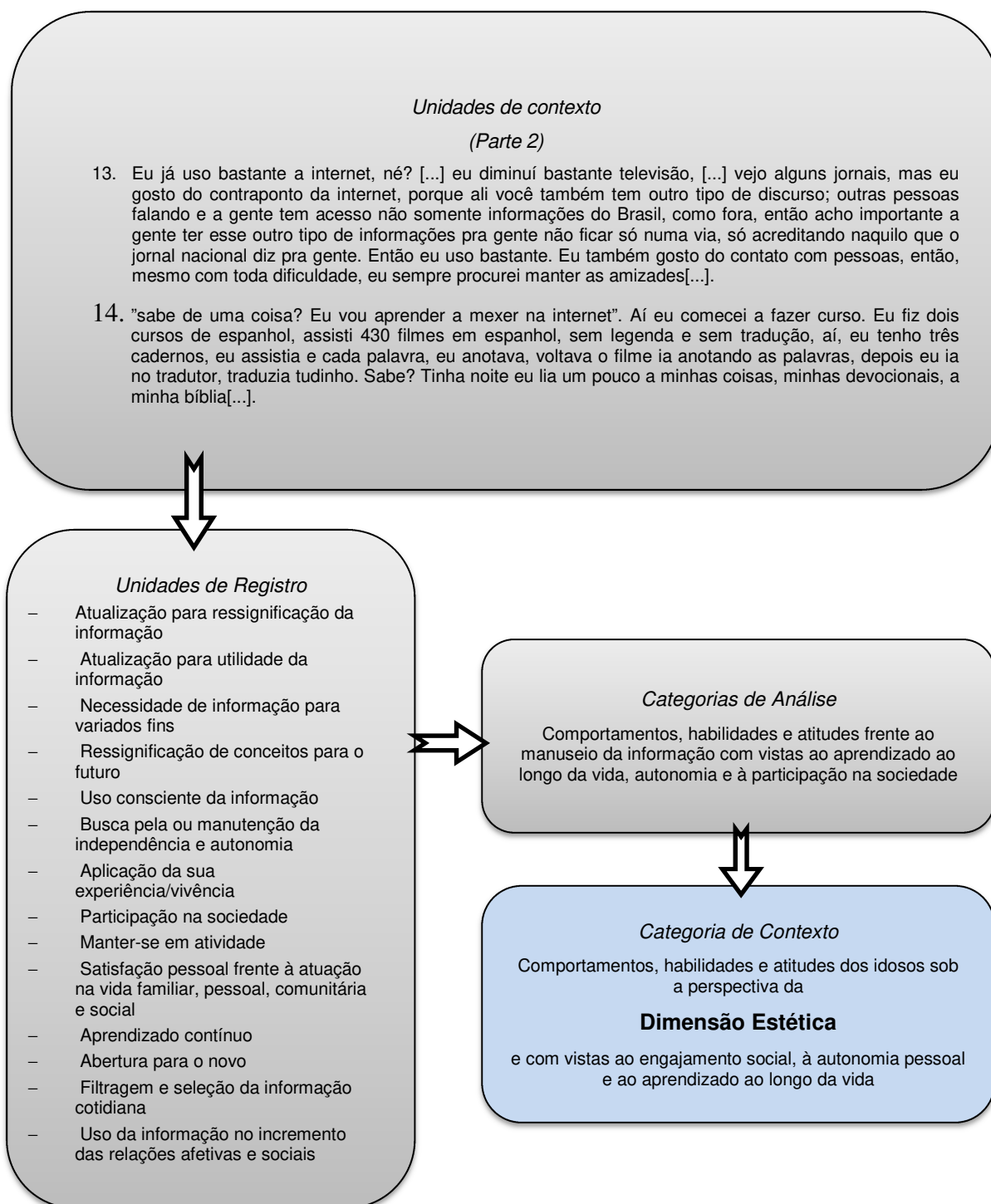
coletivo da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Considerando essa condição, a análise deste estudo buscou, nos grupos de foco, também a manifestação das demais dimensões da ColInfo. Nesse sentido, as evidências da dimensão estética estão apresentadas na figura 22, a seguir.

Figura 22 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências da dimensão estética da ColInfo

Unidades de contexto

(Parte 1)

1. Eu gosto de informação na área da saúde, hoje tem muitas doenças que estão vindo aí e que a gente tem que se precaver, e se você não estiver bem informada [...] se você não estiver vendo um bom jornal [...] você fica desatualizada.
2. [...] nessa questão da autonomia, eu tenho pensado muito. [...] a gente tem que se preparar pra ser dependente, fisicamente. É muito bom sermos independentes e vamos viver essa independência, essa autonomia, enquanto a gente tem saúde, tem memória, tem tudo, mas consciente de que, à medida que os anos vão passando, você vai desenvolvendo algum tipo de dependência, de outras pessoas. [...] a dependência ou independência do idoso, ela é bem delicada.
3. Eu venho (para a UNATI), já participei de uma modalidade hoje de manhã, hoje à tarde já tô participando da segunda, faço parte do conselho municipal da pessoa idosa, da rede municipal da pessoa idosa [...] pego o carro, saio, vou para onde eu quero [...] só que assim [...] falando em meios de comunicação, eu me sinto um pouco dependente dos filhos, netos, porque a gente não sabe tudo [...]n o celular[...] até na tv. Mas eu tenho muitas coisas, por exemplo, na pandemia, o pilates eu fazia *online*. Então nos primeiros dias eu fazia no celular e é ruim, porque é pequeno, daí a minha filha disse “mas mãe, faz na tv... é só ali, clicar no teu celular, daí aparece ali na tv”. Aí eu disse “meu, Deus, eu nem sabia”[...] Então são coisas que [...] se a gente não busca a informação, a gente se torna um pouco dependente dos mais jovens, que tem mais facilidade [...]
4. É você participar ativamente da sociedade, ocupar os espaços, né? Tentando, eu acho, que influenciar até, de certa forma, com os teus valores, com tua experiência. Sendo útil. Exercendo as atividades [*inaudível*] [...] Existem muitos espaços, além da questão do voto, né? Dessas questões mais pontuais, assim. Mas de um modo geral, na sociedade, o exercer cidadania é você participar, onde tiver espaços, onde você puder entrar e fazer alguma coisa[...]
5. É um pouco o que nós estamos fazendo hoje (referente à reunião). Fazendo o que nós gostamos, buscando informação, tanto aqui na UNATI quanto através de outros meios e não parar. Eu sempre fui uma pessoa extremamente ativa e logo que me aposentei eu sofri um pouco, porque, de repente, comecei a cansar de não fazer nada. Daí comecei aqui na UNATI, através da UNATI consegui entrar no conselho do Idoso [...].isso é exercer a cidadania.
6. conhecer tuas obrigações e teus direitos, né? E ver o que você vai poder fazer em prol do povo, em prol do outro.
7. [...] Nós convivemos com filhos, netos, crianças, jovens, adultos... todos têm a nos ensinar. É só a gente querer.
8. E tem os costumes diferentes que podem trazer [*inaudível*][...] e a gente vai aprendendo.
9. E, hoje, a gente aprende com os netos.
10. [...] a gente ainda tem a possibilidade de aprender muitas coisas novas, né? E que o aprendizado vem [...] no ambiente em que nós vivemos.
11. E hoje tá tão fácil, né, porque pela rede social não custa repassar. É muito fácil repassar.
12. Eu acho que sempre que você aprende uma coisa nova (...sinto que eu devo passar para outras pessoas, né? Pra ajudar[...]



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A dimensão estética da Colnfo está fortemente relacionada aos aspectos que a relacionam à subjetividade. Para Vitorino e Piantola (2011) a estética se constitui num movimento em direção à ordenação sensível do todo social. Então, ao se imaginar ou criar relações mentais em resposta a uma informação, os sujeitos trazem à consciência algo deles mesmos, algo do fundo de sua vida psíquica,

imprimindo-lhe características pessoais, não necessariamente compartilhadas pelos demais indivíduos em sociedade. É sobre esse aspecto da dimensão estética que se observa, na síntese da exploração material dos grupos de foco - bem como nos trechos discursivos remetidos a seguir – a presença de comportamentos informacionais dos idosos ao colocarem sua experiência, sensibilidade, criatividade e reflexão crítica ao dispor da sua própria autonomia, por exemplo.

De Lucca (2015) afirma que sujeito competente em informação precisa, primeiramente, reconhecer o papel que a informação pode desempenhar em sua trajetória de vida, a partir do reconhecimento de suas necessidades de informação. Para a promoção de discussão nesse sentido dentro do grupo focal os idosos foram interpelados sobre qual tipo de informação seria importante terem acesso. Assim, inferiram acerca de pautas como família, saúde, política, atualidades. Outras construções discursivas trouxeram expressões como: **independência, autonomia, participação na sociedade, satisfação pessoal, ocupação de espaços sociais, conhecimento de direitos e deveres**, entre outras.

Para Carneiro (2018) as práticas informacionais possibilitadas nos espaços digitais alteram positivamente as rotinas dos idosos, constituindo-se como se como lugar de aprendizagens, de consolidação de laços afetivos e de satisfação de necessidades de informação e trocas de conhecimento. “Outra condição-chave da motivação dos idosos em acessar as TIC relaciona-se à possibilidade de comunicação e interação, principalmente com seus familiares e amigos” (VITORINO; RIGHETTO; PACKER, 2019, p.6). Nesse sentido, em várias falas é possível identificar uma postura reflexiva bastante crítica dos idosos em relação à necessidade de estarem atualizados frente às informações, aos relacionamentos sociais, aos acontecimentos e aos conhecimentos.

Eu acho que todas, porque informação é inclusão. Se você não tem informação, você é excluído de tudo, né? Pra mim, particularmente, a informação em relação aos meus familiares, é fundamental. Eu tenho familiares que moram longe, esse tipo de informação é primordial. [...] eu gosto de informação sobre política, eu gosto de informação sobre vida social das pessoas [...] a informação, a busca de conhecimento [...] do que quê está acontecendo no mundo, é muito importante, é fundamental. Então, eu [...] gosto de todo tipo de informação. Eu gosto de documentário da televisão, do celular, gosto de vídeo, gosto de curiosidade. Então, pra mim, a informação é tudo, sabe? [...] e hoje a tecnológica, pra mim, é quase que vital (PGF2).

E culturalmente a pessoa de idade [...] infelizmente é vista com bastante preconceito [...] você tendo acesso à informação via tecnologia, você quase que chega a se igualar [...] se você pensar tudo que você tem de conhecimento, pela tua vivência, pela tua experiência, pelos anos trabalhados e pelos anos de vida, né? Associado ao que você tem condição de adquirir no dia a dia, né, pelas tecnologias, pelas redes sociais ou pelo que for, te deixa quase que no nível dos mais jovens (PGF2).

[...] o idoso está vivendo mais, faz parte desse negócio da gente estar atualizada. A cabeça funcionando. De saber tudo que está acontecendo [...] tudo através dessa informação que a gente tem também, né? (PGF3).

A informação é extremamente importante, principalmente pra nós, na nossa idade. Se nós não nos informarmos e não soubermos do que acontece em nossa volta, nós vamos enferrujando [inaudível] [...] eu vejo assim, tanto o celular quanto a televisão, a gente sabendo usar, é uma fonte, assim, poderosíssima para informação [...] (PGF6).

Eu acho que, pra mim, a informação é importantíssima... agora, eu sou muito, assim, de ler muitos livros. E eu acho que por aí eu já aprendi muita coisa e eu gosto de ler (PGF1).

Nesse contexto percebeu-se que a busca pela informação não se limita necessariamente aos dispositivos tecnológicos. Para Calheira (2021) a informação pode ser mediada de diferentes maneiras, dentre as quais pela produção e utilização de diversos dispositivos informacionais. O autor considera que essas possibilidades existentes no processo de mediação da informação podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e sua interação social, a melhora da qualidade de vida e a relação com os dispositivos e o meio cultural. Carneiro (2018) recorre a Moscovici (1985) a qual ressalta a importância da prática constante do idoso diante, por exemplo, da leitura. Para a autora o adulto que continua lendo, interessando-se pelas mudanças que ocorrem no mundo em que vive, mantendo-se intelectualmente ativo, numa atitude de curiosidade sadia e de iniciativa para buscar informações, adquirir conhecimentos, questionar e argumentar, geralmente continuará aprendendo por toda a vida. Em pensamento similar, Ottonicar, Silva e Belluzzo (2018) consideram que o ser humano deverá buscar o conhecimento durante toda a sua vida. Para as autoras não existe um “ensino final”, no qual o aluno tenha adquirido a sabedoria perpétua, mas existem pessoas que buscam construir conhecimento ao longo da vida. Assim, salienta-se que os idosos

aprendizes entendem-se capazes de buscar o conhecimento ao sentirem-se devidamente amparados e seguros nesse processo. Ao se perceberem conscientes de suas habilidades e capacidades eles “topam” sem receio a busca pelo desconhecido pelas vias disponíveis em um processo contínuo e ininterrupto.

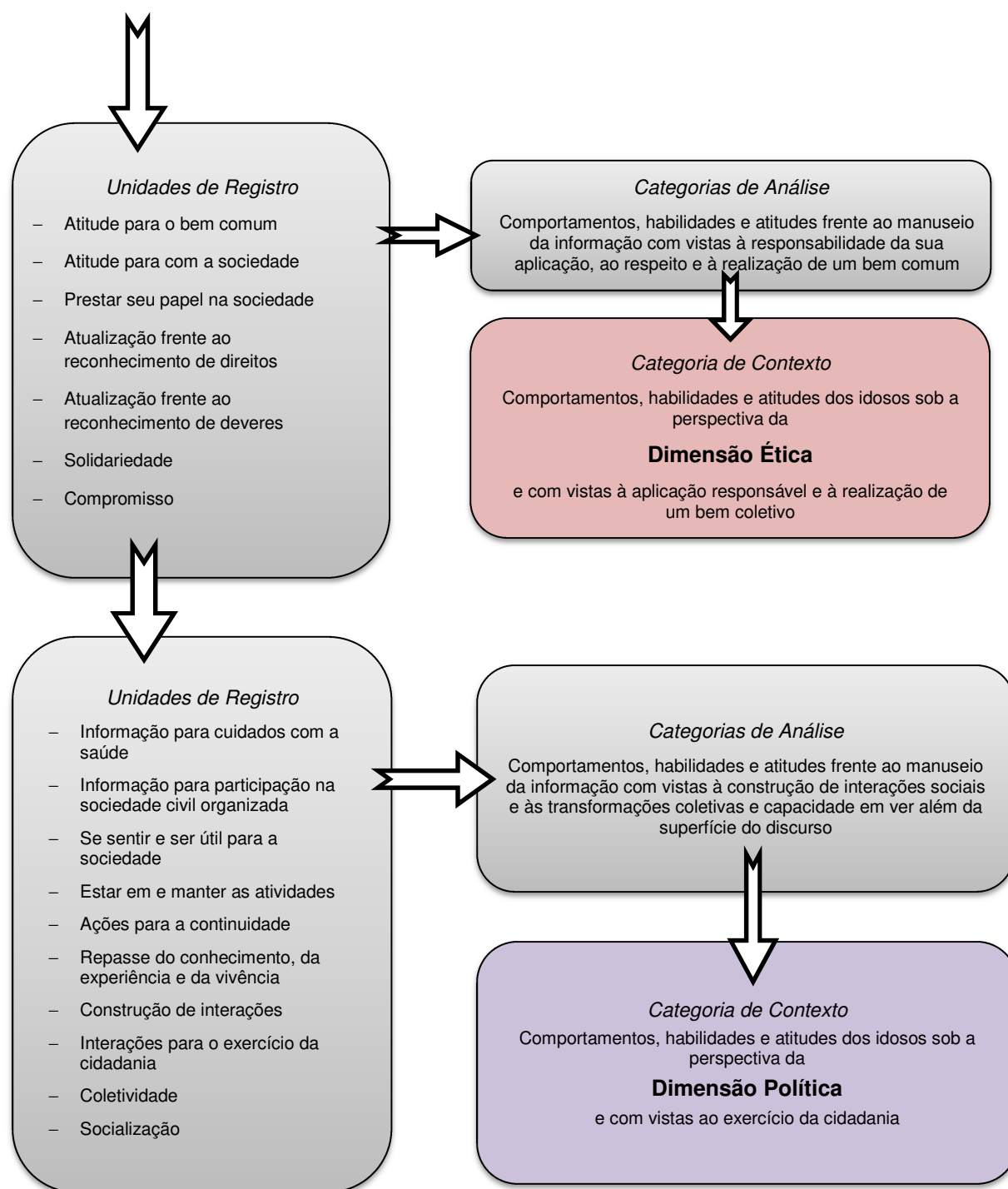
Os discursos anteriores trazem à tona outra relevante questão acerca das necessidades informacionais e ao seu manejo frente à coletividade e à responsabilidade. Nesse aspecto, há que se considerar a dimensão da ColInfo que funda as demais, a dimensão ética.

A síntese da exploração dos grupos de foco reverberaram algumas impressões das unatianas relacionadas às dimensões ética e política, conforme pode se verificar na figura a seguir:

Figura 23 – Síntese da exploração material dos grupos de foco: evidências da dimensão ética e política da ColInfo

Unidades de contexto

1. [...] faço parte do conselho municipal da pessoa idosa, da rede municipal da pessoa idosa [...] Então são coisas que [...]se a gente não busca a informação, a gente se torna um pouco dependente dos mais jovens, que tem mais facilidade [...]
2. Conhecer tuas obrigações e teus direitos, né? E ver o que você vai poder fazer em prol do povo, em prol do outro.
3. [...] essa informação eu preciso passar no grupo dos meus filhos; e essa informação eu não quero saber”. [...] as informações eram contraditórias (referentes às notícias sobre as vacinas). Tem coisas do WhatsApp que eu recebo e já nem abro. Mas alguma informação você lê e você descarta e outras você precisa repassar.
4. Eu tenho [...] um *site* que eu abro para ver se a informação é *fake* ou se não é.
5. E hoje tá tão fácil, né, porque pela rede social não custa repassar. É muito fácil repassar.
6. [...] eu gosto do contraponto da internet, porque ali você também tem outro tipo de discurso; outras pessoas falando e a gente tem acesso não somente informações do Brasil, como fora, então acho importante a gente ter esse outro tipo de informações pra gente não ficar só numa via, só acreditando naquilo que o jornal nacional diz pra gente.
7. Eu gosto de informação na área da saúde, hoje tem muitas doenças que estão vindo aí e que a gente tem que se precaver, e se você não estiver bem informada [...]se você não estiver vendo um bom jornal [...] você fica desatualizada.
8. É você participar ativamente da sociedade, ocupar os espaços, né? Tentando, eu acho, que influenciar até, de certa forma, com os teus valores, com tua experiência. Sendo útil. Exercendo as atividades [*inaudível!*] [...] Existem muitos espaços, além da questão do voto, né? Dessas questões mais pontuais, assim. Mas de um modo geral, na sociedade, o exercer cidadania é você participar, onde tiver espaços, onde você puder entrar e fazer alguma coisa[...]
9. Eu sempre fui uma pessoa extremamente ativa e logo que me aposentei eu sofri um pouco, porque, de repente, comecei a cansar de não fazer nada. Daí comecei aqui na UNATI, através da UNATI consegui entrar no conselho do Idoso [...]isso é exercer a cidadania.
10. Eu acho que nós somos eternos aprendizes. Onde você estiver, você vai aprender. Porque você também ensina e aprende, você nunca vai saber tudo.
11. Eu acho que sempre que você aprende uma coisa nova [...] sinto que eu devo passar para outras pessoas, né? Pra ajudar [...]
12. [...] E eu fazia muita reunião, muita reunião na igreja[...], nós temos vários grupos [...].



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A dimensão ética restou observada nas URs relacionadas às atitudes para o bem comum, para com a sociedade, no reconhecimento de direitos e deveres, na solidariedade e no compromisso demonstrado nos trechos discursivos das idosas participantes do grupo de foco. As expressões: “**faço parte do conselho municipal da pessoa idosa, da rede municipal da pessoa idosa**”, “**conhecer tuas**

obrigações e teus direitos, né?”, “Eu tenho [...] um *site* que eu abro para ver se a informação é *fake*”, “Mas alguma informação você lê e você descarta e outras você precisa repassar”, foram algumas que denotaram aspectos éticos da informação.

Em estudo originado de um relato de experiência conduzido por Luce e Estabel (2021, p.2), os autores ressaltam que “As *fake news*, disseminadas em ambientes web, têm aumentado consideravelmente e são compartilhadas por muitas pessoas e em diferentes plataformas”. Os pesquisadores citaram Guess *et al.* (2019) e Klimova *et al* (2018), os quais, por sua vez, afirmam que pessoas com idade acima de 65 anos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que aquelas entre 18 e 29 anos; ressaltando que esses sujeitos têm maior facilidade em ser enganados em ambientes digitais. Baseados nessas premissas, Luce e Estabel defendem ainda que é necessária a oferta de cursos que tenham como enfoque o letramento informacional destinado para esse público específico. Nessa mesma investigação, os autores conduziram as discussões emanadas de um grupo focal realizado com idosos, cuja ação tratou sobre a criação e realização de um curso de extensão de capacitação midiática e informacional e que teve como objetivo desenvolver as competências informacionais dos sujeitos a fim de evitar a propagação de *fake news*. Os pesquisadores revelaram que, ao fim da referida ação, os participantes, entre outras ações: sentiram-se capazes de identificar e manusear fontes de informação de forma mais efetiva e eficaz, aprenderam a avaliar criticamente uma informação, passando, inclusive, a identificar *fake news*; e, notadamente, passaram a considerar as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, considerando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos. Por fim, Luce e Estabel (2021) ressaltam que é importante que esses cursos devem ter uma abrangência maior que o foco somente na utilização das tecnologias, pois o pensamento crítico voltado para a informação também tem que ser trabalhado para favorecer o uso das TIC de maneira segura e para garantir o exercício de cidadania de toda essa parcela da população.

Em suma, o desenvolvimento da competência em informação ganha relevância no combate a *fake news* (ESTABEL; LUCE; SANTINI, 2020) na medida em que o sujeito competente em informação reúne capacidades de: determinar a extensão das informações necessárias; acessar a informação de forma efetiva e eficientemente; avaliar criticamente a informação e as suas fontes; incorporar a nova

informação ao conhecimento prévio; usar a informação de forma efetiva para atingir objetivos específicos; compreender os aspectos econômico, legal e social do uso da informação, bem como acessá-la e usá-la ética e legalmente (GASQUE, 2010, p.86).

Para Vitorino e Piantola (2011) a ética se refere à relação com os objetivos da coletividade, ela, portanto, existe sempre em função de ações capazes de propiciar o bem viver dentro do contexto social. Essa perspectiva pode ser observada ao se verificar que as unatianas, ao refletirem individualmente acerca de determinados contextos, os repercutem pensando no coletivo.

Um exemplo bem claro do que você está falando, é sobre as vacinas. Como gerou polêmica isso e como, assim, tanta informação divergente [...] eu chegava a selecionar, assim: “[...] essa informação eu preciso passar no grupo dos meus filhos; e essa informação eu não quero saber”. Porque [...] foi um fato muito sério, e as informações eram contraditórias (referentes às notícias sobre as vacinas). Tem coisas do WhatsApp que eu recebo e já nem abro. Mas alguma informação você lê e você descarta e outras você precisa repassar (PGF2).

Tudo que você vai aprender você vai pensar: “[...] eu posso passar pra outra pessoa [...] aquilo que você aprendeu... se vale a pena, se é viável fazer aquilo” (PGF5).

Sim; Eu acho que sim. E as repercussões... que vão trazer depois.

E hoje tá tão fácil, né, porque pela rede social não custa repassar. É muito fácil repassar (PGF2).

Eu faço sempre. Eu, na escola, quando fazia alguma coisa melhor para dar aula, um projeto melhor, eu sempre procurava passar para outras, para as outras colegas. Eu acho que sempre que você aprende uma coisa nova [...] sinto que eu devo passar para outras pessoas, né? Pra ajudar [...] (PGF5).

Esse “julgamento de valor” sobre uma determinada informação é ressaltada por Vitorino e Piantola (2009) as quais explicam que a “competência crítica informacional”, é o pensamento crítico que é realizado pelo sujeito acerca da natureza da informação em si, para além de sua estrutura técnica e do seu contexto e impacto social e cultural.

Outro fator a ser evidenciado no âmbito da dimensão ética da ColInfo, relacionado aos trechos coletados nos grupos de foco, refere-se ao engajamento dos unatianos acerca dos direitos e deveres que os cercam na condição de idosos.

Eu venho (para a UNATI), já participei de uma modalidade hoje de manhã, hoje a tarde já tô participando da segunda, faço parte do Conselho Municipal da Pessoa Idosa, da Rede Municipal da Pessoa Idosa [...]

[...] conhecer tuas obrigações e teus direitos, né? E ver o que você vai poder fazer em prol do povo, em prol do outro (PGF8).

Principalmente é ajudar o próximo, né? Trabalhar em equipe... a Bíblia, ela diz assim: “que ama o teu próximo como a ti mesmo”, se eu for cuidar só dos outros e não cuidar de mim, então eu já tô saindo fora da Bíblia. Então eu tenho que zelar de mim e zelar do meu próximo. Vendo como é que ele tá, se ele tá precisando de alguma coisa, sempre eu faço pesquisa, [...] eu tenho o meu salário, eu tenho minhas coisas, eu não vivo a custa da igreja. [...] teve dia que eu distribuía treze, catorze, até vinte cestas por dia. Porque eu consegui as cestas e distribuía com o meu povo, sabe? (PGF11).

Os trechos discursivos anteriores remetem, mais uma vez, ao que afirmam as autoras Vitorino e Piantola (2011). Para as pesquisadoras esse caráter crítico atribuído à ética está no cerne da ideia de competência em informação, pois ao tomar posição e assumir uma postura crítica diante de determinadas informações, o indivíduo se apropria dela e a usa a partir de um julgamento de valor. Ao praticar o comportamento ético em relação à informação ele a utiliza de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum. Complementando esse enfoque, Dudziak (2011) ressalta que quando se pensa em uma sociedade inclusiva, o foco vai para além da aprendizagem e visa o desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade, com base na participação social a qual está amparada na análise crítica da realidade. Para a autora, o pensamento coletivo rompe as barreiras pedagógicas e sociais que limitam o desenvolvimento, o que implica em uma compreensão contextualizada e compartilhada da realidade. Isso resulta em uma consciência ética na qual a cidadania, por sua vez, implica em ser admitido como membro da sociedade, tendo um papel ativo (DUDZIAK, 2011). A autora conclui que “Nesse sentido, a competência em informação é concebida como mobilização para a transformação de si e da sociedade” (2011, p.179).

É dentro dessa conjuntura também que se observa a presença da dimensão política da ColInfo, no âmbito do trato informacional que as unatianas demonstraram

em suas falas nos grupos de foco, notadamente frente ao intuito de transformar suas realidades e exercitarem a cidadania.

As URs levantadas reverberaram algumas situações específicas nas quais a presença da dimensão política da ColInfo se fez notar na atuação dos idosos frente as suas interações sociais (Figura 23).

A análise da síntese permitiu observar ações que direcionam o trato informacional fortemente relacionado ao exercício da cidadania. Situações como **ter informação para cuidados com a saúde, ter informação para participação na sociedade civil organizada, para a construção de interações, para a coletividade e para a socialização**. Segundo Vitorino e Piantola (2011), a cidadania ativa e responsável requer que as pessoas estejam aptas e motivadas para exercer seus direitos e deveres em relação à comunidade e ao Estado, participando assim da vida pública e articulando-se diretamente com o conceito de política. Para as autoras, o sentido da dimensão política da competência perpassa por um indivíduo que sabe dos problemas e busca soluções. Nesse sentido, alguns trechos discursivos coletados nos grupos de foco, realizados com as unatianas, evidenciam bastante essa perspectiva das pesquisadoras.

É você participar ativamente da sociedade, ocupar os espaços, né? Tentando, eu acho, que influenciar até, de certa forma, com os teus valores, com tua experiência. Sendo útil. Exercendo as atividades [inaudível][...] Existem muitos espaços, além da questão do voto, né? Dessas questões mais pontuais, assim. Mas de um modo geral, na sociedade, o exercer cidadania é você participar, onde tiver espaços, onde você puder entrar e fazer alguma coisa[...] (PGF2)

É um pouco o que nós estamos fazendo hoje (referente à reunião). Fazendo o que nós gostamos, buscando informação, tanto aqui na UNATI quanto através de outros meios e não parar. Eu sempre fui uma pessoa extremamente ativa e logo que me aposentei eu sofri um pouco, porque, de repente, comecei a cansar de não fazer nada. Daí comecei aqui na UNATI, através da UNATI consegui entrar no Conselho do Idoso [...] isso é exercer a cidadania (PGF4).

[...] conhecer tuas obrigações e teus direitos, né? E ver o que você vai poder fazer em prol do povo, em prol do outro (PGF8).

OK, exercer a cidadania, ajudar as pessoas, mas as pessoas também tem que se ajudar, fazer a sua parte. [...]no momento atual[...] é muito dar, e sem contrapartida [[em tom crítico]]. Então, ser cidadania hoje é bem complicadinho pra gente (PGF9).

“PGF11, eu preciso de um cobertor”, a cidadania, eu ia atrás pra quele pessoa [para aquela]. Eu morei numa vila aqui embaixo, chamava Vila Iraque, eu fiz vinte e quatro casamentos. Fui atrás dos documentos... Aposentadoria?! Aposentei tanta gente, briguei na prefeitura[...], por água, por luz, é... por bem-estar das pessoa, pelo rio... eu morava na beira do rio, eu era chamada “a rainha da beira do rio”, porque brigava, lutava pra não ver jogar lixo no rio. Porque o rio é vida. [...](PGF11)

Sobressaiu, nos trechos discursivos, a iniciativa dos idosos em utilizar a informação para atuar junto ao próximo, para ocupar os espaços sociais e exercer a sua colaboração a partir do conhecimento dos seus direitos e deveres. Perfaz nesse cenário a ação além da superfície do discurso. Esses comportamentos convergem com os levantados por De Lucca (2019), em estudo doutoral, acerca da dimensão política da ColInfo compreender, entre outros, o reconhecimento: da importância da informação para orientação de conduta na trajetória de vida e das necessidades de informação a partir de situações do dia a dia. Também a procura da interação social com pessoas da rede de convívio para solucionar as necessidades informacionais; a conquista da liberdade e autonomia por meio de decisões baseadas na informação adquirida; o compartilhamento de informações e experiências com pessoas da rede de convívio e a ajuda aos próximos em diferentes contextos; e, ainda, a utilização da informação para sensibilizar-se de seus direitos e deveres na sociedade e lutar pela construção da cidadania em conjunto, no momento em que participa da esfera social.

Eu prezo muito, a autonomia. Eu acho que enquanto a gente puder não depender de outras pessoas[...], de ter as minhas decisões, eu prezo muito isso. Eu acho que enquanto a gente puder manter essa autonomia, fazer as coisas... [...]o fato de conseguir fazer, faz uma satisfação muito grande. Então a autonomia, pra mim, está ligada a satisfação. Do meu eu. De eu conseguir fazer as coisas e acreditar em mim, de saber que eu posso, que eu consigo fazer[...] (PGF 9).

Esse trecho discursivo converge ao que assevera Dudziak (2011) acerca da sociedade da aprendizagem, nela, a melhor educação é aquela que prepara os aprendizes para o aprendizado continuado por intermédio do aprender a aprender. Portanto, para a autora, a dimensão social e coletiva de qualquer processo educacional/informacional de qualidade começa a se sobressair, e, nesse composto se insere a educação para a ColInfo - direcionada à autonomia informacional dos indivíduos, traduzida na mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes

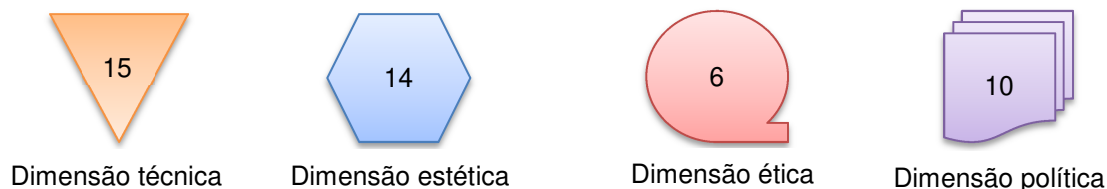
voltadas ao aprendizado ao longo da vida. Então, busca-se a inserção dos indivíduos na dinâmica da sociedade atual, ou seja, no contexto da sociedade da aprendizagem, a qual se define por uma racionalidade substantiva e instrumental. Nesse sentido, explica Dudziak, a racionalidade substantiva compreende-se como o processo de concretização do potencial do indivíduo, moldado pela autenticidade (integridade, honestidade e franqueza), sua satisfação pessoal e julgamento ético (deliberação baseada em juízo de valor construído a partir da interação social e reflexiva). Do ponto de vista da racionalidade substantiva, a autonomia se expressa na condição plena do indivíduo agir e expressar-se (DUDZIAK, 2011).

Gonçalves (2015) lembra que os idosos, enquanto discentes, têm um conceito de si como pessoas responsáveis pela própria vida e da sua aprendizagem, quando favorecida pelo docente. Esse pressuposto é confirmado por Calheira (2021) ao comentar sobre o protagonismo originado na postura do mediado e também do mediador como uma característica fundamental, um modo de viver. Para o autor, quando o sujeito atua como protagonista social, passa a ter um posicionamento crítico diante do mundo que o cerca e faz uma “leitura” reflexiva e analítica, tomando uma posição proativa diante do que lhe é proposto, como um sujeito social consciente que assume embates em favor do bem comum, agindo e reagindo em favor de um bem coletivo.

Gonçalves (2015) cita Cachioni e Palma (2006) as quais afirmam que, o desejo de conhecer, de estar atualizado, fazer parte do mundo e nele se desenvolver, de conquistar a própria cidadania, é o grande motivo que impulsiona os idosos a buscarem os mais diversos tipos de programas educacionais. Portanto, continua Gonçalves, o cuidado com o desenvolvimento de programas educacionais para esse público é de grande importância para sua participação mais ativa na vida em sociedade, também se alertando para o fato de que a socialização do idoso é prática fundamental para a preservação de sua saúde física e mental, uma vez que o processo de envelhecimento implica alterações funcionais e comportamentais. Para a autora (2015, p. 44) “[...] a educação é apontada como otimizadora de competências” e é nessa perspectiva que se observou o comportamento e as atitudes dos idosos frente ao cenário informacional que manuseiam. E é também nesse aspecto que se pode vislumbrar a presença das dimensões da competência no agir do unatiano.

Dessa forma, colocadas essas considerações acerca dos trechos discursivos também se fez pontual apresentar a enumeração final da presença das dimensões da ColInfo, integralmente, nos grupos focais.

Figura 24 – Presença das dimensões da competência em informação nos grupos focais



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A partir da contagem da frequência de manifestações das dimensões nos grupos focais foi possível estabelecer o cômputo final para todas as fontes de evidências utilizadas na coleta dos dados.

Mais uma vez, foi possível perceber a presença de todas as dimensões da ColInfo nas condutas informacionais relativas às atividades educacionais da Unati. As apurações da frequência das dimensões, tanto no material documental, nas entrevistas com os agentes educacionais e coordenação, bem como nos grupos focais, demonstraram a integração das dimensões da ColInfo no que se refere ao manejo das informações para todas as situações envolvidas e examinadas. É relevante considerar, mais uma vez, as afirmações de Vitorino e Piantola (2011) sobre a multiplicidade e a complexidade de faces da informação. Para as autoras, a competência para lidar com esta demanda multifacetada é capaz de abarcar uma miríade de nuances, sejam de caráter objetivo, subjetivo, individual ou coletivo.

Dessa maneira, técnica, estética, ética e política constituem as bases sobre as quais se assentam tanto a informação transmitida e recebida, quanto à competência necessária para processá-la e utilizá-la de modo a agir significativamente na construção da realidade.

Nesse cenário, a ColInfo, no contexto da Unati, esteve presente no papel de mobilizar todos os envolvidos nos processos de ensino dos unatianos, antes, desde a concepção do projeto, perpassando pela atuação pedagógica dos agentes educacionais - no que concerne as suas atitudes e habilidades - culminando no comportamento e habilidades dos idosos frente aos desafios a eles impostos na sociedade da informação e do conhecimento.

É importante ressaltar que a ideia inicialmente aceita de que a competência em informação consiste essencialmente em um conjunto de habilidades individuais ligadas à manipulação da informação em um suporte digital constitui apenas uma das muitas dimensões sugeridas pelo termo, que vem crescendo em complexidade à medida que as pesquisas sobre o tema evoluem (VITORINO, 2020). Dessa forma, é também sobre esse aspecto que esta investigação levantou evidências, a partir de seus desdobramentos. Para além do já descrito, há que se observar os comportamentos dos unatianos frente a sua inserção na sociedade. Seus interesses, vivências e experiências demonstraram um amadurecimento em relação ao trato informacional. Essa conclusão vai ao encontro do consenso de Vitorino (2020) sobre o desenvolvimento de habilidades que permitam um uso consciente, criativo e benéfico da informação como essencial para a atuação do indivíduo no contexto social contemporâneo.

Eu acho que nós somos eternos aprendizes. Onde você estiver, você vai aprender. Porque você também ensina e aprende, você nunca vai saber tudo (PGF5)

[...] a gente ainda tem a possibilidade de aprender muitas coisas novas, né? E que o aprendizado vem [...] no ambiente em que nós vivemos. Nós convivemos com filhos, netos, crianças, jovens, adultos... todos tem a nos ensinar. É só a gente querer (PGF4).

Um dos aspectos bastante evidenciados é que “[...] a competência em informação está no cerne do aprendizado ao longo da vida” (IFLA, 2005). Esse, por sua vez, presume a incorporação de um estado permanente de mudança, a própria essência do aprendizado como fenômeno social (VITORINO; PIANTOLA, 2019). Assim, conforme Vitorino, Righetto e Packer (2019) afirmam, uma população idosa competente em informação estará apta a possuir habilidades, o saber fazer, tal como a sensibilidade e a valorização da informação, tendo consciência no seu uso, discernindo as implicações que poderão ocorrer. Dessa forma, continuam os autores, as quatro dimensões constituem os fundamentos sobre a competência e a informação: para que o idoso seja capaz de utilizar essa última de modo efetivo, ético; na participação do contexto social, adequado e consciente. Nessa perspectiva, ao se colocarem disponíveis para os processos contínuos de aquisição de conhecimentos, os unatianos demonstram estarem aptos a inserirem-se em

processos mais complexos, ininterruptos e dinâmicos de aprendizado. E para atender a essa demanda é necessário que os agentes educacionais tenham essa consciência e se disponibilizem igualmente para percorrerem esses desafios. Dudziak (2003) ressalta que a educação para a ColInfo deve se valer de uma estrutura curricular na qual seja privilegiado o uso dos recursos informacionais disponíveis, para a aprendizagem e a resolução de problemas, de forma contextualizada, a fim de incutir nos aprendizes o hábito de buscar e utilizar criticamente a informação.

Por fim, uma das declarações mais marcantes se referiu à questão que solicitou à unatiana descrever “em quais áreas da vida o conhecimento a ajudaria ou como a ajudaria”. Nesse contexto está implícita também a temática da necessidade informacional.

Ah, eu acho que em todas as áreas, né? Traz autoestima, traz alegria, a gente consegue se comunicar, a gente movimenta os nossos neurônios, a gente afasta a possibilidade de um Alzheimer, de uma doença... acho que... tudo! (PGF9).

Essa última transcrição discursiva repercute a magnitude da apropriação da informação e do conhecimento pelos sujeitos. A educação, como meio dessa apropriação respalda essa significância e tem relevância sobre o Paradigma do Envelhecimento Ativo³¹, comentado por Oliveira, Scortegagna e Silva (2017). Dessa forma, se faz essencial a atuação de instituições que promovam iniciativas que valorizem os idosos, colocando-os no centro dos processos educativos para que esse paradigma tenha lugar efetivo. Segundo as autoras, percebe-se uma mudança no perfil dos sujeitos da terceira idade, o que possibilita o esboço de um novo paradigma de velhice, protagonizado por um idoso mais inserido, ativo e participativo. Nesse novo paradigma, a educação assume importância na medida em que instrumentaliza e oferece oportunidade de atualização e reflexões por esse idoso, o que possibilita o seu empoderamento, contribuindo para um processo de envelhecimento mais saudável e com qualidade de vida. O conhecimento passa a ser um instrumento eficiente e necessário na tentativa de superar os desequilíbrios

³¹ O envelhecimento ativo é explicado pela Organização Mundial da Saúde como os processos de otimização de oportunidades de saúde, participação, segurança e educação, tendo como objetivo o aprimoramento da vida ativa à medida que as pessoas envelhecem. Além de estar ancorada nos conceitos de independência, autonomia, expectativa de vida saudável e qualidade de vida (WHO, 2005).

sociais e o conceito negativo culturalmente construído e consolidado em nossa sociedade (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017).

No entendimento de Orelo e Vitorino (2020), os quatro pilares apresentados por Jacques Delors (1998) como alicerces da educação para o Século XXI, são condizentes com as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação. As autoras fazem um paralelo e entendem que o 'Aprender a Conhecer' parece ter características da dimensão ética, pois se relaciona com conhecer os aspectos culturais que norteiam o fazer; que o 'Aprender a Fazer' relaciona-se com a dimensão técnica; que o 'Aprender a Viver Juntos' é imbuído dos aspectos políticos, pois denota a convivência, e o respeito mútuo às regras sociais; e, por fim, o 'Aprender a Ser' é aquele que carrega em si os aspectos estéticos, como a imaginação, a sensibilidade e a criatividade. Sob ponto de vista similar, defende-se que as dimensões da ColInfo estão refletidas nos processos educacionais e pedagógicos da Unati. Essa consideração se assenta na identificação de três vieses específicos, observados no decorrer desta pesquisa.

O primeiro relaciona-se aos objetivos fundamentais do programa de extensão. A análise de seu projeto de criação demonstrou a concepção da Unati em desenvolver e inculcar nos seus participantes uma formação voltada para a consecução do bem estar, da qualidade de vida e do exercício da cidadania, todos fundamentados nos conteúdos dos processos educacionais propostos. Esses conteúdos são integrados pelo conjunto harmônico de ações que se relacionam às dimensões da ColInfo.

O segundo viés identificou nitidamente uma atuação calcada em uma miríade de ações dos agentes educacionais, bem como da coordenação da Unati. Essa atuação se demonstrou, antes pelos comportamentos, pelas atitudes e pelas habilidades exibidas pelos agentes no exercício de sua função na Unati. Constatou-se, a partir da análise e interpretação dos dados das entrevistas que os agentes educacionais praticam e se respaldam - mesmo sem ter a consciência epistemológica ou teórica acerca disso - nas dimensões da ColInfo e em última instância sendo competentes em informação. Essa perspectiva está ancorada nas condutas do fazer, do conhecer, do buscar, do ensinar, do aprender, de se envolver, de se preocupar, de se engajar, de se responsabilizar, de se colocar empático, de se doar ao compromisso de localizar, produzir, compartilhar e gerar apropriação de informação e conhecimento suficientes e capazes de tornar os idosos mais

autônomos, empoderados, livres, críticos, conscientes e felizes. Essas ações pedagógicas e sua função educacional não seriam completas sem a integração e intervenção harmônicas das dimensões da ColInfo em seu cerne.

O terceiro viés que se defende acerca de todo esse processo dimensional da competência em informação estar presente e repercutir decididamente na vida dos idosos é que ela não seria possível sem a disposição e a disponibilidade desses sujeitos em se engajarem e se inserirem nesse universo de aprendizado contínuo e permanente. Nesse sentido, os idosos participantes da Unati têm papel fundamental, pois, ao se disporem, mesmo que também sem a consciência racional do fato, estão se colocando no percurso que os permitirá serem cada vez mais ativos, terem um envelhecimento bem sucedido no pleno exercício da cidadania, da qualidade de vida e do bem estar.

Por fim, conclui-se a investigação respondendo que as dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação estão refletidas nos processos educacionais desenvolvidos na Unati. Isso se legitima na medida em que, no âmbito do conjunto de postulados que integram as dimensões, elas se manifestam harmônicas com a tríplice atuação das partes nesse processo. Assim, a constatação que se apresenta é de que, a partir da livre associação das dimensões da competência, com a proposta de execução da Unati, com a atuação da coordenação e dos agentes e, em convergência com a disposição dos unatianos, esses se tornam competentes em informação no âmbito dos desafios impostos pela sociedade da informação e do conhecimento.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar na área da educação em plena sociedade da informação e do conhecimento é um desafio diário na transposição do que se revela inclusivo e excludente, e, refletir sobre suas práticas é um exercício constante. Produzir ciência em um país tão rico e ao mesmo tempo tão carente, garante um vasto campo de possibilidades. Notadamente após um período tão turbulento e obscuro pelo qual a ciência esteve atravessando nos dias recentes.

Nesse cenário é ainda mais imperativo que toda produção científica agregue, além do conhecimento em si, o proveito para outrem, do contrário não haveria motivo para se produzir ciência. Nessa perspectiva, buscou-se com esta pesquisa, enriquecer a produção científica da Ciência da Informação com o propósito principal de somar conteúdos proficientes na esfera social da área e que eles viessem agregar positivamente, nos sujeitos partícipes da sociedade, a sua potencial utilidade, bem como promover o reconhecimento dela como instrumento de diminuição das desigualdades advindas com a era da informação.

Pesquisar as concepções da competência em informação e suas dimensões técnica, estética, ética e política, em proveito de causas tão necessárias de alcance imediato - como as demandas sociais, físicas e cognitivas dos idosos - ensejaram entusiasmo e júbilo ao final dessa jornada. Em vista disso, faz-se necessário antes, retomar os aspectos mais relevantes que integraram toda a trajetória da pesquisa.

A questão problematizadora tratou de investigar como as contribuições das dimensões técnica, estética, política e ética da ColInfo encontravam-se refletidas nas atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), bem como de que forma os processos pedagógicos e as práticas dos agentes de educação da Unati/Unicentro promoveriam essas dimensões da ColInfo, com vistas ao aperfeiçoamento da autonomia, qualidade de vida e exercício da cidadania dos idosos.

Ao se refletir sobre essas questões tinha-se em conta, como primeira hipótese, que o desenvolvimento de ações educativas para o público idoso demandaria composições pedagógicas diferenciadas, considerando eles possuírem características psicológicas, cognitivas, pessoais e físicas específicas de sua condição. Nesse sentido, a ColInfo e as suas dimensões teriam potencial de significativa contribuição no planejamento de ações pedagógicas, especificamente para o público dessa faixa etária.

Essa hipótese se confirmou na medida em que os dados e os resultados demonstraram posturas didáticas docentes convergentes para a condição de ensino de idosos. As falas dos agentes educacionais da Unati demonstraram, por variadas situações, essa preocupação e a consideração pelos aspectos diferenciados do público. Dessa maneira, percebeu-se uma busca proativa diante das dificuldades sociais, físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e afetivas que porventura os unatianos apresentassem. Outro comportamento identificado refere-se à construção conjunta dos conteúdos a serem ministrados no decorrer das atividades. Diversos agentes relataram dialogar e receber as sugestões dos próprios idosos no âmbito das aulas. Todas essas ações internalizam as dimensões da ColInfo em um processo harmônico: no “saber fazer” – relacionado às necessidades, conhecimento dos recursos e fontes informacionais para composição dos conteúdos; na sensibilidade, experiência e criatividade incutidas nessas ações; na responsabilidade informacional e na concepção do trabalho para o bem comum; e, finalmente, na interação com o coletivo que os cercava nas atividades pedagógicas.

A segunda hipótese que se fazia diante do contexto dos objetivos da pesquisa era a de que o planejamento do projeto político pedagógico da Unati/Unicentro, assim como as práticas docentes que o constituiriam, não eram integrados por ações/instrumentos que levassem em conta as contribuições específicas da competência em informação e das suas dimensões no aprendizado e no alcance de maior autonomia pessoal dos alunos desse programa de extensão.

Essa concepção foi refutada completamente. Embora a consecução dos objetivos do projeto da Unati tenha sido organizada e construída a partir de uma escolha racional, reflexiva e intencional, no contexto dos seus objetivos, a internalização da ColInfo e das suas dimensões não o foram, entretanto, ressalte-se, estejam também circunscritas na sua estrutura. Isso se revela, por exemplo, no âmbito, entre outras atividades, das palestras realizadas cotidianamente no programa. Essas, dentro dos seus temas específicos, ofereciam como possibilidade, por exemplo, promover a autonomia dos participantes, viabilizar o exercício da cidadania, o bem estar e a qualidade de vida aos idosos.

A terceira hipótese considerava que, a partir das demandas relativas ao paradigma social da informação, a ColInfo abrigaria em seus pressupostos espaço para ampliação de suas dimensões, notadamente às relacionadas ao aprendizado ao longo da vida dos sujeitos vulneráveis.

Essa hipótese destaca-se como a mais complexa de se confirmar, diante dos resultados levantados e analisados. É fato que todas as dimensões da competência em informação se conjugaram em um processo harmônico e cíclico nas ações pedagógicas e no projeto de ensino da Unati. Foi possível inclusive quantificá-las por diversos momentos, além da própria análise qualitativa. Entretanto, para além disso, observou-se que a ColInfo já abriga em seu arcabouço de dimensões um conjunto implícito de ramificações do conceito técnico, estético, político e ético. A dimensão inédita a qual se “arriscaria” uma proposta seria uma dimensão da competência em informação que relacionasse mais especificamente os atributos da empatia em relação à informação acessada, produzida, compartilhada e experimentada. Refere-se antes não àquela empatia do linguajar popular, tão “(de)batido” e até desgastado em redes sociais cotidianamente. Mas àquela da perspectiva fenomenológica, na qual a empatia assume variadas perspectivas, mas, que tem em comum a questão do acesso do eu ou da consciência ao mundo externo e ao outro (CASTRO, 2022).

Essa sugestão se coloca a partir da análise dos discursos dos agentes, da coordenação e dos idosos frente às dificuldades relatadas no conjunto de atividades. Por muitos momentos, entre os resultados das falas, por exemplo, visualizou-se o fenômeno da empatia tomando frente a todos os demais procedimentos de ensino por intermédio da dedicada repetição: das expressões idiomáticas, das cantigas de entretenimento e cultura, dos cliques no celular, dos passos de dança ou de pilates, do contexto histórico de um local apresentado em uma viagem, do movimento da hidroginástica, do enlevo no planejamento político pedagógico da Unati. Talvez essa dimensão tenha espaço e fôlego para ser explorada nesse conjunto tão dialógico já concebido para a competência em informação. Dessa forma, deixa-se não exatamente uma proposta, mas uma abstração para que ela encontre espaço para se constituir em uma ideia futuramente.

A pesquisa teve como objetivo geral investigar de que maneira as dimensões técnica, estética, política e ética da competência em informação encontravam-se refletidas nos processos educacionais e pedagógicos desenvolvidos na Unati/Unicentro. Dessa forma, cabe salientar os indicadores mais marcantes dessas manifestações, tanto as percebidas do material documental, como nas entrevistas.

Sobre os conteúdos do material documental destacam-se as atividades de aprendizagem direta como as palestras, por exemplo, tendo incutidas nelas os aspectos de natureza de educação permanente, conceito este totalmente relacionado à ColInfo na sua essência do aprender a aprender e do aprendizado ao longo da vida.

As atividades específicas que incluíam o ensino de habilidades genéricas para a resolução de problemas, a colaboração e o trabalho em equipe e desenvolvimento do pensamento crítico, de reinserção social, a relação interdisciplinar, entre outras.

No tocante às entrevistas foram inúmeras as ações que refletiram as dimensões da ColInfo - o uso intenso das ferramentas de tecnologia de informação e comunicação, as habilidades demonstradas no fazer docente, as buscas pelas aspirações dos educandos; a presença da flexibilidade em adaptar conteúdos e posturas, o conjunto de sentimentos como compreensão, paciência, resiliência, motivação, entre outros, os quais ressignificaram o uso da informação frente ao ensino; o trabalho em prol da coletividade, a atenção e a responsabilidade com a veracidade e legalidade dos conteúdos; a incorporação de contextos sociais e de atividades que facilitassem o dia a dia dos idosos em prol do seu lazer, bem estar e felicidade; a evidente incorporação de atividades cognitivas, o compartilhamento, a inter, a multi e a transdisciplinaridade incluídas nas ações da coordenação - configuram, entre as muitas outras, o espelhamento das dimensões da ColInfo nos processos pedagógicos desenvolvidos na Unati/Unicentro.

Sobre esse panorama, admite-se que não há como desvincular a internalização, a interação, a presença, a exteriorização e a frequência das dimensões da ColInfo - inculcadas nos conteúdos de ensino propriamente ditos - das práticas manifestadas pelos agentes educacionais em sua atuação para a produção desses conteúdos. Esses processos horas se somavam, horas se misturavam, horas se confundiam. Portanto, defende-se que todos os resultados caminharam para um só objetivo, embora advenham de duplas concepções, qual seja, o desenvolvimento da competência em informação, tanto dos docentes, como dos idosos.

Acerca do incremento científico, exploratório e social defende-se que a resolução da problematização, o atendimento dos objetivos por meio dos resultados dela decorrentes e o desenvolvimento da temática como um todo, contribuíram para a área da competência em informação, em três aspectos principais. Primeiro, no natural e espontâneo enriquecimento teórico e científico, tanto no aprimoramento das concepções e da reflexão crítica no que se refere ao arcabouço já existente acerca da competência em informação. Em segundo lugar, advoga-se que as descobertas advindas da associação da *práxis* pedagógica e educacional junto aos pressupostos da ColInfo, proporcionou a ampliação de possibilidades no que concerne aos princípios do aprendizado ao longo da vida e do aprender a aprender, defendidos por esse campo para todos os sujeitos que manuseiam informação. Por intermédio

dessas descobertas surgiram nuances e caminhos que demonstraram mais objetivamente a “função” da competência em informação, como parte integrante dos processos. E, por último, sustenta-se que a investigação somou como mais uma voz para a área da Colnfo ressoar a sua presença e os benefícios da sua interação com as outras grandes áreas (Humanas, da Saúde, das Letras, da Educação, entre outras, e até mesmo das Sociais Aplicadas), em todos os ambientes. Dessa forma, percebeu-se a Colnfo mais forte e evidente, por intermédio da pesquisa desenvolvida, proporcionando uma maior visibilidade e uma maior inserção interdisciplinar, acompanhando os pressupostos da Ciência da Informação.

Como possíveis sugestões de pesquisas futuras se ressaltam investigações que contemplem a Colnfo e a atuação de educadores em esferas de ensino pouco exploradas, como por exemplo, na formação técnica profissional de adultos. Também a aplicação da Colnfo em sistemas educacionais na área da inovação e da sustentabilidade.

No que concerne ao idoso especificamente sugere-se a continuidade de estudos que incrementem a qualidade de vida e o exercício da cidadania de idosos em sua relação com a informação e o conhecimento, notadamente àquelas voltadas a cada dimensão da Colnfo individualmente.

Em relação ao incremento de ordem profissional e educacional considera-se que estes foram incontestavelmente transpostos. Assim, reconhece-se que finalizar um trabalho de investigação denota sempre sentimentos contraditórios. Explicitar essas sensações, por vezes, pode incorrer em uma atmosfera um tanto “*clichê*”, mas é complexo não se entregar à emotividade que esse momento promove. Caminha-se, portanto, em um trajeto que vai, desde a satisfação em ver um projeto finalizado, à nostalgia que se inaugura, pelo mesmo motivo, em questão de dois ou três passos. Independente desses sentidos, realizar uma pesquisa científica é um mergulho em um mundo de diversas expectativas, descobertas, medos, inseguranças, exaustão física e emocional, mas sobretudo, de extraordinárias realizações.

Sigamos... ainda temos muito o que caminhar!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. R. de. **Educação de Jovens e Adultos: a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.** 2017. 122f. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/18539>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ALMEIDA, D. P. R. *et al.* Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 6, n. 1, p. 16-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/reic/article/view/745>. Acesso em: 14 jan. 2022.

ALMEIDA, V. B. DE A. **Cuidados e cuidadores: trajetórias de afetos e sensibilidades para com os idosos (Cajazeiras, 1990-2013).** 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande 2013. Disponível em: <http://ppgh.ufcg.edu.br/index.php/processo-seletivo/category/11-dissertacoes-2013>. Acesso em: 10 fev. 2022.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Presidential Committee on Information Literacy: final report.** Washington D.C., 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales.** 7.ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ARAÚJO, C. A. A. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, BA, v. 4, n. 2, p. 2-32, 2010. DOI: 10.9771/1981-6766rpa.v4i2.3856. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81528>. Acesso em: 16 dez. 2021.

ARAÚJO, C. A. A.. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PB, v.22, n.1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, CE, v. 2, n. 2, p. 9-34, 24 dez. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20162>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **A Progress Report on Information Literacy: An Update on the American Library Association Presidential Committee on Information Literacy: Final Report.** Março. 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/progressreport>. Acesso em: 10. fev. 2022.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information Literacy Competency Standards in Higher Education**. Chicago: Association of College and Research Libraries. 2000. Disponível em: <https://repository.arizona.edu/handle/10150/105645>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for information literacy for higher education**. Chicago, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 10 fev. 2022.

AUSTRALIAN AND NEW ZEALAND INSTITUTE FOR INFORMATION LITERACY (ANZIIL); COUNCIL OF AUSTRALIAN UNIVERSITY LIBRARIANS (CAUL). **Australian and New Zealand Information Literacy Framework: principles, standards and practice**. Second edition. Editor Alan Bundy. Adelaide: Australian and New Zealand Institute for Information Literacy, 2004. Disponível em: <http://archive2010.caul.edu.au/content/upload/files/info-literacy/InfoLiteracyFramework.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BALTES, P.B.; SMITH, J. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: a velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. **A Terceira Idade**, São Paulo, SP, v.17, n.36, p.7-31, 2006. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/educacao_revista/4ed8a079-074e-4baf-8f72-6770562f0853.pdf. Acesso em 12 fev. 2023

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições. 1977.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, A. de A. Perspectivas da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 21, n.2, p. 156-166, jul./dez. 1997. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_43caaf49d9_0008818.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

BEAUVOIR, S. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p.

BELLUZZO, R. C. B. A information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na Sociedade da Informação: uma questão de educação. **In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNESP**, 7., 2001, Bauru. **Anais...** Bauru : UNESP, 2001. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/ana8.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BELLUZZO, R. C. B. Formação contínua de professores do ensino fundamental sob a ótica do desenvolvimento da information literacy, competência indispensável ao acesso à informação e geração do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, SP, v.16, n.1, p. 17-32, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/qdWHG4kbdW8W7pkZRSb45Qv/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BELLUZZO, R. C. B. O Conhecimento, as Redes e a Competência em Informação (CoInfo) na sociedade contemporânea: uma proposta de articulação conceitual. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, PB, v. 4, Número

Especial, p. 48-63, out., 2014. Disponível em:
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/21276>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BELLUZZO, R. C. B. Redes de conhecimento e competência em informação: interfaces da gestão, mediação e uso da informação. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

BELLUZZO, R. C. B.; KOBAYASHI, M. do C. M.; FERES, G. G. Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 81–99, 2009. DOI: 10.20396/etd.v6i1.1004. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1004>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação e Informação**, Londrina, PR, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago., 2014. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BEMBEM, A. H. C.; OLIVEIRA, H. P. C.; SANTOS, P. L. V. A. C. O paradigma social e o tempo do conhecimento interativo: perspectivas e desafios para a arquitetura da informação pervasiva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 20, n. 4, p. 181-196, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36610>. Acesso em: 08 jan. 2022.

BENEDITO, S.V. C; CASTRO FILHO, P. J. de. A educação básica cearense em época de pandemia de coronavírus (covid-19): perspectivas e desafios no cenário educacional brasileiro. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 2, n. 3, p. 58-71, 2020. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/43>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BERLINCK, M. T. **PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**. SÃO PAULO, SP: ESCUTA, 2000.

BICALHO, L.; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, SC, v. 16, n. 32, p. 1-26, 2011. DOI: 10.5007/1518-2924.2011v16n32p1 Acesso em: 09 fev. 2023.

BOHM, V. **Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores**. 2016. 135 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/144072>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, Syracuse, NY, Estados Unidos, v. 19, n.1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 11 FEV. 2022.

BRASIL. Lei Nº 10.741, de 1^o de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Casa Civil**, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 11 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Resolução CNE/CP 3 de 18 de dezembro de 2002*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 162, Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril.../15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 fev. 2022.

BREIVIK, P. S. Putting libraries back in the information society. **American Libraries**, v. 16, n. 1, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i25629734>

BRUCE, C. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, Reino Unido. v.19, n.1, p. 33-47, 1999. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.868.5879&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. **Australian Academic and Research Libraries**, Austrália, v. 31, n. 2, p. 91-109, 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00048623.2016.1253423>.

BRUCE, C. S. Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Anales de Documentación**, Espanha, v.6, p.289–294, 2003. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/3761>. Acesso em 23 fev. 2022.

BURCHINAL, L. G. The communications revolution: America's third century challenge. *In*: The Future of Organizing Knowledge: **Papers** [...] Texas A & M University Library's Centennial Academic Assembly, Sept. 24, 1976 (College Station, Tex.: Texas A & M University Library, 1976) 1976. Disponível em: https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/drew.whitworth/burchinal_the_communications_revolution.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade**: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/135110>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira**

Idade. 2002. 302f. Tese (Doutorado em Gerontologia) – Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/283446>. Acesso em: 25 jan. 2023.

CACHIONI, M., ORDONEZ, T. N., BATISTONI, S. S. T., LIMA-SILVA, T. B. Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, 2015. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45741>. Acesso em 12 jan. 2023.

CACHIONI, M; PALMA, L. S. Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso. *In*: FREITAS, Elizabete V.; *et al.*(Orgs.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.1456- 1465.

CALHEIRA, F. J. S. **Mediação da leitura voltada para o idoso:um olhar sobre as ações e suas potencialidades nas instituições de longa permanência**. 2021.145f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021 Disponível em:
<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33743>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CAMARGO, M. B. de O. **3º Idade Conectada: um estudo sobre a influência do uso de jogos digitais no processo de inclusão digital para idosos**. 2018. 79f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) – Universidade “Julio Mesquita Filho” - Unesp, Bauru, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/77021>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CAMPELLO, B. D. S. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17773>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CAMPELLO, B. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBD)**, São Paulo,SP v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17773>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, MG. 2003. **Anais** [...] Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003. p.Disponível em:
http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 11 fev. 2022.

CAREGNATO, S. O desenvolvimento de habilidades informacionais: papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99818>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CARNEIRO, B. L. F. **Análise das competências em informação dos idosos no uso das tecnologias digitais**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Ceará, 2018. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/39519/pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

CARNEIRO, B. L. F.; NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E.; FARIAS, M. G. G. Aprendizagem móvel, competência em informação e mediação: interlocução sob a ótica do paradigma social da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência Da informação**, Florianópolis, SC, 23(52), 34-47. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v23n52p34>., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v23n52p34>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CARVALHO, A. E. S. da R. **A importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos**. 2016. 254f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25513>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CARVALHO, J. L. C. **Fundamentos da informação I**: perspectivas em Ciência da Informação. São Paulo: ABECIN Editora, v.1; 263p. (Coleção Estudos ABECIN; 02). ISBN: 978-85-98291-11-6. 2017. *E-book*. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/211/186>. Acesso em: 9 dez. 2021.

CARVALHO, V. M. S. **Ações para inclusão de pessoas idosas no Instituto Federal de Brasília**: políticas públicas para qualidade de vida. 2019. 81f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação/Administração Educacional) – Instituto Politécnico de Santarém, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.15/3191>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CASTRO, G. J. M. de. Empatia fenomenológica: Cenários e possibilidades. **Veritas**, Porto Alegre, RS, v. 67, n. 1, p. 1-15. DOI: 10.15448/1984-6746.2022.1.41354. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/41354>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidade e cidadania. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1 p. 121-130, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3292/2908>. Acesso em: 11 fev. 2022.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimentos e tomar decisões. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2006.

CORRÊA, E. C. D.; CASTRO JUNIOR, O. V. de. Perspectivas sobre competência em informação: diálogos possíveis. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 47, n. 2, p. 35-51, maio/ago. 2018. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4156>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ sobre a competência informacional. *In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e ciência da informação*, 24., 2011. Maceió: FEBAB., IBICT., UnB, 2011 Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 12 out. 2021

DELATTRE, P. Investigações interdisciplinares: objetivos e dificuldades. *In*: POMBO, O.; GUIMARAES, H. M.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade: antologia**. Porto (Portugal): Campo das Letras, 2006.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998, *Ebook*. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em 25 fev. 2022.

DE LUCCA, D. M. de. **A dimensão política da competência informacional**: um estudo a partir das necessidades informacionais de idosos. 2015. 287 f. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158842>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DE LUCCA, D. M. de. **Princípios para o desenvolvimento da Competência em Informação do idoso sob o foco da dimensão política**. 2019. 424 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206334>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DE LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação e necessidades de informação de idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p.458-483, jan./abr., 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/30127>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DE LUCCA, D. M. de.; VITORINO, E.V. A dimensão política da competência em informação. *In*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de. **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p., p. 203-234, *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20competencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DEMO, P. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (Dieese). **Boletim especial Dieese**. Quem são os idosos brasileiros. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.html>. Acesso em: 8 nov. 2021.

DI CHIARA, I. G. Grupo de Foco. *In*: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Pólis, 2005.

DINIZ, R. V.; GOERGEN, P.L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. Avaliação: **Revista de Avaliação da Educação Superior**, Campinas, SP, v. 24, n. 03, p. 573-593, nov. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/aval/a/KWJWLBpHPFjBKbzSXw7TStb/?lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2022.

DUDZIAK, E. A. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003. Acesso em: 8 fev. 2022.

DUDZIAK, E. A. Competência em Informação: melhores práticas educacionais voltadas para a *Information Literacy*, 2005 . **In: 21 Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, Curitiba, *Brazil*, 2005. [Conference paper]. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6876/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DUDZIAK, E. A. Os Faróis da Sociedade da Informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, PB, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704>. Acesso em: 11 fev. 2022.

DUDZIAK, E. A. Em busca da pedagogia da emancipação na educação para a competência em informação sustentável. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v.9, n.1, p.166-183, jul./dez. 2011 – ISSN 1678-765X. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260053348>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ESTABEL, L. B., LUCE, B. F., SANTINI, L. A. Idosos, *fake news* e letramento informacional. **Revista Brasileira De Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo v. 16, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1348>. Acesso em: 15 fev. 2023.

EUCLIDES, M. L. **Representação das necessidades de informação na organização da informação**: uma análise de modelos teóricos de busca. 2007. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/euclides_ml_me_mar.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 14, n. 2, p. 2-16, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34809>. Acesso em: 11 fev. 2022.

FAZZIONI, D. P. de M.; VIANNA, W. B.; VITORINO, E. V. O atual estágio conceitual da competência em informação em publicações de língua portuguesa. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 47, n. 3, p. 193-206, set./dez. 2018. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4228>. Acesso em: 11 fev. 2022.

FEATHERSTONE, M.; HEPWORTH, M. Images of positive aging: a case study of Retirement Choice magazine. *In*: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Orgs). **Images of aging: cultural representations of later life**. London: Routledge. p.29-48. 1995. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203397442-11/images-positive-aging>.

FERREIRA, A., FRAQUELLI, A. A., SCHWANKE, C. H. A., WEHEMEYER, C. de O. T., MACHADO, L. R., TERRA, N. L., CHINEIDER, R. H., LINDÔSO, Z. (Orgs). **Inclusão digital dos idosos: a descoberta de um novo mundo**, EDIPUCRS, Porto Alegre. 41 p, 2008.

FERREIRA, D. A. A. Tecnologia: fator determinante no advento da sociedade de informação? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37822>. Acesso em: 06 fev. 2022.

FERREIRA, D. M.; MOURÃO, L. Panorama da Educação a Distância no Ensino Superior brasileiro. **Revista Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro. RJ, v. 12, n. 34, p. 247-280, mar. 2020. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/2318>. Acesso em: 19 jan. 2022.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. São Paulo: SESC, 2003.

FROHMANN, B. Knowledge and power in information science: toward a discourse analysis of the cognitive viewpoint. *In*: R. Capurro, K. Wieglerling, A. Brellochs (Eds.): **Informationsethik. Konstanz**: UVK p.273-286, 1995. Publicado originariamente sob o título: "The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint" no: *Journal of Documentation*, Vol. 48, No. 4, 1992, 365-386. Disponível em: https://www.academia.edu/14044812/The_power_of_images_a_discourse_analysis_of_the_cognitive_viewpoint. Acesso em: 23 fev. 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, V. M. M. **Universidade Integrada da Terceira Idade – UFMA**: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo tempo. 2018. 123f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís,

2018. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2304>. Acesso em: 19 jan. 2023.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. **Seminário Direito à educação**: solução para todos os problemas ou problema sem solução? Institut International Des Droits De L'enfant (Ide), Suíça, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço Conceitual Letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83–92, set-dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9L8b38v48WBQSQVRX63BMsw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, PR, v. 2, n. 1, p. 5-9, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GONÇALVES, E. M. de S. **Aprendizagem e construção dos saberes docentes na prática da educação de idosos**. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2015. Disponível em: <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2013/dissertacoes/Edyane-Maria-de-Souza-Goncalves.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

GUESS, A.; NAGLER, J.; TUCKER, J. Less Than you think: prevalence and predictor of fake news dissemination on Facebook. **Science Advances**, Washington, v. 5, n. 9 jan. 2019. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau4586>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GUIMARÃES, J. A. C. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 41 n. 1, p.13-21, jan./abr., 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415/1593>. Acesso em: 15 dez. 2021.

HAMELINK, C. An alternative to news. **Journal of Communication**, v. 26, n. 4, p. 120-123, dez. 1976. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1460-2466.1976.tb01947.x>. Acesso em: 18 abr. 2021.

HELLER, B.; JACOBI, G.; BORGES, J. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 49 n. 2, p. 189-204, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196/5254>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Agência IBGE Notícias. PNAD Contínua: Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Rio de Janeiro, 2018a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 11 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Agência IBGE Notícias. **Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047**. Rio de Janeiro, 2018b. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>. Acesso em: 11 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Agência IBGE Notícias. **Revista Retratos**: Idosos indicam caminhos para uma melhor idade. Rio de Janeiro, 2019a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>. Acesso em: 11 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGEeduca. **Conheça o Brasil** – População Educação. Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **FARÓIS da Sociedade de Informação**. Versão em português do documento *Beacons of the Information Society*, Alexandria, 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfosoc-pt.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.

JACOBS, H. L. M. Information Literacy and Reflective Pedagogical Praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 34, n. 3, p. 256-262, maio, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133308000414>. Acesso em: 30 jan. 2023.

JUNGES, K. dos S.; BEHRENS, M. A. Prática docente no Ensino Superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudança. **Perspectiva**, Florianópolis, SC, v. 33, n. 1, p. 285-317, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v33n1p285>. Acesso em: 11 fev. 2022.

KUHLTHAU, C.C. **Information Skills for na Information Society**: review of research Washington, DC: ERIC, 1987. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED297740.pdf>. Acesso em 23 fev. 2022.

KLÍMOVA, B. **Enriching Learning Experience-Older Adults and Their Use of the Internet**. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON BLENDED LEARNING. Springer, Cham, 2018.

LACERDA, A.M.G.M. A Prática Político-Pedagógica nos 11 Anos da Universidade Aberta à 3ª Idade. *In*: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; 2004, Goiânia. **Anais 2** [...]. Congrext. Goiânia: UNATI/UCG; p.12-15 - 2004. Disponível em: https://www.ufmg.br/congrext/Educa/area_de_educacao.html. Acesso em: 12 jan. 2023.

LAU, J. Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente. Boca del Rio, Veracruz, México: IFLA, 2007. *In*: INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, IFLA. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Veracruz, 2007. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITE, F. T. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2008.

LIMA, A. M. M. de. **Saúde e envelhecimento**: o autocuidado como questão. 2003. 140f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47868353_Saude_e_envelhecimento_o_autocuidado_como_questao. Acesso em: 11 jan. 2023.

LIMA, M. P. **Gerontologia Educacional - uma pedagogia específica para o idoso**: uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTr, 2000.

LINS, T. **Educação para o envelhecimento: direito de todos**. *In*: Congresso Nacional de Envelhecimento Humano, 2016, Natal, R.N. - **Anais I CNEH**. João Pessoa: Realize Editora, v. 1 - 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cneh/2016/TRABALHO_EV054_MD2_SA11_ID100_10082016220451.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

LUCE, B. F.; ESTABEL, L.B. Letramento informacional e mídias sociais: uma experiência com idosos para a competência informacional na identificação de *fake news*. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 16, n. 35, p. 1-14, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1661/907>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. 2013. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013. Florianópolis: FEBAB., IBICT., UnB., UNESP, 2013. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4554>. Acesso em: 12 out.2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnica de Pesquisa**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, D. T.; PACHANE, G. G. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 36, n. 2, p. 475-490, maio-ago, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200004>. Acesso em 12 jan. 2023

MARTINS, F. M. G. **Aceitação das tecnologias pelos mais velhos**: um estudo exploratório em gerontotecnologia. 2017. 90f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Social) – Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2015>. Acesso em 15 fev. 2023.

MATA, M. L. da. Competência em Informação: questões terminológicas e conceituais. *In*: GERLIN, M. N. M. (Org.). **Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. 364 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32703>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MEDEIROS, J. S. Considerações sobre a informação na terceira ordem da ordem: um olhar a partir dos paradigmas da ciência da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBDD)**, São Paulo, SP, v. 8, n. 2, p. 102-115, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3568>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MELO, A. V. C. de; ARAUJO, E. A. de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 12, n. 2, p. 185-201, ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2022.

MENDES, M.R.S.S.B.; GUSMÃO, J.L.de.; FARO, A.C.M. e.; LEITE, R.C.B.de O., A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.18., n.4., p. 422-426, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9BQLWt5B3WVTvKtp3X8QcqJ/?lang=pt>. Acesso em 30 jan. 2023.

MENOCCHI, L. M. **Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2009. 179f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97457>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MIRANDA, A. M. M. **Multiplicadores da competência em informação e o uso da metacognição nas ações formadoras**. 2020. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000232768>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MIRANDA, A. M. M.; ALCARÁ, A. R. Educação para competência em informação e as ações realizadas por bibliotecários. **Em Questão**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 3, p.

13-39, set.dez.,2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/86324>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MONTEIRO, E. C. **Estrangeiras no Território de Vida?:** um estudo sobre a produção social da velhice. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30095>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MORAGAS, R. M. Gerontologia social: envejecimiento y calidad de vida. Barcelona: Herder, 1991. MOREIRA, M. R. L (Org.). **Rejuvenescer a velhice**. Brasília: Ed. Da UnB, 1996.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

MÜELLER, S. P.M. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, DF, v.17, n.1, p.63-70, jan./jun. 1989. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/07/pdf_aa5a44ef6f_0017684.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

MUNICIO, P. Los sistemas de evaluación en la educación superior. **In: Evaluación de la Calidad en la Educ. Superior Red Universitaria de Evaluación de la Calidad**, Lima: UNE, 2003. Disponível em: <https://www.postgradoune.edu.pe/pdf/documentos-academicos/evaluacion-de-la-educacion-superior/16.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Objetivo de desenvolvimento 4 Educação de Qualidade**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 4 nov. 2021.

NAÇÕES UNIDAS. **Informe de la Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento**. Madrid, 2002. A/CONF.197/9, Nova Iorque, Nações Unidas. Disponível em: http://www.monitoringris.org/documents/norm_glob/mipaa_spanish.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

NEHMY, R. M. Q.; PAIM, I. Repensando a sociedade da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36767>. Acesso em: 05 fev. 2022.

NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. **In: NERI, A. L. (org.) Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

NHACUONGUE, J. A.; FERNEDA, E. O campo da Ciência da Informação: contribuições, desafios e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 20, nº. 2, p.3-18, abr.-jun., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v20n2/1413-9936-pci-20-02-00003.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

NÓBREGA, M. de F. F. **Educação na Terceira Idade: uso das Tecnologias da Informação e Comunicação por idosos em Campina Grande**. 2019. 146f. Tese

(Doutorado em Ciências da Educação) - Universidad Autónoma de Asunción, 2019. Disponível em: <http://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/repositorio/article/view/755>. Acesso em 12 jan. 2023.

OLIVEIRA, R. C. S, SCORTEGAGNA, P.A., OLIVEIRA, F.S., Extensão universitária: perspectivas e ações para a terceira idade. In: OLIVEIRA, R.C.S, SCORTEGAGNA, P.A. **Universidade Aberta para a Terceira Idade: o idoso como protagonista na extensão universitária**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

OLIVEIRA, R. C. S, SCORTEGAGNA, P.A., SILVA, F. O. A. da. A educação permanente protagonizada pelo idoso na Universidade Aberta para a Terceira Idade/UEPG. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**, Ponta Grossa, v. 14, n. 27, p. 19-33, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2017v14n27p19>. Acesso em 12 jan. 2023.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E.V. A dimensão técnica da competência em informação. In: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de. **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p., p. 71-125, *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20competencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, J. G. da S. A.; PAIVA, F. de S. Educação domiciliar no Brasil: panorama frente ao cenário contemporâneo. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, SP, n. 43, p. 19-38, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/7236>. Acesso em: 19 jan. 2022.

OLIVEIRA, R. de C. da S. A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009). **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, PR, v.35, n.1 jan.-jun. p.79-87, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v35i1.18288>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ONGARATTO, L. L. **Interfaces entre Educação e Envelhecimento**. 2012. 43f. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000897612>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ORDONEZ, T. N.; CACHIONI, M. Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 74-86, jan./abr. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/37734716/Universidade_Aberta_%C3%A0_Terceira_Idade_e_a_Escola_de_Artes_Ci%C3%A0ncias_e_Humanidades. Acesso em 20 fev. 2023.

ORDONEZ, T. N.; CACHIONI, M. Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 3, p. 461-474.,

2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300007>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1614>. Acesso em: 9 fev. 2022.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. A dimensão estética da competência em informação. . *In*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de. **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p., p. 127-147, *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20ompetencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, BR. 2015. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável**. Brasília, BR. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/14-12-2020-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento>. Acesso em: 4 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da Pandemia de COVID-19**. Folha Informativa. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 30 jan. 2023.

OTTONICAR, S. L. C.; SILVA, R. C.; BELLUZZO, R. C. B. A Competência em Informação (ColInfo) como um fator fundamental para a Educação no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 11, n. 1, p. 23-41, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8427>. Acesso em: 11 fev. 2022.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia de pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006.

PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. A inclusão digital como prática social: uma visão sócio-histórica da apropriação tecnológica em idosos. *In*: PORTELLA, M. R.; PASQUALOTTI, A., GAGLIETTI, M. (Orgs.). **Envelhecimento Humano: Saberes e Fazeres**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, RS, 2006.

PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *In*: BARROS, M. M. L. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

PELLEGRINI, E.; VITORINO, E. V. A dimensão ética da competência em informação. . *In*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de. **As dimensões da**

competência em informação: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p., p. 149-202, *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20ompetencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEREIRA, J. M. M. A Escola do Riso e do Esquecimento: Idosos na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-set.-fev., 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-014.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.

PEREIRA, C.; NEVES, R. Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, SP, março, p. 05-26, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairós/article/download/7099/5139>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

PETERSEN, D. A. W.; KALEMPA, V. C.; PYKOSZ, L. C. Envelhecimento e inclusão digital. Extensio. **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v.10, n.15, p. 15-27, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p120>. Acesso em 19 jan. 2023.

PIMENTA, S. G. Prefácio. *In*: RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**, 2001. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p-1-19, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RIBEIRO, L. A. M.; GASQUE, K. C. G. D. Letramento informacional e midiático para professores do século XXI. **Em Questão**, Porto Alegre, RS, v. 21, n. 2, p. 203-221, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11578>. Acesso em: 12 nov. 2021.

RIGHETTO, G.G. **Competência em informação às minorias sociais: conjecturando princípios**. 2022. 336f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234670>. Acesso em: 12 fev. 2023.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2010.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 262p.

RODRIGUES, M. E. F. A pesquisa no ensino e o ensino na pesquisa. **Transinformação**, Campinas, SP, p. 363-372, set./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-37862003000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 fev. 2022.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, SP, v. 1, n. 2, p. 103-121, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SANTOS NETO, J. A. D.; SANTOS, J. C. D.; TELES, P. S.; VALENTIM, M. L. P. Interdisciplinaridade no contexto da ciência da informação: correntes e questionamentos. **Em Questão**, v. 23, n. 1, p. 9-35, 2017. DOI: 10.19132/1808-5245231.9-35. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/88368>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of information science. **Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 1-9, 1995. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_dd085d2c4b_0008887.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p.41-62, 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

SEVERINO, A. J. **Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinariedade**. In: J. L. Martins de Sá (Org.). Serviço Social e Interdisciplinariedade. Cortez Editora, São Paulo, 1989.

SHANNON, C.; WEAVER W. **The mathematical theory of communication**. Urbana, IL.: University of Illinois Press. 1964. *E-book*. Disponível em: https://pure.mpg.de/rest/items/item_2383164/component/file_2383163/content. Acesso em 24 fev. 2023.

SILVA, J. L. C. **Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos**. 2014. 491f. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17065>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SILVA, A. K. A.; CORREIA, A. E. G. C.; LIMA, I. F. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. **Revista Interamericana de Bibliotecología, Colômbia**, v. 33, n. 1, p. 213-239, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/84666>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SILVA, C. A da. **O idoso na EJA: percepções sobre o retorno e a permanência escolar**. 2017a. 122f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da

Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017a.

Disponível em:

http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/2017_camilleauattfinal_020920191649.pdf. Acesso em 20 fev. 2023.

SILVA, C. R. S. da; NUNES, J. V.; TEIXEIRA, T. M. C. Do conceito de informação ao discurso sobre competência em informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto [S. l.], v. 11, n. 2, p. 185-205, 2020. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v11i2p185-205. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/158094>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SILVA, J. L. C.; FARIAS, M. G. G. Reflexões teóricas sobre a construção paradigmática da ciência da informação: considerações acerca do(s) paradigma(s) cognitivo(s) e social. **Biblios (Peru)**, n. 51, p. 42-56, 2013. DOI: 10.5195/biblios.2013.89. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60913> Acesso em: 14 jan. 2022.

SILVA, L. M. da. **O comportamento informacional de idosos**: um estudo da Universidade Aberta à Terceira Idade PUC-GO. 2017b. 83f. Monografia (Bacharelado em Bioblioteconomia) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2017b. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/15936?mode=full>. Acesso em 19 jan. 2023.

SIMEÃO, E. L. M. S.; BELLUZZO, R. C. B.; DIÓGENES, F. C. B.; NUNES, E. M.; LEITE, C. Estruturação estratégica do campo científico da Competência em Informação no Brasil: integrando redes e instituições. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 440-453, maio/agosto. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/21769>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SIMIONE, A. A. A modernização da gestão e a governança no setor público em Moçambique. **Revista de Administração Pública**, Universidade Pedagógica de Moçambique. Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 551-570, 2014. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/23479>. Acesso em 16 jan. 2023.

SOARES, M. N. S., NASCIMENTO, R. N. A. UAMA/UEPB: socializando e inserindo idosos no contexto tecnológico. **Temática**, João Pessoa, PB v.11 n.10, p. 197-211, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/26574>. Acesso em 26 jan. 2023.

SOUSA, J. K. L. L. de. **Caiu na rede é jovem?** O exercício do protagonismo idoso na internet no Brasil e na Espanha. 2009. 397 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8289>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SPUDEIT, D. Programas para desenvolvimento de competências informacionais: implementação, metodologias e avaliação. **In**: ALVES, F. M. M.; CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R. de O. (Org.). **Competência em informação: Políticas Públicas**,

teoria e prática. Salvador: Ed. UFBA, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22598>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: KNOWLEDGE PLATFORM. **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development.** 2015. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>. Acesso em: 9 fev. 2022.

TAKAHASHI, T.(Org.). **Sociedade da informação no Brasil:** livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, *Ebook*, 2000. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/434>. Acesso em: 10 fev. 2022.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TAYLOR, R. S. Reminiscing about the future. **Library Journal**, v. 104, p. 1895-1901, Sept. 1979.

THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION (CILIP). Information Literacy Group. **CILIP Definition of Information Literacy 2018**, 2018. Disponível em: <https://infolit.org.uk/ILdefinitionCILIP2018.pdf> . Acesso em: 20 nov. 2021.

TORRES, R. M. Aprendizaje a lo largo de toda la vida: un nuevo momento y una nueva oportunidad para el aprendizaje y la educación básica de las personas adultas (AEBA) en el Sur. **Nuevos Documentos de la División de Educación.** Buenos Aires: ASDI, 2003. Disponível em: <https://cdn.sida.se/publications/files/sida2726es-aprendizaje-a-lo-largo-de-toda-la-vida.pdf>. Acesso em 12 jan. 2023.

TUZZO, S.; BRAGA, C. O metafenômeno no processo de triangulação da pesquisa qualitativa. *Ciaiq*, 2016, Lisboa, v. 3, 2016: atas - investigação qualitativa em ciências sociais. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/936>. Acesso em: 14 fev. 2022.

UNICENTRO. Serviços à Comunidade. **Unati – Universidade Aberta à Terceira Idade.** 2022. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/unati/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

UNICENTRO. **Protocolo nº 5727/2000-Unicentro**, de 28 de julho de 2000. 2000. Apreciação projeto: Curso Universidade Aberta a Terceira Idade UNATI. Diretoria de Programas Institucionais. p.1-116.

VARELA, A.; BARBOSA, M. L. A. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli**, Florianópolis, SC, v. 17, n. esp. 1, p. 142-168, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p142>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VASCONCELLOS, M. M. M.; SORDI, M. R. L. de. Formar professores universitários: tarefa (im)possível?. **Interface Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, SP, v.20, n.57, pp.403-414, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832016005003106&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 fev. 2022.

VEEN, W. VRAKING, B.. **Homo zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VITORINO, E.V. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, v.9, n.2, p.421-440, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2420>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VITORINO, E. V. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 47, n.2, p.71-85, maio-ago., 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4187>. Acesso em 8 fev. 2023.

VITORINO, E. V. As dimensões da competência em informação. In: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de (org). **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p., p. 51-70, *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20ompetencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. de. **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p. *Ebook*. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20C%20ompetencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.38, n.3, p.130-141, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.40, n.1, p.99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. **Competência em Informação**: contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019, 205p.

VITORINO, E. V.; RIGHETTO, G. G.; PACKER, C. R. P. P., Competência em Informação de idosos: um protótipo voltado às suas necessidades de informação. **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 17, p. 01-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8655804>. Acesso em: 16 fev. 2023.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**: an International Journal, Tarrytown-Nova Iorque, v. 29, n. 2, p. 229-239, mar./apr. 1993. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S030645739390006Y>. Acesso em 24 fev. 2023

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Definition of an older or elderly person**. 2013. <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em 12 jan. 2023.

YAFUSHI, C.A.P. **A competência em informação e a agregação de valor sob a ótica do cliente: estudo de caso em ambientes de consultoria**. 2020. 395 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yafushi_cap_dr_mar-1.pdf. Acesso em 21 abr. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248p.

ZURKOWSKI, P. G. **The information service environment relationship and priorities**. Washington, D.C: National Commission on Libraries and Information Science, 1974. ERIC – Institute of Education Sciences. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE B

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
GRUPO DE FOCO		
DOCTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	










ROTEIRO DO GRUPO DE FOCO

(Objetivo “b”)






1. PERFIL DO PARTICIPANTE

- Idade
- Tempo médio de participação na Unati













2. ANÁLISE SOBRE AS NECESSIDADES INFORMACIONAIS

- Que tipo de informação você acha importante ter acesso? Qual o valor dessas informações na nossa vida?    
- Quais meios ou instrumentos vocês utilizam para buscar informações? 
- Para que usam essas informações acessadas?    

3. ANÁLISE SOBRE OS ASPECTOS DE AUTONOMIA E APRENDIZADO

- Para vocês qual o significado e a importância da autonomia?  
- O que significa para vocês o exercício da cidadania nos dias de hoje?   

4. ANÁLISE SOBRE O APRENDIZADO E AS DIMENSÕES DA COINFO

- Vamos falar sobre como aprendemos?  
- O conhecimento nos ajuda como? Em quais áreas da nossa vida?    
- Para vocês é importante aprender por toda a vida?    
- Na opinião de vocês, qual a melhor maneira de aprender coisas novas? 
- Como é mais agradável aprender coisas novas? (em grupo, sozinho, com orientação da família ou de pessoas de fora do seu convívio familiar) 

- Qual a sua relação com as tecnologias? Elas fazem parte do seu cotidiano de aprendizados? (celular, computador, *apps etc*) ▽
- Ao ter domínio sobre uma informação ou conhecimento novo, vocês refletem, ponderam, pensam na repercussão dos impactos que ela/ele produz em seu cotidiano? ◻ ◻ ◻ ◻
- Como acredita que, no seu dia a dia, esses conhecimentos podem contribuir coletivamente? ◻ ◻ ◻ ◻
- Acha importante repercutir, disseminar, dividir esses novos conhecimentos adquiridos? Faz isso com frequência? Como faz? Vamos conversar sobre isso? ▽ ◻ ◻ ◻ ◻

Coleta de dados - Roteiro do Grupo de Foco

Projeto de Pesquisa de Tese: "Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro"
Londrina/Guarapuava - 2022.

APÊNDICE C

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
ENTREVISTA COM OS AGENTES EDUCACIONAIS		
DOUTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Objetivos “c” e “d”)













1. PERFIL DO ENTREVISTADO

- Idade
- Formação
- Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati
- Tempo de atuação na Unati
- Como você busca a sua atualização e a capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?


2. Projeto pedagógico da Unati

- Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)?
- Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?
- Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos? ▽◻



3. Busca, seleção e uso das fontes de informação e demais recursos informacionais

- Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?
- Ao preparar os conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las? 
- Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente. 
- Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento.   
- Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
 
- Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?
 
- Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade *etc.*? Como você as desenvolve didaticamente?   

4. Práticas de ensino/pedagógicas/trabalho

- Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca *etc.*)? 
- Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
- Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade *etc.*) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão

contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?

- Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente. 
- Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre? 

Coleta de dados - Roteiro de Entrevista com os agentes educacionais

Projeto de Pesquisa de Tese: “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro”
Londrina/Guarapuava – 2022.

APÊNDICE D

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO		
DOUTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Objetivos “c” e “d”)

1. PERFIL DO ENTREVISTADO




- Idade
- Formação
- Tempo de atuação na Coordenação da Unati.
- Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação como coordenadora da Unati?








2. Projeto pedagógico da Unati

- Como são desenvolvidas e elaboradas as atividades para um período letivo do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)? Comente sobre esse momento. ▽◻
- Existe um roteiro pré-determinado para a distribuição de atividades entre os agentes educacionais que atuam na Unati? ▽◻
- Quais estratégias são utilizadas para o ensino e interação junto aos unatianos? ▽◻














3. Busca, seleção e uso das fontes de informação e demais recursos informacionais

- Onde se costumam buscar as fontes de informação para a decisão acerca dos conteúdos as serem ministrados nas atividades da Unati? ▽◻🗨
- Ao se refletir sobre esses conteúdos, são utilizadas as ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las? ▽
- Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente. ▽
- Qual procedimento crítico-reflexivo se faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as

necessidades informacionais do programa para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento.   

- Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos se encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem incorporadas nas atividades aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?  
- Considerando a condição específica do público da Unati, você, como coordenadora, encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?  
- Você poderia citar exemplos de atividades que são realizadas e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade *etc.*? Como elas são desenvolvidas didaticamente?   

4. Práticas de ensino/pedagógicas/trabalho

- Em suas atividades de coordenação junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca *etc.*)? 
- Descreva e detalhe a metodologia e/ou didática usada por você na sua atuação de coordenação relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
- São incorporados conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade *etc.*) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora se considerem relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram planejados para as atividades?    
- Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.    
- Há compartilhamento e construção dos conteúdos em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?    

Coleta de dados - Roteiro de Entrevista com a Coordenação

Projeto de Pesquisa de Tese: "Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro"
Londrina/Guarapuava – 2022.

APÊNDICE E

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES	ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS	
COLETA DE DADOS	
FORMULÁRIOS DE ACOMPANHAMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	
DOUTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann

FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS *(Objetivo “d” e Análise de dados)*

1. DIMENSÕES DA COINFO

- ▽ técnica (saber fazer – relacionado às necessidades, conhecimento dos recursos e fontes informacionais *etc.*)
- ⬡ estética (sensibilidade, inovação, transformação)
- ○ ética (virtudes, atitudes para o bem comum)
- ☞ política (interação com o coletivo, com os demais, com as comunidades).

FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS – DOCENTES E COORDENAÇÃO

(Objetivo “d” e análise de dados)

ColInfo/ Dimensões/ Ações docentes	Ações, habilidades, conhecimentos, comportamentos, valores e atitudes	Dimensão (ões)
Busca e identificação		
Avaliação e Seleção		
Uso		

FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS – IDOSOS

(Objetivo “d” e análise de dados)

ColInfo/ Dimensões/ Necessidades informacionai s	Ações, habilidades, conhecimentos, comportamentos, valores e atitudes	Dimensão (ões)
Busca e identificação		

Avaliação e Seleção		
Uso		

Coleta de dados – Formulários de acompanhamento para análise de dados

Projeto de Pesquisa de Tese: “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro”
Londrina/Guarapuava - 2022.

APÊNDICE F

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		
DOCTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO IDOSOS PARTICIPANTES DA UNATI

Senhor(a) Participante do grupo focal(a):

Convidamos Vossa Senhoria a participar do grupo focal para desenvolvimento da pesquisa “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais para idosos” – em nível de doutoramento em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, UEL, a ser realizada na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, dentro do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade, Unati.

O objetivo da pesquisa é “Investigar de que forma as dimensões da competência em informação (CoInfo) podem contribuir nos processos educacionais e pedagógicos de idosos”.

A sua participação se realizará por intermédio da participação de um grupo focal com duração máxima de 120 minutos o qual será gravado em áudio por esta pesquisadora e tem como intuito realizar o registro sobre a sua vivência e aprendizados como integrante matriculado na Unati, no âmbito das atividades desse programa de extensão.

Esclarecemos que sua contribuição tem relevância fundamental para o atingimento dos objetivos propostos no estudo de doutoramento. Assim, informamos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa.

Elucidamos, ainda, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou também para futuros estudos adicionais) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Sobre a guarda e proteção dos registros informamos que serão tomados todos os cuidados necessários garantindo o armazenamento seguro das gravações em ambiente virtual privado e protegido por senhas denominado “Google Drive”, o qual é uma ferramenta de armazenamento em nuvem.

Comunicamos, adicionalmente, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, entretanto, que todas as despesas decorrentes da

pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são: problematizar a questão educacional e pedagógica de idosos no contexto da Competência em Informação (ColInfo), considerando ser esse o campo que congrega ações mobilizadoras relativas à informação. A possibilidade de refletir sobre a competência em informação na *práxis* pedagógica diária dos educadores de idosos agregará neste público melhores condições de atuação frente aos desafios que a eles chegam com a idade, bem como aos desafios inerentes ao progresso evolutivo da tecnologia, da informação e do conhecimento na sociedade.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e a complementar 510/2016 da Universidade Estadual de Londrina, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. No entanto os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Dessa forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante.

Por fim, explicamos que estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone nos seguintes contatos:

Daniela do Amaral Oliveira Gardin, RG: 5.637.416-7

Rua Frei Caneca, 2035 – Residencial Brisas da Lagoa – Apartamento 2204; Telefone celular (42) 99964-1039; e-mail dany@unicentro.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Guarapuava, de de 2022.

Eu, (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da investigação científica, concordo em participar **voluntariamente** desta coleta de dados para pesquisa em nível de doutoramento em Ciência da Informação descrita acima. Adicionalmente também autorizo a gravação em áudio e guarda desses registros pela pesquisadora.

Assinatura

Cidade e data:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto de Pesquisa de Tese: “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro”
Londrina/Guarapuava - 2022.

APÊNDICE G

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		
DOCTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COORDENAÇÃO E AGENTES EDUCACIONAIS

Senhor(a) Entrevistado(a):

Convidamos Vossa Senhoria a participar da pesquisa “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais para idosos” – em nível de doutoramento em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, UEL, a ser realizada na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, dentro do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade, Unati.

O objetivo da pesquisa é “Investigar de que forma as dimensões da competência em informação (CoInfo) podem contribuir nos processos educacionais e pedagógicos de idosos”.

A sua participação se realizará por intermédio da concessão de uma entrevista com duração máxima de 120 minutos, a qual será gravada em áudio por esta pesquisadora e tem como intuito realizar o registro acerca das questões de sua formação, procedimentos pedagógicos e demais formas de atuação na Unati, como agente educacional no âmbito das atividades desse programa de extensão.

Esclarecemos que sua contribuição tem relevância fundamental para o atingimento dos objetivos propostos no estudo de doutoramento. Assim, informamos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa.

Elucidamos, ainda, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou também para futuros estudos adicionais) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Sobre a guarda e proteção dos registros informamos que serão tomados todos os cuidados necessários garantindo o armazenamento seguro das gravações em ambiente virtual privado e protegido por senhas denominado “*Google Drive*”, o qual é uma ferramenta de armazenamento em nuvem. Comunicamos, adicionalmente, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, entretanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são: problematizar a questão educacional e pedagógica de idosos no contexto da Competência em Informação (CoInfo), considerando ser esse o campo que congrega ações mobilizadoras relativas à informação. A possibilidade de refletir sobre a competência em informação na *práxis* pedagógica diária dos educadores de idosos agregará neste público melhores condições de atuação frente aos desafios que a eles chegam com a idade, bem como aos desafios inerentes ao progresso evolutivo da tecnologia, da informação e do conhecimento na sociedade.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e a complementar 510/2016 da Universidade Estadual de Londrina, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. No entanto os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Dessa forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante.

Por fim, explicamos que estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone nos seguintes contatos:

Daniela do Amaral Oliveira Gardin, RG: 5.637.416-7

Rua Frei Caneca, 2035 – Residencial Brisas da Lagoa – Apartamento 2204; Telefone celular (42) 99964-1039; e-mail dany@unicentro.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Guarapuava, de _____ de 2022.

Eu, (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da investigação científica, concordo em participar **voluntariamente** desta coleta de dados para pesquisa em nível de doutoramento em Ciência da Informação descrita acima. Adicionalmente também autorizo a gravação em áudio e guarda desses registros pela pesquisadora.

Assinatura

Cidade e data:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto de Pesquisa de Tese: “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais de idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro”
Londrina/Guarapuava - 2022.

APÊNDICE H

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		
DOCTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

AGENTES EDUCACIONAIS – ANÁLISE DOCUMENTAL DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Senhor(a) Agente Educacional da Unati(a):

Convidamos Vossa Senhoria a participar da pesquisa “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais para idosos” – em nível de doutoramento em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, UEL, a ser realizada na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, dentro do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade, Unati.

O objetivo da pesquisa é “Investigar de que forma as dimensões da competência em informação (ColInfo) podem contribuir nos processos educacionais e pedagógicos de idosos”.

A sua participação se realizará por intermédio da sua autorização ao nosso acesso aos materiais didáticos utilizados por Vossa Senhoria para ministração das atividades didáticas para os unatianos.

Esclarecemos que sua contribuição tem relevância fundamental para o atingimento dos objetivos propostos no estudo de doutoramento. Assim, informamos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa.

Elucidamos, ainda, que as informações coletadas a partir dos materiais didáticos investigados serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou também para futuros estudos adicionais) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a segurança do seu trabalho, bem como sua identidade.

Sobre a guarda e proteção dos registros informamos que serão tomados todos os cuidados necessários garantindo a confidencialidade dos dados.

Comunicamos, adicionalmente, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, entretanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são: problematizar a questão educacional e pedagógica de idosos no contexto da Competência em Informação (CoInfo), considerando ser esse o campo que congrega ações mobilizadoras relativas à informação. A possibilidade de refletir sobre a competência em informação na *práxis* pedagógica diária dos educadores de idosos agregará neste público melhores condições de atuação frente aos desafios que a eles chegam com a idade, bem como aos desafios inerentes ao progresso evolutivo da tecnologia, da informação e do conhecimento na sociedade.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e a complementar 510/2016 da Universidade Estadual de Londrina, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. No entanto os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Dessa forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante.

Por fim, explicamos que estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone nos seguintes contatos:

Daniela do Amaral Oliveira Gardin, RG: 5.637.416-7

Rua Frei Caneca, 2035 – Residencial Brisas da Lagoa – Apartamento 2204; Telefone celular (42) 99964-1039; e-mail dany@unicentro.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Guarapuava, de _____ de 2022.

Eu, **(NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA)**, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da investigação científica, concordo em participar **voluntariamente** desta coleta de dados para pesquisa em nível de doutoramento em Ciência da Informação descrita acima.

Desse modo, autorizo à pesquisadora ter acesso aos materiais didáticos por mim desenvolvidos, utilizados e disponibilizados nas atividades de ensino aos participantes da Unati para a realização da análise documental integrante dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Assinatura

Cidade e data:

APÊNDICE I

Campus Universitário
Fone: (043) 3371-4348
Fax.: (043) 3371-4639
Cx. Postal 6001 • CEP 86.051-970
Londrina • Paraná • Brasil



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES		ANO LETIVO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		2022
DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS		
COLETA DE DADOS		
TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO		
DOCTORANDA	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	
ORIENTADORA	Adriana Rosecler Alcará Engelmann	

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO – MATERIAL DIDÁTICO

Eu, **Daniela do Amaral Oliveira Gardin**, brasileira, casada, professora universitária, inscrito(a) no CPF nº **017.989.969-44**, abaixo firmado, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado “Dimensões da Competência em Informação nos processos educacionais para idosos da Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati) da Unicentro”, a que tiver acesso nas dependências do *Campus* Santa Cruz da Universidade Estadual do Centro-Oeste, (Unicentro).

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me a:

1. não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. não me apropriar de material confidencial e/ou sigiloso que venha a ser disponível;
4. não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-me por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio, e obrigando-me, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e/ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

“Informação Confidencial” significará toda informação revelada ou cedida pelo participante da pesquisa, a respeito da pesquisa, ou associada à Avaliação de seus dados, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios. “Avaliação” significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou

APÊNDICE J

Coleta de dados – Entrevista com os agentes educacionais e Coordenação

Agente educacional 1

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
19	Graduando em Ciência da Computação	Informática	2 meses	2'18'' Como eles têm muita dificuldade com aplicativos básicos, dos quais fazem uso, eu sempre busco ver com eles quais são esses aplicativos que eles precisam, ou quais é a necessidade deles, por exemplo: gravar um vídeo, bater uma foto, virar a câmera, ou qq outra coisa do tipo; e busco sempre entender como funciona aquele aplicativo da melhor forma, tento usar ele, ver o que eu posso ensinar pra eles, da melhor forma, da forma mais fácil, tento mais na prática, eu vejo o que eles precisam, por exemplo: o aplicativo de banco. Eu baixo o aplicativo de banco, vejo como funciona, procuro no <i>site</i> as informações do aplicativo, mais dessa forma.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?	Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos?
3'40'' Eu fiquei sabendo do projeto por outra professora, ela comentou que tinha esse projeto de extensão, que era a Unati para dar aula para idosos, de informática, tudo mais, e eu achei muito bacana. Eu fui conversar com a professora responsável, tirei informações com ela como que era e como funcionava, o que precisava, me interessei e aí me juntei ao grupo. Foram dadas essas informações pra mim. Não tive acesso a nenhum tipo de documentação do projeto.	4'44 A professora responsável comentou com a gente que muitas vezes as dificuldades deles são básicas, então a gente fica meio livre para ensinar da forma como a gente quiser e o que a gente quiser sobre a área da informática. A gente não tem um cronograma cartilino. A gente normalmente pergunta quais são as necessidades deles. Se eles precisam algo relacionado à banco... Por exemplo, a aluna que estava com a gente na última aula ela tinha dificuldade em gravar vídeo, cartinho, pausar o vídeo, parar de gravar, trocar a câmera, então foi mais uma necessidade dela. E a gente atende do que eles precisam, o que eles têm curiosidade de aprender.	5'45'' Então, como é uma aula presencial, eu sempre tento fazer de uma forma mais dinâmica, para que não seja algo tão chato , tipo, ficar só explicando e tudo mais. Eu tento sempre colocar uma situação do dia a dia , como por exemplo o caso da aluna que queria virar a câmera. Então eu tento sempre fazer uma didática assim, algo do dia a dia para eles entenderem melhor e então tentar fazer repetidas vezes, por exemplo, eu faço uma vez junto com eles, para ver se eles entendem e tudo mais. Depois deixo eles fazerem sozinhos mas auxiliando ao lado, caso eles esqueçam alguma coisa. Depois de uma semana ou duas eu volto pro mesmo tema, pra ver se eles aprenderam, como está a situação, mais ou menos dessa forma.

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.
6'50'' Bom, como por exemplo, muita coisa que a gente ensina é algo, vamos dizer assim, básico pra gente, como a gente tem mais costume de mexer no celular desde cedo, já tem uma certa facilidade, muitas dessas coisas eu já sabia, mas eu sempre busco entender um pouco mais. Por exemplo, a câmera, ela tem várias funções eu eu não uso todas elas, então eu tento antes de ensinar, eu vejo como funciona, tento dar uma pesquisada sobre as funções, como eu posso usar o tudo mais, é mais pela fonte do aplicativo mesmo.	7'45'' Sim, uso com bastante frequência, mais os do dia a dia mesmo: celular, a câmera, o WhatsApp, os aplicativos, mais aqueles de necessidades deles e eu sempre busco uma semana antes, um dia antes, por exemplo, se eu vou dar aulas na segunda-feira no meio da semana eu já vou olhando, vou tentando aprender as coisas que eu ainda não sei sobre tal aplicativo, um dia antes vou tentando recapitular pra ver se eu não esqueço, pra ficar tudo na cabeça.	8'26 Uma dificuldade muito grande ainda não. Mas tem certos aplicativos que são meio chatos de entender, têm muito detalhe, ou pouco descrição, por exemplo, um botão não ter uma descrição certa, então, pra eles às vezes fica meio difícil. Eu sempre tento buscar uma forma melhor de ensiná-los, mas pra mim, assim, uma dificuldade maior, não tem.

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
9'20'' Então, como eu falei eu tento sempre ver se tem um caminho melhor, um caminho mais prático. Por exemplo, o WhatsApp, ele tem várias formas de enviar um vídeo para uma pessoa no WhatsApp, tanto direto da sua galeria ou direto da conversa. Então eu sempre tento pegar a forma mais prática e a mais fácil que seja para eles entenderem. Eu tento sempre mostrar todas, mas as que eles acham melhor é a que eu cobro. Isso depende da necessidade de cada um, isso a gente atende individualmente.	10'10'' Acho que não porque ultimamente é bem fácil achar a informação, ainda mais de aplicativo porque a maioria deles são dinâmicas. Só um ou outro é mais chatinho de mexer mas tudo de forma mais fácil. Então não tive muita dificuldade.

<p>Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?</p>	<p>Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?</p>
<p>11' Eu tento sempre buscar o caminho, vamos dizer assim, mais curto e mais fácil, porém eu tento sempre mostrar todos porque a dificuldade de um pode ser a facilidade do outro, então, cada um tem a sua necessidade. Então eu sempre tento mostrar todos. O que ela achou mais fácil, melhor pra ela, em si, é o que a gente tenta ensinar.</p>	<p>12'14'' Por exemplo, em relação ao social, eu acho que a gente pode citar o Facebook, o WhatsApp, que é o que eles tentam sempre se comunicar, tanto com os filhos, parentes ou com a gente mesmo, com o grupo que a gente tem da Unati. Tanto é que quando a gente vai ter aula a gente avisa o horário, a sala que a gente vai estar. Eles entendem melhor, já têm uma relação mais fácil. No Facebook onde eles podem conversar entre eles, postarem coisas que eles gostam. Eu acho que pode se encaixar também. A gente tentou trabalhar também a questão do Uber, do 99 pra mobilidade deles. Tanto é que uma aluna, quando a gente ensinou, ela fez questão de tentar pegar o Uber no dia e isso foi muito legal porque foi a maior felicidade pra ela e a gente ficou muito feliz que ela conseguiu pedir o Uber ela foi feliz pra casa então isso pra gente é muito legal. E os aplicativos de banco que facilita pra eles, eles não precisarem sair de casa para pagar uma conta, a questão de segurança deles também, porque eles ficam meio receosos pela questão de golpe ou algo do tipo, que é um ponto bem delicado também mas a gente tenta sempre trabalhar ali com eles. Eles nos falam que muita coisa são os filhos ou os netos deles que fazem pra eles. E eles acaba não aprendendo e eles têm a curiosidade de aprender pra muitas vezes terem essa liberdade, então é muito legal ver isso.</p>

<p>Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?</p>	<p>Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.</p>
<p>14'25'' Por enquanto a gente ainda não trabalha muito com o computador porque muitos deles ou não têm tanta curiosidade de aprender ou não possui o aparelho então não tem muito esse incentivo. Mas o que a gente mais usa é o próprio celular mesmo, a maioria têm, e quer sempre aprender alguma coisa nova então a melhor forma que a gente acha de ensinar eles é pelo celular. E tenta, de uma maneira didática é usar a lousa, para ensiná-los, mas o que mais a gente usa mesmo é o celular.</p>	<p>15'23'' Eu sempre tento tratar da forma mais paciente possível, porque é algo delicado, e muitos deles demoram um pouco pra entender ou demoram um pouco pra raciocinar então eu sempre tento fazer da forma mais calma, mais devagar possível, na maior paciência. Por exemplo, citando exemplos do dia a dia, assim eles podem memorizar um pouco mais fácil. Dando exemplos meus mesmo que eu uso, pra quê eu uso, como eu uso, pra quê que eu posso usar, tentando sempre dar um exemplo pra ficar mais fácil de eles compreenderem. Eu acho que é essa a maneira que eu uso.</p>

<p>Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?</p>	<p>Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.</p>	<p>Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?</p>
<p>16'34'' Comentado não foi. A gente ficou meio livre pra trabalhar da forma que a gente quisesse. Então a gente tenta sempre focar mais a parte da informática, outros temas assim a gente não abrange tanto. É mais focado na informática mesmo.</p>	<p>17' Eu sempre tento, por exemplo, se eu ensino algo esta semana, eu espero passar na outra ou na próxima e vejo se eles entenderam, se eles conseguiram fazer em casa, se eles lembram algum processo e tudo mais. E mais ou menos dessa forma. Se caso eles não lembram ou esqueceram a gente trabalha de novo o mesmo tema, a gente volta no que eles precisam, no que eles tentaram aprender e não conseguiram, a gente volta e tenta de novo, mais dessa forma. Eu avalio com o tempo. Tem o exemplo da câmera. Assim que terminou a aula a aluna saiu no corredor e começou tirar fotos, gravou um vídeo, então a gente observa mais esses detalhes, assim quando a gente sai de uma aula. Ou quando a gente volta para a próxima aula eles comentam com a gente: "ah consegui fazer isso que você me ensinou", "ah, tal coisa da semana passada eu tentei fazer em casa e consegui", então a gente avalia dessa forma.</p>	<p>18'27'' A maioria que trabalha comigo, dando aula, é do meu curso, são pessoas que eu conheço. Então a gente fica sempre em comunicação. Tem um colega que trabalha também na Unati um dia da semana e eu no outro. Ele trabalha na aula online e eu na presencial, a gente tem sempre essa comunicação. Se ele trabalhou tal coisa na sexta, eu vejo na segunda se eles aprenderam, se eles têm mais alguma dificuldade em relação a isso. A gente sempre tenta inovar os temas, a gente vai conversando entre eu, ele e os outros membros. Nós somos em 5 ou 6 professores do projeto da aula em informática. 2h/aula por semana.</p>

Agente educacional 2

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
30	Letras com habilitação em Língua Espanhola e Mestrado em Letras	Língua Espanhola	Desde de 2017	Nós sempre fazemos formações que busquem atender o público porque nós temos aqui no Promul um público bem diversificado. Eu sigo participando de eventos acadêmicos. Também vejo sites e materiais atualizados acerca da língua espanhola, acerca de novos materiais didáticos e atividades variadas que nós podemos encontrar porque a cada ano tem coisas novas surgindo. Então eu sempre faço pesquisas, mesmo tendo material de base. Toda semana quando eu vou trabalhar algo eu vou ler, eu vou ver se tem alguma notícia que tem algo que eu possa acrescentar para melhorar. Se em um ano alguma coisa não foi tão boa eu tento para o próximo ano buscar outras alternativas. Então sempre acabo fazendo isso, além de ler outros materiais referentes e tudo.

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?
8'22 Além do material de base, nós temos alguns sites específicos de língua espanhola e que são voltados para isso, como o ProfedeEle que tem uma gama muito grande de materiais voltados para a Espanha e logo também para a hispanoamérica. Fora isso, eu sempre busco jornais para ver o que está acontecendo, sobre atualidades, porque eles adoram ver filmes, adoram ver tudo isso então eu sempre estou lendo vídeos do YouTube. Bem ou mal é uma ferramenta excelente que nós encontramos muita coisa, principalmente do dia a dia, não aquele espanhol voltado para o livro didático, é alguém relatando sobre a sua vida, trazendo coisas que eu acho interessantes, ainda que às vezes a gente precise fazer uma ressalva ou outra, eu sempre procuro isso. Esse exemplo, nós trabalhamos sobre redes sociais, procurar exemplos reais do que estava acontecendo, tomando cuidado com a reprodução e tudo mais, né. Mas procurar esses dados concretos da língua para que eles possam fazer novamente essa identificação. Mas no geral, eu tenho uma gama de materiais impressos e livros em pdf, porém esses outros recursos eu procuro, ou específicos que já vêm sendo produzidos que são muito bons ou então essas outras referências de procurar um textinho que está em um jornal e tudo mais.	10'11'' O You Tube. O ProfedeEle é uma ferramenta completamente que tem a ver com isso. Nós usamos quase sempre. Obviamente que em sala de aula eu faço uma adaptação para o impresso e para que eu possa fazer um link com o Data-Show porque aqui na universidade a internet é ruim e nem sempre nós vamos conseguimos fazer que o idoso acesse desde o seu celular, então nós fazemos fazer essas adaptações para o material que é possível. Tem muito infográfico bacana, muito campo semântico, muita coisa legal nesse sentido. E durante a pandemia nós usamos bastante ferramentas, porque nós estávamos no meet então havia essa possibilidade, bem mais facilitada, de fazê-los acessar. De demonstrar porque eles têm ainda alguma atividade com o celular. Precisa ser algo muito restrito; um link, para ele clicar apenas no link. Então em sala de aula eu consigo fazer essa gestão um pouco melhor e muitas vezes facilitar o acesso dele a essas ferramentas. Mas eu uso muita coisa, tudo que tem a ver com vídeos, com músicas e com essas outras plataformas. Com atividades interativas também que ele possa ter essa resposta no mesmo momento que ele está fazendo. E aí, é claro, a gente considera tanto as barreiras para eles acessarem, o celular a letra é pequena, então eles cansam muito fazendo atividades com o celular, por esse tamanho da letra, eles já estão mais cansados, pra eles o papel acaba sendo algo que eles estão acostumados a vida inteira com papel, mas facilita para visão também.

Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.	Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
11'55'' Eu não. As minhas únicas dificuldades foram, em determinados momentos que eu ia aplicar alguma ferramenta, e a conexão não estava boa, a transmissão não estava boa, seria mais isso.	12'40'' Sim, aqui no Promul nós temos professora também de língua inglesa e de língua francesa, nós sempre conversamos entre nós, para entender o que a outra está fazendo. Em maio nós estivemos em um evento de linguística falando sobre a experiência na Unati... E como nós fazemos toda essa seleção? Além dessa conversa interna, nós vamos a eventos discutir a educação nesse âmbito, como nós podemos melhorar e ouvir a experiência de outras pessoas o que elas estão também fazendo e durante a pandemia... Uma professora da Promul, a professora Raquel da língua alemã, ela tem uma facilidade muito grande com tecnologia e com essas plataformas, então nós discutimos bastante na hora de selecionar as plataformas e como nós faríamos coisas, tudo que que a gente poderia utilizar nesse momento, então nós temos esse momento tanto interno como com a comunidade do Brasil inteiro.	14'00 Pra mim não é tão complicado, mas entra um pouco na questão da legalidade do material. Porque muitos livros não aceitam a reprodução, porém, o público idoso não vai comprar o livro, tem muita gente que não pode e fazer cópias também nem sempre é o melhor caminho. Então sempre busco uma forma que seja mais tranquila. Eu consigo encontrar, quase sempre eu consigo encontrar. Material digital de áudio é um pouco mais difícil dependendo do material. Mas a dificuldade seria nisso.

Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?	Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?
15'05'' Sim, nós precisamos adaptar o material, se nós formos usar o material... O tamanho da fonte, porque a fonte pequena eles não vão enxergar. Eles tem algumas dificuldades de informações destacadas também; para escutar áudio. Hoje eu tenho um senhor que ele está ouvindo muito pouco, então precisa ter essa adaptação de som, um som bem mais alto, se todos vão ouvir. Quando nós trabalhamos com jogos, tipo jogo da memória, ou qualquer tipo de jogo, precisa ter uma sensibilidade diferenciada com eles. O tempo de atividade também, precisamos entender que o tempo deles não é o mesmo de outro aluno, que eles têm uma necessidade maior de desenvolver. Mesmo dentro desse grupo... é muito heterogêneo, então, há pessoas que são muito rápidas e que têm menos dificuldades e outras que têm mais dificuldades. Então há essa adaptação do material. Áudio nós não conseguimos fazer uma grande manipulação, que ele já está ali mas no material nós sempre fazemos essa adaptação. E algumas vezes é necessário saltar atividades porque eles vão ter uma dificuldade e às vezes aquela atividade não vai trazer... não vai render e da prá substituir por outra e aí a gente acaba fazendo essa substituição, e quando entra temas polêmicos também, pela idade do público, um pouco de inflexibilidade então isso também...	17'10 Vou dar um exemplo: faz umas duas semanas nós estávamos trabalhando com profissões e atuação. Então eles primeiro trouxeram toda a experiência de vida deles, eles são todos aposentados. Mas, o que eles fizeram? Ao invés de trabalhar simplesmente com um vocabuláriozinho com um termo "ah esse é o nome" ... nós fomos desenvolvendo isso primeiro: o que eles exerciam na vida deles? Pra fazer essa recuperação. Aí nós entramos em vocabulário, discutimos um pouco da situação do trabalhador na Espanha, o trabalhador aqui na América hispânica, o trabalhador no Brasil, então já traz essa reflexão. A reflexão acerca de como eles eram no trabalho, acerca das leis trabalhistas, quando nós fomos desenvolver anúncios de emprego, então pensando no limite do quanto se espera hoje do trabalhador e nós também fizemos uma proposição de entrevistas dentro da sala de aula, que eles acharam muito divertido, em que uma delas era a entrevistadora e todas as outras precisaram se preparar porque não era uma profissão que eles tinham antes. Então eles fizeram um currículo, um desenvolvimento e também pensaram a função das outras profissões, a importância dessas profissões pra sociedade e o papel de um estrangeiro em um país tentando buscar uma profissão. E a do machismo, fizemos toda essa exploração do tema.

Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?	Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
<p>18'58'' Sala de aula, porque o laboratório é do departamento de letras, então ele é específico da informática, aí não tem como nós fazermos esse uso. Mas a gente já fez, por exemplo, oficina de gastronomia que adaptávamos o espaço de sala de aula pra isso. Além, claro, de casa porque este ano ainda tivemos aula <i>online</i>. Então era um espaço diferenciado né, enfim... via <i>meet</i> novamente, porque era a plataforma que eles estavam pregando Eles não têm RA, então eles não conseguiriam ter acesso aos laboratórios de língua, eles não têm acesso nem à Wifi da universidade. Nós estávamos com um projeto de usar o cinema, no começo da pandemia pra falar sobre "cinema e velhice", nós provavelmente vamos retomar esse projeto.</p>	<p>20'32'' Bom, nós usamos a abordagem comunicativa para o ensino de línguas e eu uso a abordagem por função, então pensando nas práticas sociais que eles podem desenvolver a partir do que eles estão aprendendo em sala de aula. Então nós sempre colocamos língua, sociedade e cultura, fazendo esse enlace tendo como norte a abordagem comunicativa, textos variados, esses textos eles nunca são adaptados, eles são sempre textos autênticos. Nós podemos adaptar a atividade que ele está fazendo para a necessidade, mas não o texto, não o áudio e não a música.</p>

<p>21'56'' Sempre, sempre. No geral o nosso material já é transdisciplinar, ele já vai ter dentro das práticas sociais e culturais várias temáticas que não necessariamente estariam numa aula clássica, então nós falamos sobre meio-ambiente, vida saudável, relação com a sociedade e tudo mais. E muitas vezes algo acontece no meio do ano, surge alguma coisa em algum país e sim nós sempre trazemos tanto na Unati quanto nas nossas práticas cotidianas o que está acontecendo no mundo. Por exemplo, pandemia, pandemia nunca foi um tema, mas nós precisamos falar sobre a pandemia, sobre a nossa mudança de rotina, falar mais sobre a nossa casa, sobre essas coisas, então sempre é incorporado.</p>	<p>22'58'' Nós temos uma pluralidade muito grande entres eles. Todo mundo tem desenvolvimento, isso é visível que todos se desenvolvem, mas é diferente a velocidade de desenvolvimento deles e também entra um pouco do percurso de vida. Eu tenho uma aluna que viveu no Uruguai e no Chile quando era criança. Ela tem uma facilidade muito maior de aprender do que alguém que está começando a Unati...eu tive uma aluna nova que na semana passada. Assim nós temos um nível muito diferente. Todo mundo pode vir pras aulas, mesmo aquele que nunca viu nada de espanhol na vida dele. Então nós temos um pouco de disparidade. Ainda que este ano todo mundo está caminhando bem. A única questão entra nas limitações físicas, por exemplo, nós temos um senhor que está perdendo a audição ele tem uma dificuldade maior porque ele não está ouvindo. Quando nós temos alguma limitação física, de manejo, da mão, às vezes a gente vai jogar um jogo. Eles não amam jogos, sabe, às vezes eles falam porque não sei se eles acham que vai muito pro lúdico ou tudo mais. Eu consigo acompanhar esse desenvolvimento, porém ele é muito individualizado. Como nós temos a condição de acompanhar um a um, por não ser uma turma tão grande, isso é visível, tem alguns que têm um salto muito grande porque, devido às condições de vida e devido a uma série de questões, social, experiência e até a segurança atual da vida deles alguns têm uma segurança na sua vida que é muito maior que o outro, então aquele idoso que não tem preocupações tão grandes ele aprende muito mais do que aquele que precisa por exemplo vir com o neto pra sala de aula, porque o neto não tinha com quem ficar. Aí nós temos essa diferença.</p>	<p>25'00'' Sim, dentro do Promul nós sempre conversamos entre nós acerca desse desenvolvimento, acerca do que cada um de nós tem feito. Nós não conversamos tanto dentro da Unati porque eles abrigam muito a parte de atividades físicas. E o Promul, como ele tem uma gestão própria, nós sempre trocamos essas informações entre nós. O que nós estamos fazendo. O que está acontecendo, tudo mais. Fica mais facilitado porque o ensino de línguas ele compartilha, mesmo que seja francês, inglês, nós fazemos isso, fazemos esse balanço sempre entre nós.</p>
---	---	--

Agente educacional 3

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
74	Canto e Regência Coral	Técnica Vocal e Coral	14 anos	2'05'' Eu sempre fiz cursos. Duas Especializações: Educação Musical; e Didática e Metodologia. Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia e Arte. Cursos de Canto e de música erudita.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta a Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?	Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos?
4'42'' Sim, tomei conhecimento. Com a realização do Coral em si eles já cantavam como um grupo de canto com a Sonia... E depois que nós começamos a trabalhar juntas de 2008 pra cá aí nós tentamos fazer a duas e três vozes. Mas é mais difícil com a pessoa idosa. Nós já tivemos 48 senhores e senhoras cantando. Agora já diminuiu bastante com a pandemia.	5'12 Não, eu não recebi. Eu vou oferecendo aquilo que eu fiz o treinamento de quando eu era professora na escola. Porque quando eu terminei a faculdade, mesmo sendo bacharelado não existia licenciatura na Universidade Federal no campo da música. Então a gente ia pra escola ministrar aulas assim mesmo. E então eu obedeci aquele processo todo de começar trabalhando o corpo, a voz, a respiração, a afinação. E o repertório vem dos momentos cívicos, religiosos e que consiste o ano escolar de uma maneira geral. Mas também as estações do ano, dia das mães, páscoa, dia dos pais, dia do avô e da avó, dia dos namorados (porque algumas são viúvas ou descasaram e querem casar outra vez), entrada da primavera, inverno, outono, a chegada do Natal, assim que a gente trabalha. Ou então alguns anos eu trabalho, eu atemo, um ano assim dessa forma que expliquei pra você e no outro ano eu pego compositores brasileiros, e vou fazendo, os mais antigos: Noel Rosa, Antonio Calado, Chiquinha Gonzaga, Lupicínio Rodrigues, e vou chegando até pegar, Milton, Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque. Assim, os muito atuais elas não gostam muito, porque elas tem uma dificuldade em se acharem no ritmo e eu também. Nós não conseguimos... a gente se bate um pouco pra entrar no funk, no rock. Mas são canções religiosas, muitos hinos evangélicos, ou canções católicas para aqueles que são católicos, tem canções românticas muito bonitas referentes a Maria e a Jesus, em Festa Junina, essas coisas todas, é nisso aí que a gente vai desenvolvendo e elas adoram e tem também as coreografias junto, principalmente as canções folclóricas do Brasil, porque a gente pega muito Norte e Nordeste e o Norte, Nordeste é muito rico. O Pará só o estado do Pará tem 30 ritmos diferentes um do outro. Depois os negros, misturaram os índios. Aí no Nordeste tem um pouco de francês e do holandês. Lá no Maranhão tem um pouco da influência do francês e do português, então vem por aí e vem descendo assim. Tem muita música capira em SP e em MG, a música de raiz. O gaúcho que é muito bonito a música de raiz.	10'30'' Trabalho com muito do que elas gostam, muito folclore. Aqui do Paraná a gente pegou muita coisa. Muito da plantação do café, e também de grandes cantores da linha raiz, como Cascatinha e Inhana... Eu conheci uma netinha deles que era pianista em CWB ela tocava cavaquinho e tocava piano nos concertos que ela dava, muito boa e tinha um repertório muito bom que ela passou uma porção de coisa pra mim. E outras coisas... tem muita coisa que eu trago de MG trago muito do "Sagrado coração da Terra" do Marcus Vinna que fez muita trilha sonora pra novelas da antiga Manchete, mesmo agora da Globo...

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?
12'02'' Eu busco muito repertório nos livros de partitura, nos livros de coral, nos livros de Villa-Lobos que eu tenho muita coisa de folclore. VL arrebanhou muita coisa do Brasil inteiro viajando por este sertão aí fora. Eu emprego músicas de VL também por exemplo o "Trem Caipira" e a gente emprega muita coisa nesse sentido. E os hinos evangélicos por exemplo que a gente usa, eu procuro fazer com eles os mais tradicionais porque são aqueles que eles se encontram mais. Porque o louvor mais novo agora, não são todos que eles gostam. Você sabe que eles têm uma certa resistência, à bateria. Então quando a gente pega os hinos assim... a igreja católica evoluiu muito musicalmente, mesmo no sentido da letra, porque ela busca muito o social e a música evangélica busca mais a adoração. Então, na idade que elas estão entre os 70 e os 80 anos elas estão muito críticas. Então com relação à essa parte social elas criticam muito porque elas veem essa necessidade. E depois dos 80 elas começam a buscar a adoração de novo. Elas criticam muito. Elas fazem comparações.	14'30 Sim, o tempo todo o celular, porque eu dou muita aula online. Tem algumas que já estão com dificuldade de locomoção, então eu tenho muita aula híbrida. Menina, eu quase fico louca porque aqui a tecnologia, nessas duas salas não pega. Aí eu tenho que ir lá na sala da Maria Regina. Eu uso os computadores para montar os conteúdos eu utilizo para passar as letras pra eles. Na pandemia era tudo online. Agora a gente baixa a música no computador e entrega impresso.

Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.	Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento
16'24'' A dificuldade reside na falta de estrutura tecnológica para acesso aos recursos que ela necessita no ambiente de trabalho.	17'55 Eu trago das duas formas. Por exemplo teve uma música do Villa-Lobos: "Quando eu era pequenino, que diabinho, mais travesso eu era então. Quando as moças me beijavam eu lhes dava, eu lhes dava um beliscão". É uma música folclórica, certo? Então teve uma senhora, católica, que não quis falar "diabinho" e tem uma pastora que disse que "não tem nada a ver porque isso tá dentro do contexto folclórico". A católica não quis falar. Eu tive que mudar! Tem essas coisas que a gente tem que estar sempre cuidando e tal. Mas elas gostam muito de cantar músicas que falam do passado. (...) Elas têm muita saudade, gostam de músicas que remontam muito as memórias.

<p>Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?</p>	<p>Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade no decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?</p>	<p>Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?</p>
<p>20'50'' Não, não tenho dificuldades. Porque que procuro pela Internet mesmo, né? Ou procuro nos livros que eu tenho de folclore ou nos livros de educação musical que eu tenho.</p>	<p>21'42'' Eu escolho pela época do ano, ou pela festa próxima seja ela cívica ou religiosa, o que estiver próxima. Eu escolho também ensinar entregando a letra pra eles aprenderem ou exercitar a memória. Eu vou cantando, cantando, repetindo até elas decorarem. Ou às vezes até a gente escreve um refrão no quadro para elas copiarem e exercitar a mão. Ficar em pé e fazer o ritmo com a mão, com o pé e com o corpo é isso tudo a gente faz para ajudá-las, mas o exercício da memória é muito importante. Elas aprenderem a cantar e elas decoram.</p>	<p>25'38'' Olha, o idoso, ou qualquer ser humano ao se ouvir cantando já eleva muito a autoestima. O cantar é uma terapia, de um modo geral. Ela, antes de ser uma arte, antes de você querer expressar a sua voz com bastante técnica você aumenta muito a sua autoestima. Aumenta muito a sua capacidade respiratória, aumenta muito a capacidade de entendimento, cresce bastante o desenvolvimento, a atenção auditiva e a percepção auditiva. E no social, cada canção folclórica, de cada região faz com que todo mundo lembre de alguma coisa, de onde viveu. Então eu peço sempre "canta uma do seu estado" e além delas cantarem elas se lembram de alguma história referente àquela música. Tem a pastora Lia... professora, paraense) ela conta muito sobre comida, conta sobre sua mãe, e tinha um dia da semana, que ela escrevia carta e respondia carta e a maioria da população era analfabeta. Tem uma rua com o nome dela de tanto adulto e criança que ela alfabetizou. Então é muito interessante essas coisas assim. Tem uma do RS que conta história. Tem uma de Mallet que conta dos Ucrânicos, dos poloneses, das palavras, da língua. Durante a aula a gente vai falando a parte cultural, a gente fala muito. E elas são professoras, tem um a médica, tem enfermeiras tem advogada, tem vendedoras e elas vão falando todas as suas experiências coisas que viram e que aprenderam.</p>

<p>Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?</p>	<p>Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?</p>
<p>30' A gente usa a sala de música porque tem o piano e tem o teclado (que é fácil de levar). Todas as aulas são acompanhadas com o piano. A professora de piano toca o tempo todo e eu canto com eles. Tem os instrumentos de percussão que ajudam a acompanhar também. Às vezes a gente divide a turma entre duas salas, pra ensinar uma voz aqui e outra lá, mas o ambiente é sempre este aqui. Quando é preciso a gente fazer uma coreografia que demanda um pouco mais de espaço a gente usa o saguão de exposições da instituição, mas aí levamos o teclado.</p>	<p>31'22 Nunca me foi pedido nada nesse sentido, e que nós duas fazemos aqui, de incorporar questões sociais, culturais. Eu falo muito quando a gente está fazendo sobre música de compositores, eu procuro sempre falar sobre a vida deles, sobre a vida dos grandes mestres da música, do classicismo e do romantismo, ou sobre os atuais da música popular brasileira, os que estavam muito trabalhando na época da ditadura e que foram cerceados. A Jovem Guarda, o movimento da Bossa Nova. Tudo isso a gente procura falar com eles, vai falando sobre a região. Quando eu era jovem eu participei de um coral durante 10 anos e viajei muito, fui à Europa duas vezes participando de concursos de corais internacionais. A gente foi premiada e gravamos um disco na Bélgica então eu falo muito dessa experiência toda de cantar lá.</p>

<p>Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.</p>	<p>Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?</p>
<p>33'54 Desenvolvem muito pela questão do canto ser uma terapia, de trazer a eles muita felicidade, de melhorar muito o cognitivo, de melhorar muito a memória, pelos exercícios que a gente faz, os exercícios corporais aliados às outras atividades corporais que eles têm na Unati. Melhorou muitíssimo. Foi uma pena enorme agora essa queda, por causa da Pandemia, eles estão voltando devagar, desconfiados, com medo, né. Então estão vindo devagarinho. De 48 coralistas que tivemos agora temos 12.</p>	<p>35'10'' Sim, com a professora de Piano e também com professores de música de idosos das paróquias, porque tem grupos de idosos em algumas paróquias. Não todos, mas têm. Então eles sempre me pedem pra eles saírem um pouco do canto da Igreja. A Unati aqui e em todo Paraná tem essa visão do conhecimento, do saber, dos vários saberes. Porque eu comecei a trabalhar com idosos em Pitanga (PR), eu viajava toda semana, durante 9 anos eu trabalhei em Pitanga regendo o coral municipal e aí eu trabalhava com os idosos também. E lá era uma pobreza total. Era só canto de igreja, baralho, bingo, lanche e baillão. Nossa senhora era uma luta, uma luta. Então a gente trabalha muito aqui em parceria, eu ajudo quando os professores de língua estrangeira também me pedem uma canção, no espanhol, no francês e no inglês, tem parceira e colaboração. No final do ano a gente tá com a intenção de juntar todos os corais (os três) e cantarmos várias músicas unidos com a orquestra Lobo-Guará. São três corais bem diferenciados, cada um no seu estilo, tem o "graduandos" de acadêmicos de todos os cursos com a voz mais jovem, mais aberta, mais alegre. Tem o coral "adulto" com a voz mais bem postada, mais preocupado com o seu demonstrar mais artístico e o coral dos "idosos" preocupados em ser feliz.</p>

Agente educacional 4

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
30	Graduação em Letras- Inglês, Mestrado em Letras e Doutorado em Letras (em andamento)	Língua Inglesa	3 meses	1'28" Eu sempre estou estudando. Desde que eu comecei a minha vida acadêmica, nunca parei. É algo contínuo. Principalmente na área de língua inglesa eu morei nos EUA por 5 anos e lá eu era professora de português, mas acabei me especializando no ensino de inglês como segunda língua, fiz vários estágios em escolas de inglês também. E claro, o Mestrado e o Doutorado então, é algo contínuo, estou sempre me especializando, sempre buscando aperfeiçoar, porque a gente sempre tem o que aprender.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 727 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?	Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos?
3'07" não tive, não vi porque é bem recente e foi muito corrido. Quando eu passei no Processo Seletivo eu tive que imediatamente começar, porque foi no meio do semestre então não teve tempo de preparação. Mas eu tive conversas com a coordenadora do Promul e também com a coordenadora da Unati elas conversaram muito comigo, me passaram todas as especificidades de ensinar na Unati. Mas eu não busquei o projeto, não me foi falado nada sobre isso a princípio.	4'15" Não, eu não recebi. Eu conversei com a antiga professora e ela me explicou como é que ela trabalhava, de que forma que ela vinha trabalhando, ela já trabalhava há anos com eles e eu segui no que ela me disse e também fui conhecendo os alunos e acabei adaptando um pouco para as necessidades deles, porque, esse ensino da língua na Unati é para as necessidades dos alunos, eles têm os interesses deles específicos, o que eles querem aprender, não é um curso comum, regular. Então eu fui seguindo essas necessidades que foram aparecendo, mas eu realmente não recebi nenhum projeto, nada disso.	5'09" Primeiramente muita conversa, eles gostam muito de conversar e contar sobre as experiências deles e eu também conto as minhas. Então eu acho que a conversa, essa interação mais pessoal é muito importante com esses alunos. Porque eles têm muita vivência, eles têm um motivo para estar ali querendo aprender outra língua. Alguns deles já sabem, então eles estão ali pra treinar, pra pra praticar, para relembrar. Então a estratégia número um é a conversa, é o conhecer o aluno como pessoa. Então foi só isso nas primeiras aulas, aí eu trazia algum jogo, alguma coisa mais leve e geral. Aí eu fui pegando os dados do que eu deveria trazer pra eles. Então eles chegaram à conclusão, a minha turminha que eu tenho, de que eles queriam gostariam de um inglês "prático", pra vida. Eles gostariam de saber porque eles gostam muito de viajar, eles sempre viajaram e agora eles continuam viajando. Então eles querem saber como pedir uma comida, como saber o vocabulário do aeroporto, como fazer o check in no hotel, esse tipo de coisa. Então eu planejo e faço as aulas de acordo com aquilo que eles me pedem. E eles têm gostado muito, tem sido bem legal, eles têm aprendido a construir diálogos e tudo mais. São essas estratégias, com esses alunos é algo bem pessoal, então primeiro lugar é o relacionamento pessoal mesmo, é conhecê-los. Inclusive tem um aluno que a esposa que está com demência e ele pediu para trazê-la às aulas e ele a trouxe e ela tá indo super bem, tá conseguindo lembrar palavras em inglês, tá conseguindo lembrar de coisas que ela fez então, então tem sido uma experiência bem legal essa questão pessoal, bem diferente de tudo que eu já tinha feito antes. Porque eu sempre trabalhei com jovens e crianças sabe, então tem sido bem enriquecedor.

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.
7'40" Na Internet, eu sempre busco na internet. Eu tenho uma inscrição em um <i>site</i> muito interessante que se chama "A Língua House" e ele tem todo tipo de lições que você imaginar então eu pego a base ali e adapto para os meus alunos. E também sempre trago jogos, jogos de memória coisas assim realmente pra ajudar a desenvolver e praticar a memória deles então é sempre a Internet a minha fonte. E também claro a vivência e a experiência.	8'39" Sempre, sempre, eu utilizo o data-show com eles. Porque eles têm dificuldade de visão, então eu levo as lições, as perguntas, as atividades produzidas no computador. No próprio computador dou um aquele zoom bem grande, eu ajudo, vou fazendo com eles. E os jogos que eu faço com eles, eu tenho vários sites que têm esses jogos que eu gosto de fazer com eles e coloco, projeto no quadro pra eles. Sempre uso as tecnologias, a frequência é diária. Inclusive na preparação.	9'38" Não, eu já sou muito acostumada a usar. Já faz anos. Eu trabalhei lá nos EUA e lá é algo que também é diário, que eles utilizam muito então pra mim já é algo muito corriqueiro. Claro que às vezes tem um probleminha ou outro com a tecnologia, é sempre assim, às vezes a gente tá tudo certo e de repente não dá certo, mas nada de mais. E eles gostaram bastante também. Teve uma vez que o cabo do meu notebook não deu certo e falei "ih, vamos ter que fazer da forma antiga no quadro e no giz" e eles falaram "não, tudo bem, a gente consegue também". Mas eles também gostam dos jogos, gostam de ver as imagens, então tem sido bem legal. Eles gostam bastante. Então não temos dificuldades com essa parte.

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
<p>11'23'' Sempre essas questões mais pessoais, conhecendo quem é meu grupo de alunos. Às vezes eu peguei um plano de aula lá desses <i>sites</i> que eu gosto e percebi que talvez aquilo não vai se encaixar muito, eu adapto, eu mudo. Tem a questão do <i>zoom</i> também, a questão do volume mais alto nos áudios, ou às vezes de deixar o áudio, os áudios de <i>listening</i>, de atividade de escuta deixar mais devagar, diminuir ali a velocidade. Trazer imagens, muitas imagens pra mostrar pra eles, pra eles verem, vídeos, eles gostam muito de vídeos também. Às vezes um vídeo de 5 minutos com vocabuário se torna uma aula inteira porque eles gostam de anotar tudo, eles gostam de saber exemplos, de colocar no contexto, de saber a gramática, eles são muito detalhistas assim, então, toda essa questão de saber que com eles às vezes uma aula que eu planejei pra uma hora, vai dar pra três aulas porque eles gostam muito de saber os detalhes, eles gostam muito de entender os porquês das regras e tudo e eles anotam tudo, tudo, então sabendo que eles anotam tudo eu já me preparo pra detalhar muito mais o que eu faço com as outras turmas, por exemplo, em outros contextos, detalhar muito mais essas questões. Sobre a relevância dos conteúdos você acredita que tem algum conteúdo que não é relevante pra eles, ou eles não vão gostar com relação a determinados assuntos: Sim, com certeza, sem a menor sombra de dúvida, vamos dar um exemplo simples - os adolescentes adoram <i>K-Pop</i>, para os idosos isso não vai fazer o menor sentido, eles não querem saber, não vai agregar e não ter sentido nenhum pra vida deles. Por isso eu sei que o assunto que eles vão querer tem que ser muito bem pensado, tem que ser algo que agregue na vida deles, que vá fazer sentido, senão eles não vão aprender. Ai vem essa questão de levantar dados primeiro, de saber o que eles querem aprender e o que lhes interessa.</p>	<p>13'56 Não, acredito que não porque, como eu falei eu já tenho vários anos de experiência, então acaba sendo mais fácil.</p>

Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?	Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?
<p>14'33'' Sinceramente eu acho que não. Porque eles são bem incisivos no que eles querem aprender e eu falo assim: "ok, na próxima aula eu vou trazer", trago e a gente ensina e fica tranquilo nesse sentido, sabe. A escolha do conteúdo quase que fica por eles assim. E eles todos concordam porque todos eles são amigos, já se conhecem, viajam juntos, fazem excursão juntos, então eles concordam. Nesse grupo específico eu não tenho problemas em escolher os conteúdos pra eles.</p>	<p>16'05'' Bom, claro que eu não penso em cada uma dessas palavras separadamente, mas eu acredito que a maioria das atividades elas vão agregar esses elementos sim. Mesmo porque, cidadania, por exemplo, é importante que eles saibam se comunicar em um contexto estrangeiro, que eles saibam conseguir todas as coisas que eles precisam então a gente sempre trabalha isso, eu faço muitos diálogos. Acho que um exemplo de atividade é a criação de diálogos, quase toda aula a gente cria um diálogo em duplas, ou trios, pra ter essa interação mesmo. Diálogos sobre transporte, ou no aeroporto, no restaurante, no hotel. A gente cria o diálogo para que ele consiga realmente desenvolver todos esses pontos, é um exemplo de atividade. Mas muitos outros, leitura crítica, sobre algum assunto que eles precisem emitir opinião já aconteceu também. Durante os vídeos, a gente mostra coisas que no exterior são diferentes então a gente debate sobre essas diferenças, sobre o porquê será que lá é dessa forma e aqui é de outra. Sempre acontece.</p>

Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?	Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
<p>18' O que eu utilizo com eles é a sala de aula, data show, computador, atividades impressas que eu trago. A princípio eu não sei de nenhum lugar a mais que eu possa usar ou que vai ser relevante pra eles usarem. Tem a biblioteca, mas eu não acho que vai agregar nas aulas levá-los para a biblioteca, por exemplo. Então acredito que esses são os instrumentos e tem funcionado e eles estão acostumados também dessa forma.</p>	<p>18'50'' Bom a minha metodologia é sempre começar com o vocabulário, introdução do vocabulário e do tema. Então contextualizar tudo, depois eu trago algum gênero textual, porque eu sou dessa área dos estudos dos gêneros textuais, seja oral, seja escrito, e a gente vai detalhar esse gênero, aprender sobre ele, entender o que é esse gênero e tal. Depois fazer atividades, a princípio mais gerais sobre o texto (o texto pode ser qq coisa, um diálogo, um vídeo, um artigo) então a gente vai buscar nas atividades informações mais gerais e depois as mais específicas. Então vai do mais geral para o mais específico, finalizando com a gramática e depois, no final, a aplicação dessa gramática em alguma situação real. É assim que eu costume fazer. Eu sempre utilizo gêneros mais simples com eles a princípio, porque eles têm níveis de proficiência bem diferentes, então alguns vão conseguir seguir, por exemplo, um texto longo sem problemas, outros não. Então eu preciso fazer algo que dê certo pra todos. E é mais ou menos dessa forma, sempre o vocabulário, o tema, o texto, as atividades e a aplicação dessa gramática, desse vocabulário em uma situação de uso real. É assim que funciona. Nem sempre eu consigo fazer tudo isso em uma aula de hora e meia, e como eu falei eles gostam de muito detalhamento, de realmente pegar aquele conteúdo e detalhar o máximo possível então às vezes eu levo umas duas aulas pra eu conseguir cumprir todas essas etapas, mas é dessa forma.</p>

Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?	Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.	Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?
<p>21'34'' Eu incluo, como eu falei mais a questão da vivência, do social e do cultural da língua. Então a cultura ela tá muito ligada à língua ela é inseparável então nem teria como. E como eu morei fora eu tenho bastante conhecimento sobre essa cultura. Sempre falo pra eles. Então, sempre tá intercalado ali com o ensino da língua, da gramática, o ensino da cultura, essas questões sociais. Basicamente isso, não tem nada assim que eu "forço" a inserção, mesmo porque, como eu falei tem coisas que ele não se interessam, coisas que não fazem sentido pra eles.</p>	<p>23' Eu acredito que é um bom desenvolvimento. Eles participam bastante, eles entendem, eles sempre perguntam se eles têm alguma dúvida, sempre pedem alguma coisa a mais, eles não têm vergonha de pedir, de falar, de levantar a mão, comentar. Eu acho que é bem positivo esse desenvolvimento, acredito que tem dado certo. Há um incremento no conhecimento, consigo perceber isso.</p>	<p>23'58'' Não, porque eu entrei há pouco tempo e eu acho que sou a única professora de inglês da Unati. Então não tem ninguém que eu possa compartilhar a minha disciplina. Mas, eu conversei muito com as coordenadoras do Promul e da Unati a respeito dos alunos, da metodologia, o que funciona ou não. Então tem sim esse trabalho colaborativo com professores de outras disciplinas da Unati. De conteúdo não ocorre, só com a professora anterior.</p>

Agente educacional 5

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
29	Educação Física	Hidroginástica	1 ano e meio	1'36'' Através da Internet, Cursos <i>online</i> e cursos presenciais, leitura de artigos.

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?	Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos?
2'14'' Não, mas já sabia da existência deles. Sabia porque eu fazia um projeto com eles quando eu era acadêmica, nesse período eu conheci a Unati	3'25'' Não, eu que elaborei um programa de aulas com eles.	3'41'' É bem complicado assim, porque a gente trabalha com o coletivo. Eu não conheço cada pessoa especificamente, então eu tenho que montar uma aula que eu consiga atender a todos, mesmo não sabendo das limitações de cada um. Então isso é bem desafiador. Mas então eu busco trabalhar de uma forma que considere a questão da intensidade, que seja de leve a moderado, que eu consiga trabalhar no geral e os exercícios a gente vai adaptando. Cada aula é uma surpresa. Vai muito da adaptação, às vezes eu planejo uma coisa, mas eu chego no momento e eu percebo que não dá certo, então eu tenho que adaptar.

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.
5'10'' Não específico à Unati, mas eu sempre estou me atualizando por meio de artigos, pra ter essa segurança de trabalhar com a terceira idade.	6'03'' No início eu procurava bastante, agora, depois de 7 anos já não tem tanta necessidade, porque já ficou mais automatizado. Mas, vez ou outra eu sigo, principalmente no Instagram, eu sigo umas plataformas de hidroginástica e natação então, sempre quando eu tenho alguma outra atividade que eu acho interessante eu trago pra tentar aplicar com meus alunos.	6'54'' Não.

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
7'41'' Primeiro eu penso que estou trabalhando com um público que tem muita limitação. Então eu tenho que pensar em um exercício de forma que todos consigam fazer aquele exercício. Então eu monto a aula, levando em consideração que todo mundo consiga fazer aquele exercício, ou todos os exercícios, sem promover nenhum problema; principalmente um problema de saúde, ou acabar prejudicando, por vezes algum problema que eles já têm com exercício, uma lesão, qualquer problema dessa forma assim, se for pensar. Tem que tomar esse cuidado. Então eu faço o exercício antes pra eu sentir o que eu tô trabalhando, o que está acontecendo no meu corpo, para depois eu passar pra eles. Eu entro na piscina e tem alguns exercícios que eu faço, às vezes algum exercício novo e aí eu penso se todo mundo pode fazer. Por exemplo, já teve aluno amputado. Aí essa questão de segurar com os dois braços, às vezes a perna, então tudo isso assim eu levo em consideração, então eu tento fazer primeiro, pensar, sentir o exercício, se colocar no lugar daquele corpo físico, pra então conseguir passar.	9'49'' Eu acho que não. Hoje em dia eu acho bem fácil assim de ter essas informações.

<p>10'20'' Sim. Então, é bem difícil porque é difícil agradar a todos. Eles são bem resistentes então eu tento pensar assim que eu nunca vou conseguir agradar todo mundo. Nunca todos vão estar satisfeitos com aquele formato de aula, com aquele exercício. Então eu tento pensar na maioria, o que está sendo bem aceito pela maioria, é mais dessa forma.</p>	<p>12'47'' A questão, por exemplo, da inclusão... Eu tento montar algumas atividades que todos consigam participar. Às vezes por intermédio até de uma brincadeira, que todos consigam desenvolver a atividade. Essa questão da socialização também é bem interessante assim, porque eu faço bastante atividade em dupla e aí eles conversam. Eu entendo que, além de eles estarem ali fazendo a atividade, o exercício, eles também estão fazendo socialização, porque eles conversam, eles estão trocando informação, eles fazem os grupinhos dentro da piscina, então é meio que por aí... Sobre se ajudar um ao outro, depende muito de cada um. Tem os que ajudam, que veem o outro ali com dificuldade para arrumar um espaguete vai lá e ajuda. Tem o outro que critica "você está fazendo errado, não é assim" e ainda dá risada, então depende muito de cada um, é muito individual.</p>
--	---

Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?	Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.	Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?
<p>14'48'' Até o momento somente a piscina e os materiais que nós temos aqui que auxiliam uma aula: o halter, o macarrão, a bolachinha, a barra. E uma sala para fortalecimento e alongamento.</p>	<p>16'' Assim, a estrutura da aula. Eu tento fazer aquecimento, parte principal, alongamento, relaxamento e vez ou outra a gente traz uma atividade mais lúdica, uma brincadeira.</p>	<p>16'50'' Eu acho que não. Porque é muito a questão do exercício mesmo.</p>

<p>17'28'' Eu acho que é bem bacana, porque eu recebo bastante feedback. Por mais que eu não conheça cada um, da forma como eu gostaria, eles sempre vêm me dar feedback: "ah melhorou dor, reduziu o colesterol", assim, sempre eles estão me dando feedbacks positivos. Então, isso é bem legal. E eu percebo muito a evolução deles de uma aula pra outra do mesmo exercício, por exemplo, exercício que às vezes na primeira aula tem um pouco de dificuldade, na outra aula mais ou menos e na terceira aula já tá fazendo bem tranquilo. Então eu acho isso muito bacana, porque a gente tenta trabalhar muita coisa ali que eles precisam no dia a dia: mobilidade, flexibilidade, coordenação motora. Então, quando eu vejo, por exemplo, que eles estão fazendo algo pro lado errado, daí na outra aula já fazem pro lado certo. Então têm essas pequenas evoluções assim no desenvolvimento deles que eu acho isso bem bacana.</p>	<p>18'53'' Não. Inclusive eu nem conheço muito os demais professores. Não tenho esse contato.</p>
--	---

Agente educacional 6

48	Graduada em Informática - UEPG Especialista em Banco de Dados e Mestrado em Banco de Dados e Interação Humano-Computador e Doutorado em Computação - UFPR	Inclusão digital para a Terceira Idade	Pelo menos há 4 anos	3'05'' Acredito que devido a nossa própria área, a computação, a gente tem que estar sempre se atualizando, seja buscando livros, artigos, cursos online, participação em Grupo de Pesquisa, estamos sempre orientando alunos, produção e publicação de materiais, é meio que constante a gente estar buscando atualização.
----	---	--	----------------------	---

4'18 Sim, porque inclusive, eu estou com a gestão do Programa da Unati, como Pró-Reitora, ele teve sua renovação em 2020 e encerra em fevereiro de 2023. No qual é feito um relatório para nova submissão. Ele é um projeto administrativo, ele tem a apreciação pela comissão científica permanente e a gente está sempre procurando fazer atualizações nele.	5'28'' Acredito que o primeiro plano, digamos assim, foi feito por nós mesmos, no início, visto que foi a primeira vez que foi ofertado o curso de informática para a terceira idade. A princípio ele tinha mais o enfoque em laboratório, repassando conhecimentos sobre editores de texto, planilhas eletrônicas, e ao final da aula se dedicava um tempinho para que eles tirassem dúvidas sobre assuntos gerais envolvendo a tecnologia. Isso também ajudava bastante e os motivava, porque até então era o que era solicitado por eles, o conhecimento sobre o computador em si, no sistema operacional e nos aplicativos de editoração e de planilhas, conhecimento também em internet eles solicitavam. Mas aí, com a pandemia, em virtude de eles não conseguirem estar mais em laboratório mudou-se o enfoque mais para as TIC, ou seja, então passou-se a trabalhar via meet, um uso mais diretamente de celular e não de computador, porque nem todos tem computador em casa também. Então nós identificamos que as necessidades deles mudaram também. Eles mesmos nos solicitavam a criação do meet, o uso das mídias sociais, uso maior da internet, do próprio celular, aí nós fomos incluindo também questões de segurança, que achamos muito importante, fazer o acesso por duas etapas no whats, por exemplo. Com relação ao recebimento e repasse de informações, fake news, vários assuntos, acesso a aplicativos, aplicativos de banco principalmente, então procuramos dar uma atenção maior no sentido também da segurança à informação por parte deles, o acesso e a segurança em informação.	8'23'' Sempre feito questionamentos a eles com relação as suas necessidade e como é que a gente pode se adequar a elas. Inclusive o próprio material foi refeito para se tornar mais intuitivo, mais gráfico, mais dinâmico, para incentivá-los a buscarem a informação e terem essa informação que eles precisam, além do horário das aulas.
--	--	---

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.
9'10'' Com base nas necessidades deles e com também com pesquisas na Internet.	9'32'' Busca em materiais que são divulgados que são para a Terceira Idade, em formas também que facilitem o acesso da informação para eles. Questões de acessibilidade que são bem importantes, enfim, sempre buscando produzir um material mais atrativo que os incentive e facilite também o acesso por parte deles com relação à informação. Laptop, sites específicos, celulares etc.	10'44'' Não me ocorre. É claro que a gente tem que procurar passar a informação da melhor forma. Então acredito que essa busca seja constante, a medida que novos aplicativos vão surgindo. Enfim a interação com as próprias redes sociais. Qual a melhor forma de ensinar para facilitar que eles aprendam de uma forma natural, isso é bem importante, para que aquilo se torne parte do dia a dia deles, que eles possam buscar informações principalmente relevantes para a vida deles como saúde, parte financeira, ou mesmo nas redes sociais, para se sentirem mais próximos da família que às vezes está distante. Tem várias questões aí relacionadas. Então, assim, apesar da gente não encontrar, de certa forma, dificuldades, mas a gente entende que é um processo que exige bastante dedicação, bastante entendimento de qual a melhor forma de passar essa informação pra eles. Também uma dificuldade que nem sempre a forma de fazer uma operação no meu celular é igual ao celular de outra pessoa. Então esse também é uma dificuldade, que eu lembrei agora, de produzir o próprio material porque se eu fizer um passo a passo de algo num celular num modelo pode ser que no outro seja diferente. Por isso da parte prática, de um apoio bem direcionado pra eles é bem importante também, senão nem sempre vai ajudar como deveria.

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
12'20 Procura ver fontes confiáveis, outras universidades, nós temos várias Unatis aí pelo estado, então sempre buscando sempre fontes confiáveis que a gente possa se basear. Ou mesmo fontes de publicação confiáveis.	13'03'' Por exemplo, o próprio material que a gente produziu, eu sempre comentei com os alunos, coloca a fonte e vamos procurar disponibilizar para que outros tenham acesso também, porque às vezes é produzido nas IES um material bem relevante, mas nem sempre está disponível para que todos possam referenciar e fazer uso desse material. Isso é importante para que todos tenham essa cultura que até então a gente inicialmente não encontrava tão facilmente, agora é um pouco melhor. (ou seja, o acesso às fontes era uma dificuldade que hoje não existe mais).

<p>14'18'' É porque são sempre solicitados vários assuntos a serem abordados. Só que, na maioria das vezes, um determinado assunto ele precisa ser trabalhado novamente, numa próxima aula, fazer uma revisão do que foi visto, para daí incluir uma nova funcionalidade. Então é um trabalho mais passo a passo mesmo do que passar tanta informação de uma vez só, porque aí entende-se que pode ser algo a dificultar o aprendizado deles.... então é melhor ir por partes, trabalhando bem cada conteúdo que seja realmente útil, para que aí a gente possa ir avançando na medida que forem evoluindo, na medida que forem trabalhando mais e conseguirem fazer aquela atividade sozinhos.</p>	<p>16'14'' Sim, a própria busca. O ensinar eles a fazer a busca na internet, pode estar relacionado à algum desses assuntos assim, que de certa forma é o objetivo né, que a gente os torne protagonistas, empoderados, que eles se sintam inclusos na sociedade. E que principalmente, motivando-os "você conseguem, tendo força de vontade". Então a gente percebe assim que muitos não sabiam por exemplo, enviar uma mensagem no Whats, incluir uma imagem, fazer um áudio enfim, e que pela vontade que eles mesmo demonstram, logo eles estão conseguindo fazer. Até teve um aluno do projeto que comentou que ele ensinou a unatiana ela chamar um Uber, porque ela pediu, ela falou "eu quero aprender para eu poder ir embora da universidade ao final do curso". E aí ao final da aula ela mesma fez sozinha a solicitação e deu certo. Então assim, para o próprio aluno que ministrou essa aula foi muito gratificante ele viu a utilidade daquilo que ela estava repassando. A importância, isso é muito gratificante, tanto pra pessoa que aprende, mas pro aluno que ensinou é uma recompensa enorme.</p>
---	--

<p>Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?</p>	<p>Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.</p>
<p>18'45 Como eu comentei, agora, apesar de aulas não estarem ocorrendo nos computadores, mas o ambiente físico está em Laboratório de informática que nós já tínhamos alocado e os alunos já dispõem de recursos como o projetor, ou mesmo o próprio celular ou até o acesso ao celular dos unatianos pra poder demonstrar. Visto que nesse caso tem também uma dificuldade que nem sempre a forma de fazer uma operação no meu celular é igual ao celular de outra pessoa. Então esse também é uma dificuldade, que eu lembrei agora, de produzir o próprio material porque se eu fizer um passo a passo de algo num celular num modelo pode ser que no outro seja diferente. Por isso da parte prática, de um apoio bem direcionado pra eles é bem importante também, senão nem sempre vai ajudar como deveria.</p>	<p>20'12'' A partir das aulas expositivas, de demonstração, e aí dar todo um apoio individual para que eles possam realizar aquela atividade, não só uma vez, mas várias vezes, para que isso facilite o aprendizado deles. Buscando recursos de facilitem essa interação. Aulas planejadas nem sempre conseguem ser seguidas da forma como foram preparadas para isso. E de certa forma é importante, porque às vezes a dúvida de um, pode ser a dúvida de outros também, e que às vezes no próprio preparar da aula talvez tenha passado despercebido, porque eu vejo bem importante também o aluno ministrante se colocar no papel da pessoa que possa ter algum tipo de necessidade para interagir e como resolver aquela situação, como buscar uma ajuda, enfim, por mais que eu não saiba, mas como eu tento resolver, o que eu tenho que fazer pra isso, isso é bem importante.</p>

<p>Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.</p>	<p>Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?</p>
<p>20'12'' A partir das aulas expositivas, de demonstração, e aí dar todo um apoio individual para que eles possam realizar aquela atividade, não só uma vez, mas várias vezes, para que isso facilite o aprendizado deles. Buscando recursos de facilitem essa interação. Aulas planejadas nem sempre conseguem ser seguidas da forma como foram preparadas para isso. E de certa forma é importante, porque às vezes a dúvida de um, pode ser a dúvida de outros também, e que às vezes no próprio preparar da aula talvez tenha passado despercebido, porque eu vejo bem importante também o aluno ministrante se colocar no papel da pessoa que possa ter algum tipo de necessidade para interagir e como resolver aquela situação, como buscar uma ajuda, enfim, por mais que eu não saiba, mas como eu tento resolver, o que eu tenho que fazer pra isso, isso é bem importante.</p>	<p>22'05'' É veja, como eu comentei, pela própria busca da informação ali, mesmo que digamos indiretamente, porque às vezes a gente tá tão focado também em repassar o conteúdo de tecnologia, mas que indiretamente, vamos supor: "a semana do folclore: quando ela vai acontecer... então vamos pesquisar lá na internet, o que que vai ter nesse FDS na cidade". Você acaba trabalhando mesmo que indiretamente às vezes algum conteúdo que, pode até partir deles o interesse, o que querem saber como um entretenimento e tal, e aí acaba fazendo buscas de informações naquele sentido.</p>

Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.	Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?
<p>23'04'' Também como eu já comentei, a gente percebe a necessidade da repetição, do fazer novamente, porque também se a gente for parar pra pensar, idealmente seria termos aulas todos os dias né, eles têm aulas 2 vezes por semana, então assim, às vezes o intervalo entre uma aula e outra o unatiano pode acabar esquecendo. Então a importância de se fazer uma revisão do que foi visto pra ver se houve realmente o entendimento, se tem alguma dúvida, pra que daí possa seja dada a continuidade pra que eles possam reforçar bem o conteúdo que foi visto. Então essa parte aí é bem importante.</p>	<p>24'15'' Mas assim, por exemplo, os alunos ministrantes eles até estão à disposição para ajudar os próprios professores da Unati que possam ter dúvidas, por exemplo, na parte das reuniões virtuais, uso do <i>meet</i>, de outras plataformas, do You Tube, enfim, eles estão à disposição nesse sentido, e aí, é claro, se algum professor tiver interesse é possível compartilhar o material para ajudá-los. Para produzir os conteúdos da disciplina não é compartilhado. É uma produção dos alunos do projeto junto com os professores do Decomp. São os alunos que ministram as aulas, eles nos reportam todas as dúvidas, nos dão o retorno de como foram as aulas. A gente tem um grupo. Vou ter um aluno bolsista pelo PIBIS como um incentivo a eles também. Então a gente vai interagindo. 5 alunos inicialmente voluntários e um com bolsa que entrou pelo sistema de cotas sociais. Só pra falar um pouquinho quanto a formação dos alunos ministrantes também, nós já tivemos alunos que passaram praticamente a graduação toda sendo instrutores da Unati e eles sempre reportam o quão gratificante é pra eles e o quanto eles aprendem. A questão da didática, a questão da paciência, a questão de saber transmitir o conhecimento, ouvir para poder buscar novas informações, é um trabalho muito em conjunto eu vejo assim. Os unatianos reportam as dificuldades, o que eles têm interesse e tal e aí os alunos ministrantes interagem nesse sentido, de tentar ajudá-los da melhor forma.</p>

Agente educacional 7

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
80	Ensino médio completo - Piano completo	Técnica Vocal e Pianista da turma	5'54 Olhe não entendo nada de tecnologia então eu peço para minha filha pesquisar sobre as novidades sobre a área de piano como da técnica vocal. Peço para ela pesquisar Livros, gosto de estar em dia com as coisas, atualizada. Eu gosto. E a minha filha também dá aula de técnica vocal e eu a ajudo duas vezes por semana. Para me manter atualizada. Também sou professora de piano. Eu gosto de dar aulas, eu gosto do que eu faço. Já estou aposentada há dez anos e tenho alunos em casa.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?
9'48'' Não. Embora eu seja muito reservada a gente sempre está lá Diretoria de Cultura e eles nos informam sobre as coisas pra gente. Então eles sempre estão nos atualizando e nos deixando ao par das coisas que é pra fazer, que acontece e tudo.	10'55'' No meu caso não sou eu, vamos dizer, a principal. Eu faço conforme o que eles me determinam. A coordenadora passa pra gente e por exemplo aqui é a professora Eliana que dirige, que rege o coral, então eu sigo o que ela determina no coral e na técnica vocal. Eu sigo o que a professora Eliana define, qual música, o ensaio de tal coisa. Não sou eu a responsável por isso. Não pelo roteiro. A gente trabalha junto, bem unidas e eu toco e faço os exercícios de técnica vocal junto aos unatianos.

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento
Eu tenho os livros, o material do curso de piano. Já tenho uma base de como deve ser feito. Tenho os livros apropriados: a iniciação, o preliminar, o primeiro ano, o segundo... Mas eu tenho todo esse material. É uma sequência bem organizada.	Não. Não há necessidade na minha atividade.	14'34'' Antes da professora Eliana, quando eu trabalhava com as aulas eu fazia assim: Nas músicas eu dava liberdade para o aluno. Na parte teórica eu estabelecia o que seguir. Mas na parte das músicas, mesmo no piano , eu dizia "vocês tem que escolher uma música que esteja na altura que vocês estão". Então eu dava a liberdade para o aluno escolher porque eu tenho um gosto "e vocês têm outro e eles ficam tão alegres, você nem imagina"! Porque tem o estilo que eles gostam. E quando eu dava a técnica vocal a mesma coisa. Eu dava a técnica, exigia bastante, mas quando chegava na música a gente sugeria alguma música mas eu dava a liberdade pra eles e todos mundo trazia uma música diferente. Coisa muito popular que eles gostam e também da idade e do tempo deles. Não adiantava eu pegar uma música mais contemporânea que eles não aceitavam, eles queriam do tempo deles. Alguma coisa com a vida deles, mais romântica, mais da memória de vida deles. Teve uma vez que eles se apresentaram e saíram muito bem. Por quê? Porque eles estavam fazendo uma coisa e uma música que eles gostavam, essa parte do repertório eu deixava por eles. Porque daí eles se sentiam, sei lá... mais ... felizes. Numa animação que eu queria que você visse. E quando eles escolhiam, mas olhe, que felicidade, você precisava de ver, daí eles cantavam e dançavam e se mexiam, era uma alegria só.

Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?	Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?	Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?
17'36'' Não, a gente já tinha acesso e tudo, então sempre procurava, antes de dar aulas já procurava e vinha com bastante segurança. Eu não sou do improviso, não, sempre tinha um planejamento, eu quero fazer isso e isso. Mesmo na aula de técnica quanto na aula de piano. Afinal, no meu trabalho. Eu sou muito organizada porque eu acho que a desorganização é uma bagunça que chega na hora a gente se perde. Eu sou muito organizada, até demais.	18'40'' Não porque, naquela aula que eu dava, antes de eu terminar, para a próxima aula eu dizia: "vocês vão escolher a música que vocês querem, o repertório que vocês gostam". Porque daí eles fazem com prazer, eles vibram, eles cantam, eles dançam e nem parece que são da terceira idade. Então eu sempre deixei assim à vontade.	20' Sim, em algumas situações, pelas músicas escolhidas, eu acho que percebia mais muita sensibilidade. A gente sentia que vinha do coração. E também a cidadania, porque eram alunos de todo tipo. A gente sentia isso.

Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca <i>etc.</i>)?	Descreva e detalhe a metodologia didática usada por você no ensino e na sua atuação pedagógica relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
<p>20'37 A sala do coral e o piano. Nas apresentações em vários lugares, às vezes ao ar livre, no teatro.</p>	<p>22'00'' Porque geralmente com a terceira idade é mais aplicada a parte da técnica vocal, do coral e do cantar. Eu sigo o que é proposto pela professora Eliana. Às vezes a gente dá uma sugestão, fala alguma coisa, mas geralmente não há necessidade disso.</p>

Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.	Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?
<p>23'33'' Eu acho muito bom. Porque nem todos frequentam todas as aulas que têm. Mas muitos já disseram que vinham só para a aulas do coral e uma ou outra aula. Mas do coral eles não faltam. Isso aqui ficava cheio, 40 e tantos alunos. Por quê? Porque daí eles cantam e dançam e conversam. É só quem está aqui pra ver. Agora não tem tantos, muitos saíram da Unati, mas os que ficaram continuam animados do mesmo jeito. Eles são bem animados, eles são alegres, eles aproveitam mesmo. Percebe-se uma evolução. E a gente fica animado também, isso contagia. E a gente fica tão feliz com eles. No meu caso especificamente, quando um aluno se destaca então, isso faz um bem pra gente. Não é questão de orgulho, mas a gente vê que o trabalho da gente não foi em vão. É muito gratificante estar com eles, eles animam a gente. Como é bom!</p>	<p>26' Com a professora de Canto e com a coordenação.</p>

Agente educacional 8

Idade	Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
46	Fisioterapeuta	Pilates	10 anos	9'30'' A partir de leitura de artigos, busca de <i>sítes...</i> Porque como é uma atividade muito dinâmica e a minha especialização é em gerontologia então em relação ao cuidado com o idoso é uma atualização constante. Mas em relação à prática que eu tenho que administrar com eles é busca em rede social, Instagram, sempre tem empresas que está liberando <i>e-books</i> pra gente acompanhar novas práticas. E o pilates é infinito, cada dia você vê uma coisa diferente, ele é muito versátil. A gente acaba fazendo, por exemplo, um exercício de braço eu posso fazer de inúmeras formas para alcançar o mesmo objetivo, então isso torna a prática muito dinâmica pra eles. Então eles nunca fazem a mesma coisa, sabe. Eu sei qual é o objetivo, melhorar a postura, eu posso usar todos os aparelhos que eu tenho disponível do Pilates para eles para melhorar a postura. Eu posso melhorar a dor do joelho deles por exemplo, que tem fragilidade no joelho, fraqueza muscular. Então eu posso fortalecer o joelho delado, em pé, sentado, com mola, sem mola, com bastão, sem bastão. E isso assim é como uma culinária quanto mais você vai inventando as misturas mais a criatividade vai surgindo. No pilates é assim. Hoje a gente faz e no outro dia você pode adaptar o exercício de uma outra forma que talvez venha a ser mais fácil ou mais difícil conforme a resposta do próprio paciente. Então, é atualização de rede social, Instagram, os sites das próprias empresas que fazem a venda de equipamentos, tem muitos Studios que tem os seus Instagrams que postam como uma conta comercial, a gente acaba entrando pra ver a demonstração dos equipamentos e dos exercícios, como um chamariz pra venda mesmo. Então a gente vai vasculhando e procurando a melhor forma. Agora a gente está tentando cada vez mais, não é profissionalizar, mas nos cercar mais de dados e pesquisar mais sobre isso. Ortem, por exemplo, foi uma manhã que nós fizemos só avaliações, com todos os participantes. Então aqui na clínica nós temos um arsenal de equipamentos novos que chegaram e fizemos uma bateria de avaliações com eles os quais são adequadas para a faixa etária. Por exemplo, para avaliar o grau de fragilidade que eles se encontram com testes de sentar e levantar, com testes de prensão palmar que é importante, bioimpedância para conhecer a massa magra, massa gorda, porque é importante pela questão muscular que eles precisam e perdem muito no decorrer dos anos, circunferência de panturrilha que são testes que nos direcionam para saber como está a condição física deles. Fizemos toda a questão de respiratória, respirometria para saber como está a força muscular respiratória deles porque o pilates também envolve o controle respiratório durante o exercício. Também fizemos avaliações de qualidade de vida, existe questionário específico de qualidade de vida do idoso. Para gente poder acompanhar isso e ter esse respaldo científico registrado de quanto a gente está fazendo e está no caminho certo e o que a gente pode melhorar. Daqui a dois meses a gente vai aplicar de novo. E para os do meet, ambientados com essa tecnologia, a gente manda questionários sobre incontinência urinária, sobre o isolamento social na pandemia, sobre o sedentarismo e a prática de exercício para saber como que eles estavam acompanhando e o que eles estavam fazendo para melhorar o condicionamento no período do isolamento. A gente está sempre movimentando eles e tentando <i>linkar</i> para poder ter respostas.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?
16' Sim, a coordenadora sentou comigo e na verdade ela me procurou porque eu era e sou a única professora que tinha especialização em gerontologia então ela me apresentou todo o projeto da Unati como funcionava e a gente já conhecia dos bastidores por na universidade. Ela passou pra nós principalmente o funcionamento, o que precisaria cumprir e o que eu precisaria cumprir como participante do programa.	O projeto de extensão.

17' Na literatura científica para artigos e as redes sociais.	17'16 Google Meet (Aulas remotas), Instagram, WhatsApp, (Grupo da equipe do projeto e grupo dos unatianos matriculados) com frequência de 2 a 3 vezes por semana. Coloca instruções para a equipe por chamadas de vídeos, e instruções de acesso para os unatianos.	19' Hoje não, é bem tranquilo já. Já foi mais difícil. Pra gente já foi uma coisa que a gente teve que se adaptar.
---	---	--

<p>Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento</p>	<p>Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?</p>
<p>20'13'' Na verdade o primeiro foco que a gente pensa quando vai trabalhar com o idoso é o nível de entendimento deles. Então eu tenho que buscar uma coisa que seja fácil, que seja clara, que seja simples, eu não posso complicar. Eu não posso "pensar" para eles. Pra nós isso é uma coisa que a gente tem que pensar muito, eu tenho que na verdade simplificar tudo, pra daí ir subindo e aumentando sabe. Cada um tem o seu nível de dificuldade. Por exemplo, eu tenho um senhor que ele tem um pouco de dificuldade auditiva então eu tenho que pensar no tipo de comando que eu tenho que dar para ele que seja simples, que seja claro, que seja em um bom tom. Eu tenho uma paciente que tem uma cirurgia de joelho, então quando eu vou pensar no exercício eu tenho que pensar que eu não posso colocá-la em quatro apoios, de gato, ajoelhado, etc. Então assim, na Unati eu tenho que simplificar para poder equalizar para todo mundo, por mais que os exercícios sejam individuais e exista um protocolo, eu não posso fazer a mesma coisa para todo mundo, mas eu tenho que fazer mais ou menos uniforme, porque eu não posso fazer alguma coisa muito difícil. Eu tenho que pensar nas individualidades de cada um. Então essa é a principal barreira: é pensar nas individualidades e daí tentar, a partir disso, uniformizar um dia de atividades. Porque o objetivo é buscar a capacidade funcional e essa capacidade funcional às vezes ela não quer dizer que seja fazer com que o idoso carregue uma caixa de refrigerante, por exemplo. Eu preciso que ele tenha uma capacidade funcional para fazer com qualidade as principais atividades de vida diária dele. Que ele tenha habilidade de tirar uma roupa com facilidade, que tenha capacidade de amarrar um sapato com facilidade, que ele desenvolva o menor grau de dependência de outra pessoa, esse é o nosso foco aqui. E daí na consequência disso vem um monte de coisa, vem diminuição de dor, vem aumento de serotonina, vem disposição. A prática do exercício pra eles de forma individualizada, cuidada, segura na mão para subir no equipamento, pra não ter perigo, por exemplo, no mesmo horário eu tenho o senhor que tem um pouco de deficiência auditiva, uma senhora que faz tratamento para labirintite então eu não posso colocar ela deitada e levantar ela rápido e tenho a mulher que tem a prótese no joelho. Então são coisas que tem que cuidar muito na hora de pensar no que fazer e é uma coisa muito particular da faixa etária. Eu tenho que começar com coisas simples pelas dificuldades para que eles venham ganhando essas habilidades com o passar do tempo da atividade.</p>	<p>26'04'' O empoderamento é incrível. Eu acho assim que o que gerou de empoderamento aqui é muito legal, porque o que eu vejo, principalmente com as mulheres: elas sobem num aparelho, quando fazem alguma coisa mais complexa a primeira coisa que elas pedem é "você pode fazer uma foto para eu mandar para a minha família, para o meu namorado". Sabe então, é uma coisa que "eu consigo, eu tô aqui, veja como é, como é bom. Faz um vídeo para mostrar o que eu estou fazendo atividade". Então, é pra mostrar a condição deles, que eles são capazes e isso é bem legal. A satisfação pessoal que eu acho que é bem importante e que gera pra eles, pela condição de conseguir mesmo, de fazer e de estar. O convívio social é muito importante também, eu sinto, porque elas estão num grupo, elas se combinam, elas conversam entre elas, uma pega carona a outra leva, a outra dá a receita do chá. O bom humor, geração de gratidão. Fora os benefícios físicos. Também o respeito pelo limite, pelo outro, um pouco de ironia, descontração, brincadeiras um com o outro.</p>

<p>Em suas atividades pedagógicas junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?</p>	<p>Você incorpora conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora você considere relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram solicitados no planejamento das atividades?</p>
<p>28'40'' Clínica-Escola de Fisioterapia, Estúdio de Pilates, Equipamentos acessórios: Bola, bastão, pesos, colchonetes e pro remoto a Internet.</p>	<p>29'37'' Na verdade eu tento adaptar para as necessidades que eles têm nas outras atividades. Por exemplo, eles têm o grupo de dança, aí o que eu dizia, vamos fazer esse tipo de exercício que este vai te ajudar na dança. Tentava <i>linkar</i> para eles poderem valorizar as atividades, sabe. Mais ou menos assim. Tentar <i>linkar</i> vamos melhorar isso porque vai melhorar a postura no alongamento. Tentar mostrar o benefício daquela prática relacionada às outras atividades que eles fazem, por mais que algumas delas sejam mais teóricas. Então a ideia é "vamos fortalecer esse joelho para poder subir melhor no ônibus para a viagem da Unati".</p>

<p>Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.</p>	<p>Você compartilha e constrói os conteúdos de sua responsabilidade em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?</p>
<p>30'58'' É uma fidelização absurda. Eu acredito que eles mesmo chegam e contam o bem-estar por terem feito e contam muitas vezes o que eles conseguiram fazer e não conseguiram, a partir dessa rotina de exercícios. Contam a melhora da sensação e da diminuição das dores que eles têm. "Ai eu tenho muita dor nas costas e tá melhorando". "eu to conseguindo ficar mais tempo na minha máquina de costura, por conta disso, sem ter aquele efeito que eu tinha depois da minha atividade". Essa qualidade de vida é o que eles passam pra mim e é o que a gente consegue ter como resposta e ter como benefício do que a gente tá levando pra eles.</p>	<p>32'09'' Na verdade a questão das avaliações é o que a gente faz com a equipe executora/outros professores cada um focado na sua área quem é mais da parte respiratória por exemplo. Mas isso só na questão das avaliações e daí depois quando a gente vai montar conteúdo para relatório, para submeter trabalho em algum evento ou alguma coisa assim. Mas em relação à organização da atividade diária isso é só comigo e com os alunos do projeto.</p>

Agente educacional 9

Formação	Disciplina/Oficina/Palestra/Curso ministrado na Unati	Tempo de atuação na Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação pedagógica?
Formada em Administração e Educação Física. Atuei por 7 anos no Ensino Superior na disciplina de Administração. A DV sempre fez parte da minha vida. Conhecim o PD, abandonei a docência e senti necessidade de conhecimento físico para trabalhar com o Pole Dance. Tenho Especialização em Dança e Cestão da Dança. E mais duas formações internacionais em DV e PD	Dança (do Ventre e Populares)	5 meses	2'38" A gente está em constante processo de atualização. Existem cursos de formação específico desta área, dança do ventre; a outra área que eu atuo com elas que é a área de danças populares é mais informal o processo. Pesquisa por meio de outras academias que trabalham com a 3a idade que trabalham com essas danças populares também é um pouco mais informal. Já na Dança do Ventre é bem específico, a gente faz curso de formação e de uma linha específica da DV e com a DV em si, faz em torno de 15 anos que eu atuo profissionalmente com a DV. Passa ano, dois anos sempre está com uma alguma atualização. Agora recentemente estamos com uma professora fixa pois a Pandemia nos deu a oportunidade de aprender a trabalhar a distância então facilitou bastante. A gente tem professoras de SP que atuam e conseguem trazer pra gente uma atualização. Essa foi uma das coisas positivas porque a gente acabou aprendendo. Antes a gente fazia isso por intermédio de encontros em outra cidade e iam grupos para essa cidade e eram menos vezes por ano. Agora a gente consegue fazer um pouco melhor.

Você já teve acesso e/ou tomou conhecimento do conteúdo dos protocolos nº 5727/-Unicentro, de 28 de julho de 2000, nº 726 de 15 de fevereiro de 2008 e nº 835 de 7 de fevereiro de 2017 e das resoluções nº 143/2005-CEPE/UNICENTRO, nº 52/2008-CEPE/UNICENTRO, nº 055/2017-PROEC/UNICENTRO, nº 043/2019-PROEC/UNICENTRO, que se referem à criação e execução do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)?	Existe uma ementa ou plano pedagógico ou roteiro que você tenha recebido para elaborar os conteúdos a serem ministrados na sua disciplina/oficina/palestra/curso aos unatianos? Pensando no descrito nesses documentos sobre as atividades a serem produzidas para os idosos, como você elabora os conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?
5'35" Não, não tive acesso a nenhum deles. Não fui apresentada aos projetos. O nosso contato foi mais informal. Eles sabiam do meu trabalho com a DV e passei por um processo de licitação e entrei trabalhando com as aulas.	6'20" Então não recebi, não tenho. Não tenho nada. Trabalho com os alunos com a experiência que eu tenho da dança em si e vou adaptando para a terceira idade, para a melhor idade. Não tenho nenhuma orientação a seguir nesse sentido.

Quais as estratégias que você utiliza para o ensino e interação junto aos unatianos?

7'02'' Sim. A gente segue, dentro da DV, que é a modalidade que eu estou mais à vontade para falar do que a outra, o que a gente segue da DV é seguir o padrão oriental mesmo em seguir a regra cultural da própria dança que a gente trabalha, a dança egípcia. O que eu fiz de adaptações pra elas e que eu já orientava a minha outra professora? **Que as meninas da terceira idade não precisam ficar tecnicamente sofrendo com a técnica, porque elas querem só dançar. Então o que a gente adotou pra trabalhar com elas? Que a dança pra elas tem que ser prazerosa, tem que ser divertida, proporcionar o bem estar físico,** que a DV acaba melhorando em muitos aspectos pra elas nos sentidos posturais que a gente cuida, cuidados também com algumas lesões no corporal que elas já vêm artrite, artrose, coluna, essas coisas assim. Então o que a gente combinou de trabalhar com elas, eu e a outra professora da época: **tornar a dança fisicamente prazerosa, que promova pra elas a possibilidade de dançar. Aí se, tecnicamente o passo tá correto ou não, eu vou cobrar das meninas jovens, que às vezes querem atuar profissionalmente, sei lá. Mas caso contrário, não. Então o que a gente dá pra elas? A condição e o prazer da dança. E de repente subir ao palco e fazer um show.** Então isso que... pra esse motivo que quando a gente discutiu com a Jamile na época foi a possibilidade de dar pra elas a dança. E aí agora, quando eu entrei eu entrei seguindo essa mesma condição porque quando a Jamile montou o grupo tinha 3 ou 4 meninas que se interessaram pela dança e quando ela mudou de universidade, o grupo tinha 20. Então, quer dizer, aos poucos foram entrando outras meninas porque viram que isso era gostoso. Eu segui agora o mesmo padrão. **O que a gente proporciona pra elas é isso. Não importa se o passo está tecnicamente correto, se elas estão com o alinhamento de palco uma do lado da outra que precisa estar, sabe então não importa essas coisas, o que importa é o bem estar delas fazendo atividade física e a possibilidade delas subirem em um palco e fazer um show.** Então elas recebem muitos convites, a gente prepara as coreografias e é nesse sentido que eu mando o material para elas. **Eu coloco o passo, como que ele funciona e como faz isso dentro da música,** depois... elas sempre querem 'você vai dançar com a gente na frente', aí eu faço igual escola de criança. **Eu não gosto de dançar junto com elas, porque eu acho que tira o brilho delas, então eu sempre falo: 'não, vocês dançam sozinhas' e muitas vezes eu fico fora do palco dando umas dicas, porque muitas vezes elas esquecem, elas se distraem, se dispersam também. Então eu acabo fazendo isso. E elas sempre fizeram um show, sempre fizeram uma dança bem bonita.**

Onde você costuma buscar as fontes de informação para o desenvolvimento dos conteúdos ministrados por você nas atividades da Unati?	Ao preparar seus conteúdos você se utiliza das ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?	Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.
<p>11'18'' Em cursos de formação próprios que eu mesma busco e vou atrás sobre atualização sobre a dança, tanto na parte prática quanto teoria da dança; outras academias e outros lugares que trabalham com a melhor idade. Porque aqui eu trabalho com mulheres adultas, e aí eu avanço as adaptações para mulheres na terceira idade. Então o que eu busco essa adaptação para que fizesse melhor pra elas. Então fontes de outras academias, artigos que falem da terceira idade e da dança na terceira idade, o que eu devo levar pra elas e por conta dessa outras fontes que eu chego nesse outro ponto que eu comentei com você: que é de levá-las para elas a oportunidade de ter prazer na dança e sentirem-se dançando, sabe? Essa é a principal questão. Em cima desses elementos que eu vinha construindo com a Jamile, em pesquisas, é que a gente chegou nisso, de dar pra elas isso.</p>	<p>13'15'' (Vídeos do You Tube) Utilizo o básico do básico. Nada extraordinário. Sou uma pessoa que acredita que... apesar de ter muito da tecnologia que pode proporcionar, eu sou muito da escrita, eu sou tátil, então eu tenho que ter alguma coisa na minha mão. As minhas aulas eu planejo também... o que eu vou dar essa semana. Como que vou fazer elas chegarem a concluir aquela coreografia. Os passos isolados em cada aula. Dentro de cada aula eu coloco questões como, o que a gente está trabalhando: localização espacial, coordenação motora, equilíbrio... então essas coisas que são importantes pra elas. Eu coloco exercícios que trabalham isso mas elas acham que estão dançando. Porque eu também sou da Educação Física, então eu coloco algumas coisas também nesse sentido. Então elas desenvolvem equilíbrio, coordenação, postura, questões espaciais e aí eu coloco isso dentro da dança. E eu escrevo isso. Então eu tenho o caderninho.</p>	<p>14'51'' Não</p>

Qual procedimento crítico-reflexivo você faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as suas necessidades informacionais para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento	Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos você encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem ministradas aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?
<p>15'35'' Primeiro penso nessa condição de idosa. Por exemplo, quando eu vou elaborar uma coreografia: isso aqui pode gerar tontura, isso aqui vai gerar desequilíbrio pra ela, então eu vou planejando e substituindo passos e movimentações que sejam mais confortáveis para elas. "Ah isso aqui vai afetar o joelho, não pode ter saltos". Pra umas vai bem tranquilo, porque o grupo lá, tem meninas com muita condição física e tem meninas com menos condição física e alguns problemas de saúde. Então o grupo é um só e tem que fazer alguma coisa que todas consigam executar (inclusão?). 17'15'' Penso também no bem estar emocional delas, sabe. Durante a aula tem o espaço que elas vão tomar água, que elas descansam e nesse descanso elas podem tagarelar à vontade, porque elas adoram uma conversa. Então eu acho que dentro da aula de dança pra elas tem que ter tudo isso, esse espaço. Eu tenho a preocupação da questão física e da dança, mas também tem que dar pra elas a oportunidade de descanso e a oportunidade da conversa. Tipo, um lazerzinho ali no meio da aula. Então eu incluo isso dentro da minha elaboração. Eu tenho uma aula de 60 minutos então dentro desses 60 minutos tem que trabalhar com tudo isso. E no final um relaxamento porque elas vão embora feliz. Então eu tenho que trabalhar com todos esses elementos.</p>	<p>18'32'' Não tenho nenhuma dificuldade, é bem tranquilo. Tem bastante conteúdo disponível na Internet, nos artigos sobre a terceira idade, sobre a dança na terceira idade, sobre a DV na terceira idade, sobre as danças populares, tem muito. Não tem um conteúdo escasso, é um conteúdo bastante trabalhado, a dança na terceira idade e a DV também. E aí dentro disso tem uma série de outros fatores mais específicos da DV para isso, para aquilo. Conteúdo tem bastante.</p>

Considerando a condição específica do público da Unati, você encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?

19'54'' Eu não tenho dificuldade nessas decisões, talvez pelo tempo que a gente já vem trabalhando, então algumas dúvidas que foram surgindo no início já foram adaptadas antes, então agora que eu assumi parece que está tudo mais tranquilo, fluem melhor. Essas dificuldades que eu poderia levantar, que seriam assim: "ah tecnicamente isso não deu, ah isso promoveu isso", já foram feitas antes, com a Jamile. E hoje eu cheguei dentro de uma estrutura com muito mais informação do que quando a Jamile começou. Então, coisas assim que ela fez e que ao nós conversarmos a gente trocou de estratégia, hoje não foi mais preciso, porque hoje funciona. Porque a gente já achou as dificuldades antes. E o que eram essas dificuldades, nós podemos elencar aqui: a aula tradicional que a gente trabalha com outras alunas não funciona pra elas, por quê? Porque elas precisam de outros fatores. Como eu comentei com você, sentir-se que estão dançando, elas não gostam de ficar tecnicamente fazendo um movimento, coisa que em aula normal a gente faz, então, todas essas adaptações que foram surgindo ao longo da dança nesses 5, 6 anos atrás, eu participei. Então hoje pra mim tá muito mais confortável e fácil trabalhar com elas. O que eu encontrei também agora que era uma das coisas que eu não tinha: é que às vezes entre elas tem que coordenar, porque uma quer corrigir a outra, mesmo sem ela saber ela quer ensinar a outra, sabe. Então tem que administrar isso mas não é uma dificuldade pra mim e eu nunca tinha trabalhado com o público da terceira idade. Agora eu vi que eu tenho bastante habilidade. Que de certa forma elas aparentam gostar bastante das aulas. Dão um *feedback* bastante positivo. O que eu já entendi também, é que a repetição, pra eles, tem que ser constante. **Essa seria foi uma dificuldade um pouquinho antes, hoje já não, hoje eu já chego lá e repito, e repito de novo. Pra terceira idade o repetir tem que ser constante, porque parece que não fixa, como fixa quando é mais novo. As coreografias tem que ser repetidas, tem que colocar metodologias, regras: "agora são só quatro pra cá" e "vamos fazer todas só quatro pra cá", isso eu não diria que é uma dificuldade, mas são coisas que eu tive que fazer adaptações. Uma particularidade.**

Você poderia citar exemplos de atividades que você realiza e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como você as desenvolve didaticamente?

25'21 Sim, a gente trabalha dentro da DV de uma forma geral isso, de você sentir-se bem, de você poder fazer as coisas, tipo: "é possível para você também". Eu sempre brinco que adoto a teoria da dança Ratatouille, do desenho: "qualquer um pode dançar". Eu falo que qq uma pode dançar. Não interessa a terceira idade, a gente trabalha muito essa questão da possibilidade de você dançar, independente se você é grande, pequena, velha, nova, gorda, magra, alta, baixa, tanto faz, a dança abraça todo mundo, então em muitos momentos eu comento isso. Também administro essa questão que uma deve ajudar a outra, e não criticar se uma errou tanto faz, o objetivo não é criticar, porque errar todas nós erramos, então tem que trabalhar isso entre elas. Outra questão também é que esse grupo tem muita diferença social. Tem meninas que têm bastante poder aquisitivo outras nem tanto poder aquisitivo e estão ali porque querem mais a questão da socialização estão retomando ali algumas coisas. E ali a gente tem figurinos pra apresentar, então eu falo que a gente ajuda, empresta, por quê? Porque é pra todas e se uma tem condição de comprar um lenço de 200 reais a outra a gente pode programar para fazer um ou ela mesma pode fazer. Isso eu sempre deixo bem aberto dentro do grupo e sempre repito: que ninguém é obrigado naquele grupo a comprar nada e nem a fazer nada, né. Que o objetivo do grupo não é esse, mas que a gente tenha as apresentações, e quem quiser dançar a gente vai dar um jeito, tanto de comprar figurino, emprestar, providenciar, coisa e tal. As condições físicas também de cada uma porque às falo: "a gente trocou esse passo por este". Ai uma fala: "Mas por quê aquele era bonito?" Mas é porque uma fica tonta com aquele passo, então eu não posso pensar somente naquela que fica tonta ou na que não fica tonta com aquele passo. Eu tenho que pensar no grupo, então vamos trocar por esse que também é bonito e não deixa ninguém tonto. Então ali tem que trabalhar tudo isso. Deixa eu comentar sobre a questão da reflexão crítica. Dentro da DV eu sou bastante firme na cultura árabe. E existe muito da DV assim, sensacionalista, espetaculosa, roupas muito abertas, e tal. E aí eu, em muitos momentos sempre paro e falo: "óh, a DV não é isso, a DV é aquilo, então assim, observem tal coisa, procurem isso, achou alguma coisa meio esquisita, mostre pra mim, a gente vai ter que discutir sobre isso". Um dos medos quando a gente começou a trabalhar a DV lá é que... as professoras comentaram lá que a gente transformasse elas em "odaliscas da terceira idade". E odalisca pra nós é uma ofensa nesse sentido. e Ai a gente não! Roupinhas bonitas, roupinha fechadas, que elas se sintam confortáveis então a crítica, com muita frequência eu falo pra elas isso: delas absorverem a dança como a cultura e o folclore árabe e não o show e o sensacionalismo das coisas que são vendidas como DV, como isso, como aquilo. tem bastante conteúdo teórico, informações que eu passo pra ela também sobre as condições físicas que a DV proporciona pra elas e como elas potencializarem isso dentro das aulas, estruturando a postura, contraindo pelve, protegendo lombar, uma série de outros fatores nesse sentido, então a gente tá todo momento ali, trabalhando com elas teoricamente também dentro do grupo, durante a aula. E pra ninguém competir com ninguém, entre mulheres e independente em que idade esteja isso acontece. Pra ninguém competir com ninguém porque nós não estamos ali pra isso, nós estamos pra dançar, sentir prazer e ser feliz. Não incentivo isso em nenhum momento. Elas não vão fazer danças solo pra uma competir com a outra. Mas se tiver, vai ser pra uma apoiar a outra, incentivo ou apoio e não uma competição. Não tem competição, a gente tem parcerias e uma tem que apoiar a outra e a gente tem que trabalhar isso também, pra não competir uma com a outra.

Coordenação da Unati

Idade	Formação	Tempo de atuação na Coordenação da Unati	Como você busca a sua capacitação no âmbito da sua atuação como coordenadora da Unati?
68	Pós-Graduação em nível de Especialização em: - Educação de Jovens e Adultos; - Supervisão e Avaliação Escolar; Educação, Cultura e Sociedade; Graduação em Pedagogia	Mais de 10 anos	Busca se atualizar em intercâmbio com coordenadores de outras Unatis de todo o Brasil, a partir da retroalimentação de informação que possam contribuir com os projetos. Cada coordenador se alimenta das informações teóricas, das pesquisas mais atualizadas e traz para sua realidade procurando adaptar e aproveitar ao máximo essas pesquisas que estão sendo veiculadas por revistas científicas e literatura, enfim, mas basicamente a busca, a informação dessas produções atualizadas se dá pelo intercâmbio entre coordenadores de Unatis.

Como são desenvolvidas e elaboradas as atividades para um período letivo do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati)? Comente sobre esse momento.	Existe um roteiro pré-determinado para a distribuição de atividades entre os agentes educacionais que atuam na Unati?	Quais estratégias são utilizadas para o ensino e interação junto aos unatianos?
<p>A Unati foi pensada em dois objetivos fundamentais: - A socialização da pessoa idosa; e busca da melhoria da qualidade de vida (Objetivos principais). Desse surgem os objetivos específicos ao longo do tempo.</p> <p>Considerando a universidade ser pública e abrigar uma multiplicidade de áreas do conhecimento mas com recursos muito escassos, então a primeira busca é dentro da própria universidade o que nós temos de pessoal que possam vir trabalhar buscando atingir aqueles objetivos. Então, antes eram feitas visitas aos diversos Setores de Conhecimento e departamentos buscando parcerias. A partir da experiência pedagógica da coordenadora ao assumir foi buscada ampliação do número de atividades e de características buscando um equilíbrio entre atividades físicas e teóricas. Essa peregrinação pelos diversos departamentos oportunizou uma certa estrutura. Atualmente a Unati é buscada por esses departamentos, os quais oferecem pesquisas, atividades. Dessa forma se tem o oferecimento de atividades pelas áreas da saúde, das ciências humanas etc. Desse modo se busca manter aquele equilíbrio entre atividades físicas e teóricas. Um exemplo é o ensino das línguas estrangeiras modernas que são realizados em parceria com o Departamento de Letras que abriga o Programa Multicultural de Línguas (PROMUL/Unicentro). Outra iniciativa é a parceria com outros departamentos para as aulas como os departamentos específicos para as aulas de informática, educação física, fisioterapia, canto e coral. Originando dessa forma um leque de atividades a partir dessas parcerias com os diversos departamentos da universidade. Há também atividades nas quais não se tem os profissionais da própria universidade. Como é o exemplo dos dois grupos de dança e das aulas de Yoga que são realizados por pessoas da comunidade que possuem cadastro nacional da pessoa jurídica e são pagos por intermédio dos recursos arrecadados do pagamento das mensalidades pelos Unatianos.</p>	<p>Não existe um roteiro predeterminado, até mesmo pela dependência básica do voluntariado da maioria das atividades. Nesse sentido, dentro dos objetivos fundamentais do programa (atividades físicas e teóricas), vai-se trabalhando com a disponibilidade dos agentes educacionais da universidade, procurando-se ser fiel àqueles objetivos.</p>	<p>Busca pela metodologia bastante interativa, considerando-se que a pessoa idosa tem uma experiência muito grande. Então essa troca sempre acaba acontecendo. Nós temos acadêmicos trabalhando com professores. Nesse caso eles dizem que acabam aprendendo mais do que ensinam. Então a metodologia é muito interativa. As avaliações acabam sendo autoavaliações. Os idosos são convidados a apreciarem o seu próprio desenvolvimento. Isso não exclui que o professor faça essa avaliação também (do processo). A avaliação do processo, porque senão não aconteceria o ensino/aprendizagem. Mas a busca é incentivar a autoavaliação.</p>

Onde se costumam buscar as fontes de informação para a decisão acerca dos conteúdos a serem ministrados nas atividades da Unati?	Ao se refletir sobre esses conteúdos, são utilizadas as ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)? Com que frequência? E quais delas? Pode citá-las?
<p>A coordenação pode sugerir metodologias dentro das necessidades, entretanto, busca de conteúdos cada professor tem liberdade de trabalhar. Quando se percebe algum desvirtuamento do ensino pra pessoa idosa, então há interferência da coordenação. Houve um tempo nas disciplinas de línguas que eram feitas avaliações orais e isso causava constrangimento para a pessoa idosa, então foi sugerido que a avaliação não fosse feita dessa forma. Um exemplo concreto foram as aulas de informática, que eram trabalhadas no laboratório de informática com orientação de usar o computador, formatação de texto, elaboração de tabelas, mas percebemos que os idosos usam preponderantemente o celular, as redes sociais, então sugerimos que o programa de ensino de informática fosse voltado ao uso do celular e à segurança na navegação nas redes. Então, nesse sentido que a coordenação sente as necessidades dos unatianos nas conversas, em sondagens e aí propõe aos professores algum conteúdo que seja necessário.</p>	<p>Nós sempre buscamos essa atualização dos conhecimentos. Com a chegada da Pandemia isso se fez imperativo. Professores e coordenação buscaram se atualizar e aperfeiçoar o uso das ferramentas TIC para que as atividades da Unati não sofressem interrupção. Segundo a avaliação da Coordenação essa iniciativa foi um sucesso muito grande. Nesse sentido o Programa teve, nesse período pandêmico sempre em média 30 a 40 unatianos participando regularmente durante todo o período de isolamento social. E todas as atividades que antes eram presenciais (com exceção da hidroginástica) foram desenvolvidas de forma remota. Esse número foi praticamente metade do número de unatianos matriculados. Então isso proporcionou romper o isolamento social que era necessário naquele momento. Não houve nenhum idoso contaminado por Coronavírus nesse período, pois as informações eram fornecidas à tempo e à hora, como o calendário de vacinas, por exemplo. Dessa forma eles eram informados diariamente os locais e horários de vacinação. E o uso das ferramentas foi essencial para que sobrevivêssemos com uma boa qualidade de vida naquele período. O critério considerado para essa avaliação é o fato de que, os idosos que não tiveram acesso a essas tecnologias sofreram consequências emocionais do isolamento. Esse mal estar emocional e afetivo também causou consequências físicas. Dos exemplos que chegaram até à coordenação, além dos desconhecidos, foi de um casal por exemplo que foi mantido pela família sob cuidados excessivos tiveram um decréscimo fisiológico muito grande. Hoje esses idosos estão passando por atividades físicas bastante constantes para tentar a recuperação. Pois a pessoa idosa já tem uma perda maior de massa magra e a falta de exercícios regulares fez com que esse casal especificamente tivesse até a mobilidade comprometida por causa da falta de exercícios e pela não habilidade para interagir com as ferramentas. Nesse sentido as ferramentas foram essenciais, não só para manter a atividade intelectual mas para a física também. Assim, o uso dessas ferramentas possibilitaram a oferta das atividades de Pilates por exemplo, três vezes por semana, nas quais os idosos eram convidados a participar, assim como a aula de dança, e a maioria absoluta participava. Desse modo o que foi possível ofertar de atividade física, além das atividades intelectuais foi feito. "Viva a tecnologia"</p>

<p>Durante o uso dessas ferramentas TIC você encontra ou encontrou alguma dificuldade de uso? Explique ou comente.</p>	<p>Ao buscar os subsídios para desenvolvimento dos conteúdos se encontra alguma dificuldade com relação à localização das informações a serem incorporadas nas atividades aos unatianos? Se sim, quais são essas dificuldades?</p>
<p>Nós tivemos dificuldades sim. Então, como eu disse eu acho que nós tivemos ali 30, 40% dos unatianos que tiveram coragem, primeiro, de romper essa barreira do uso das ferramentas e outros simplesmente que disseram "não sei, não tenho acesso". Porque o acesso à Internet, a uma rede de boa qualidade também faz toda a diferença. Então alguns unatianos usavam o celular apenas como telefone e alguns adquiriram <i>smartphones</i>, outros usaram tablets, notebooks e outros não quiseram se aventurar ou não tinham condições ou uma rede de internet boa. Então pra nós foi difícil também. Encontrar uma plataforma que fosse fácil de ser trabalhada pela maioria dos professores, que oportunizasse registros, porque algumas atividades ficavam gravadas para que a gente pudesse acessar posteriormente. Nós fizemos festas, nós participamos de festivais, então tudo isso era realizado em plataformas diferentes. Nós começamos pelo Skype pra você ter uma ideia. Os primeiros experimentos foram pelo Skype porque era o que se conhecia na época. Nós estamos utilizando as ferramentas desde 20 de março de 2020. Depois migramos para o <i>Meet</i> que foi muito mais ágil, oportunizou esse registro das atividades, mas as dificuldades foram grandes no início. Dificuldade de equipamentos porque nós trabalhávamos em casa com as nossas redes e com os equipamentos que tínhamos. Então muitos professores tiveram sérias dificuldades também em aprender a produzir aula em casa e interagir com os alunos e algumas dificuldades se prendiam à qualidade do equipamento ou da rede que dispunham em casa.</p>	<p>Sim, como nós falamos antes, são poucas as referências no ensino pra pessoa idosa, então os professores que trabalham conosco, via de regra, vão adaptando o que existe para a população mais jovem e adequando à pessoa idosa. Quando necessário buscam apoio aqui e a gente fornece alguma literatura. Até a legislação, até o Estatuto da Pessoa Idosa é usado como subsídio, mas como adequação, não existe nada pronto.</p>

<p>Considerando a condição específica do público da Unati, você, como coordenadora, encontra alguma dificuldade ao decidir por qual conteúdo optar trabalhar com eles quando há multiplicidade de opções (dentro de um único conteúdo a ser ensinado/ministrado/trabalhado)? Como você resolve essa dificuldade?</p>	<p>Você poderia citar exemplos de atividades que são realizadas e que promovem e incorporam no unatiano conceitos de cidadania, reflexão crítica, sensibilidade, intuição, criatividade, inclusão social, protagonismo, empoderamento, ética, emancipação, coletividade etc.? Como elas são desenvolvidas didaticamente?</p>
<p>Não existe tanta multiplicidade de oferta. Como eu te falei antes a gente tem, basicamente, há uns 4, 5 anos as mesmas áreas do conhecimento disponíveis, o que preencheu o nosso horário. Então ele não tem sido muito amplo para fazer essa escolha. Eu até gostaria de ter esse problema. Mas o que tem acontecido hoje com esse horário preenchido que nós temos é a oferta de oficinas, de projetos. Por exemplo, o curso de nutrição que foi o parceiro nosso durante muitos anos, teve um intervalo em que muitos professores foram pro doutoramento, então nós ficamos sem a oferta de programas da nutrição, dentro do nosso programa maior. Hoje esses professores estão retornando e com muita coisa pra nos oferecer, então a gente tem feito um planejamento de projetos específicos e não de continuidade. Por exemplo, a cada 15 dias eles irão conversar conosco sobre o que existe de mais novo na nutrição, que é a ênfase na sarcopenia e a alimentação adequada para a musculação. As coisas mudam, há um tempo atrás a proteína ficava lá em cima, um pedacinho só de carne e hoje a orientação é diferente pra pessoa idosa, na qual a ingestão de proteína animal é incentivada. Então tudo isso a nutrição tá trazendo pra nós. Temos também recentemente a parceria do curso de medicina, no qual eles ofereceram acompanhamento médico aos idosos. A clínica de nutrição também, a clínica de fisioterapia sempre muito parceira com atividades constantes. A educação física que vai retornar com os esportes. Como se dá essas escolhas? Nós não queremos perder nada porque tudo é importante. Dessa forma, tudo que não está dentro do cronograma que foi organizado no início do ano nós vamos colocando como projetos eventuais ao longo do ano.</p>	<p>35'30'' Quando se faz essa busca de adequação dos conteúdos à pessoa idosa, esses conceitos devem aparecer. Por exemplo, quando se fala em cidadania, direitos do idoso: há um incentivo bastante grande para que os unatianos estejam acompanhando as atividades do Conselho Municipal dos direitos da pessoa idosa. Nesta busca você já insere o unatiano nesse universo de busca e defesa desses direitos, de políticas públicas que atendam a essas necessidades, sobretudo dessa população mais fragilizada. Então existe essa instigação para que eles não deixem isso esquecido porque, como nós falamos antes existe uma acomodação também por uma parcela grande dos idosos. A gente sabe que cada população deve batalhar por aquilo que acredita. 36'40'' Sensibilidade/Reflexão Crítica: Nós temos várias oportunidades de atividade artística, por intermédio do canto, das artes plásticas, dança, a própria yoga. Então nesse aspecto são desenvolvidas as questões da sensibilidade. Também se trabalham as diferenças, nem toda pessoa idosa tem acesso à Unati, por quê? Eventualmente tem um que não pode pagar a mensalidade, vamos excluir, pagar uma bolsa-estudo pra ele, que já aconteceu. Uma parceria com o SOS, de vez em quando vamos lá fazer um domingo festivo. Arrecadação de tampinhas e lacres plásticas, embalagens de remédio, então essa solidariedade é incentivada também. Ainda por meio das conferências, do plano municipal de políticas para a pessoa idosa, a criação da rede municipal de apoio e assistência à pessoa idosa. Várias políticas públicas que foram instituídas no município desde que nós nos entendemos como Unati. Há mais de 10 anos no Conselho da pessoa idosa. A Unati participou na elaboração do estatutos do Conselho, constituição do fundo municipal dos direitos do idoso que são arrecadados recursos para esse conselho. Quando eu comecei aqui sentia que a Unati era uma "ilha", então ao presidir o conselho com a função também de integrar os demais 20 tantos grupos de pessoas idosas. Fizemos uma busca ativa para conhecer os coordenadores desses grupos e trazê-los para a Unati. Promoção de atividades como Olimpíadas. Então o desenvolvimento de daqueles conceitos passa por essas ações todas. E às vezes um unatiano participa de um ou mais grupos no município e ele vai vendo as diferentes realidades e traz isso para a reflexão também aqui da Unati.</p>

Qual procedimento crítico-reflexivo se faz no momento de avaliar, selecionar e incorporar fontes de informações que venham a atender, especificamente, as necessidades informacionais do programa para a definição dos conteúdos e do ensino nas atividades ministradas aos Unatianos? Comente como realiza esse procedimento.

Essa busca se dá de multiformas e multimeios. Nós nos socorremos também como coordenadores por intermédio das tecnologias. A partir do contato com um grupo de coordenadores de Unatis do Brasil todo, que se chama Abrunati, com reuniões eventuais e regulares para compartilhar informações a partir de congressos, eventos, publicações, então há uma troca sendo feita. Nesse sentido a coordenação se alimenta de dados e informações atualizadas também de um grupo, que se chama "cidade amiga do idoso" que reúne instituições de vários níveis estaduais, municipais e federais. A partir dessas informações há uma adaptação para a nossa realidade. A Unicentro tem dois programas de idosos, a UATI (Iratí) e a Unati (Guarapuava), com realidade diferentes. Por exemplo com relação ao acesso físico ao Câmpus de Iratí já é um dificultador à frequência da pessoa idosa. Aqui em Guarapuava nós temos o Câmpus Santa Cruz e o Câmpus Cadeteg que, no meu ponto de vista, é maravilhoso pelo verde, pelo espaço, tem quadra de esportes, tem laboratórios e os idosos têm uma resistência enorme em ir pra lá. Os idosos tem um apego ao Câmpus Santa Cruz. Insistentemente nós conseguimos fazer dois anos de atividades lá. Tinha a nutrição com a escola de nutrição, tínhamos a informática no laboratório de informática lá, tínhamos esportes no ginásio de esportes, mas foi muito complicado, eles achavam que sair daqui era perder o espaço do Câmpus Santa Cruz. Então as dificuldades são muito grandes em se uniformizar. O que a medicina traz de atualização e recomendação para a pessoa idosa hoje e o que disso nós podemos utilizar. Nós nos apoiamos muito nas orientações da saúde. **Porque infelizmente o aspecto cognitivo, o ensino da pessoa idosa não dispõe de muita pesquisa, nós não temos muita literatura disponível.** Eu fiz um curso para Educação de Jovens e Adultos há décadas né, mas não surgem muita coisa no ensino para a população idosa, embora você tenha estudado ali a inversão da pirâmide né? **Então no aspecto cognitivo nós ainda temos dificuldades de buscar. Então a gente vai buscar na psicologia, alguma coisa que tá acontecendo, mas na área do ensino mesmo, há pouca disponibilidade de material.** (Verificar o que a medicina preconiza para os idosos). **Então, na iniciativa privada às vezes nos ensina alguma coisa, né. Nós temos uma organização, não sei como chamar, mas é uma empresa que trabalha atividades cognitivas com jogos muito interessantes; são caras as aulas. Só que na iniciativa/instituição pública nós não temos nada. A formação de professores não se preocupa de forma alguma. Eu trabalhei muito tempo com a educação de jovens e adultos e infelizmente as licenciaturas praticamente ignoram que existe um seguimento na população brasileira que não frequenta a escola na idade regular e que precisa de metodologias específicas para acompanhar a escolaridade, para concluir a necessária escolaridade. Se não se preocupa nem com o jovem adulto, imagina a pessoa idosa! É como se o idoso não precisasse mais aprender nada. Nós estamos indo na contramão da própria história da criação das Unatis, porque elas nasceram na Europa, nos países mais desenvolvidos com esta preocupação: a pessoa aposentou-se, mas ainda tem energia para aprender uma outra profissão. Então esse seria o sonho. E eu me sinto às vezes meio "quixotesca" aqui dentro da Unati, recheando os horários de atividades cognitivas com essa expectativa. Nós estamos dentro de uma universidade onde se produz conhecimento e nós convidamos a comunidade para vir aqui dentro para aprender alguma coisa também. Nós vamos aprender com os idosos que vem, mas nós temos obrigação moral e social de mudar o status quo dele né, senão nós não temos função de escola. Mas é uma luta bastante grande. Até porque a pessoa idosa pensa: "ah eu já aprendi tudo, não preciso aprender mais nada, eu quero pra minha saúde, o meu corpinho". Tanto que a procura pelas atividades físicas é muito maior que pelas atividades teóricas. Foi um dos entraves para o uso do ensino online. "ah não, não quero saber, o meu telefone é para falar com meus netos, trocar figurinha e pronto".** Ontem a televisão daqui fez uma chamada falando sobre a Unati. Nós temos tido uma avalanche de telefonemas e de pessoas que vem nos procurar buscando o Pilates e a Hidroginástica. Aí quando falamos que não é bem assim, que é isso e mais tudo isso, um ou outro concretiza a matrícula. Aqueles que tem uma escolaridade melhor procuram efetivar a matrícula, os que têm uma escolaridade menor insistem só no Pilates e na Hidroginástica. (...) **São angústias... uma das minhas frustrações aqui na Unati é não conseguir empolgar a pessoa idosa com a aventura do conhecimento, que é tudo de bom né?**

Em suas atividades de coordenação junto aos frequentadores da Unati você utiliza quais tipos de instrumentos/estrutura física, laboratórios de ensino-aprendizagem que a instituição possui (laboratórios de informação, escritório modelo, biblioteca etc.)?	Descreva e detalhe a metodologia e/ou didática usada por você na sua atuação de coordenação relacionada às atividades ministradas aos unatianos.
<p>40'27'' Todos os espaços que usamos são compartilhados. Câmpus Santa Cruz: Sala da Coordenação; Jardim de Inverno para as atividades coletivas; Duas salas de aula com acessibilidade; Laboratório de Informática; Sala de Espelhos para atividades físicas; Sala de Canto. ACRE: Piscina, Sala de Ginástica. Câmpus Cedeteg: Clínica de Fisioterapia, Clínica-Escola de Nutrição, Ginásio de Esportes, Ambulatórios do departamento de medicina, Cozinha-Escola do curso de Nutrição, o espaço da equoterapia.</p>	<p>47'00'' Uma visão com a amplitude que o Curso de Pedagogia dá é bastante importante para a coordenação. Não que necessariamente seja um pedagogo de formação, mas que seja um profissional que tenha essa visão pedagógica. Que visualize o idoso não só no aspecto físico - porque se associa muito o envelhecimento à doenças, e, a gerontologia veio para superar isso, que somos muito mais que corpos envelhecidos e doentes. Então essa visão do homem bilateral é muito relevante. Importante não se acomodar com o que tem, ou considerar que eu tenho um horário de atividades estabelecido e pronto. Não. O importante é a gente poder absover tudo que chega e que venha a crescer à pessoa idosa.</p>

São incorporados conteúdos transdisciplinares e interdisciplinares (culturais, de estudos da sociedade etc.) relativos às disciplinas no aprendizado dos unatianos e que, embora se considerem relevantes e úteis, não estão contemplados nos documentos reguladores do curso ou não foram planejados para as atividades?	Como você avalia o desenvolvimento dos alunos/unatianos no percurso das atividades? Descreva e comente.	Há compartilhamento e construção dos conteúdos em parceria/colaboração com outros docentes/profissionais/ministrantes que atuam na Unati? Como isso ocorre?
<p>43'25'' Sim, porque quando você faz o projeto você não consegue visualizar tudo o que vai acontecer no futuro. Então, nessa busca de intercâmbio nos proporcionamos viagens aos unatianos que possibilitam um enriquecimento muito grande de tudo isso que a gente trabalha. Por exemplo, nós temos contato com uma empresa que promove um festival de idosos e no primeiro semestre é geralmente em Balneário Camboriú e no segundo semestre se realiza em algum outro país da América do Sul ou até mesmo em outro local do Brasil. Nesse sentido já tivemos oportunidade de conhecer grupos da América do Sul inteira e este ano até um grupo do México esteve presente. Por exemplo, neste ano devido ter sido logo após o relaxamento das regras da Pandemia não foi tão amplo, mas já tivemos grupos maravilhosos que vieram do Paraguai e que por intermédio do Folclore ensinavam sua cultura, da Argentina, do Uruguai, do Chile, oportunidades bastante grandes de enriquecimento. Outros passeios que fazíamos e que não temos feito devido à Pandemia eram as visitas à museus da região. Essas visitas eram antecêdidas, por exemplo, de aulas dos professores da Unicentro que nos ensinavam a função de um museu. Então ao chegar lá nós já tínhamos o olhar educado para observar o museu com a sua real importância. Fizemos também Cruzeiros e outras viagens internacionais. Já estivemos em visita à Universidades da Argentina, do Paraguai e essas viagens são sempre precedidas de um estudo daquela localidade. Não para direcionar o olhar mas que a viagem possa ser aproveitada da melhor maneira possível. Nesse sentido que a gente busca essa incorporação nas disciplinas. E eventualmente acontece, como já mencionado dos professores dos departamentos voltares de suas qualidades e capacitações e nos procurarem cheios de novidades e então a gente inclui no projeto essas oportunidades.</p>	<p>48'05'' Como que a gente avalia isso? Seria até uma avaliação um tanto empírica, mas é baseada em depoimentos deles, de como chegaram e como estão. Tem pessoas que chegaram aqui com Psoríase e que participando das atividades foi devagarzinho, sem perceber, estava livre da Psoríase. Ele não se curou, mas ele deixou de ter sintomas e crises. Outra doença que eu vou arriscar dizer que ela é um pouco psicossomática, que é a fibromialgia. Nós temos vários casos de pessoas que chegaram totalmente travadas aqui e que devagar também, foram fazendo uma atividade ou outra e de repente estão praticamente sem dor. Então são situações assim. Especificamente cognitivas: Nós temos pessoas que nunca tinham tido contato com a língua inglesa, por exemplo, mas aí ele se arrisca, entra e vai, e hoje ele está superando o "the book is on the table". Então isso é muito gratificante você perceber que a pessoa conhecia a sua ignorância sobre um determinado assunto, persistiu e hoje está com uma certa desenvoltura naquele conhecimento novo. Esse crescimento é muito evidente. Não tem nenhum estudo sobre esse desenvolvimento geral dele, mas, por exemplo, na fisioterapia e na educação física os professores fazem muitas avaliações. No aspecto físico posso citar a flexibilidade, a força, então esses índices são avaliados sempre positivamente. No aspecto físico os professores da área da saúde tem avaliado assim. Na área afetiva eu já te citei alguns, mas poderiam citar inúmeros... de casos de depressão... Temos casos assim de depressão severa onde você vê a pessoa praticamente caminhando para um desfecho terrível e de repente a pessoa tá linda, maravilhosa, passando batom, vindo e participando e isso não tem preço. Isso não tem quantitativo, não é quantificável, não é mensurável, mas é admirável. (fala pessoal.... sobre caso da unatiana que estava com depressão...)</p>	<p>46'15'' Sim, o tempo inteiro.</p>

ANEXOS

ANEXO A



COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA IDOSOS DA UNIVERSIDADE ABERTA A TERCEIRA IDADE (UNATI) DA UNICENTRO

Pesquisador: Daniela do Amaral Oliveira Gardin

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57460322.3.0000.5231

Instituição Proponente: CECA - Departamento de Ciência da Informação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.387.969

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1920144.pdf	02/05/2022 18:51:43		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PP_Comite_de_Etica_Alterado_Versao_Final.pdf	02/05/2022 16:53:31	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_agentes_educacionais_Materiais_didaticos.pdf	02/05/2022 16:47:28	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_confidencialidade_e_sigilo_Materiais_didaticos.pdf	02/05/2022 16:46:26	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Entrevista_coordenacao_e_agentes_educacionais.pdf	02/05/2022 16:43:05	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Grupo_de_foco_idosos.pdf	02/05/2022 16:41:43	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito

Continuação do Parecer: 5.387.969

Folha de Rosto	FR_preenchida.pdf	01/04/2022 15:35:11	Daniela do Amaral Oliveira Gardin	Aceito
----------------	-------------------	------------------------	-----------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 04 de Maio de 2022

Assinado por:

**Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))**

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR **Município:** LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br